

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JOSÉ ERIVAN BEZERRA DE OLIVEIRA

SANTO DAIME – O PROFESSOR DOS
PROFESSORES: a transmissão do conhecimento através
dos hinos

FORTALEZA – CEARÁ
2008

JOSÉ ERIVAN BEZERRA DE OLIVEIRA

SANTO DAIME – O PROFESSOR DOS
PROFESSORES: a transmissão do conhecimento através
dos hinos

Tese submetida à Coordenação do
Curso de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal
do Ceará para requisito do título do
grau de Doutor em Sociologia sob a
orientação do professor Doutor
Ismael Pordeus Jr.

FORTALEZA – CEARÁ
2008

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

O47s Oliveira, José Erivan Bezerra de.
 Santo Daime – o professor dos professores [manuscrito] : a transmissão do
 conhecimento através dos hinos / por José Erivan Bezerra de Oliveira. – 2008.
 222f. : il ; 31 cm.
 Cópia de computador (printout(s)).
 Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
 Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza(CE), 03/07/2008.
 Orientação: Prof. Dr. Ismael de Andrade Pordeus Júnior.
 Inclui bibliografia.

1-SANTO DAIME – HINOS – HISTÓRIA E CRÍTICA.2-HINOS RELIGIOSOS – HISTÓRIA E
CRÍTICA.3- SANTO DAIME – CERIMÔNIAS E PRÁTICAS.4- SANTO DAIME – RITUAIS.
5-ALUCINÓGENOS E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA.6-AYAHUASCA.I- Pordeus Júnior, Ismael de
Andrade, orientador. II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III-
Título.

CDD(22ª ed.) 299.8138

56/08

JOSÉ ERIVAN BEZERRA DE OLIVEIRA

SANTO DAIME – O PROFESSOR DOS
PROFESSORES: a transmissão do conhecimento através
dos hinos

Tese submetida à Coordenação do
Curso de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal
do Ceará para requisito do título do
grau de Doutor em Sociologia sob a
orientação do professor Doutor
Ismael Pordeus Jr.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA:

PROFESSOR DR. ISMAEL DE ANDRADE PORDEUS JR – UFC
ORIENTADOR

PROFESSORA DRA. MARIA LINA LEÃO TEIXEIRA – UFRJ

PROFESSOR DR. FCO. GILMAR C. DE CARVALHO - UFC

PROFESSOR DR. FCO. RÉGIS LOPES RAMOS – UFC

PROFESSORA DRA. CARMEM LUISA C. CAVALCANTE– UNIFOR

Dedico este trabalho a todos os daimistas que se reúnem em torno desta bebida sagrada, em especial às crianças da doutrina responsáveis pela perpetuação dos ensinamentos sagrados de Raimundo Irineu Serra e de Sebastião Mota de Melo.

In Memoriam:

*A Paulo Alexandre Cardoso e
Raimundo Sena*

AGRADECIMENTOS

Penso que escreveria outra tese com os agradecimentos que meu espírito, muito mais do que minha matéria exigem que eu faça.

Ao Divino Pai Eterno que nos criou.

À Rainha da Floresta que entregou ao Mestre Irineu essa divina missão.

Ao Mestre Raimundo Irineu Serra por replantar na terra a doutrina recebida do astral superior.

Ao padrinho Sebastião Mota de Melo por consolidar a missão do Mestre e ao seu filho padrinho Alfredo Gregório de Melo pela grande expansão realizada na Doutrina.

A Toda a família do padrinho Sebastião. A sua esposa madrinha Rita, verdadeira matriarca, e aos seus filhos (Waldete, Zé Mota, Pedro Mota, Neves, Nonata, Marlene e Isabel).

A todo o povo do Céu do Mapiá, que me recebeu como irmão e se abriu para as dúvidas (às vezes chatas) do pesquisador.

A Alex Polari de Alverga pela amizade, entrevistas e conversas realizadas ao longo da escrita desta tese.

A Raimundo Nonato Souza e família pela calorosa recepção na Vila Carneiro.

A Maurílio Reis pela não menos calorosa recepção na Colônia Cinco Mil.

Aos músicos da Doutrina

A Hugo Sousa de quem recebi pela primeira vez um copo desta bebida sagrada, iniciando aí minha jornada espiritual.

Aos irmãos daimistas de todas as partes do mundo, principalmente aqueles que ainda lutam nos seus países pela legalização do Santo Daime.

Aos irmãos daimistas do Nordeste, do Ceará, principalmente, que lutam contra outras tantas dificuldades para manter acesa a chama da Doutrina.

À irmandade do Céu da Flor do Cajueiro, com quem divido a alegria de ser daimista.

A Mônica e Lua por me ajudarem preenchendo minha existência de conforto e carinho.

A minha família.

Aos inúmeros pesquisadores que abriram caminho para este trabalho.

A CAPES pelo incentivo constante à pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Ao Aimberê e a Socorro pelos “socorros” que sempre me prestaram.

Ao professor Ismael de Andrade Pordeus Jr. pela confiança desde a seleção até os últimos momentos (tensos momentos) da escrita da tese.

À Banca de Qualificação pelas sugestões.

À Banca Examinadora pela disposição de leitura e correções que sugeriram ao trabalho.

A Benedita França Sipriano pela minuciosa correção ortográfica.

Ao Santo Daime pelos ensinamentos e correções na minha vida.

Sou filho desta verdade

*Sou filho desta verdade
E neste mundo estou aqui
Dou conselho e dou conselho
Para aqueles que me ouvir*

*O saber de todo mundo
É um saber universal
Aqui tem muita ciência
Que é preciso se estudar*

*Estudo fino, estudo fino
Que é preciso conhecer
Para ser bom professor
Apresentar o seu saber*

(Mestre Irineu – Hino 102)

RESUMO

O trabalho se propõe a analisar os hinos da doutrina do Santo Daime. A hipótese central é que eles são, ao mesmo tempo, o conhecimento em si e o veículo de transmissão desse conhecimento. São analisados hinos que acompanham a evolução do Santo Daime destacando três momentos de sua história: a fundação por Raimundo Irineu Serra, na década de 30 do século passado; a consolidação por Sebastião Mota de Melo, a partir de 1971, e a expansão levada à frente por Alfredo Gregório de Melo atualmente. A partir dos conceitos de memória social e performance, analiso os diversos tipos de rituais que constituem o *corpus* da religião em questão e destaco a relação entre ensino e aprendizagem a partir dos hinos, do transe e da performance.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Daime; Hinos; Performance; Memória Social; Trabalho.

ABSTRACT

The work analyzes the hymns of the doctrine of the Saint Daime. The central hypothesis is that they are at the same time the knowledge in itself and the vehicle of transmission of this knowledge. This text tries to understand through the hymns the evolution of the Saint Daime detaching three moments of its history: the foundation for Raymond Irineu Serra, in the decade of 30 of the last century; the consolidation for Sebastião Mota de Melo, from 1971 and the currently expansion taken to the front for Alfredo Gregorio de Melo. With the concepts of social memory and performance the text analyzes the diverse types of rituals that constitute the corpus of the religion in question and it detaches the relation between education and learning with the hymns, and trance and the performance.

KEY-WORDS: Saint Daime; Hymns; Performance; Social Memory; Work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 – UM DAIMISTA NO CAMPO – Observação participante ou participação observante.....	21
1.1 – Abordagem diacrônica do Santo Daime.....	30
1.2 – Apontamentos sobre a história do Santo Daime no Nordeste.....	42
1.3 – A coleta e seleção do material.....	51
1.4 – Um diário de campo permanente.....	56
2 – UM OBJETO EM MOVIMENTO.....	59
2.1 – Os trabalhos.....	63
2.2 – O feitio.....	76
3 – OS HINOS E A CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE COMPREENSÃO DO COTIDIANO DAIMISTA o início, a consolidação e a expansão.....	92
4 – MEMÓRIA SOCIAL E PERFORMANCE NO SANTO DAIME.....	143
4.1 – A memória social como elemento de coesão do grupo.....	148
4.2 – A performance como elemento regulador do lugar.....	155
4.3 – Memória social como restauradora de outro tempo.....	164
5 – SANTO DAIME: o professor dos professores.....	169
5.1 – Quem, o que e como se ensina no Santo Daime.....	182
5.2 – O Oriente veio pro Ocidente.....	198
5.3 – Centro livre x disciplina.....	204
5.4 – Um parêntesis (hinos vivenciados pelos daimistas).....	213
5.5 – Os hinos em outros idiomas.....	219
CONCLUSÃO.....	222
BIBLIOGRAFIA.....	228
HINÁRIOS CONSULTADOS.....	233

INTRODUÇÃO

Este trabalho destina-se ao estudo dos hinos da doutrina do Santo Daime e de sua compreensão enquanto elemento canalizador de um determinado conhecimento, que é, ao mesmo tempo, fundamento e sustentáculo de uma religião, sendo esses hinos o mecanismo pelo qual esse conhecimento é transmitido e o próprio conhecimento em si. Esses hinos constituem um *corpus* bastante vasto que vem sendo (re)elaborado desde o início do século XX, quando o fundador da doutrina do Santo Daime, conhecido como Mestre Irineu, começa a receber os primeiros hinos do seu hinário o “Cruzeiro”, considerado pelos daimistas como a matriz geradora dessa religião, a fonte onde todos os hinários que vieram depois bebem, portanto, estão intrinsecamente relacionados a ele. Considera-se que todos os hinários subseqüentes ao “Cruzeiro” devem afirmar as verdades contidas neste, sendo este um elemento de validade e reconhecimento desses hinos.

Conheci a doutrina do Santo Daime depois que terminei o mestrado. Vivendo um momento conturbado na vida pessoal e profissional, enveredei na busca por algo que fosse diferente do que eu já conhecia (tanto em termos de religiosidade como no campo das substâncias alucinógenas), pois, além de ter sido militante, por assim dizer, da juventude católica na adolescência, também já provara uma certa quantidade de drogas leves e pesadas e aos vinte e oito anos de idade já era assumidamente alcoólico, tendo, inclusive uma passagem de um ano pelo AA (Alcoólicos Anônimos) e uma infinidade de crises depressivas causadas ou pelo uso constante ou pela abstinência dessas drogas. Só ouvira falar do Daime de passagem, mas já escutara algumas descrições sobre as sessões da União do Vegetal¹, onde uns dois ou três amigos já freqüentavam. Um dia, conversando com um bom amigo e colega de curso, ele me falou do Daime, e como eu manifestei o desejo de conhecer, ele se prontificou a me levar lá.

Recebi as recomendações dietéticas exigidas pelo ritual (abstinência de álcool, carne e sexo nos três dias anteriores), preparei-me como pude e no dia quinze de junho de dois mil e dois, visitei pela primeira vez a Terra da Luz, em Cascavel, Ceará.

Ao chegar, por volta das quatro horas da tarde, me deparei com um movimento de pessoas que carregavam lenha para uma fogueira, lavavam cadeiras, varriam a

¹ CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE DA UNIÃO DO VEGETAL, entidade fundada pelo Mestre Gabriel em 1961.

varanda da casa e preparavam o salão onde se realizaria a atividade; alguns daqueles que encontrei nesse dia já eram velhos conhecidos.

Aos poucos mais e mais pessoas foram chegando até que, ao cair da noite, todos (uns vinte mais ou menos) começaram a se trocar para a cerimônia: os homens de calça azul, camisa branca de manga longa por dentro da calça, gravata azul e uma estrela de prata no peito; as mulheres de saia azul, blusa branca por dentro da saia, gravata borboleta azul e a mesma estrela de prata no peito. Havia outros visitantes, que, como eu, vestiam-se, a maioria, de calça azul e camisa branca. No salão, uma mesa no centro, imagens de São Miguel, da Sagrada Família, de Nossa Senhora e uma Cruz de dois braços, foram se acomodando, os homens de um lado e as mulheres de outro, um homem numa cabeceira e uma mulher em outra.



Mesa do Trabalho de Concentração. Em cima: o Cruzeiro, as velas, as imagens (destacando-se a de São Miguel Arcanjo), os maracás (instrumentos de acompanhamento dos hinos) e os livrinhos dos hinos. A maioria das igrejas usa uma mesa em formato de estrela de seis pontas. Essa ainda é em forma de retângulo. A mesa é o centro e a direção do trabalho, é onde ficam os membros mais adiantados nos estudos espirituais e os que possuem conhecimento mediúnico maior. Funciona ainda como altar.



Batalhão masculino em um trabalho de concentração na Terra da Luz. Cascavel, Ceará.
Foto: Tarcísio Uchoa.



Batalhão feminino em um trabalho de concentração na Terra da Luz. Cascavel, Ceará.
Foto: Tarcísio Uchoa.

Às dezenove horas começou o ritual com a entoação das orações cristãs, a saber, o Pai-Nosso e a Ave-Maria, sendo servido depois o primeiro copo de Daime (foram três ao todo durante todo o ritual, cada um contendo oitenta ml da bebida). Após isso

começaram a cantar os hinos, o que durou até por volta das duas da manhã com mais dois pequenos intervalos para se servir o Daime.

Seria impossível descrever todas as sensações por mim vivenciadas nessa noite. De início senti um grande conforto e, conforme o tempo passava, ampliava-se um ou outro sentido. A audição, ora desaparecia completamente, ora voltava de forma confusa, ou ainda, límpida, sendo possível distinguir todos os sons à minha volta, até alguns que não sei se realmente estava escutando. Uma segura passageira tomava conta dos meus lábios. Tentava observar à minha volta, mas pouco a pouco essa preocupação foi deixando de existir e comecei a ficar mais relaxado, era como se estivesse sendo embalado por uma grande mão; quase dormi nessa primeira visita.

Minha visão ficava muito clara e aguçada, e em alguns momentos, ia se tornando turva, até perder a noção do espaço à minha volta que ia se confundindo com outros espaços. Perdi completamente a noção do tempo, não saberia dizer se passaram duas ou dez horas.

Um embrulho se formou em meu organismo (vômitos são freqüentes em quem ingere a bebida) e ao sair do salão, uma certa hora, para vomitar, vislumbrei a natureza que me rodeava, o cheiro das flores, as árvores que se mexiam, os falares e cantares dos pássaros, insetos e pequenos animais noturnos e invisíveis que eu escutava e tive a percepção de fazer parte de uma grande engrenagem. Olhava para o céu e era como se ele estivesse bem perto de mim; percebi, naquele momento, aquilo que Pascal resumiu em uma máxima sobre o homem “*caniço pensante do universo*”. Vi a imensidão do cosmos e minha pequenez, ao mesmo tempo em que, abraçado a uma árvore, sentado no chão, via uma infinidade de pequenos seres e percebia a grandeza do homem. Podia perceber o movimento do universo todo como se estivesse numa grande nave espacial interligada a tudo que existe.

Sinestésias intensas; aliterações, quando estas se confundem com os sons de determinados fenômenos da natureza e, principalmente, o coração estufado de tanta alegria e paz comigo mesmo. Olhava as estrelas e vi-as caindo bem devagar em cima de mim e quando estavam chegando perto se desfaziam à minha volta ou penetravam em todo o meu corpo deixando várias sensações agradáveis.

Oito dias depois estava de volta, desta vez, levando minha mulher, para participar novamente de um ritual do Santo Daime. Depois desse dia, não deixei mais de participar destes rituais e, à medida que me integrava à religião como seguidor e ia, pouco a pouco, encontrando respostas para as perguntas silenciosas que meu espírito

buscava, outras inquietações iam se avolumando em minha mente. O olhar da curiosidade começava a despertar. Quanto mais me acomodava e desenvolvia um sentimento de pertencimento àquele grupo, assemelhando atitudes, incorporando conhecimentos, descobrindo concepções e (re)significando outras, mais o olhar do pesquisador se estimulava e travava uma batalha para compreender aquele universo ritualístico.

Nesse processo, minha vida também foi mudando paulatinamente, fui me afastando de tudo que lembrava a minha antiga vida noturna, as baladas, as festas, parei de fumar, de beber, de usar drogas; fui modificando hábitos alimentares e incorporando outros, diminuindo a quantidade de carne e aumentando a de cereais, legumes e verduras; passei em um concurso para professor substituto na Universidade Estadual do Ceará e comecei a escrever um projeto de doutorado para pesquisar sobre o Santo Daime e dar vazão ao sentimento cada vez mais forte de querer compreender alguns dos seus elementos à luz da antropologia.

Cada vez que bebia o Santo Daime e participava de uma reunião para cantar os hinos que fazem parte do ritual, quanto mais eu lia sobre o assunto (e aqui se incluem tanto os escritos teóricos quanto as narrativas de membros da Doutrina), ia conhecendo mais o universo extremamente musical que é a base dessa religião e ia percebendo também que esta é uma lacuna no campo das pesquisas. Os hinos são a base de todo o conhecimento da doutrina do Santo Daime, mas nenhum trabalho foi produzido exclusivamente sobre esse tema; encontrei, no máximo, capítulos esparsos de uma ou outra dissertação ou tese. E, no entanto, quase todos que escreveram sobre algum aspecto da doutrina tiveram que mencionar os hinos de alguma forma.

Nesse ponto, algo decisivo aconteceu: eu “*recebi*” um hino. O conceito de “*recebimento*” sempre foi uma coisa difícil de compreender, principalmente porque eu venho de uma família de poetas populares, já escrevia cordel há muito tempo e sempre compreendi a produção poética como a junção da inspiração com uma dose grande de trabalho literário.

Mas o que me diziam era que o hino era recebido do astral e como tal se diferenciava de uma composição poética e musical qualquer. Não era uma música comum. Era algo que dependia da própria “*sintonia do aparelho receptor*”, entendida aqui como a capacidade que cada indivíduo possui, para, após ingerir a bebida do Santo Daime, receber ensinamentos, comunicar-se com o mundo dos espíritos, fazer

regressões a vidas passadas, ter visões diversas ligadas ao seu totem ou animal de poder e receber hinos.

A primeira pergunta que me passou foi: como identificar se o hino é verdadeiro? E depois: como se legitima o hino dentro da doutrina? Essas duas perguntas iniciais me levaram à realização da primeira entrevista que fiz (antes ainda de entrar para o doutorado) com um membro destacado do corpo diretivo da doutrina. Suas respostas esclareciam umas coisas e obscureciam outras, colocando-me mais dúvidas do que certezas. Por exemplo, o hino é atemporal, aespacial, ou deve ser ligado necessariamente a uma determinada fase, ou às variações de lugar? Deve ser contextualizado? É possível fazer ligações com o cotidiano, com o vivido por quem “recebeu” o hino? É representativo dos acontecimentos do grupo?

Algo eu já havia percebido e isso parecia bastante claro nesse processo de redescoberta do objeto, o hino é a base de todo o conhecimento e é, ao mesmo tempo, o mecanismo pelo qual esse conhecimento é transmitido para os seguidores da doutrina do Santo Daime.

Nesse momento, eu já não era o mesmo daquela primeira reunião. Comecei a tocar violão e a descobrir cada vez mais, nos hinos que escutava, as respostas que eu procurava. Passei por praticamente todas as funções ritualísticas que existem dentro desse *corpus* religioso; fui fiscal (pessoa que atende aqueles que estão em dificuldades dentro da sessão, é responsável pela manutenção das velas acesas, pela água sobre a mesa, enfim, pelo bom andamento operacional da sessão); fui despachante (pessoa que serve a bebida do Santo Daime aos outros); participei de inúmeros feitos (preparo da bebida), e, por fim, cheguei à direção de uma sessão, até assumir essa função definitivamente.

Engajei-me nos trabalhos espirituais e nos trabalhos materiais, participando ativamente do esforço coletivo para angariar fundos para a compra do terreno e construção do templo da igreja. Comecei a visitar outras igrejas do Nordeste e a recolher material por onde passava, gravando entrevistas, fotografando, descobrindo os segredos do preparo da bebida e, principalmente, tentando (re)significar para mim mesmo o meu objeto de pesquisa.

Na introdução ressalto e contextualizo a maneira como conheci o Santo Daime acreditando que importa para a sua compreensão visto que muito do que reflito aqui se inicia, ainda que de forma indelével, já nesse momento. Diria mesmo que as primeiras preocupações começam a surgir logo nos primeiros rituais de que participei e ao longo

do tempo foram sendo (re)significadas, enquanto eu próprio ia aprendendo aquilo que eu escutava os mais antigos dizerem, que o Daime ensinava; esse é um período de iniciação que é concomitante com a elaboração do projeto e a seleção do doutorado. É o momento que começo a travar conhecimento com os membros mais antigos da doutrina, a conhecer outras igrejas, a tocar violão e, principalmente, me inicio no preparo do chá do Santo Daime e começo a ser, digamos, preparado para assumir a direção dos trabalhos espirituais da igreja que hoje dirijo. Também é o momento onde me percebo enquanto antropólogo em campo e a importância de pensar o objeto de uma perspectiva diferente daquela do iniciado. Isso vai se refletir ao longo de toda a pesquisa de campo; na medida em que vou me aprofundando, também vai se desenvolvendo em mim um olhar mais treinado, capaz de distinguir cada vez mais objetivamente aquilo que é importante para a escrita da tese.

O primeiro capítulo trata da pesquisa em si. Da posição do pesquisador frente ao objeto e do enfrentamento constante e proveitoso que sempre me acompanhou, a saber, pesquisar um objeto do qual faço parte ativamente. Avalio a condição do fazer científico, antropológico e a sua posição sobre esse enfrentamento e aponto os frutos colhidos neste percurso. Também aí trato do embate para encontrar as metodologias apropriadas para a análise do vasto material empírico que se apresentou a mim. No campo foi onde encontrei a complexidade do Santo Daime e também as soluções mais simples para problemas como a minha posição dentro da pesquisa. O campo também se revelou muito maior do que eu próprio imaginava e, depois de seis horas de navegação pelo rio Purus e mais oito horas pelo igarapé Mapiá até chegar na Vila Céu do Mapiá, no coração da floresta Amazônica, foi que compreendi realmente o valor do meu trabalho e soube que o campo seria minha verdadeira iniciação: como pesquisador e como daimista.

Traço ainda nesse capítulo um histórico do Santo Daime desde sua fundação, sua relação com as matrizes que o constituem, a indígena, a da Umbanda, a esotérica e a cristã, e acompanho o processo de constituição, consolidação e expansão para o resto do país e para o exterior. Uma abordagem diacrônica é o que estou realizando.

No capítulo dois, serão apresentados os diferentes trabalhos que a doutrina do Santo Daime realiza. Penso que aqui cumpro um papel importante no sentido de que muitos dos trabalhos (monografias, dissertações, teses) produzidos sobre o Santo Daime confundem um pouco e às vezes criam uma certa incompreensão, generalizando características que nem sempre dizem respeito a todos os tipos de trabalho ritual. A

diversidade desses trabalhos rituais permite, a meu ver, compreender a própria evolução histórica da religião entendendo que aquilo que se modifica, antes de ser uma negação é, ao contrário, uma afirmação dos elementos doutrinários.

O Santo Daime deve ser compreendido, antes de tudo, sob a ótica do Ecletismo Evolutivo² que permite a introdução de elementos diversos sem que se perca o sentido original da sua fundação. Antes, devemos compreender essas “inovações”, por assim dizer, como um desenvolvimento natural de uma doutrina, que considerada viva por seus próprios seguidores, não poderia se perpetuar eternamente como foi concebida inicialmente.

Aqui serão analisados os diversos tipos de rituais que são praticados pelos daimistas: os trabalhos de concentração, os hinários, os trabalhos de cura – diferenciando aqui o trabalho de Estrela, o São Miguel, o trabalho de Cruzes, e as Giras (que são trabalhos realizados fora da igreja, em terreiros próprios para isso).

A análise dos Feitios, feita principalmente a partir do diário de campo, importa para que compreendamos os processos de iniciação e evolução do daimista dentro da doutrina, pois podemos dizer que o aprofundamento do seguidor prevê que ele possua o domínio da técnica (pensada aqui como arte) de produzir o chá que é o seu veículo de comunicação com o mundo espiritual e, ainda, por ser nos feitios que a performance enquanto ação de transmissão de conhecimento mais se efetiva.

O capítulo três, sobre os hinos, é o momento onde reflito sobre a condição fundadora do hinário do “Cruzeiro”, do Mestre Irineu, suas matrizes, suas relações com as fontes onde o Mestre Irineu bebeu antes da sua fundação e analiso os seus desdobramentos posteriores por meio de comparação com os hinários que vão lhe sucedendo ao longo do tempo, introduzindo elementos novos ao mesmo tempo em que afirmam o Mestre e o hinário do “Cruzeiro”. Trato aqui da fundação, consolidação e expansão da doutrina analisando hinos dos principais líderes de cada momento, respectivamente, Raimundo Irineu Serra, Sebastião Mota de Melo e Alfredo Gregório de Melo.

² Segundo GROISMAN (1999 – p 45): “Ecletismo, neste caso, é muito mais um conjunto de valores do que uma escola de pensamento. Este conjunto de valores tem como base essencial a aceitação de tradições espirituais diversas na busca espiritual com o Daime. (...) Esta denominação me pareceu muito adequada como forma de representar e justificar a convivência entre diversos sistemas cosmológicos: a umbanda, o esoterismo, o espiritismo kardecista, e outros, na cosmologia grupal. Ao mesmo tempo, assinala a singularidade da concepção daimista do mundo espiritual.”

O quarto capítulo trata de algo que foi aos poucos se introduzindo nesse trabalho e se fundamentando ao longo da pesquisa como uma parte importante para compreender a doutrina do Santo Daime e a relação da transmissão do conhecimento como estatuto fundamental para manter a coesão do grupo, para estabelecer as funções dos participantes do ritual e para manter unidos, no tronco deixado pelo Mestre Irineu, todas as linhas que se constituíram posteriormente: a memória. Não somente a memória como estamos acostumados a pensar, mas a “memória divina”, que é um elo indispensável para que o adepto da religião daimista saiba quem é a si próprio e reconheça seu lugar no ritual e na vida. O conceito de performance, trazido à tona por Connerton, vem acrescentar à análise do Santo Daime os elementos necessários para compreender seus aspectos ritualísticos e como a manutenção desses aspectos importa para que a ordem permaneça instituída e cada coisa, em seu lugar. Serve também de apoio para entender como essa religião se funda na noção de trabalho, espiritual e material.

O capítulo quinto é uma reflexão sobre a diversidade do panteão daimista e como esse panteão interfere diretamente na vida cotidiana do daimista. É aqui onde analiso a função pedagógica dos hinos e dos elementos contidos na doutrina em geral. Como cada entidade é constituída (introduzida) e qual a sua função dentro do ritual; como cada conceito é (re)elaborado e a conexão com a vida do adepto. Dentro dessa função pedagógica, o que cada entidade representa, o que ela ensina e como é transmitido esse ensinamento.

Esse capítulo se apresentou, ao longo do trabalho, como um espaço único para discussão de diversas questões. Nele aprofundo as hipóteses relacionadas no quarto capítulo sobre a transmissão do conhecimento e analiso o panteão daimista e as suas múltiplas matrizes: a cristã; a espírita; a umbandista; a indígena. Reflito sobre a introdução de elementos das religiões orientais, discuto o conceito de centro livre em oposição ao conceito de disciplina e abro ainda um espaço para tratar dos hinos recebidos em outros idiomas e para analisar alguns hinos com características bem particulares.

Mantive os textos dos hinos como no original para melhor visualização das estrofes e acrescentei a tradução das citações em francês nas notas de rodapé.

Na conclusão, procuro costurar e arrematar todas as considerações feitas ao longo do trabalho.

1 – UM DAIMISTA NO CAMPO: observação-participante x participação-observante.

No processo de (re)significação do objeto, as angústias foram muitas. Devo confessar que em alguns momentos duvidei da minha capacidade em abstrair a minha presença como seguidor da doutrina e escrever uma tese científica sobre o assunto. Algumas vezes, relutava em aceitar os posicionamentos científicos que exigiam distanciamento e estranhamento quando o que acontecia comigo era que, a cada dia que passava, eu me emaranhava mais e mais naquele universo e várias foram as ocasiões que pensei em mudar de temática. Quando dei por mim vi-me à frente da direção dos trabalhos espirituais e responsável por guiar outras pessoas na construção de uma igreja.

Obviamente não fui o primeiro e nem serei o último a angustiar-se com a impossibilidade da escrita em determinados momentos, ainda mais quando o estatuto científico faz determinadas exigências para situarmo-nos entre um ou outro posicionamento teórico-metodológico, ou quando nos exige um pensar “neutro” e distanciado do objeto. Não creio, porém, que a ciência moderna viva ainda a ilusão da neutralidade.

O que pensar então? Nada de novo no *front* ou tudo de novo no *front*? A crença positivista em uma ciência que represente o próprio (talvez única possibilidade de) conhecimento, pois que isto representa o atual estado evolutivo da humanidade, é um espectro que ronda as manifestações do pensar.

Em se tratando de um tema complexo como é o estudo da religiosidade, ainda há uma certa reserva do meio científico em dar crédito a determinados fenômenos (considerados por muito tempo pela antropologia como “exóticos” ou mesmo frutos da ignorância. No caso das religiões que utilizam substâncias psicoativas em seus rituais, a dificuldade em explicar esses fenômenos é ainda maior, pois eles são vistos social e culturalmente ainda sob a ótica da ilegalidade por um lado (mesmo que algumas delas já sejam legais em muitos países, como é o caso da ayahuasca) e em outros casos há uma certa tendência em reduzi-las ao seu efeito alucinógeno esquecendo as propriedades que elas possuem no interior dos rituais religiosos. A história toda do homem o mostra utilizando as plantas que contêm substâncias psicoativas para modificar a consciência, se aproximar de seu mitos e construir o universo mágico-simbólico que os perpassam.

Assim, a ciência atua como reguladora do pensamento humano sobre o que é real e tece com mãos firmes a rede através da qual é possível capturar os peixes-conhecimento, para usar uma analogia feita por Rubem Alves e assentada sobre aquela

crença a qual determina o que é a verdade e o que é o real. A verdade é aquilo que o método científico, através do seu estatuto próprio, pode comprovar; o real é tudo aquilo que a ciência pode explicar a partir de suas verdades. Este modelo pressupõe-se durante muito tempo e ainda hoje o faz – não sem críticas severas – possuidor do critério da neutralidade sobre o qual assentou as suas bases e que é, digamos, o seu maior argumento. Essa idéia de neutralidade remete imediatamente à questão da “objetividade” nas pesquisas em ciências sociais. Como conseguiu-la é uma das perguntas cruciais da ciência ao longo da sua existência.

Max Weber apresenta uma resposta na forma do *tipo ideal*. Para ele, a tarefa da ciência é explicar as implicações das diversas ações sociais sem emitir juízos de valor; estes são incorporados conscientemente na construção do tipo ideal e devem ser controlados pelo rigor da análise e pelos cânones teórico-metodológicos da ciência. Parece ingênuo supor uma distinção tão clara entre a ciência e a política. Max Weber não pensa assim, ele sabia que a ciência também é, irremediavelmente, uma construção do homem e como tal também é fruto de ações cujos significados são dados pela vontade humana. Aí, se aproxima de Nietzsche; este é, para ambos, o motor da história: *a vontade de poder*.

Max Weber, em sua idéia de uma sociologia compreensiva, busca *singularidades* em meio à complexidade da cultura. Nada mais antropológico levando-se em consideração que a sociologia naquele momento buscava se firmar através da construção de um conhecimento *nomotético* que pudesse ser generalizado e aplicado a todas as sociedades.

Clifford Geertz bebe, sem sombra de dúvida, na fonte weberiana em muitas das suas proposições. Perspectiva já apontada no clássico “A interpretação das culturas”, descortina para o leitor a possibilidade de pensar o universo simbólico das construções sociais através do próprio construto do símbolo. Assim, suas hipóteses se fundam na interpretação dos significados dados pelo real e não no real observado propriamente dito.

Na sua análise do “*carisma*”, Geertz une o conceito weberiano à noção de “*centro*” e estabelece a possibilidade de pensar as configurações culturais a partir da proximidade maior ou menor com os centros articulados do poder. Pode-se, então, pensar o conceito geertzeano de cultura como “*o conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles*

pertencem”.³ Essa definição abre o campo de análise para uma hermenêutica mais livre, não das exigências metodológicas, mas que possa erigir como pressupostos analíticos informações consideradas pela ciência como inválidas. Está aberto o caminho para pensar sobre as diversas modalidades de “*saberes*” que o ser humano possui.

Sob essa ótica, pensar sobre o Santo Daime é pensar sobre um saber que, longe de ser hermético, possibilita a elaboração constante de um conhecimento que transita livremente entre os véus do imaginário perpassando o senso comum, o mito e a arte. Esse conhecimento é transmitido de diversas maneiras, mas, principalmente, oralmente, através dos hinos que fazem a ponte entre o mundo espiritual e o mundo material, lembrando que para o adepto do Santo Daime esses dois planos não são distintos, antes, são causa e efeito, ambos; o que em um acontece reflete no e é reflexo do outro. É assim que são construídos os símbolos nesta religião: através da arte (a música e os cânticos); dos mitos que se apresentam através das visões induzidas pela bebida (compreendidas aqui não como alucinações, mas como imagens refletidas pela consciência) e que compõe a realidade do adepto na medida em que são elas que instruem e erigem as bases do conhecimento sobre o real.

Escrevendo sobre o mito, Ernst Cassirer entende a realidade como uma variedade de enformações simbólicas dadas pela linguagem, pelo mito, pela arte, mas, ao mesmo tempo, compreende que todas essas enformações, de certa forma e por sua própria natureza, abandonam aquilo que se propõem representar, a essência da realidade. Na interseção entre estes dois mundos, o real e a sua enformação, está a explicação da existência, mas é impossível representá-la sem que ela se perca no caminho da sua elaboração, seja pela linguagem, seja pelo mito.

Não se trata aqui da consciência coletiva durkheimiana e tampouco do inconsciente coletivo de Jung. Os mitos são o espelho através do qual o real torna-se visível para nós. Como Alice no país das maravilhas, nós nos deslocamos no universo das formas simbólicas não enumerando imagens que explicam realidades, mas através de cada uma delas (cada forma simbólica é um espelho) gerando significações. Esses mundos se interpenetram na medida em que o homem é construto e construtor dessa realidade. Já que o mito se evidencia, independente de qual a sua origem, como algo que não pode ser pensado sem que se pense o real ao qual está relacionado, ele se constitui permanentemente enquanto esse “*milagre do espírito e enigma*” posto que

³ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Petrópolis: Vozes: 1989.

aquilo que ele enuncia foge às construções empíricas ou explicações científicas. O mito não é “*o real*” e tampouco se pode extraí-lo diretamente “*do real*”. Como a arte ou a linguagem, ele é uma rede de símbolos através dos quais nós vemos as coisas, mas ele nunca é a coisa em si. É isso que faz com que haja algo de “*não-humano*” no mito, que não pode ser explicado naturalmente, mas só através da elaboração polissêmica de seu campo simbólico.

O mito de fundação do Santo Daime no qual está descrito o encontro de Raimundo Irineu Serra com a Rainha da Floresta, entidade que para os daimistas representa Nossa Senhora da Conceição, é o descortinar da re-escritura da história de Cristo. Acredita-se que o Mestre Irineu possua essa centelha divina de Jesus e que tenha vindo ao mundo replantar as santas doutrinas cristãs deixadas por ele. (Como tal, nasceu pobre, discriminado, filho de escravos e escreveu sua história fora do centro do poder estabelecido, no Brasil, na floresta Amazônica). Seus ensinamentos também ganharam o mundo e os adeptos da religião acreditam que seu hinário e outros que compõem a sua liturgia sejam parte de um novo testamento. Esse novíssimo testamento, longe das convenções e regras do catolicismo oficial, é (re)escrito a todo o momento, por todos aqueles que continuam a receber hinos e vão legitimando o hinário-tronco do Mestre, ao mesmo tempo em que vão afirmando os seus próprios hinos.

Uma ciência que pretenda dar conta da multiplicidade que é o mito esbarrará inevitavelmente nas barreiras naturais da sua linguagem, em primeiro lugar, e pela impossibilidade do conhecimento direto sobre ele, posto que, enquanto forma simbólica, se apresentará sempre plural e como formulação do imaginário. Como o mito e a arte, o senso comum está longe de ser reconhecido como modelo explicativo da realidade e, como a ciência está convicta de que os modelos estabelecidos por ela são os que expressam a possibilidade legítima de conhecer o real, o texto de Geertz aponta para uma possibilidade nova do fazer científico.

O “*local do saber*” não pode ser estipulado a partir de um único ponto, nem a pretensão de um saber partilhado universalmente parece satisfazer ao nosso empreendimento de construção do conhecimento. Isto se coaduna perfeitamente com um “*pensamento nômade*”, como se transitássemos em labirintos infinitos de culturas polissêmicas e linguagens multívocas. O Santo Daime se aproxima desse pensamento nômade na medida em que, tendo se espalhado por diversas partes do mundo, mantém a base sobre a qual foi erguido ao mesmo tempo em que assimila e incorpora elementos de culturas tão diversas como a Japonesa ou a Holandesa. Na terra do sol nascente,

existem várias igrejas do Daime que já possuem hinos próprios, recebidos no idioma nativo e refletindo sobre questões particulares, mas ligadas, da mesma forma, à fonte que emana do meio da floresta Amazônica.

A ciência tradicional, pois não sei se já podemos lhe considerar como outra coisa, oferece uma mão única, quando existem vários caminhos. Como Napoleão, em Elba, somos obrigados a pensar dentro de limites bem definidos e acalentar somente o desejo de ver diferente.

Lembro aqui a resolução popperiana para o problema de Hume, que é, de certa forma, um dos calcanhares de Aquiles da ciência. Popper aponta para um critério diferente de verificabilidade do fazer científico, fundado na possibilidade de que os argumentos empíricos possam ser falseados ao invés de comprovados. Essa idéia parece mais próxima da lógica dialética que envolve todas as coisas. Ora, estando em processo de transformação constante [todas as coisas] é impossível pensar que o real “é” e que é possível estabelecer uma compreensão sem margem de erro sobre ele. Nos fenômenos naturais bem como nos fenômenos humanos e sociais [sendo que nestes há um grau ainda maior e metamorfoses mais explícitas], há um “*dever*” que é o próprio significado da existência humana, pois sem ele restariam apenas ruínas carcomidas pelo tempo.

Assim é que a ciência moderna vive uma “*crise de paradigmas*”. Isto, longe de parecer algo desastroso, pode ser encarado como um momento sublime onde ela terá oportunidade de fazer balanços, saldar dívidas e assumir compromissos futuros. É nessa cisura que se estabelece aquilo que Thomas Khun chama de *ciência extraordinária* para contrapor à *ciência normal* e é nesse momento que as revoluções científicas acontecem. Fica fácil, a partir desse pensamento, compreender a sua crítica ferrenha aos manuais e no que eles transformam a nós, estudantes.

As artes de um modo geral e a literatura em particular parecem assimilar muito melhor todas essas coalizões, contraposições e metamorfoses, pois que não partem dos mesmos pontos de vista da ciência, ficando, assim, abertas a formas de percepções diversas e que comportam, talvez, explicações, [fantásticas algumas, é provável, mas muitas das que são formuladas pela ciência também o são], que, sem sombra de dúvida, fornecem cadeias de significações que não podem ser descartadas.

A sugestão de Ricœur da utilização da metáfora como forma de apreensão do conhecimento é instigadora, tendo em vista que, a partir de um enunciado primeiro, é possível que construamos toda uma rede de significados novos e mais, possamos extrair de sua “*estrutura*” [na falta de melhor termo] a compreensão do que é o real e de como

ele é fundamentalmente diferente de si próprio e das outras coisas. Creio que, além disso, a metáfora permite saltos de um sistema de signos para outro, deslocamentos de universos simbólicos para outros, com muito mais facilidade do que através dos artifícios reconhecidamente utilizados pela ciência convencional.

Esses deslocamentos são um elemento constante na constituição da doutrina do Santo Daime visto a diversidade de matrizes que fazem parte de sua história e principalmente pelo fato de que tem havido a introdução de novos componentes culturais na sua composição. Para os adeptos está sempre presente a idéia de que a doutrina é viva e que essa é chave para a explicação das transformações, de um lado, e a originalidade e fidelidade a sua raiz constitutiva, de outro.

Este pequeno balanço serve aqui como preâmbulo para que eu me coloque sem rodeios, ou sem enganos, e deixe claro de qual lugar estou falando. Não tenho nenhuma intenção de negar o meu lugar de nativo, pois compreendo que antes de qualquer empecilho este é um lugar privilegiado de onde posso “ver” as coisas. Também quero deixar claro que não considero isso como condição “*sine qua non*” para que se escreva um trabalho desse tipo. É óbvio que não é necessário “ser” nativo de determinado grupo para falar sobre algo dele, mas creio que o contrário não pode ser descartado. Penso sim que este lugar deve estar bem delimitado e bem esclarecido e que o pesquisador deve sempre lembrar qual o sentido da sua escrita e que do encontro entre este e o eu-nativo pode surgir uma compreensão nova do objeto estudado.

Labate oferece com o seu exemplo uma referência para aqueles que se sentem em situação idêntica a sua

“Retomando a reflexão sobre minha dupla inserção, enquanto ayahuasqueira e antropóloga: trata-se de uma situação cheia de ambigüidades, sem dúvida com dificuldades que lhe são inerentes. De qualquer forma, mais do que uma espécie de esquizofrenia interna, de um eu dividido entre uma parcela (antropóloga) e outra (pessoal), este lugar de fala, sustento, é um lugar potencialmente rico.

Como se deu à relação entre reflexão e prática no caso desta pesquisa?

Por um lado sou de dentro do grupo, pois sou ayahuasqueira; por outro, de fora, pois sou de outro grupo e também pesquisadora. Por ser de dentro, posso pegar um atalho, pois tenho um acesso bastante privilegiado a este universo: os adeptos sabem que não se trata, por

exemplo, de um jornalista em busca de sensacionalismo. Isto facilita a pesquisa antropológica.”⁴

Acredito que esta compreensão pode permitir, caso o pesquisador consiga se situar nesse entre-espaço, tanto um acesso maior a determinadas informações como a possibilidade de relativização dos conceitos tradicionais construídos ou por pesquisadores sem ligação alguma com a temática ou, por outro lado, por adeptos da doutrina que não possuem uma visão de fora. Este espaço liminar pode trazer para o interior da pesquisa uma visão múltipla do objeto e ora o pesquisador pode elucidar aspectos da observação a partir do estatuto da ciência, ora o observador pode traduzir melhor elementos da construção do rito que quiçá possam ser melhor percebidos pelo adepto.

Vários são os exemplos de pesquisadores que trabalharam com a temática ayahuasqueira estando envolvidos diretamente com algum ritual, seja da União do Vegetal, da Barquinha, mas, principalmente com o Santo Daime. São, em sua maioria, dissertações de mestrado e teses de doutorado e representam a possibilidade de se atender à necessidade do fazer científico na qualidade de nativo.

Fróes⁵, em um trabalho pioneiro, descreve os rituais do Santo Daime e faz um estudo sobre o nascimento da comunidade liderada por Sebastião Mota de Melo, na Colônia Cinco Mil, seus princípios religiosos e comunitários e ainda levanta a hipótese de que o movimento em questão se trata de um exemplo de messianismo; aponta a relação entre o Daime e a cura das doenças e faz um pequeno esboço sobre as características botânicas e fitoterápicas do chá. Ao final apresenta vários anexos sobre a situação histórica da bacia amazônica, sobre as lendas e mitos que envolvem a ayahuasca, sobre os pareceres do CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes, sobre o seu uso e ainda narra uma experiência de parto com o Santo Daime, vivida por ela própria quando do nascimento de uma de suas filhas.

Goulart⁶ apresenta em sua dissertação de mestrado um interessante apanhado das matrizes culturais do Santo Daime e defende a tese de que a formação desta religião se dá no encontro das tradições vegetalistas da Amazônia e do catolicismo popular.

⁴ LABATE, Beatriz. “A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras”, in: Labate, Beatriz e Sena Araújo, Wladimir (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

⁵ FRÓES, Vera. *Santo Daime, Cultura Amazônica - História do povo Juramidam*. Manaus: SUFRAMA, 1986.

⁶ GOULART, Sandra. *As raízes culturais do Santo Daime*. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia - USP, 1996.

Couto⁷ aborda em seu trabalho vários aspectos da doutrina, sobre a estrutura ritualística, e argumenta que diferentemente do xamanismo tradicional, mais individual, o Santo Daime tenderia mais a ser caracterizado como um xamanismo coletivo, tendo em vista que todos os participantes do ritual são potenciais xamãs. Aproxima ainda as duas tradições pela ligação que o vôo xamânico assume em relação à busca da cura para as doenças, usando como narrativa de análise a experiência do padrinho Sebastião quando tomou o Daime a primeira vez.

MACRAE⁸ também aborda o Santo Daime do ponto de vista xamânico corroborando a hipótese de Couto; descreve os trabalhos realizados na doutrina em busca da compreensão da sua ritualística e analisa o seu desenvolvimento desde os vegetalistas até os modernos tipos de culto, passando ainda por uma interpretação das concepções de doença e cura entre as tradições caboclas da Amazônia e sua relação com o Daime. Destaca ainda a aproximação do Santo Daime com o Kardecismo através da assimilação de concepções como carma, evolução espiritual, reencarnação, doutrinação de espíritos, etc.

Groisman⁹ examina o cenário social da vila Céu do Mapiá, compartilha a opinião de outros pesquisadores que vêem o Santo Daime como sistema xamânico e atenta para o ecletismo evolutivo como matriz fundadora e importante para a inclusão de outras matrizes doutrinárias. Aponta a existência de uma memória divina e de uma ritualização do ambiente físico que projeta o rito também no cotidiano do adepto e na sua visão do Santo Daime como uma batalha astral. É um dos primeiros a tratar da peia do Daime e assinala ainda aspectos da cura e da doença.

Labate¹⁰ é responsável pela organização de vários livros tratando sobre o uso ritual das plantas de poder em geral e da ayahuasca em particular e sua dissertação de mestrado publicada recentemente traz um significativo estudo sobre a reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos que envolve a utilização de técnicas e rituais bastante

⁷ COUTO, Fernando de La Rocque. Santos e Xamãs. Brasília: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UNB, 1989.

⁸ MACRAE, Edward. Guiado pela lua. São Paulo: Brasiliense, 1992.

⁹ GROISMAN, Alberto. 'Eu venho da Floresta': Ecletismo e práxis xamânica daimista no "Céu do Mapiá". Florianópolis: UFSC, 1991.

¹⁰ LABATE, Beatriz. "A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras", in: Labate, Beatriz e Sena Araújo, Wladimir (orgs.). O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. A Reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Campinas: Mercado de Letras, no prelo.

_____. & PACHECO, Gustavo. "Matrizes maranhenses do Santo Daime.", in: Labate, Beatriz e Sena Araújo, Wladimir (orgs.). O Uso Ritual da Ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2ª ed., 2003.

diversos dos mais tradicionalmente veiculados aqui, como é o caso de técnicas de meditação oriental, terapias corporais e psicológicas, bem como o uso relacionado a práticas de produção artística como a pintura e a música. A esse conjunto de novos usos ela denomina “neo-ayahuasqueiros” e defende que compõe processos recentes de re-significação do uso da ayahuasca que se caracteriza pela diversificação dessas práticas e pela sua ligação cada vez maior com os usos terapêuticos.

Mais recentemente, dois autores se incorporaram as nossas fontes bibliográficas.

Alves Junior¹¹ realiza uma investigação extremamente pertinente sobre as relações do Santo Daime com a Umbanda e sobre a formação dos trabalhos de São Miguel e das Giras. Nesse trabalho, o autor faz uma descrição sobre a história da Umbanda e do Santo Daime para, posteriormente, caracterizar o encontro das duas tradições e a incorporação de elementos da Umbanda pelo Santo Daime. Traz, ainda, narrativas sobre como esse contato se inicia e quais as conseqüências para a linha guiada por Sebastião Mota e seu filho Alfredo Gregório, principais responsáveis por essa junção.

Por fim, Rehen¹² analisa o conceito de recebimento e oferta dos hinos enfatizando a dimensão de “dádiva” embutida nesses conceitos e da instituição de uma “*micro-política dos sentimentos*”. No texto se acentua a interpretação da natureza musical do Santo Daime e a da estrutura melódica, rítmica e poética dos hinos, tendo como foco de estudo a igreja Céu do Mar, no Rio de Janeiro.

Por ora, gostaria de dizer que já não sinto desconforto algum, principalmente porque sei de onde estou falando e, mais ainda por acreditar que esteja claro que utilizarei isto como vantagem metodológica na coleta dos dados.

¹¹ ALVES JUNIOR, Antonio Marques. Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. PUC. 2007.

¹² REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. Recebido e ofertado: A natureza dos hinos na religião do Santo Daime. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – UFSC. 2007.

1.1– Abordagem diacrônica do Santo Daime

A ayahuasca é um chá que é obtido através da cocção de uma folha (*psychotria viridis* - chacrona, rainha) e de um cipó (*banisteriopsis caapi* - mariri, jagube); seus usos remontam a uma tradição milenar e, a despeito da inexistência de unanimidade sobre a sua origem, remetem às práticas xamânicas dos índios da Amazônia brasileira, peruana e boliviana; alguns autores encontram ligações da sua utilização com a história do povo Inca (BAYER NETO, 1999; FRÓES, 1986; REVISTA DO CENTENÁRIO, 1992).

Certo é que vários grupos ameríndios utilizam o chá denominado ayahuasca há muito tempo. Conforme os estudos de Pedro Luz, Ester Langdon e Bárbara Keifenheim esses grupos fundamentam seus rituais na possibilidade de comunicação e aproximação com seres que habitam uma outra realidade. Chamada de “cipó dos mortos”, “liana dos espíritos”, “vinho das almas”, entre outros tantos nomes é ingerida pelos xamãs indígenas na comunicação com os espíritos, na procura de melhores campos de caça, para responder determinadas tensões no interior das relações existentes na tribo, ou na busca da cura de alguma doença.

É mister lembrar aqui que entre esses grupos a relação com a natureza é muito diferente da nossa e que o cotidiano da tribo é totalmente perpassado pelas conexões possíveis de se estabelecer entre a realidade ordinária, por assim dizer, e a realidade alterada pela ingestão da ayahuasca.

Nativos dos grupos Pano, Kaxinawá, Sharanawa, Marubo, Aruák, Ashaninka, entre outros, consomem o chá nessas condições guardando diferenças no panteão hierofânico e na caracterização das origens de sua ligação com a bebida, no mesmo tempo em que entre todos os grupos ela possui o *status* de intermediária na comunicação com o sobrenatural, e mais, é ela que mostra a verdadeira realidade, independente do corpo físico.

Para essas tribos, a ayahuasca é provedora de conhecimento e, como tal, encerra uma noção de pedagogia, pois existem maneiras pelas quais esse conhecimento é transmitido, não sendo uma prerrogativa de todos alcançar os estágios divinatórios decorrentes da sua ingestão. A figura do xamã aparece então como aquele que tem a capacidade de desvendar os mistérios que as visões guardam, interpretá-las e transmitir ao restante da tribo. É ele que possui o conhecimento necessário para o preparo do chá e é ele quem mais vezes já fez a viagem a esse outro mundo, sendo ele o responsável pela iniciação dos mais novos e por esclarecer a estes os aspectos individuais ou coletivos

das visões particulares de cada um. Assim, o efeito da bebida é tanto uma representação de certos elementos inerentes à vivência do indivíduo quanto a construção simbólica da realidade social da tribo como um todo, responsável em muitos casos pela coesão social do grupo, pela manutenção da ordem e pela estruturação das relações sociais.

Para Langdon (1997) a experiência dos grupos ameríndios do noroeste amazônico, mais precisamente os Siona, grupo do sul da Colômbia estudado por ela, é permeada pela noção do comunitário e o xamã é o guia que leva cada participante a conhecer melhor a si mesmo e ao percurso que faz dentro do efeito do chá o prepara para que possa se tornar um xamã algum dia.

As narrativas das experiências Siona com a ayahuasca fazem parte da tradição oral da tribo e, segundo a autora, *“é uma tradição poética e performativa no sentido de que as narrativas são realizadas utilizando mecanismos poéticos para embelezar a experiência de contar e ouvir.”*¹³

A oralidade latente nas narrativas dessas tribos se mostra mais claramente na utilização dos cantos rituais que são utilizados no processo de comunicação com o mundo espiritual, e, nesse sentido, o xamã se apresenta também como aquele que detém o conhecimento, pois é ele, geralmente, que conhece a relação dos cantos com aquilo que se busca ou para qual elemento mito-poético se deseja remeter, se para a resolução de um problema comum a toda a tribo ou se para a resposta de uma necessidade particular de algum participante como bem atesta LUZ falando sobre as fases da experiência dos grupos pesquisados com a ayahuasca: *“no entanto, mais importante que o diálogo dos vivos, é a conversa com os espíritos através do canto; são estes que determinarão o conteúdo e o desenrolar das visões”*.¹⁴

Essa oralidade remete à formação de cantos que são orquestrados para serem condutores da experiência visionária e envolvem certa dose de composição musical antecipada, podendo, no entanto, serem feitos de improviso. É interessante notar que o canto é fundamental para que o conhecimento que é transmitido nesse estado modificado da consciência seja apreendido e gravado para além do momento específico do ritual.

¹³ LANGDON, Ester Jean. A tradição narrativa e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia. in: LABATE, Beatriz e SENA ARAÚJO, Wladimir (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2002, p. 72.

¹⁴ LUZ, Pedro. O uso ameríndio do caapi. In LABATE, Beatriz Cayubi & ARAÚJO, Wladimir Sena. *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras, 2002, p. 59.

Métrica, ritmo, volume e tonalidade se entrelaçam estruturando a performance xamânica. Keifenhein, refletindo sobre os cantos alucinógenos dos Kaxinawá, reitera que os “(...) *procedimentos estilísticos de repetição insistente acabam por criar continuidades sonoras que, literalmente, dão o tom, fazendo passar para um segundo plano o significado textual (...)*”.¹⁵ Como na literatura popular, em particular a dos cantadores e cordelistas que fazem da sextilha seu cânone literário, as estrofes têm geralmente sete sílabas e essa repetição de que fala a autora é importante para que mais à frente pensemos mais particularmente sobre os hinos da doutrina do Santo Daime, objeto desse estudo.

A prática ritual da maioria desses grupos possui determinadas exigências que estabelecem uma dietética do corpo, recomendando determinados cuidados e instituindo proibições diversas. Na maioria dos grupos, as mulheres não participam do ritual, e as menstruadas são ainda mais estigmatizadas, não podendo sequer se aproximar dos objetos utilizados para oferendas ou que façam parte do operacional ritualístico. As recomendações envolvem uma dieta de sexo, a proibição de determinados alimentos, isolamento, etc.

No contato dessas tribos com as populações caboclas da Amazônia – peruana, boliviana, colombiana e brasileira – surge um “novo xamã” representado pela figura do “curandeiro” ou “vegetalista”, que, iniciado por um xamã indígena, aprende o preparo do chá e a utilizá-lo em uma *práxis* mais urbana, voltada, na maior parte das vezes para seu aspecto medicinal e para a comunicação com o mundo animal, vegetal e mineral.

Esses curandeiros também utilizam cantos em seus rituais, chamados de “*icaros*”¹⁶ que se relacionam diretamente com as características daquilo que o curandeiro necessita obter em termos de respostas “*alguns desses cantos facilitam a navegação por espaços espirituais, são os agentes mediante os quais se chamam os espíritos, ou através dos quais o xamã se transforma*”¹⁷. Eles herdaram também a dietética indígena e consideram as plantas que utilizam como plantas “mestras”, “doutoras” ou ainda “professoras”; como a erva do diabo (humito), o peyote e alguns cogumelos, utilizados por Carlos Castañeda na sua iniciação com Dom Juan, essas

¹⁵ KEIFENHEIM, Bárbara. Nixi Pae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios kaxinawá no leste do Peru. In LABATE, Beatriz Cayubi & ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 118.

¹⁶ Canto ritual que intermedia a navegação do xamã pelos espaços do sagrado.

¹⁷ LUNA, Luis Eduardo. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In LABATE, Beatriz Cayubi & ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p 193.

plantas têm o poder de transferir conhecimentos sobre o sobrenatural e ensinar o iniciado a se proteger no mundo físico, além de estarem ligadas, muitas vezes, a um animal ou a uma planta de poder.

Na parte brasileira da floresta Amazônica, também existem muitos desses curandeiros. Com o advento da borracha, a partir do final do século XIX, rumou para a região Norte um grande contingente de pessoas de todas as partes do país, principalmente do Nordeste. Esses novos seringueiros também travaram contato com essas plantas e, como seu uso sempre foi bastante difundido, se apropriaram de diversas formas da ayahuasca (re)significando seus conteúdos e introduzindo elementos cada vez mais urbanos e ocidentais na prática do consumo ritual do chá.

O Santo Daime se insere nesse contexto de (re)significação. O seu *corpus* doutrinário começa a ser estruturado por Raimundo Irineu Serra, negro maranhense, de dois metros de altura, migrante nordestino, como tantos outros, chegou ao Acre por volta de mil novecentos e doze, no ciclo da borracha. Trabalhou na Comissão de Limites, com o Marechal Rondon, foi tesoureiro da equipe e dela desligou-se no posto de cabo, em mil novecentos e trinta e dois. Conheceu a bebida através de um conterrâneo seu, chamado Antonio Costa, e foi iniciado por um xamã cujo nome era Crescêncio Pizango, ainda no Peru, quando trabalhava na demarcação da fronteira brasileira recém-estabelecida depois da aquisição do novo estado do Acre.

Raimundo Irineu era maranhense, nascido em São Vicente Ferrer, em quinze de dezembro de mil oitocentos e noventa (durante muito tempo comemorou-se o seu nascimento como sendo mil oitocentos e noventa e dois, mas recentemente o pesquisador Florestan Neto encontrou a sua certidão de nascimento com a data correta¹⁸); acredita-se, tenha tomado contato em sua terra natal com os rituais de origem africana, ainda no Maranhão, o que pode ser atestado por sua ascendência. Por outro lado, sua mãe era muito religiosa, praticante do catolicismo e não é de estranhar que muitos elementos introduzidos na doutrina do Santo Daime tenham origem na formação inicial de Irineu. Desde criança, Irineu já tinha sonhos e visões com uma senhora que lhe castigava quando cometia algum delito infantil, como relata Saturnino Brito em seu cordel biográfico sobre o mestre Irineu:

*“Aos seis anos de idade
nele já despontava
os primeiros indícios
da missão que o aguardava*

¹⁸ MAIA NETO, Florestan J. Contos da Lua Branca. Rio Branco: Fundação Elias Mansur. 2003.

*era quando em sonho uma senhora
a ele disciplinava”¹⁹*



FOTO: www.mestreirineu.org

Acredita-se que de mil novecentos e doze até o início da década de trinta, Irineu tenha vivido a sua iniciação, aprendendo a reconhecer as plantas e a preparar o chá à medida que ia incorporando os elementos que utilizaria na constituição da doutrina. Durante esse tempo também foi membro de sociedades secretas como a Ordem Rosa Cruz e o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, onde adquiriu conhecimentos sobre as doutrinas esotéricas trazidas de Europa. Nesse período funda com Antonio Costa o Círculo de Regeneração e Fé na cidade de Brasília. Do contato travado com esse conhecimento foram incorporadas preces e orações que se mantêm até os dias de hoje no ritual daimista.

Por esse tempo começou a “receber” os primeiros hinos do seu hinário “O Cruzeiro” (que conta com cento e trinta e dois hinos) seguindo, portanto, toda uma tradição oral ligada ao uso da ayahuasca pelos índios, pelos curandeiros e vegetalistas

¹⁹ NASCIMENTO, Saturnino Brito do. No Brilho da Lua Branca. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005.

amazônicos. Dona Percília Matos da Silva²⁰, contemporânea do Mestre Irineu, zeladora de seu hinário e comandante da ala feminina da igreja, conta que quando o conheceu em mil novecentos e trinta e quatro ele só tinha três hinos e que o ritual resumia-se à ingestão do chá, períodos de concentração intercalados com o canto desses três hinos e de mais três de outros dois companheiros dele. O ritual só veio ser estabelecido completamente perto do seu falecimento em mil novecentos e setenta e um.

Com o aparecimento dos hinos, a doutrina começa a se desenvolver musicalmente. Outros contemporâneos do Mestre Irineu também começam a receber hinos e a compor hinários. Formou-se a primeira bandinha de música dentro da doutrina, capitaneada por Daniel Pereira de Matos, que mais tarde fundaria a entidade denominada Barquinha.

A década de trinta até a de sessenta foi de estruturação do corpo doutrinário, estabelecimento das normas, da farda, do bailado e, é claro, também teve seus balanços. O trabalho foi suspenso um tempo na década de quarenta por causa da desunião e de intrigas de alguns, tendo sido aberto novamente em mil novecentos e quarenta e seis e assim continuou até a morte do Mestre.

Na década de sessenta, muita gente começou a chegar à Doutrina. Entre essas pessoas, estavam Wilson Carneiro de Souza e Sebastião Mota Melo. Ambos encontraram a cura de suas doenças pelas mãos do Mestre Irineu e não saíram mais de lá. É interessante notar que ambos foram desenganados pela medicina oficial e não sabemos exatamente que doença tinham, mas que os dois sofriam de enfermidade no estômago. Segundo os dois, depois de terem tentado tudo que conheciam (leia-se além da medicina oficial, os centros espíritas, curandeiros, rezadores, macumbeiros), foram operados espiritualmente e alcançaram a cura depois de beberem o Santo Daime.

Ao senhor Wilson Carneiro o Mestre entregou a direção do Pronto Socorro (que existe até os dias de hoje, sob a direção do Padrinho Nonato Souza, filho do padrinho Wilson). O Pronto Socorro é um ponto específico para atender os doentes mais necessitados que não podiam esperar até o dia do trabalho ou que não podiam se deslocar até a casa do Mestre.

²⁰ Depoimento de Percília de Matos da Silva. Revista do Centenário. Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992, p. 9.



Padrinho Wilson Carneiro e seu filho Padrinho Nonato despachando o Daime.

Sebastião Mota Melo trouxe toda sua família para conhecer o Daime e em pouco tempo seu povo já era uma parcela significativa da comunidade. Seus filhos, Alfredo, Waldete, José Mota, desenvolveram rapidamente o lado musical, tocando violão e acordeom. O próprio Sebastião começou a receber os primeiros hinos de seu extenso hinário que se chama “O Justiceiro”.



Padrinho Sebastião Mota Melo e seu filho Padrinho Alfredo Gregório

Ele já despontava como uma grande liderança dentro da Doutrina, o que causava inveja e ciúme por parte dos mais antigos. Com a passagem do Mestre Irineu em seis de julho de mil novecentos e setenta e um, os seus sucessores proibiram Sebastião de fazer

Daime, contrariando mesmo a autorização que havia sido dada com o Mestre ainda vivo, por ele próprio. Sebastião, para não criar caso, resolve abandonar o Alto Santo, onde havia conhecido o Daime e se curado, e abrir o trabalho em sua casa, na Colônia Cinco Mil, também nos arredores de Rio Branco.

As ditaduras militares instauradas na América Latina impuseram uma política repressiva e autoritária, enquanto o restante do mundo vivia um áureo período de liberação política, social e cultural. O oriente começa a se abrir para o ocidente e a religiosidade começava a deixar de se basear no apostolado romano; no Brasil estava ocorrendo a recomposição do campo religioso e a igreja católica começa a perder sua hegemonia secular. A geração “hippie” põe sua mochila nas costas e ganha o mundo a pé, de carona, descobrindo o exótico desconhecido. Essa mesma geração que havia tido contato direto com o psicodelismo de substâncias como a marijuana, a cocaína, a heroína, o ópio e o LSD, também procurava experimentar outras coisas. Como o modelo de organização social vigente não respondia aos ideais desses jovens que procuravam na natureza respostas para suas perguntas, muitos deles acabaram chegando à Colônia Cinco Mil e conhecendo a comunidade daimista liderada por Sebastião Mota Melo, já conhecido por Padrinho Sebastião. O encanto era imediato, pois ele recebia a todos da mesma forma e tratava a todos como amigos, mesmo os com o visual mais estranho, cabeludos, tatuados, herdeiros da geração beatnick.

Durante toda a década de setenta e começo da de oitenta, ele recebeu cada vez mais pessoas na Colônia até chegar num ponto que ele considerava que a cidade não oferecia mais aquilo de que eles necessitavam. A borracha já não dava o lucro de antes, o assoreamento dos rios não permitia grandes avanços com a agricultura e a cidade de Rio Branco, antes distante da Colônia, se aproximava cada vez mais trazendo para a comunidade os efeitos muitas vezes degradativos do progresso. Ele também estava preocupado com o fato de que, assim como no tempo do Mestre já haviam tido perseguições da polícia contra a Doutrina, ele próprio já havia sido perseguido.

Em 1982 várias reportagens foram veiculadas no sul do país, a maior parte delas de forma preconceituosa, dando conta de que estaria se formando na Amazônia uma seita apocalíptica como a fundada por Jim Jones na Guiana. O Governo Federal começa então a investigar as atividades do Santo Daime e monta uma comissão multidisciplinar de pesquisa para ir ao Acre colher informações sobre Sebastião Mota e a comunidade daimista que ali residia.

O psicólogo Paulo Roberto fez parte da primeira expedição²¹ formada pelo Governo Federal e composta por um antropólogo, um psicólogo, um sociólogo, um historiador, representantes da polícia federal e do exército para um estudo de verificação das propriedades alucinógenas da bebida e da possibilidade de se tornar uma droga de efeitos negativos. Havia também o medo do governo, recém-saído da ditadura militar, de que a comunidade do Padrinho Sebastião se transformasse numa nova Canudos.

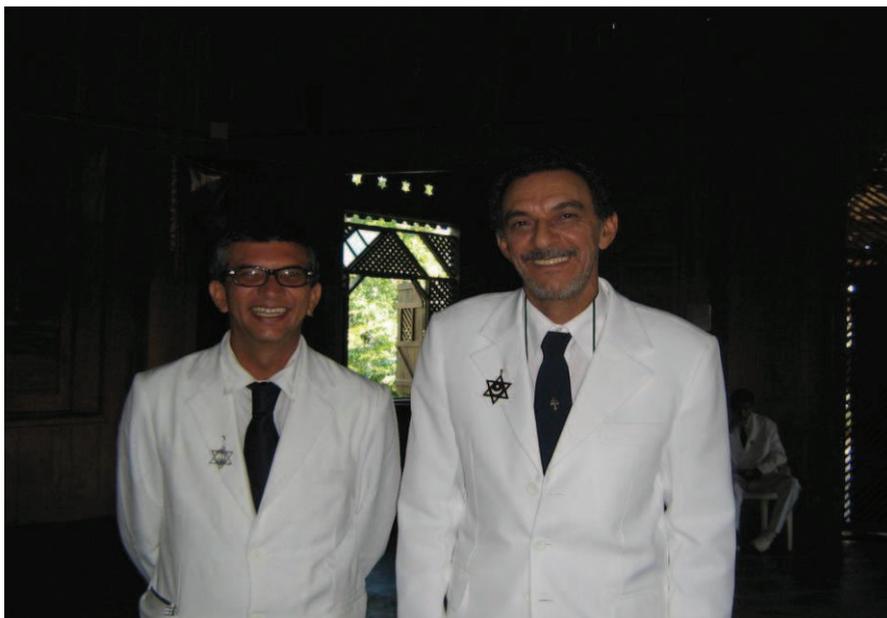
Sebastião resolve então se mudar para o interior da floresta e solicita ao INCRA uma área para a instalação da comunidade; o INCRA então lhe destina uma colocação de seringa abandonada no Rio do Ouro, no estado do Amazonas, em mil novecentos e oitenta e dois. Ele então vai à frente com um grupo de quarenta pessoas, verdadeiros desbravadores da Amazônia que depois de muitas dificuldades, doenças, mortes, conseguem dar início à produção de roças e erguem as primeiras casas da comunidade. É duro o processo de transferência, mas o pior ainda estava por vir, pois, depois de tudo pronto e a comunidade instalada, o INCRA avisou que eles teriam que sair de lá para outro local. Mais uma vez Sebastião e seu povo se deslocaram enfrentando as mesmas dificuldades anteriores e, na localidade chamada Igarapé Mapiá, ergueram novamente tudo que deixaram pra trás. Esse lugar, conhecido hoje como Céu do Mapiá é a sede do CEFLURIS – Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, entidade criada ainda na Colônia 5000, que congrega igrejas filiadas de todo o Brasil e de várias partes do mundo.

O início da década de oitenta marca também uma nova fase na história do Santo Daime. Por essa época saem da Colônia os primeiros litros de Daime para outros estados do país, para o Distrito Federal, nas mãos do antropólogo Fernando La Roque, que funda a igreja Céu do Planalto, e para o Rio de Janeiro, onde o psicólogo Paulo Roberto (casado com uma das filhas do padrinho Sebastião) funda o Céu do Mar, e Alex Polari de Alverga, antropólogo e ex-presos político funda, em Mauá, o Céu da Montanha.

²¹ A partir dos estudos dessa comissão, o governo pôs fim à perseguição e em quatro de fevereiro de mil novecentos e oitenta e seis, depois que o DIMED (Divisão de Medicamentos) retirou a ayahuasca da lista de substâncias proibidas, o CONFEN (Conselho Federal de Entorpecentes) suspendeu definitivamente a proibição. Por sua vez, o CONAD (Conselho Nacional Anti-drogas) regulamentou em quatro de novembro de dois mil e quatro, através da resolução número quatro, o uso religioso da bebida e a criação de um Grupo Multidisciplinar de Trabalho visando à pesquisa permanente sobre os efeitos do chá, formado por pesquisadores das mais diversas áreas, farmacologia, medicina, biologia, antropologia, sociologia, psicologia, etc. e contando ainda com a participação dos líderes e representantes das entidades que utilizam a bebida.

Esses três intelectuais têm um papel fundamental, tanto na organização administrativa da entidade, quanto na expansão da doutrina do Santo Daime. Com exceção do padrinho Alex Polari que reside hoje no Céu do Mapiá, os outros continuam à frente dos seus centros, que são os maiores do país.

Abaixo imagens coletadas no Céu do Mapiá das principais lideranças do CEFLURIS, inclusive de Rita Gregório de Melo, aos 81 anos, matriarca da família e considerada por todos como madrinha dos adeptos da linha do padrinho Sebastião.



Alfredo Gregório de Melo, atual presidente do CEFLURIS. Arquivo do autor. junho 2006. Céu do Mapiá.



Madrinha Rita Gregório de Melo e sua filha Madrinha Nonata. Arquivo do autor. Junho. 2006. Céu do Mapiá.

Sob o comando do padrinho Alfredo Gregório de Melo, seus irmãos Valdete, Pedro e José Mota, Nonata (esposa do padrinho Paulo Roberto) e Neves (casada com Maurílio Reis, atual dirigente da igreja da Colônia Cinco Mil) mais a matriarca octogenária madrinha Rita Gregório de Melo inicia-se um período de expansão da doutrina com a realização de visitas de instrução e feitos por todo o Brasil e exterior e também dos encontros nacionais e internacionais das igrejas filiadas ao CEFLURIS para discussão de metas e objetivos da entidade.

O CEFLURIS tem buscado o aperfeiçoamento do seu modelo institucional e administrativo que se descentraliza cada vez mais na busca da operacionalização dos trabalhos através, principalmente, da criação de um instituto para as questões relativas ao meio ambiente na Amazônia (IDA – Instituto de Desenvolvimento Ambiental) e com a criação de secretarias executivas regionais que administram a distribuição do Daime regionalmente e coordenam iniciativas de plantio dos reinados locais para que haja uma menor dependência das igrejas em relação a matriz.

Nesse sentido foi criado um fórum de debates que já está no décimo terceiro evento chamado Encontro dos Povos de Juramidam onde todos os centros filiados à entidade nacional têm oportunidade de manter contato entre si e com os principais líderes da doutrina discutindo as dificuldades que todas possuem em relação ao crescimento das igrejas e na busca de soluções para esses problemas.

Durante esses eventos também são realizados os trabalhos espirituais, oportunidades de todos aprenderem mais e voltarem para suas igrejas com um vasto material para aplicarem nos trabalhos locais, exercendo assim, também a função pedagógica da qual já falamos e que perpassa todas as instâncias da vida social do daimista.

O Encontro dos Povos de Juramidam é antecedido pelos encontros regionais onde são debatidos os problemas particulares de cada região e as sugestões são discutidas e levadas ao grande encontro. Os principais pontos discutidos em 2007 foram:

- A realização de um amplo diagnóstico nacional da realidade de todas Igrejas e instâncias do CEFLURIS.
- A efetivação de um sistema de comunicação institucional amplo e eficaz, assim como da implantação do Centro de Documentação

encarregado de planejar as edições dos hinários oficiais e demais suprimentos doutrinários.

- A realização de Planos de Desenvolvimento Comunitários (PDCs) em todas as Igrejas e Regionais.
- O Fortalecimento das Regionais através da estruturação organizacional e administrativa.
- O fortalecimento do setor jurídico para acompanhar as demandas de regulamentação e legalização do nosso sacramento.²²

O CEFLURIS é, hoje, a instituição que agrupa o maior número de igrejas em todo o mundo e um dos maiores problemas que enfrenta é a questão da legalidade, tendo em vista que, se no Brasil a luta pela legalização deu frutos e a bebida é permitida em seu uso ritual, o que também já é realidade na Holanda, em muitos outros países o Santo Daime ainda é proibido e considerado como entorpecente.

²² DOCUMENTOS DO XIII ENCONTRO DOS POVOS DE JURAMIDAM. REALIZADO EM MAUÁ. EM MAIO DE 2005.

1.2 – Apontamentos sobre a história do Santo Daime no Nordeste

Podemos afirmar que muitos elementos contidos no Santo Daime têm origem no Nordeste, afinal só para termos uma pequena idéia, o mestre fundador da doutrina era maranhense, seus principais seguidores eram nordestinos, Sebastião Mota, responsável pela inauguração de uma nova linha doutrinária, era filho de cearenses, sua esposa, do Rio Grande do Norte, e o Acre, no momento específico que se dá a fundação do Santo Daime, trazia em sua composição social uma grande parcela de migrantes do Nordeste. Ainda hoje isso é facilmente verificável, muitas pessoas que conheci no campo eram filhas ou netas de nordestinos.

Relatando a vida de Irineu Serra, Fróes afirma:

*“Chegou ao Acre com 20 anos, integrando o movimento migratório de nordestinos para trabalhar na extração do látex, trazidos pela propaganda de enriquecimento fácil e fugindo da seca, que desde o final do século XIX castigava o Nordeste brasileiro.”*²³

O que é reforçado por Silva:

*“Eles chegavam em massa como flagelados e retirantes para ocupar os seringais nos baixos e altos rios, até que a depressão econômica dos anos 20 e 30 estancou o fluxo então ininterrupto. Lembra BENCHIMOL (16) que comparando a população de 1872 com a de 1920 houve um acréscimo em toda a Amazônia de 332%. Por ocasião da grande crise motivada pela ascensão dos seringais de cultivo da Malásia o Estado do Pará perdeu 38.863 habitantes e o Acre 12.611 (Quadro 1). A partir de 1940, decorrentes dos acordos de Washington, reativam-se os seringais, com investimentos públicos e privados, acontecendo assim a chamada “segunda batalha da borracha”. Reinicia-se o fluxo migratório.”*²⁴

²³ FRÓES, Vera. Santo Daime, Cultura Amazônica - História do povo Juramidam. Manaus: SUFRAMA, 1986, p. 31.

²⁴ SILVA, Clodomir Monteiro da. O PALÁCIO DE JURAMIDAM SANTO DAIME: um ritual de transcendência e despoluição. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal do Pernambuco, 1983, p 31.

Nóbrega recupera um pouco da trajetória de Rita Gregório (madrinha Rita), esposa de Sebastião Mota e matriarca da linha inaugurada por ele:

“Nos primeiros anos da década de 40, os últimos anos que a família de seu Idalino e Maria Francisca das Chagas viveu na Várzea do Açú, foram anos de secas brabas, o que mais motivou a migração nordestina para o “Amazona”. (...)Tais fatos iriam mudar a vida desses Gregórios para sempre, e a de dezenas de milhares de nordestinos, que iriam para a Amazônia, convocados para a “batalha da borracha”. Pelos sertões afora só se ouvia falar de quanto se enricava na borracha. De abril a agosto de 1943, mais de 4 mil nordestinos entraram em Manaus. Muitos não iam para o interior, desencantados no fracasso da “batalha da borracha”, ficavam ali mesmo iniciando o processo de favelização da capital amazonense, e popularizando o imigrante nordestino chamado “arigó”, que a crônica policial mais ajudou a espalhar a sua má fama.”²⁵

Aqui temos referências suficientes, mas que podem ser encontradas em inumeráveis fontes, da ligação nordestina com a Amazônia. Fato é que na fundação e nos anos seguintes da doutrina estão presentes muitos nordestinos, os quais muito irão contribuir com sua religiosidade para a formação do corpus da doutrina, como bem já atestamos nos capítulos anteriores.

No entanto é só a partir de meados da década de noventa do século passado que o Santo Daime chega ao Nordeste. É bem verdade que a ayahuasca já havia chegado antes e seu consumo pode ser registrado desde o início da década de oitenta individualmente ou por pequenos grupos chegados do norte do país trazendo em suas bagagens a bebida sagrada.

O início de todos os centros nordestinos se deu de forma semelhante, funcionando sempre precariamente na residência de alguém, ou mesmo de forma itinerante em locais diversos à medida que os interessados vão se constituindo enquanto grupo, realizando visitas de instrução a igrejas já consolidadas e recebendo representantes mais experientes; de início fazendo reuniões para concentração e estudo

²⁵ NÓBREGA, Francisco. Madrinha Rita: 80 anos. IN. Revista Virtual Arca da União. ISSN: 1980.6027. Ano 1. Nº 1. Junho de 2005.

dos hinários e dos elementos doutrinários, formando o corpo diretivo e trabalhando para conseguir construir a igreja e iniciar os plantios de cipó e folha para a produção do chá, o que demora um longo tempo a acontecer, pois, sendo plantas nativas da Amazônia, têm uma certa dificuldade de se adaptarem a outros locais.

A primeira igreja fundada no Nordeste foi o Céu da Campina, em Campina Grande, Paraíba. Em 1993 em um evento realizado nessa cidade, o Encontro da Nova Consciência²⁶, Alex Polari (natural de Campina Grande, mas residente em Mauá, onde já dirigia a igreja Céu da Montanha, participava do encontro como palestrante sobre o Santo Daime) acompanhado da esposa e da filha, Sônia e Joana Palhares, convida Rômulo Azevedo, jornalista local e mais um grupo de quase cinquenta pessoas para realizarem um trabalho que aconteceu no distrito de Queimadas, a 18 quilômetros de Campina Grande, na segunda-feira de carnaval. Do grupo original apenas três pessoas seguiram estudando e realizando trabalhos juntos e um ano depois, em 11 de outubro de 1994 (data do aniversário do Padrinho Alex, patrono da igreja) inauguraram oficialmente o Céu da Campina, com sede no município de Lagoa Seca, vizinho a Campina Grande, na propriedade de Roberto Luis Figueredo, remanescente do primeiro trabalho, a poucos quilômetros de Campina Grande. Em 2002 transferiram-se para o sítio de Fábio e Mércia Xavier, onde permaneceram até 2006, data da mudança definitiva para a sede própria.

O Céu da Campina exerce um papel fundamental na constituição posterior de outras igrejas pelo Nordeste funcionando como ponto de apoio e institucional. De lá saíram muitos dos membros que fundaram pontos em outros estados. Conta hoje com 35 fardados e é dirigida por Rômulo Azevedo. No aniversário da igreja, canta-se o hinário “Nova Anunciação” do patrono Alex Polari.

Já houvera antes um grupo reunido de forma irregular, no Rio Grande do Norte, encabeçado por Marcelo Bolshaw em 1991. Em 1995 o próprio Marcelo mais o jornalista Moura Neto e sua esposa Maria da Liberdade abrem um ponto, o Céu das Dunas, ligado ao Pronto Socorro Raimundo Irineu Serra, em Rio Branco, sob a orientação do padrinho Nonato Souza. Os remanescentes desse grupo fundam o Núcleo de Instrução Tereza Gregório, tendo como patronesse a madrinha Tetê, cujo hinário, “A

²⁶ Esse era o II Encontro da Nova Consciência, que desde então continua sendo realizado sempre no mesmo período, o carnaval. Desde 1993, data da realização do primeiro trabalho de Daime em Campina Grande que se repete esse rito na segunda-feira de carnaval.

Arca de Noé”, é cantado no aniversário da igreja que, por esse motivo é mais conhecida como Céu da Arquinha, e atualmente funciona nas proximidades da praia de Pipa.

Em maio de 2008, foi inaugurado o Céu da Flor, igreja localizada na Vila Flor, município de Canguaretama, Rio Grande do Norte, a 4 Km de Sibaúma e 13Km da Praia da Pipa, sob a direção de Fagner Xavier.

Em 20 de outubro de 2001, é realizado o primeiro trabalho de Daime em Lucena, Paraíba, na igreja batizada com o nome de Céu da Flor da Nova Era, capitaneada pelo casal Marcos Valério e Selma Albuquerque. Recebeu esse nome em homenagem a uma flor local conhecida como “cunhã”, que significa menina, criança. Aliado aos trabalhos espirituais, o grupo da Flor da Nova Era realiza um intenso trabalho social na comunidade de Lucena abrigados na ONG APOITCHÁ, que atende crianças carentes e em situação de risco, tendo recentemente começado a atender também crianças portadoras do vírus HIV.

Na capital paraibana, João Pessoa, em 2003 se iniciam os trabalhos do Núcleo de Instrução Amanhecer, dirigidos por Francisco Bernardino (Tim). Esse núcleo também realiza periodicamente, seguindo os ciclos da lua, trabalhos com a planta denominada Jurema, utilizada tradicionalmente por várias tribos indígenas da região, principalmente os Kariri-Xocó.

Mais recentemente outro grupo foi aberto na praia de Coqueirinho, com fardados oriundos do Céu da Campina e de outras igrejas da região.

No Recife começaram a acontecer trabalhos esporádicos a partir de 1995, até que, a partir do ano 2000, Javan Paiva e Marcio Galindo se fardaram no Céu da Campina e junto com um grupo de 15 pessoas começaram a fazer os trabalhos de concentração com regularidade até inaugurarem, em março de 2001, o Núcleo de Instrução Céu da Aldeia. Em 2002, o grupo dividiu-se formando o Céu das Matas, que em 2003 passa a se chamar Céu de São Lourenço da Mata, localidade da região metropolitana do Recife que abriga a igreja atualmente. A patronesse da igreja é Sônia Palhares e seu hinário “Firmado na Luz” é cantado no aniversário da igreja e em vinte e dois de julho, dia de Santa Madalena.

Em Maceió, no ano de 2001, Maria das Graças Fielder (Tassita), começa a organizar um grupo que mais tarde viria a ser o Núcleo de Instrução Céu das Águas, que, depois de sua partida para a Alemanha, passa a ser dirigido por Agnus Bahia e hoje se encontra sob a direção de Clóvis Henrique.

No Piauí, na zona rural de Teresina, na localidade denominada Taboca do Pau Ferrado, em 2002 é aberta a igreja Céu de Todos os Santos, dirigida atualmente por Wilson Fernando. Está em processo de filiação ao CEFLURIS e, além dos trabalhos espirituais, desenvolve junto à comunidade um trabalho de atendimento social às famílias carentes.

No Delta do Parnaíba, existe um ponto de Daime sobre o qual não tive oportunidade de recolher muitas informações, além do fato de que não possuem sede própria e realizam os trabalhos de forma rondante.

Na Bahia, a primeira igreja do Santo Daime foi criada pelo antropólogo e professor da UFBA, Edward MCRae, que em 1992 havia publicado o livro “Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime”. MCRae, a partir de 1996, começa a realizar os trabalhos com Daime em sua própria residência com um pequeno grupo, que depois viria a ser a igreja Brilho das Águas. Localiza-se no Sítio São João, na Vila de Abrantes, município de Camaçari, e hoje é dirigida por Catarina Almeida Konedt.

Próximo a essa igreja e fundada por outro antropólogo, Paulo Moreira, reúne-se um grupo ligado ao Alto Santo, na linha do Mestre Irineu.

Segundo o pesquisador Juarez Bonfim, existem na Bahia mais alguns pontos que resumidamente enumero abaixo.

Virgilânio Virgílio dirige uma filial do CEFLUMMAVI do Alto Santo e recebe os trabalhos do Centro Espiritualista Fonte Violeta, na sua residência, no Bairro Praia do Flamengo, Salvador.

Na Praia do Forte, município de Mata de São João, Flavia Monte e Jeison Monte, seu esposo, dirigem outro ponto com influências da Baixinha do Rio de Janeiro.

Em Ilhéus, sul da Bahia, o advogado Jorge Nobre também mantém um ponto de Daime: a Casa da Paz.

Em Juazeiro, o agrônomo Tony Jarbas, fardado no Céu do Mar, Rio de Janeiro, dirige a Casa de Oração São Francisco de Assis.

No Sul da Bahia, existem mais dois pequenos pontos.

Todos esses pontos contam com a participação de poucas pessoas e geralmente se reúnem dessa forma por residirem distante das igrejas maiores.

Paradoxalmente, no Maranhão, berço do mestre fundador do Santo Daime, só em 2007 se inaugura uma igreja, a Estrela Brilhante. Segundo Mivan Gedeon, jornalista e cineasta maranhense, os primeiros trabalhos no Maranhão começaram a ocorrer em

2004, quando ele e o psicólogo Leandro Mazali, mais a esposa deste, se encontraram. De início faziam as concentrações numa casa de propriedade de Mivan na praia de Panaquatira, município de São José de Ribamar, a 20 km de São Luís. Em março deste ano, Chester Gontijo e uma comitiva, incluindo alguns cearenses, realizaram um trabalho em São Vicente Ferrer, cidade natal do Mestre Irineu, contando com a presença de fardados de várias partes do Nordeste e de alguns parentes de Irineu. Depois desse trabalho, Mivan e Leandro começaram a fazer os trabalhos junto com Celso, um fardado que já fazia algumas reuniões na sua residência, denominada Céu do Mestre e lá permaneceram durante um ano e meio, depois do que passaram a se reunir da casa de Humberto Leite, que realizava também trabalhos na linha do mestre Francisco, de Brasília, cujo centro se denominava Fraternidade Colibri.

Em 2005 Daniel Serra, sobrinho de Irineu Serra - que em 1957, quando o mestre visitou a terra natal, acompanhou-o de volta ao Acre, lá permanecendo até seu falecimento - resolveu retornar ao Maranhão, onde, com a ajuda de Mivan, fundou o centro que agora dirige, o Centro de Iluminação Cristã Estrela Brilhante Raimundo Irineu Serra - Cicebris. Uma peculiaridade acontece na igreja dirigida por seu Daniel. Tendo passado toda sua vida ligado a uma sede do Alto Santo, mas tendo contado com a ajuda de vários membros do CEFLURIS, seu Daniel e os companheiros de fundação da Estrela Brilhante resolveram criar um centro independente que pudesse receber a todos sem distinção. Depois de passar um tempo realizando os trabalhos no terreiro de Umbanda de Pai Cláudio Moreno, finalmente a Estrela Brilhante consegue a doação de um terreno para construir a igreja. Quase oitenta anos depois do Mestre Irineu ter fundado a doutrina do Santo Daime, esta retorna oficialmente ao Maranhão sob a direção de um membro da família de Raimundo Irineu Serra.

Em Sergipe existe uma igreja chamada Luz de Cristal, sobre a qual não consegui nenhuma informação.

Em 14 de março de 1998, há dez anos, portanto, foi inaugurada no Ceará, na praia de Canoa Quebrada, a igreja Flor da Canoa, sob a orientação de Maurílio Reis, atual dirigente da igreja da Colônia Cinco Mil, e tendo como patronesse sua esposa, filha do padrinho Sebastião, Maria Gregório de Melo Neves. Por conta da localização num dos pontos turísticos mais procurados do Ceará, é conhecida pela grande quantidade de estrangeiros nos seus quadros. Em 2006 um incêndio criminoso destruiu a sede da praia, ocasião em que seus dirigentes resolveram mudar-se para um sítio um pouco mais afastado do burburinho da vila. Muitos dos que estavam na fundação da

igreja continuam em plena atividade, é o caso do comando dos trabalhos Beto Chileno, Oscar Della Santa, assim como José Olano e Renner Ramos.

No ano de 2008, no seu aniversário de dez anos recebeu a patronesse dona Neves e seu esposo Maurílio Reis, junto com uma comitiva, para a realização de um feitio de instrução e para as comemorações de sua fundação, oportunidade em que se reuniu boa parte das igrejas do Ceará no evento.

Em 2001, um dos freqüentadores da Flor da Canoa, Hugo Sousa, que já conhecia a ayahuasca desde a década de oitenta e possuía as plantas em seu sítio, em Cascavel resolve se afastar da igreja e abrir em sua residência, no sítio Tanques, a igreja Terra da Luz, que é inaugurada em 15 de setembro desse ano. Começa a realizar os trabalhos de concentração na sua residência, embaixo da copa de um enorme cajueiro com um pequeno grupo que logo cresce e começa a fazer também os hinários (trabalhos de farda branca). Lá eu conheci o Daime no dia 15 de junho do ano seguinte, 2002. Esse grupo iniciou os estudos dos hinários realizando ensaios periódicos em Fortaleza, pois a maior parte do grupo era daqui e, aos poucos, conseguiu comprar um terreno a 20 km de Cascavel, onde iniciou as obras de construção do templo, em formato retangular. Em 2003 ligou-se oficialmente ao CEFLURIS, sob a orientação do padrinho Alex Polari, que visitou a igreja e realizou um feitio de instrução. No dia 19 de março de 2005, no hinário de São José, Hugo Sousa, dirigente do trabalho, se afastou e entregou provisoriamente (seis meses) a mim a direção da igreja. Como havia comprado o terreno vizinho ao da igreja e já havia construído parcialmente minha residência, nos transferimos para lá e passamos a realizar os trabalhos enquanto terminávamos de construir a igreja. Em julho desse ano, inauguramos o templo, mas, um mês e meio após a inauguração, uma falha técnica em uma das colunas levou a igreja ao chão. Foram realizados apenas três trabalhos nesse local.

Como é comum nessas situações, muitos membros viram aí maus presságios, sinais de que não deveríamos levar adiante aquele projeto e alguns se afastaram da igreja. Nesse mesmo período Hugo Souza afastou-se de vez. Retornamos para a minha residência e com muito esforço recomeçamos tudo, dessa vez, ao invés do formato retangular resolvemos seguir a orientação do padrinho Alfredo e fazer a igreja em hexágono, no formato de uma estrela.

Em abril de 2007, a irmandade resolve mudar o nome da igreja para Céu da Flor do Cajueiro e re-inaugura o centro no dia do Índio, realizando um feitio para comemorar a data. O patrono da igreja é João Pedro, membro da doutrina que foi contemporâneo do

mestre Irineu e que possui um hinário denominado “O Menino Jesus”, que é cantado no aniversário da igreja juntamente com o hinário “O Amor Divino”, de Antonio Gomes, outro contemporâneo do mestre e que era cearense.

Em 28 de junho de 2007, dia de São Pedro, re-inauguramos a igreja cantando os hinários “O Cruzeirinho” e a “Nova Era”, do padrinho Alfredo. Desde março de 2005, estou na direção da igreja, tendo me afastado por seis meses, em 2007, período em que José Olano me substituiu.

Hugo Sousa permanece na sua residência realizando trabalhos e pequenos feitiços sem um calendário fixo.

Em 2003 Fernando Guanabara, líder espiritual do CAD, Centro Espírita localizado em Fortaleza, abre na Estrada do Garrote, em Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, uma filial do Pronto Socorro Raimundo Irineu Serra, fundando pouco depois a igreja Céu do Ceará. Realiza os trabalhos de Cura e Estrela e a Linha de Arrochim, trabalho recebido pelo padrinho Wilson Carneiro e comandado atualmente por seu filho Raimundo Nonato Sousa.

Em Jijoca, litoral Norte do estado, existe outro ponto chamado Linha do Tucum, dirigido por José Antonio e sua esposa Salviana, filiado ao Céu do Mar, no Rio de Janeiro. Realizam as concentrações e alguns hinários. No Crato, região Sul do Ceará, há um ponto em formação, ainda sem nome, que por enquanto realiza apenas as concentrações.

Como podemos ver não são poucos os pontos e igrejas espalhados pelo Nordeste. A grande maioria é filiada ou ligada de alguma forma ao CEFLURIS. Apesar das dificuldades de cultivo das plantas a partir das quais se obtém o chá, praticamente todas elas possuem pequenos reinados e já foram feitos vários feitiços com plantas desses reinados. Nenhuma delas, no entanto é autônoma em relação à produção do sacramento e recebem o Daime ou do Céu do Mapiá ou de outras igrejas maiores.

As igrejas nordestinas filiadas ao CEFLURIS se reúnem sob a orientação da Regional Nordeste, orientada pelo padrinho Alex Polari. Essa entidade se reúne de dois em dois anos para traçar metas regionais, organizar feitiços e receber instrução de comitivas que vêm da floresta. Nesses encontros, além de serem tratados temas administrativos, são realizados trabalhos espirituais que reúnem adeptos das várias igrejas do Nordeste e geralmente acontecem também feitiços de instrução, momentos em que as irmandades locais têm a chance de estabelecer melhor as relações com a matriz, firmar os laços com os líderes espirituais e se instruir no preparo do Santo Daime.

Freqüentemente adeptos das igrejas locais viajam para as igrejas maiores, principalmente para o Céu do Mapiá para conhecer a matriz e beber na fonte da floresta os ensinamentos que são trazidos de lá.

Durante muito tempo, os nordestinos migraram em busca de riquezas e melhores condições de vida sendo responsáveis diretos pela fundação de uma religião genuinamente brasileira que hoje já possui ramificações em várias partes do mundo e, apesar da demora em chegar e se firmar no Nordeste, o Santo Daime vive agora um momento de crescimento com muitos pontos, igrejas e adeptos, e não é de admirar que o padrinho Alfredo Gregório, conversando comigo quando estive no Mapiá para a realização da pesquisa de campo, tenha falado: *“vejo uma grande força vindo do Nordeste. Qualquer dia vou passar um tempo lá”*.

1.3 – A coleta e seleção do material

Devo dizer que a coleta do material se deu, de início, de forma bastante irregular, em primeiro lugar pelo fato de que antes mesmo de cogitar escrever uma tese sobre o assunto já havia começado a recolher material, fazer entrevistas e escrever algumas páginas à guisa de diário de campo. Esse material recolhido de forma desorganizada e sem maiores pretensões do que a de desenvolver os meus estudos espirituais dentro da doutrina, tem, hoje, um grande valor porque no retorno a essas fontes encontrei muitas informações que completam ou esclarecem pontos da pesquisa.

O ano de dois mil e três é o marco inicial da entrada em campo, propriamente dita, portanto, um ano antes de ser selecionado no doutorado.

No carnaval desse ano, participei de um evento em Campina Grande, Paraíba, chamado Encontro da Nova Consciência, conhecido popularmente como “carnaval das almas”, que reúne líderes e adeptos de várias religiões de todo o mundo. Das religiões orientais (Budismo, Hinduísmo, Bramanismo, os vários ramos da Ioga) às crenças Rastafari; das religiões afro-brasileiras às tradições xamânicas dos indígenas de várias partes do Brasil; e os vários ramos cristãos, católicos ou não, todos participando ecumenicamente de palestras, mini cursos, apresentações e, por fim, da celebração de um batizado e de um casamento feito por todas as religiões presentes.

Lá conheci o representante do Santo Daime para o Nordeste, padrinho Alex Polari de Alverga. Fui a este encontro com a tarefa de, em nome da igreja que freqüento, o Céu da Terra da Luz, contatar o padrinho Alex e acompanhá-lo, junto com sua comitiva até o Ceará para a realização de um feitiço de Daime e para que a igreja se filiasse ao CEFLURIS, pois até então o centro era autônomo e não se vinculava especificamente a nenhuma entidade nacional.

Participei de um trabalho da igreja Céu de Campina nessa ocasião e que é realizado todos os anos na segunda-feira de carnaval, servindo como apresentação àqueles que desejam conhecer o Santo Daime. Na manhã desse dia, o padrinho Alex Polari havia feito a sua palestra como parte do evento e durante toda a tarde realizaram-se as *anamneses*²⁷ com os visitantes.

²⁷ A *anamnese* é uma entrevista que os centros fazem com os neófitos para saberem informações sobre vários aspectos da sua vida social, informações relativas à saúde da pessoa que quer tomar o Daime. Se já foi internado em institutos de psiquiatria, se toma algum remédio controlado (psicoativos) Esta é uma medida de prevenção utilizada pelas igrejas para atender uma exigência legal e evitar problemas com alguém impossibilitado de ingerir a substância (DMT – Dimetiltryptamina) que o Daime contém.

À noite, no trabalho, logo depois de tomar o primeiro copo de Daime, fui ao chão e passei momentos muito difíceis, dentro do transe ou fora dele. Pensei que ia morrer e, com certeza, aquele momento pode ser considerado um marco em minha vida como daimista e também inicia um momento novo na minha relação com o que viria a ser o meu objeto de pesquisa.

Durante a permanência do padrinho Alex no Ceará, tive a oportunidade de conversar muito com ele sobre vários aspectos da doutrina que ainda me confundiam e também esclarecer outros elementos relativos ao meu trabalho. Havia solicitado uma entrevista com ele no que aquiesceu prontamente, mas devido às inúmeras tarefas desempenhadas tanto por ele quanto por mim durante todo o feitio, minha entrevista foi, inevitavelmente, adiada e eu tive que me contentar com a gravação da sua palestra ainda em Campina Grande. Só me encontraria com ele um ano depois e esse foi o tempo de maturação e escrita do projeto de pesquisa, da seleção e aprovação no doutorado.

Durante todo esse período, continuei recolhendo material nos trabalhos que participava no Céu da Terra da Luz. Esse foi um ano em que se realizaram vários feitos e no qual os encontros, ensaios e viagens, foram constantes. Na medida em que ia me aprofundando no estudo da Doutrina, ia sistematizando o recolhimento do material, aprendendo a cantar e a tocar os hinos, correspondendo-me com outros pesquisadores, catalogando a bibliografia existente, que não é pequena, mas que só agora começa a aparecer em forma de publicações, já que vários trabalhos encontram-se ainda sob a forma de monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

No projeto havia definido um certo número de hinários para serem analisados e esse foi também o momento de catalogá-los e sistematizá-los numa certa ordem que pudesse atender às exigências metodológicas. Acreditava, então, que devido ao número muito grande de hinários que existem esse seria o melhor caminho. Mas as escolhas são sempre difíceis e sempre se perde algo de significativo para atender ao recorte que se deseja.

Uma vez conversando com o professor Ismael Pordeus Junior ele me perguntou porque não fazer um trabalho que envolvesse todos os hinários ou pelo menos todos que eu conseguisse catalogar. Imediatamente me veio à cabeça a dificuldade que seria, não só essa catalogação como a posterior classificação e análise do material e respondi algo como “impossível fazer” e expus uma série de motivos que, ao meu ver, tornavam a tarefa inviável. Ao que ele retrucou que se assim fosse nunca poderia ter sido feita uma

leitura dos salmos bíblicos, ou do Alcorão, ou ainda dos versos que compõem os Vedas ou a própria Ilíada e que isso já havia sido feito.

Em posterior conversa com o professor Wladimir Sena Araújo, professor do SEC/SEMEC do Acre, antropólogo que escreveu um trabalho sobre a Barquinha (outra linha espiritual que também utiliza o Daime em seus rituais) com quem tenho mantido contato, ele me alertou para essa lacuna nos estudos sobre o Santo Daime, um trabalho mais profundo que desse conta da diversidade dos hinários existentes e da forma como estes se validam e se afirmam perante o conjunto de hinos e, ainda, como se dá a sua legitimação e a posterior formalização e inclusão no corpus da Doutrina.

A pesquisadora Beatriz Labate, antropóloga com dissertação de mestrado sobre a ayahuasca nos centros urbanos e coordenadora do NEIP (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos)²⁸ fez algumas indicações ainda no início deste trabalho e, mesmo acompanhando apenas como observador, as atividades do núcleo, as discussões que se travaram desde que me cadastrei foram muito esclarecedoras para vários aspectos da minha pesquisa.

As sugestões da antropóloga coincidiam de um lado com a temática dos hinos e apontavam outra lacuna: os estudos sobre transe e possessão nas religiões que utilizam ayahuasca. Confesso que a sugestão me fascinou, mas diante do tamanho da problemática que já tinha tratando dos hinos senti que este seria um outro trabalho que envolveria o desprendimento de uma energia muito grande e que, por fim, estaria correndo o risco de não escrever sobre uma coisa nem outra.

Enquanto recolhia e lia a bibliografia existente, ia escrevendo trechos que podem ser considerados como parte de um diário de campo e trabalhava no sentido de desenvolver cada vez mais o olhar antropológico sobre a religião que praticava.

Durante o ano de dois mil e quatro, cumpri praticamente todo o calendário de trabalhos rituais, realizando a maioria deles na igreja Céu da Terra da Luz, mas também acompanhei em parte a caravana do padrinho Alex Polari que se iniciou, mais uma vez, no Encontro da Nova Consciência, em Campina Grande e realizou na igreja Céu da

²⁸ Além do que, o site do NEIP dispõe de uma extensa bibliografia sobre o assunto, com textos de pesquisadores das mais diversas áreas e trabalhos sobre a ayahuasca de um modo geral, mas também sobre o uso de outros psicoativos. Ela foi organizadora, junto com Wladimir Sena do I CURA (Congresso sobre o uso ritual da ayahuasca) realizado em quatro e cinco de novembro de mil novecentos e noventa e sete na UNICAMP, a partir do qual foi publicado o livro **O Uso Ritual da ayahuasca**, pela editora Mercado de Letras / FAPESP em dois mil e dois. Em dois mil e quatro organizou e publicou, também por essa editora, O Uso Ritual das Plantas de Poder.

Campina um grande feitio de Daime, reunindo todas as igrejas filiadas à Regional Nordeste, e vários trabalhos, tanto na igreja quanto na boca da fornalha; fui ainda até o Céu da Arquinha, em Pipa, Rio Grande do Norte, onde fiz o último trabalho com a comitiva desse ano. Observo aqui que a comitiva ainda realizou trabalhos em várias outras igrejas do Nordeste.

Durante os dez dias de feitio, recolhi um vasto material dado pela observação-participante, muita vezes mais participante do que observante, e consegui, finalmente, a entrevista que havia solicitado ao padrinho Alex Polari, realizada em meio ao burburinho das panelas que entravam e saíam do fogo a toda hora. Também em meio a muito trabalho, entrevistei o senhor Manoel Nunes da Silva (Manoel Guajará), contemporâneo do Mestre Irineu de quem recolhi várias histórias dos primórdios da doutrina. Realizei ainda alguns trabalhos em Canoa Quebrada, na igreja Flor da Canoa, sempre com a participação de pessoas de vários centros.

Dois mil e cinco começou com a participação no Seminário do CEFLURIS na Regional Nordeste, durante os dias vinte e três a vinte e seis de abril, em Barra de Santo Antonio, Alagoas. Nesse encontro foram traçadas as diretrizes regionais para serem apresentadas no XIII Encontro dos povos de Juramidam, realizado em maio seguinte, em Mauá, no Rio de Janeiro. Aí conheci os principais líderes e representantes dos vários centros nordestinos ligados ao CEFLURIS, gravei entrevistas, participei de trabalhos espirituais, fiz contatos com outros pesquisadores que lá se encontravam e mais uma vez pude fazer diversas observações importantes.

Voltamos para o Ceará onde tudo já estava preparado para a realização de um trabalho de São Miguel²⁹, em Cascavel, e um feitio de Daime, em Canoa Quebrada, dirigidos pelo padrinho Alex Polari de Alverga e sua comitiva³⁰. Aqui, na qualidade de anfitrião da comitiva, pude tirar várias dúvidas com os músicos e puxadoras (Giotti, Joana Palhares e Alcineide), todos pessoas com muito tempo de Daime, e com o próprio padrinho Alex, com quem eu já me encontrava pela terceira vez.

²⁹ O trabalho de São Miguel é um ritual de cura específico, com elementos do trabalho de Mesa Branca do espiritismo e pode ser aberto para incorporação e atuação dos orixás e outras entidades. São lidas preces espíritas ao Doutor Antonio Jorge e ao Doutor Bezerra de Menezes. É considerado como um trabalho de muita força dentro da doutrina.

³⁰ A Comitiva é um grupo de pessoas de reconhecida experiência dentro da doutrina que viajam pelo país e pelo exterior realizando instruções de trabalhos e feitios. Não tem um número fixo de pessoas, mas geralmente é composta por um casal de padrinhos, músicos (violeiros e as vezes acordeonistas), puxadoras (mulheres responsáveis por puxar – cantar com firmeza e corretamente – os hinos) e eventualmente por alguém experiente no plantio do cipó e da rainha, ou alguém específico para dirigir o feitio de Daime).

Nesse momento, em março de dois mil e cinco o dirigente do Céu da Terra da Luz, centro que eu freqüentava e pesquiso, se afastou dos trabalhos para resolver problemas pessoais e com o consentimento de todos entregou a mim a direção dos trabalhos e das obras para a construção da igreja. Já há algum tempo, havíamos comprado um terreno para esse fim e eu e minha esposa compramos o terreno vizinho e outra pessoa da igreja comprou outro, formando uma pequena floresta de doze hectares. No meu terreno eu já havia construído parcialmente a casa e os trabalhos passaram a se realizar lá, enquanto finalizávamos a construção da igreja.

Em maio de 2006, publiquei um cordel narrando a saga de Raimundo Irineu Serra e a constituição do Santo Daime, numa tiragem de mil exemplares que foram distribuídos entre daimistas de várias partes do mundo.

Finalmente, de junho a agosto de 2006, estive no Acre, na Colônia Cinco Mil e na Vila Céu do Mapiá, no Amazonas, respectivamente a primeira e a segunda igreja fundadas pelo padrinho Sebastião Mota Melo, berço da linha espiritual que ora pesquiso. A Viagem foi riquíssima de todos os pontos de vista e voltei com a mala cheia de informações, mais de vinte entrevistas, hinários gravados diretamente na fonte, no meio da floresta Amazônica, a doze horas de barco da cidade mais próxima, e um acervo de mais de duas mil fotografias. Lá, participei de inúmeros trabalhos espirituais e tive contato com muitos daimistas que conviveram com o Mestre fundador da Doutrina e com o padrinho Sebastião, responsável pela expansão do Santo Daime para o resto do Brasil e conheci e conversei bastante com o padrinho Alfredo, filho dele, atual presidente do CEFLURIS, visto por muitos como o consolidador da Doutrina, responsável direto pela expansão pela Europa e América do Norte.

Acrescente-se a tudo isso a catalogação dos hinários que foi concluída em 2007. Durante todo o tempo da pesquisa, corripondi-me com pessoas de outras igrejas que me auxiliaram quer na qualidade de informantes, quer como contatos que me ajudaram no recolhimento dos hinários mais desconhecidos, das igrejas mais distantes. Nesse sentido a Internet e os grupos de discussão sobre o Santo Daime foram de grande valia, pois através desses mecanismos é que muitos desses contatos foram feitos. Creio ter encerrado aí a pesquisa de campo, no sentido de que encerrei a coleta intencional do material. Porém devo esclarecer que diante do fato de que continuei participando dos rituais (ensaios, trabalhos, feitos, viagens) outras informações se incorporaram naturalmente à pesquisa.

1.4 – Um diário de campo permanente

A Etnografia nunca foi inocente. Se os primeiros antropólogos pintavam de cores mais fortes aquilo que lhes parecia exótico, deixando de perceber, muitas vezes, elementos aparentemente mais simples que depois iriam ser identificados como importantes, hoje a antropologia, mesmo já tendo corrigido em grande parte o etnocentrismo do passado, ainda faz as suas escolhas e são elas que selecionam as tintas que serão usadas no quadro que se quer pintar. A etnografia nesse trabalho possui um papel importante e se apresentou de forma diferente da maioria das pesquisas de campo, tendo em vista que a pesquisa não foi realizada em um único momento e que o pesquisador não foi até o campo exclusivamente para isso. O relato etnográfico desse trabalho se inicia antes mesmo do começo da pesquisa em si e foi realizado em momentos diversos, chegando mesmo a fazer parte do cotidiano do grupo observado.

Assim, o Diário de Campo é um recurso utilizado aqui de forma bem mais abrangente do que o convencional, pois, como membro do grupo, tive oportunidade de estar presente em todas as ocasiões importantes para a pesquisa, bem como nas situações cotidianas de onde, com certeza, emergiram inúmeras informações impossíveis de ser observadas no momento-ritual específico, nem tampouco através do recurso da entrevista.

Penso a etnografia no sentido de James Clifford, como uma “atividade híbrida”, conforme esclarece José Reginaldo S. Gonçalves na apresentação do livro *A Experiência Etnográfica: “um campo articulado pelas tensões, ambigüidades e indeterminações próprias do sistema de relações do qual faz parte”*³¹. São justamente essas tensões que impulsionam a experiência para frente e pensar qualquer objeto fora dessas “ambigüidades” e “indeterminações” é, justamente, proceder como aqueles primeiros antropólogos que não levavam em consideração senão o grosseiramente observado.

Como escrita que é, não devemos conceber o texto etnográfico unicamente como tal, mas pensá-lo a partir de todas as práticas que a envolvem. Dar voz ao outro é, justamente, compreender a multivocalidade inerente ao saber captado pela etnografia e isso faz com que, ao invés de se perder no que durante muito tempo foi considerado “senso comum” (e descartado como conhecimento primário e insuficiente sobre o

³¹ CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. (ORG) José Reginaldo S. Gonçalves. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998, p 10.

mundo), seja possível reconhecer claramente a posição que essa categoria representa para a compreensão do objeto pesquisado.

Em muitas e angustiosas conversas com o meu orientador, preocupado com o fato de estar tão completamente envolvido com o meu objeto, escutei dele a seguinte frase: “*narre, essa é a riqueza do seu trabalho*”. Aos poucos ele me fez perceber o meu lugar nisso tudo, a minha posição, não de espectador, mas de ator. Como num teatro em que o diretor também entrasse em cena e contracenasse diretamente com os protagonistas.

Essa tomada de posição, por assim dizer, me fez enxergar coisas que até então eu não havia percebido e, se por um lado, me fez relaxar um pouco das angústias anteriores, também fez que eu notasse a importância desse lugar e os cuidados que eu teria que tomar para construir uma narrativa, que eu já imaginava eivada de paixão e impregnada pelo sentimento de pertença ao grupo, que atendesse ao mesmo tempo às exigências metodológicas de um trabalho científico.

Não raro foram as vezes que durante certos rituais, imerso no efeito do chá, fiz viagens que me levaram a tantas conexões que inevitavelmente me perdia como numa imensa matrix, outras vezes ouvia uma voz me dizer que aquele era o momento e que eu deveria aproveitá-lo para buscar a compreensão sobre o que eu estava pensando e muitas observações que faço nesse trabalho são, naturalmente, “*insights*” que foram percebidos em um estado modificado da consciência e depois colocados à luz da interpretação antropológica.

Carlos Castaneda na série de livros que escreveu e que tornaram-se grande sucesso de público (**A Erva do Diabo, Uma Estranha Realidade e Viagem a Ixtlan**³²), apesar da pouca aceitação por parte de seus colegas de academia, descreve igualmente suas experiências com o *brujo Dom Juan* e com o peyote, cacto alucinógeno encontrado frequentemente no sul dos EUA e no México. Mesmo situando seu trabalho na perspectiva estruturalista, Castaneda assume a posição de nativo e sua narrativa é concebida através das visões e compreensões que teve à luz do poderoso alucinógeno que ingeria junto de seu guia Yaqui.

Esse exercício sem dúvida nenhuma extremamente prazeroso esclareceu entre outras coisas o conceito de “recebimento” do hino que eu demorei tanto a perceber

³² **A Erva do Diabo** é a tradução de sua dissertação de mestrado cujo título original é **The Teachings of Don Juan: A Yaqui Way of Knowledge** (1968) e **Viagem a Ixtlan** a tradução de sua tese de doutorado intitulada **Sorcery: A Description of the World** (1973).

como ato de “inspiração súbita”, mas não unicamente como tal. Isso veio a ser observado depois quando presenciei alguns recebimentos de hinos e como isso acontecia em circunstâncias diversas.

Então, quando chamo esta escrita etnográfica como “diário de campo permanente” creio ser isso exatamente o que quero dizer. É difícil perceber no meu trabalho um momento específico do fazer antropológico, posto que isso se confunde durante todo o tempo, não só com minha atividade enquanto adepto do Santo Daime, mas com minhas outras atividades sociais. Penso também que, isto posto, muitas dificuldades se transformaram em abertura positivas, pois está claro que não abrirei mão de uma fundamentação teórica consistente, mas também que não estou disposto a deixar que esta mesma fundamentação interrompa o viajante na sua narrativa.

2 – UM OBJETO EM MOVIMENTO

Neste capítulo descrevo a práxis daimista, mas, principalmente, construo uma teia capaz de estabelecer as conexões entre as diversas partes do trabalho espiritual realizado pela doutrina do Santo Daime. Alguns conceitos norteadores servirão para aclarar melhor minha própria posição nesse emaranhado, mas o trabalho de campo foi quem revelou as sutilezas e riquezas da performance daimista, que, tendo seu corpus estabelecido desde os últimos anos de vida do fundador da doutrina – Mestre Irineu –, vai se re-configurando, mantendo, modificando, incorporando, unificando, diversificando e restabelecendo sempre uma ordem que, por um lado, mantém a doutrina “viva” e de outro cumpre seu papel de elo com a tradição.

A primeira coisa a esclarecer é a noção de *trabalho*. Pordeus Jr. tratando sobre “a representação do trabalho na macumba” afirma que:

*“A categoria trabalho que estamos discutindo é melhor representada nos rituais designados anteriormente de ritos de controle que englobam as interdições e os fenômenos mágicos, ou em outras palavras, os tabus e as práticas mágicas, como é o caso dos despachos e de todos os demais rituais umbandistas nominados pelo Babá Ivo. Associam o trabalho à magia e ainda a serviços. A cura é trabalho, um serviço espiritual. Na própria linguagem das entidades, o termo trabalho é utilizado. O processo de socialização da possessão é trabalho. Tanto as oferendas quanto os despachos são trabalhos. As giras também são trabalhos”.*³³

Percebemos que na Umbanda tudo é trabalho e que esse conceito serve de amplo espaço que comporta particularidades e universalidades, o material e o espiritual, constituindo ainda um complexo não-lugar que varia de acordo com as exigências das entidades (espíritos, exus, orixás, caboclos) de um lado, e as necessidades do adepto de outro.

No Santo Daime o termo trabalho também é utilizado de formas várias e é palavra corrente na fala do adepto para se referir a um sem-número de práticas. O ritual

³³ PORDEUS JR, Ismael. A Magia do Trabalho: macumba cearense e festa de possessão. Fortaleza. SECULT. 1993. p 117/118/119.

propriamente dito é trabalho; uma passagem dentro do ritual é trabalho; o feitio é trabalho; o trabalho material é trabalho; o transe é trabalho; a concentração é trabalho; a cura é trabalho; o hinário é trabalho; o canto é trabalho; a prece é trabalho. Enfim, essas são todas variantes da mesma matriz que é onde tudo começa: o trabalho no plano astral. Os hinos a seguir dão uma mostra significativa dessa variedade de significados:

*“O General Juramidam
os seus trabalhos é no astral”*³⁴

*“Os meus trabalhos é no astral
Trago a verdade ela limpa em cristal”*³⁵

*“Os meus trabalhos são entregues
a estes seres divinos”*³⁶

O verbo trabalhar é conjugado de diversas formas, conforme a mensagem que o hino está transmitindo, mas todas remetem à obrigação do daimista à conclusão de tarefas que são imprescindíveis para o seu crescimento dentro da doutrina e para a plena realização espiritual. É um chamado constante que deve ser atendido sob pena de que o adepto não galgue os degraus correspondentes ao seu desenvolvimento.

*“Agora eu volto para o meu lugar
sigo em frente vamos trabalhar”*³⁷

*“Trabalhem, trabalhem
acompanhem este poder”*

*“Estamos todos trabalhando
perante este poder”*³⁸

*“Trabalhei, bem trabalhei
tenho muito que trabalhar”*³⁹

*“Trabalhem, Trabalhem
vamos aproveitar o tempo”*⁴⁰

*“Todos devem trabalhar
para todos se limpar”*⁴¹

*“E para entrar no salão celeste
é preciso trabalhar”*

³⁴ ANTONIO GOMES – O AMOR DIVINO – HINO 13

³⁵ MARIA MARQUES – O MENSAGEIRO – HINO 28

³⁶ ALFREDO GREGÓRIO – O CRUZEIRINHO – 128

³⁷ RAIMUNDO IRINEU SERRA – O CRUZEIRO – HINO 98

³⁸ GERMANO GUILHERME – SOIS BALIZA – HINO 20 e 32.

³⁹ ANTONIO GOMES – O AMOR DIVINO – HINO 33

⁴⁰ JOÃO PEDRO – MENINO JESUS – HINO 33

⁴¹ MARIA MARQUES – O MENSAGEIRO – HINO 45

*“Trabalhar com firmeza
para não ver o corpo sofrer”⁴²*

*“É para trabalhar
e não atrapalhar”⁴³*

O trabalho no Santo Daime é o objetivo do adepto, para ele o daimista se prepara, seguindo as orientações, recomendações e proibições exigidas para que o seu desenvolvimento individual e coletivo sejam melhor aproveitados. É também um veículo para atingir uma perfeição material e espiritual, é nele que se recebem as instruções, correções, “peias” que servirão para esse mesmo adiantamento. Esse percurso circular mantém o adepto sempre na vibração do trabalho, e quanto mais ele estiver ligado nesse circuito mais ele será considerado de dentro. A procura da perfeição na vida material implica e conduz a uma perfeição espiritual e vice-versa. Assim, se o trabalho ritual é de suma importância para o daimista, o trabalho exterior das práticas cotidianas também o é.

O trabalho é a oportunidade que o daimista tem de se redimir das falhas morais, éticas, cármicas, ao mesmo tempo em que está constantemente dando prova disso tudo. Não é uma simples compensação capaz de levar a uma restauração de uma ordem original, mas um exercício eterno em procura da perfeição, que ata cada indivíduo em torno das concepções estabelecidas e entre si criando uma rede de sentidos que o leva a se integrar no sistema como um todo.

É interessante essa categorização quando pensamos nas palavras dos daimistas mais antigos. Quando um adepto cai dentro do salão (desmaio ou um transe no qual ele esteja inerte) se costuma dar a seguinte recomendação: *“não toque no paciente que ele está em trabalho”*. Querendo dizer com isso que o Daime está se processando no organismo do indivíduo, curando, ensinando, agindo no ser mesmo da pessoa e que quando isso acontece é preciso que não se interrompa o processo.

O trabalho assume ainda características de uma batalha, na qual os adeptos formam um grande batalhão, comandados pelo dirigente da sessão, em nome do Mestre Império Juramidam – Raimundo Irineu Serra. Vestidos com a armadura da farda e empunhando na mão o maracá, considerado como a espada do daimista. Nessa concepção o trabalho reproduz uma luta entre o bem e o mal, onde o primeiro depende do trabalho de cada um para vencer o segundo.

⁴² SEBASTIÃO MOTA DE MELO – O JUSTICEIRO – HINOS 12 e 56.

⁴³ RAIMUNDO NONATO SOUZA – ACONTECEU – HINO 01

Nesse sentido a noção de Trabalho não pode ser desvinculada em momento algum de um eixo que pode assim ser traduzido: trabalho material (cotidiano) ⇒ trabalho material no salão (bailar, cantar, tocar) ⇒ trabalho espiritual (transe, miração, incorporação). Na compreensão do adepto então, tudo que acontece no salão depende em grande parte de como o daimista se apresenta nesse dia, pois aquele momento é o resumo da sua vida e como tal o trabalho realizado naquele período em que se desenvolve o ritual é um acerto individual bem como da responsabilidade de toda a corrente – pensada como o conjunto de adeptos sob o efeito da bebida sacramental –, pois que o trabalho depende dela para acontecer.

Creio que a descrição dos diversos tipos de trabalho possa ajudar na melhor compreensão de tudo que foi dito até agora.

2.1 – Os trabalhos

Há uma variedade considerável de tipos de trabalhos no Santo Daime, considerando a natureza ritualística desenvolvida dentro do salão propriamente dito. Alguns estudiosos já confundiram essa natureza de forma que às vezes trabalhos diferentes são colocados sob a mesma ótica ou o contrário. Tentarei aqui não fazer o mesmo e descrever cada trabalho de acordo com a sua história e com sua função dentro da doutrina do Santo Daime, lembrando que nem todas as igrejas realizam todos os trabalhos, eles acontecem principalmente na matriz, no Céu do Mapiá.

Em primeiro lugar, o Mestre Irineu, fundador da doutrina, depois de cinquenta anos de estudos com a bebida sagrada que ele mesmo batizou de Daime, deixou um corpus bem definido do que seriam os principais ritos da nova religião que surgia da confluência de muitos elementos. Durante esse período, muitas coisas foram se acomodando, modificando, para que, em 1971, ano do falecimento de Irineu, o trabalho estivesse estabelecido como hoje o conhecemos.

Mas esse corpo litúrgico, antes de chegar a esse ponto, atravessou muitas fases, como narram os primeiros seguidores do Mestre. De início, a doutrina possuía um pequeno número de adeptos e os hinos que a compunham não passavam de dez. Então, na falta de um local próprio para a realização dos trabalhos, o Mestre se reunia com seus primeiros discípulos na casa de algum deles e ali realizavam o trabalho. Mesmo depois de já possuírem a sede, continuaram ainda fazendo isso.

Dona Percília, contemporânea e zeladora do hinário do Mestre faz essa observação:

*“No tempo do Mestre, cada domingo tinha hinário na casa de um dos membros da comunidade. Começava na casa mais próxima da sede e ia circulando até terminar na sede de novo. Todo domingo, das duas às quatro. Era chamado o Hinário Rondante. Se não desse pra terminar o hinário num domingo, ficava pra semana seguinte”.*⁴⁴

Esse roteiro se assemelha bastante à prática católica da novena que geralmente reveza a casa onde se realiza, fazendo com frequência uma pequena peregrinação para levar e trazer a imagem do santo para o qual se está rezando de casa em casa. Não há

⁴⁴ SILVA, Percília Matos da. Revista do Centenário. Rio de Janeiro: Beija-Flor, 1992, p 8.

apontamentos sobre o assunto, mas creio poder relacionar esse fato com a herança levada do Nordeste por muitos dos seguidores de Irineu e por ele próprio.

Em um trabalho, podem ser encontradas normalmente, as seguintes funções:
DIRIGENTE DA SESSÃO: É o comandante geral do trabalho e designa aqueles que irão assumir as outras funções. Ao lado da sua cadeira, fica uma cadeira vazia, geralmente maior e enfeitada, que é destinada ao Mestre Irineu, como Mestre Império Joramidam e comandante real do trabalho do Santo Daime. Perto da sua passagem, ele teria transmitido uma instrução a seu Leôncio Gomes, pessoa que o substituiria, que ele não alterasse e nem mexesse no trabalho dele, que ele ia continuar comandando do astral. Ainda hoje todos os dirigentes de igreja continuam repetindo e seguindo a instrução.

COMANDANTE DA ALA MASCULINA E COMANDANTA DA ALA FEMININA: É responsável pelo comando dos fiscais e pela zeladoria do bom andamento do trabalho (nem todas as igrejas possuem essa função que é geralmente assumida pelo fiscal de salão).

FISCAIS DE SALÃO (MASCULINO E FEMININO): Organizam o salão, o bailado, cuidam das velas, da água e do atendimento aos doentes. Dependendo do movimento dentro do salão (quantidade de pessoas, duração, quantidade de doentes a serem atendidos) pode haver mais de um. Se postam ao lado da porta da igreja, no lado de dentro, o homem à direita e a mulher à esquerda.

FISCAIS DE TERREIRO (MASCULINO E FEMININO): São os zeladores desse espaço que é delimitado ao redor da igreja cuidando daqueles que estão em passagens difíceis no terreiro e cuidam das velas dos pontos que são abertos fora da igreja, principalmente o ponto do Cruzeiro. Quando o portão da igreja é distante e fora do círculo de visão do terreiro, é comum um fiscal específico para lá, que é responsável também pelo ponto do seu Tranca-Rua. Nas igrejas menores, geralmente o fiscal de terreiro assume também essa função. Vale salientar que podem ser abertos outros pontos conforme a natureza do trabalho ou orientação da direção. Num trabalho de Iemanjá, pode-se abrir um ponto específico, sob a responsabilidade da fiscal de terreiro feminina. Num trabalho muito forte, com presença de espíritos sofredores, a direção pode orientar a colocação de um ponto para as almas.

DESPACHANTES: Servem o Santo Daime. Geralmente são pessoas que conhecem bem o processo de feitura do chá, seus graus e também conhecem bem as pessoas da comunidade. Interessante notar que na maior parte das igrejas (salvo nos trabalhos específicos de mulheres) o despachante é sempre homem, tanto no lado masculino quanto no feminino.

MÚSICOS: Mais freqüentes no batalhão masculino, são aceitos instrumentos variados no trabalho do Santo Daime, sendo os mais comuns: violão, cavaquinho, sanfona, flauta, guitarra, baixo, tambor. Podem ser tocados quaisquer instrumentos desde que respeitada a harmonia com os outros e com o canto das puxadoras.

PUXADORAS: São responsáveis pelo estudo detalhado do canto para nos trabalhos “puxarem”, ou seja, cantarem a primeira estrofe do hino, definindo nesse momento a altura, o tom, o timbre, etc. Espera-se delas que também segurem o canto, pois os trabalhos podem demorar várias horas. Geralmente várias delas se revezam nessa função. Lembrando que o estudo e o canto são responsabilidades de todos os adeptos, pois como temos visto é importante à boa execução da parte musical.

Ao partir Mestre Irineu deixou regulamentados quatro tipos de trabalho: a Concentração; o Hinário; a Santa Missa; e o Trabalho de Cruzes.

A concentração é, por assim dizer, o trabalho ordinário da doutrina do Santo Daime. Realiza-se todo dia 15 e 30 de cada mês, independente de qual dia da semana seja. É, antes de qualquer coisa, o que o próprio nome indica, um trabalho para exercitar a concentração e a meditação. Nele canta-se somente uma pequena quantidade de hinos, sendo o restante do tempo destinado para o adepto se concentrar. Essas datas são seguidas por todas as igrejas, independente de filiação direta à matriz do Mestre ou a algum de seus discípulos e se configura como um momento onde se estabelece uma grande corrente pelo mundo todo.



Usa-se a farda azul, abre-se o trabalho com as preces seguintes: pelo sinal, sinal da cruz, três pai nossos e três ave-marias intercalados e a Chave de Harmonia; serve-se o Daime e entra-se em estado de concentração. Lê-se a Consagração do Aposento e depois o Decreto de Serviço do Mestre Irineu; ao fim de duas a três horas de concentração, cantam-se em pé, os últimos hinos do Mestre Irineu, seguidos das preces de encerramento, a saber: três pai nossos e três ave-marias intercalados, a Prece de Cáritas, a Salve Rainha e a Chave de Encerramento pronunciadas pelo dirigente do trabalho: *“Em nome de Deus Pai todo poderoso, da Virgem Soberana Mãe, de Jesus Cristo Redentor, do Patriarca São José e de todos os Seres divinos da corte celestial, com a ordem do nosso Mestre Império Juramidam está encerrado o nosso trabalho de hoje, meus irmãos e minhas irmãs. Louvado seja Deus nas alturas”*, ao que todos respondem: *“para que sempre seja louvada nossa Mãe, Maria Santíssima, sobre toda a humanidade, amém, Jesus, Maria e José”*; segue-se ainda o pelo sinal e o sinal da cruz.

Segundo os contemporâneos do Mestre Irineu, a concentração era, antes, um trabalho com menos hinos e um tempo maior para a meditação:

“Quando nós chegamos aqui, Padrinho Irineu tinha dez hinos. Maria Damião tinha três. Maria Franco tinha quatro (...). Na concentração, tinha macaxeira insossa, cantávamos aquele hino da refeição, etc. Quando terminava, tomava Daime de novo e concentrava. Passava a noite inteira concentrada, fazia pouco hinário”.⁴⁵

⁴⁵ SILVA, Cecília Gomes da. Revista do Centenário. Rio de Janeiro: Beija-Flor, 1992, p 23.

Em algumas falas é possível perceber também que a concentração era utilizada como espaço de cura. Dona Percília conta a seguinte história: “*Perto do dia 30 de junho de 1971 perguntei para ele: O senhor não gostaria de uma concentração para melhorar sua saúde?*”. Ainda hoje muitos se referem a “concentração de cura”.

Na concentração oficial das igrejas ligadas ao CEFLURIS foram introduzidos outros aspectos. Abre-se o trabalho com as preces, cantam-se hinos de despacho durante o tempo em que os participantes bebem o Daime; canta-se a Oração⁴⁶ do padrinho Sebastião; inicia-se a concentração propriamente dita e durante esta se cantam os hinos de concentração; ao final canta-se o Cruzeirinho do Mestre Irineu em pé (algumas igrejas às vezes bailam esses hinos). Nesse tipo de concentração também é comum se abrirem estudos de outros hinários, o que, segundo os contemporâneos do Mestre, foge um pouco ao trabalho deixado por ele. A concentração do Mestre também tem horário determinado para acabar, sempre antes da meia-noite, conforme depoimento de dona Gecila Teixeira Souza, contemporânea do Mestre que visitou o Ceará em 2007 e estranhou a quantidade de hinos cantados na concentração e em consequência o horário de término desse trabalho.

Os **Hinários** são os trabalhos de festejo. Usa-se a farda de gala, branca, com vários detalhes nas roupas, principalmente na das mulheres. Interessante notar aqui que as fardas passaram por um processo de evolução, começam a ser institucionalizadas a partir de 1936 e estabelecidas oficialmente perto da passagem do Mestre:

"As primeiras fardas eram umas túnicas de mescla, uns dólãs. Tinha um chapéu branco na cabeça. Eram duas fardas: fardamento oficial (túnica de mescla e calça branca) e fardamento azul (calça de mescla e túnica branca)".⁴⁷

Em 1957 o Mestre viajou ao Maranhão e fez todo o percurso bebendo Daime no navio. Na volta ele fazia mudanças no ritual e estabeleceria definitivamente a farda. A pesquisadora Sandra Goulart⁴⁸ aponta várias semelhanças entre a farda atual e as roupas usadas pelos brincantes da festa de São Gonçalo, no Maranhão. Na perspectiva do daimista, a farda é um componente fundamental e distintivo; se, assume determinadas

⁴⁶ Conjunto de hinos do padrinho Sebastião, aos quais posteriormente foram acrescentados mais dois, um do padrinho Alfredo Gregório e outro de sua irmã madrinha Nonata Sousa.

⁴⁷ CARIOCA, Jairo da Silva. Doutrina do Santo Daime - A Filosofia do Século. Disponível em <http://www.mestreirineu.org>. Acesso em outubro de 2007.

⁴⁸ GOULART, Sandra. As raízes culturais do Santo Daime. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia – USP, 1996.

características para quem vê, imprimindo aí sua função de linguagem esperando decodificação, aquele que a usa já a tem codificada como a sua armadura estabelecendo todo um conjunto de significados, pois a farda é sinônimo de armadura e como tal: protege, mantém firme, perfila, apruma, molda o corpo (e o espírito) produzindo um comportamento ritual específico que implica também num comportamento cotidiano, tornado hábito nas ações do adepto, agindo como “*performance legitimadora*”.⁴⁹



O fardamento é um rito de passagem dos mais importantes dentro do Santo Daime. Segundo muitos informantes, é quando se deixa de ser “passageiro e passa a ser tripulante”. Agora o adepto vai ter que remar junto com os outros e isso significa assumir uma série de obrigações materiais e espirituais, que assim podem ser resumidas:

- 1 – pagamento do dízimo (que nas igrejas do Santo Daime é recolhido geralmente como contribuição mensal);
- 2 – comparecer aos trabalhos oficiais da igreja com a farda completa.
- 3 – respeitar os símbolos da Doutrina;
- 4 – participar das atividades que envolvem o estudo do canto, os mutirões, feitos, etc.

Não é um momento específico. Cada pessoa de acordo com sua vontade e obedecendo aos critérios da igreja escolhe a data que quer se fardar. Deve ser durante um hinário de farda branca. Algumas igrejas estipulam um tempo mínimo de frequência para aceitar o fardamento, geralmente seis meses. Nesse tempo o neófito deve preparar

⁴⁹ CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Oeiras: Celta, 1999, p. 39.

a farda e comparecer aos diversos tipos de trabalho que existem para poder, ele mesmo, refletir sobre a condição que deseja assumir perante o grupo. É comum que pessoas freqüentem a igreja durante muito tempo sem se fardar, como também é comum encontrar pessoas que se fardam pouco tempo depois de conhecerem a doutrina. É um momento pessoal, de conhecimento de si próprio. Acontece também, muitas vezes, do neófito se fardar e depois “correr” (termo que os daimistas mais velhos usam para designar aqueles que abandonam a religião).

O fardamento, considerando seu aspecto de passagem, pressupõe um rito particular dentro do ritual do hinário. Num certo momento (geralmente no começo ou no final), o fardando vai até a mesa e nessa hora canta-se o hino 65 do padrinho Alfredo Gregório, chamado Graduação, e então o dirigente ou pessoa escolhida pelo fardando para ser seu padrinho coloca uma estrela de prata em seu peito, do lado direito se for casado e do esquerdo se for solteiro.

*“No ponto em que estou com meu Pai e minha Mãe
toda estrela que dou é uma Graduação
nesse caminho que vou uma grande devoção”*

Numa preleção o padrinho Paulo Roberto, da igreja Céu do Mar, no Rio de Janeiro, no trabalho de São João de 2007, faz esclarecimentos sobre o que é ser um fardado e quais suas obrigações:

“Nesse sentido assim é muito importante viver dentro da luz, ter as suas defesas, ter as suas proteções, saber lutar consigo mesmo, ter clareza, ter inteligência, pra poder discernir o bem do mal, o certo e o errado, poder sempre escolher o bem, escolher a luz, nas horas das dores, toda hora aparece, seguir o compromisso do Daime dentro da luz, dentro do amor de Deus.

Se fizer 10% do que está escrito nesse hinário aqui já dá pra. Muita coisa. É ter essa posição de entender o que o Mestre está falando e já cumprir alguma coisa, é um caminho que se faz da escuridão para a luz, se faz da ignorância para o conhecimento da verdade, na transformação da própria verdade, do egoísmo pra caridade, pra generosidade, se sai do orgulho e da vaidade pra poder chegar na humildade, na simplicidade, na pequenez, você sai da raiva pra poder chegar na mansidão, na calma, na paciência, tudo é um trajeto que leva séculos, isso não é só uma vida não, isso é só um capítulo da eternidade, essa vida agora é só uma página do livro da existência das nossas almas.

Então até isso o fardado passa a ter também, o sentido da vida dele, o sentido da existência dele, você saber o sentido da vida e você saber o sentido que ele te ataca, e como é que é, conforme é, pra onde é, já sabe o sentido então não se perde mais, já pegou sua direção.

O segundo compromisso é com a Igreja, é deixar de ser o passageiro para passar a ser da tripulação, o fardado é o soldado, uma pessoa que serve a Deus, serve a obra de iluminação cristã, tem sua posição, tem sua responsabilidade, recebeu sua estrela, cantou o hinário que fala que a estrela que não brilha não pode iluminar, então o compromisso é com o trabalho, a primeira coisa mesmo é saber segurar o trabalho.

Tem várias posturas dentro de um trabalho de Daime, tem desde a pessoa que vem doente mesmo que vem pra receber, mesmo passando mal, tem a postura do pessoal que fica só sugando a corrente, fica fazendo cera, pra economizar sua energia, tem um pessoal que dá tudo

mesmo, canta mesmo, dá o máximo de si, tem várias posturas dentro de um trabalho, então faz parte do compromisso você ter uma postura ativa, ser um aparelho que se a força chegar ali ela vai poder ser recebida e transmitida entende?

Isso precisa devoção, dedicação, lealdade, e esse sentido do dever de servir, vocês estão aqui para servir a Deus, vocês estão aqui servindo a Deus pra aprender com a palavra de Deus, pra perpetuar a Luz, perpetuar a presença Divina, pra perpetuar esta ligação do Céu com a Terra e da Terra com o Céu, perpetuar essa presença aqui dentro, dentro de cada um, esse é o nosso dever, você partilhar com o Fogo Sagrado, que existe aqui dentro e que ilumina cada um que chega aqui, então esse é que é o compromisso entende?

E é um dever de gratidão, você dar a chance de receber o seu próximo que está chegando, pra isso é preciso saber fazer, e sempre essa coisa de receber os novos é sempre uma luta, é sempre uma dificuldade, muitas vezes as pessoas chegam aqui e não se sentem bem tratadas, elas não se sentem localizadas, as pessoas chegam vem uma troca de lugar bota no outro, tem sempre um negócio assim que é feito sem certa delicadeza, até o fenômeno mediúnico tem sido tratado assim com certa brutalidade, quando acontece alguma coisa já vem a fiscal e dá em cima daquela pobre pessoa, nem sabe o que ela ta passando ali, nem conhece a mediunidade dela direito. A tolerância é importante aqui no trabalho de Daime, então pra se qualificar a ser fiscal precisa ter uma certa delicadeza, uma certa bondade.

*O Terceiro Compromisso é com a doutrina, é com a linha espiritual do Mestre Irineu, o que leram nesses Hinos hoje; “**saindo desta linha, não espere ser chamado**”. Isso é um toque do Mestre Irineu para todos nós, é muito importante entender isso, se não tiver na linha mesmo, não tem como conhecer, se ficar bebendo em poços rasos aqui e acolá, nunca vai saciar a sede, e também não é só encontrar não porque vocês não vão terminar o ciclo de busca, dizendo : “Quero me fardar”⁵⁰.*

A postura cobrada no trabalho é ao mesmo tempo de firmeza, devoção, ternura e amor, qualidades imprescindíveis em todos os níveis da vida do daimista para que ele seja um bom soldado do Mestre e o siga nessa batalha consciente de que suas atitudes pessoais, individuais dizem respeito também à Doutrina e ao grupo que seguem:

*“Quem não cumpre os mandamentos
Da Doutrina que segue
Não é um bom soldado
Para os trabalhos do Mestre*

*Para ser um bom soldado
Tem que ser obediente
Recebendo as ordens
Fazendo as diligências*

*Meus irmãos as diligências
Podem ser feitas em si mesmo
Vencendo os inimigos
Para se livrar dos erros”⁵¹.*

Portanto, o ato do fardamento é considerado uma “graduação”, uma divisa mesmo. O Mestre Irineu costumava ir graduando os fardados e acrescentando mais estrelas à farda, distinguindo postos como num quartel, mas antes de seu falecimento

⁵⁰ SOUSA, Paulo Roberto. Preleção. Disponível em www.ceudomar.com.br. Acesso em outubro de 2007.

⁵¹ VALDETE GREGÓRIO DE MELO. O LIVRINHO DO APOCALIPSE. HINO 24.

resolveu igualar a todos deixando apenas uma estrela na farda. A partir daí o novo fardado deixa a fila dos não-fardados e, conforme a sua situação (casado ou solteiro, rapaz ou moça) passa a ocupar um outro local dentro do salão.

Sobre a obrigatoriedade dos trabalhos o padrinho Wilson Carneiro de Sousa narrava a seguinte história:

*“Um dia eu disse a ele:
- Mestre, eu tenho tanto que fazer... É obrigado vir nos trabalhos?
- Não senhor. Eu exijo dos oficiais, que venham nos trabalhos oficiais.
- E quais são os trabalhos oficiais?
- Da Família Sagrada: Nossa Senhora da Conceição, a data de nascimento de Jesus Cristo, os Santos Reis; depois Semana Santa, Finados, o aniversário do seu Leôncio...
- O senhor falou de todos os trabalhos oficiais, mas não falou do aniversário do seu nascimento.
- Desse dia eu não sei nada...
Ai me veio à compreensão que o aniversário dele, não era ele que fazia. Eram os discípulos.”⁵²*

Ainda tinha o São João, que já era feito no tempo dele, e depois o CEFLURIS incluiu mais o São José (19/03), o Santo Antonio (13/06), o aniversário da madrinha Rita (25/06), o São Pedro (29/06), a passagem do Mestre (06/07), o Dia das Mães e o Dia dos Pais, o aniversário (07/10) e a passagem (20/01) do padrinho Sebastião, o Ano Novo e o aniversário do padrinho Alfredo (07/01) e mais recentemente foi incluído no calendário o aniversário do padrinho Manoel Corrente (29/09).

Como podemos ver houve um aumento considerável na quantidade de trabalhos oficiais que, na prática, só é cumprido realmente na matriz no Céu do Mapiá e em algumas igrejas maiores, tendo em vista que as igrejas urbanas têm dificuldade para conciliar as atividades cotidianas com o calendário extenso da doutrina. Lembrando ainda que cada igreja faz, geralmente, algum trabalho mais particular (como o aniversário da igreja, ou do patrono, ou do dirigente, etc).

Esses trabalhos são chamados de festa, comemorativos, são bailados a noite toda e cantam-se os principais hinários da doutrina nesses dias. Chegam a durar até doze horas. Creio que as observações de CONNERTON são importantes para pensarmos a constituição desses trabalhos:

“Todos os ritos são repetitivos e a repetição subentende automaticamente, a continuidade com o passado, mas existe uma

⁵² SOUZA, Wilson Carneiro de. Revista do Centenário. Rio de Janeiro. Beija-Flor, 1992, p. 36.

classe distintiva de ritos que têm um caráter calendarizado explicitamente virado para o passado. (...) Assim, em muitas culturas, os festivais são realizados como a comemoração de mitos que lhes estão associados e como a recordação de um acontecimento que se pensa ter ocorrido numa data histórica determinada, ou num qualquer passado mítico; existem cerimoniais recorrentes no calendário, como o dia de ano novo e os aniversários; as festas dos santos cristãos comemoram-se em certos dias do ano (...).⁵³

Nesses trabalhos rememoram-se não só a história, o sentido da data (São José, São João, Finados, Natal, Ano Novo, etc) extraindo-se a relação de cada adepto com isso e com cada festejo já vivenciado anteriormente, revivendo-se todos os mitos ligados à origem e constituição da Doutrina, como se recapitulam a história e o sentido trazido à tona pelo hinário que irá ser cantado: o do mestre Irineu, o do padrinho Sebastião, o do padrinho Alfredo, revivendo os ensinamentos neles contidos.

A Santa Missa é um trabalho formatado pelo Mestre Irineu, é realizada toda primeira segunda-feira de cada mês, nos hinários de passagem do Mestre Irineu e do padrinho Sebastião, quando do falecimento de algum membro da irmandade de corpo presente ou de sétimo dia. Destina-se às almas; abre-se o trabalho com o terço das almas, são cantados apenas dez hinos (seis do mestre Irineu, dois do Germano Guilherme, um do João Pereira e um do Joaquim Português), intercalados por três Pai-Nossos e três Ave-Marias e fecha-se com a Salve Rainha. Durante o oitavo hino, quatro membros dos que estão ao redor da mesa se levantam formando uma cruz cada um com uma vela acesa na mão. Os hinos são cantados compassadamente, em sinal de respeito pelos desencarnados.

O trabalho de Cruzes é feito muito raramente e em poucas igrejas. É realizado em três dias seguidos, sempre ao meio-dia e é um ritual de exorcismo realizado em benefício de um ou mais doentes específicos e com um número reduzido de participantes, que devem ser aparelhos mediúnicos aptos a formar uma corrente de cura positiva e forte para travar uma verdadeira batalha espiritual. Dura uma hora, é realizado todo em pé e, ao contrário da grande maioria dos trabalhos do Santo Daime, é um trabalho no qual canta-se apenas dois hinos. O restante do tempo é dedicado a

⁵³ CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Oeiras: Celta, 1999, p. 51.

leitura de um texto no qual são invocados todos os santos, os anjos e arcanjos pela destruição do mal e, ao mesmo tempo, pela salvação das almas. Boa parte desse texto é escrita em latim.

Bem, aí estão os trabalhos deixados pelo Mestre Irineu: Concentração, Hinários, Cruzes e Santa Missa.. No entanto, antes de seu falecimento ele já autorizara Wilson Carneiro de Souza a receber doentes em sua casa na Colônia 5000 no que viria a ser mais tarde o Pronto Socorro de Cura Raimundo Irineu Serra. Padrinho Wilson, como é chamado, desenvolveu um trabalho de cura chamado Linha de Arrochim, que hoje é realizado em vários outros Prontos Socorros espalhados por todo o país, constituindo-se como espaços reconhecidos para a cura.

O padrinho Sebastião Mota de Melo também tinha autorização para receber doentes e fazer Daime e em 1971 com a passagem do Mestre Irineu e os constantes desentendimentos dentro do grupo, ele resolveu inaugurar sua própria igreja contando para isso com o apoio da numerosa família e de muitos adeptos mais antigos que abandonaram a antiga sede no Alto Santo e acompanharam Sebastião, primeiro para a Colônia 5000, depois, para o Rio do Ouro e para o Mapiá.

O padrinho Sebastião, ele mesmo dono de um longo hinário, desenvolveu também um trabalho de cura, denominado Trabalho de Estrela, no qual são cantados hinos voltados para a cura e podem ser realizados atendimentos aos doentes através de pessoas para isso preparadas. Esse trabalho possui suas particularidades; nele são cobrados, com rigor, a abstinência sexual, alcoólica, etc, nos três dias que precedem e sucedem o dia do trabalho; toma-se uma dose maior de Daime para que sua ação possa ser mais forte; são escritos em um papel o nome de pessoas ausentes para as quais os participantes também estarão fazendo uma corrente de cura e no final queima-se esse papel; a mesa do trabalho deve ser composta sempre por um número ímpar 5, 7, 9 ou 11. Para a realização desses trabalhos, foi construído no Mapiá um espaço próprio que chama-se comumente Casa da Estrela, exemplo que foi seguido por alguns centros; os que não possuem esse espaço realizam o trabalho na igreja.

No começo da década de oitenta, o padrinho Alfredo começa a “receber” o Trabalho de São Miguel – Trabalho de Limpeza Espiritual e Cura. Esse trabalho começa a ser apresentado num momento muito delicado na vida desse grupo ainda na Colônia 5000. Esse é o momento da mudança da comunidade para a floresta (medo, dúvida, rebeldia, desobediência, questionamentos) e de muitas coisas acontecendo nos relacionamentos pessoais. Também começaram a acontecer com maior frequência

incorporações, transes prolongados e eventos mediúnicos de uma ordem tal que isso por si já explicaria o surgimento de um trabalho onde essas coisas pudessem se desenvolver mais abertamente. Conta-se mesmo que nesse período o padrinho Alfredo passou quase um mês “atuado” com São Miguel, bebendo Daime e realizando trabalhos diariamente.

É um trabalho de desobsessão que utiliza muitas preces e citações da Doutrina Kardecista, a saber: Prece para o começo da reunião; Prece para os médiuns; Prece para afastar os maus espíritos e Prece para o encerramento da reunião. É comum a incorporação nos seus diversos níveis. Dependendo do direcionamento que for dado ao trabalho, pode acontecer a atuação de espíritos sofredores à procura de luz e que devem ser doutrinados. No Céu do Mapiá somente o padrinho Alfredo abre esse trabalho. Durante o canto de determinados hinos, os ocupantes da mesa devem “se perfilar”, que consiste numa determinada postura na qual o daimista deve levantar a mão esquerda com os cinco dedos para cima e a direita levantando apenas os dedos indicador, médio e polegar, em atenção ao “Mestre Jesus Cristo e aos nossos guias espirituais, São Miguel, São João Batista, etc...”⁵⁴ Canta-se a “Oração” do padrinho Sebastião, os “Mensageiros” de São Miguel e os hinos de Cura.

Para o estudo desse trabalho, foi desenvolvido outro trabalho chamado “Mesa Branca de Cura e Estudos Esotéricos e Mediúnicos Professor Antonio Jorge”. Nesse trabalho, são abertos estudos de mediunidade, são realizadas leituras do Evangelho do Padrinho Sebastião, e, mesmo do Evangelho Espírita. Dependendo do conhecimento que tenham os participantes, podem acontecer manifestações de psicografia, irradiação, incorporação, etc, além de atendimento aos doentes, caso haja corpo mediúnico preparado para tal.

Segundo a instrução desse trabalho:

*“Dependendo da necessidade e dos objetivos gerados pelos estudos do momento, a presidência da mesa autoriza a continuação do trabalho. Então, poderá proceder a chamada de uma ou mais linhas de guias espirituais alinhadas aos princípios da Mesa Branca: Emmanuel; Orixás; Pretos Velhos; Caboclos; Povo da Rua; Herês; Linha do Oriente; Leitura de Textos; Estudo de Hinários; Outros”.*⁵⁵

⁵⁴ Conforme Caderno do Trabalho de São Miguel impresso em 2006, na Virgínia, nos Estados Unidos, de acordo com as instruções do padrinho Alfredo Gregório de Melo.

⁵⁵ Conforme caderno de Mesa Branca de Cura e Estudos Esotéricos e Mediúnicos Professor Antonio Jorge, atualizado pelo Padrinho Alfredo Gregório de Melo em outubro de 2000.

Como podemos perceber, se já há uma variedade significativa de trabalhos, em alguns desses é possível uma abertura ainda maior para eventos que naturalmente não ocorrem nos trabalhos de concentração e hinário. De acordo com a abertura para cada uma dessas linhas, são feitas chamadas específicas e cantados hinos que dizem respeito a elas. Também aí podem acontecer os atendimentos das entidades aos doentes.

Tanto o trabalho de São Miguel como o de Mesa Branca tem uma ligação muito forte com o kardecismo – pois o padrinho Sebastião e sua família já trabalhavam na Mesa Branca Espírita antes de conhecerem o Santo Daime e durante muito tempo o padrinho atendeu com os espíritos do Dr. Bezerra de Menezes e do Prof. Antonio Jorge –, havendo também muitos componentes oriundos da Umbanda.

Mas a ligação do Santo Daime com a Umbanda se efetiva realmente no Trabalho de Gira. Trabalho de terreiro realizado geralmente de madrugada, é um trabalho onde são chamadas as entidades dessa linha para atuação e doutrinação. Cantam-se hinos do caderno de UmbanDaime e os pontos dos Orixás, Caboclos, Pretos-Velhos e outros. Utilizam-se com maior intensidade os tambores e a dança varia de acordo com a entidade. Não se usa farda (recomenda-se o branco) e há um terreiro especial para esse trabalho. No Mapiá acontecem várias Giras, a de Oxossi, a de Iemanjá e outras entidades do panteão umbandista. Algumas igrejas do sudeste como o Reino do Sol, em São Paulo, também realizam Giras.

Em todos os trabalhos descritos aqui, com exceção dos hinários e das giras usa-se farda azul.

2.2 – O feitio

*“Vou colocar a minha mente
clara e bem limpinha
na boca da fornalha
para o meu Padrinho*

*Estamos esperando
Renascer na apuração
Do divino fornalheiro
Queimar no seu coração”*

(Hino 92 – Alex Polari de Alverga)

Esse é um dos momentos rituais mais representativos da doutrina do Santo Daime, pois aí é preparada a bebida sacramental que origina o culto e que é considerada, pelos adeptos, como remédio dos deuses. Também é um momento de reunião dos membros de determinada igreja que vão estar juntos o tempo todo em regime de cooperação mútua para que cada passo do feitio seja dado com firmeza e perfeição. Esses passos são encadeados uns aos outros de modo que exigem dedicação material e atenção extrema para o participante não se perder no meio do processo, que na sua simplicidade exhibe uma complexidade interna capaz de muitos desdobramentos no plano da memória. Uma alquimia se realiza.

Polari descreve assim um feitio:

“O Feitio é uma cerimônia carregada de grande simbolismo espiritual. É a maior prova e o testemunho mais eloqüente da idoneidade cultural e da pureza ritual da Doutrina do Santo Daime. É um rito que remonta às origens dos povos indígenas que ainda hoje habitam a Amazônia Ocidental. É a produção de um sacramento. (...) Nele, a busca da perfeição material conduz à realização da perfeição espiritual. A destreza, a inteligência, a memória e o domínio técnico sobre cada etapa do processo são capacidades essenciais em cada feitor. (...) Pelo fogo da fornalha são fundidas as moléculas da bebida sagrada. Da mesma forma, na fornalha do coração. Somos obrigados a crescer em amor e

arte, na procura da máxima perfeição possível, em tudo. Essa é a própria essência do rito iniciático do Feitio.”⁵⁶

Por isso todo feitio é uma oportunidade para o grupo trabalhar junto e firmar as relações de amizade e o sentimento de pertença à comunidade, pois a atividade de cada um depende da do outro. A harmonia do grupo é, pois, pilar de sustentação para que o resultado final seja alcançado. Podemos afirmar que o Daime que é produzido em um feitio é o reflexo de tudo que acontece no grupo antes, e principalmente, durante a sua realização, inaugurando também uma nova e posterior etapa de seguimento das instruções recebidas no feitio. Ainda nas palavras de POLARI “*Costuma-se dizer que, quando as enormes panelas vão para o fogo, todas as questões, todos os problemas estarão sendo cozinhados e apurados dentro delas, com vistas a serem transmutados e resolvidos*”.⁵⁷

Já aconteceram muitas transformações nos feitios pois a expansão da doutrina e, conseqüentemente, a escassez das plantas, foi fazendo com que os feitores passassem a utilizar o material cozinhado mais vezes para um melhor aproveitamento. Nas áreas mais urbanas da Amazônia, já não se encontra cipó e folha suficiente para atender à grande demanda e os mateiros têm que se embrenhar cada vez mais na floresta. Por outro lado, as igrejas mais urbanas têm se esforçado para vencer as dificuldades de plantio e cada vez mais assumem a responsabilidade de criarem seus próprios reinados (plantios do cipó jagube e da folha Rainha utilizados na fabricação do chá). Digo dificuldades, pois as plantas são nativas de um determinado tipo de solo e clima e não se adaptam bem em todo lugar.⁵⁸ Essa é, portanto, uma das etapas fundamentais para a escalada espiritual do daimista, ou seja, o conhecimento da doutrina que segue em sua plenitude. Trabalhar em um feitio é a oportunidade de participar de um processo artesanal que remonta à ancestralidade da doutrina, dos seus arquétipos, de seus

⁵⁶ ALVERGA, Alex Polari. O Guia da Floresta. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 160.

⁵⁷ Idem. P. 158.

⁵⁸ Esse foi, inclusive, um dos pontos de debate do Grupo Multidisciplinar de Trabalho – GMT-CONAD que no seu relatório final deliberou o seguinte:

“IV.III – Sustentabilidade da Produção da Ayahuasca

30. A cultura do uso religioso da Ayahuasca, por se tratar de fé baseada em bebida extraída de plantas nativas da Floresta Amazônica, pressupõe responsabilidade ambiental na extração das espécies. As entidades religiosas devem buscar a auto-sustentabilidade na produção da bebida, cultivando o seu próprio plantio”. O CONAD – Conselho Nacional Anti-Drogas é o órgão normativo do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD – e suas decisões “deverão ser cumpridas pelos órgãos e entidades da Administração Pública integrantes do Sistema” (arts. 3o, I, 4o, 4o, II e 7o, do Decreto no 3.696, de 21/12/2000).

fundadores, da comunhão mesmo com a divindade no momento em que esta se encarna na bebida.

*“Um ser divino
Transformado em líquido
Vem acordar
O nosso espírito”.*⁵⁹

Em um feitiço podemos encontrar várias funções, divididas entre o batalhão feminino e o batalhão masculino. Com exceção da limpeza das folhas, todas as outras atividades são eminentemente masculinas.

LIMPEZA DAS FOLHAS: Realizada geralmente pelas mulheres, é um momento importante do feitiço – adstrita ser a única tarefa feminina –; as folhas devem ser limpas manualmente, uma a uma, numa atividade de concentração e introspecção, onde são refletidas a condição de cada uma naquele momento e também a sua purificação. É comum que se cantem hinos durante a limpeza das folhas e que as mulheres aproveitem esse espaço para se conhecerem melhor. Geralmente é realizada na igreja ou em local apropriado longe do movimento masculino. As mulheres menstruadas não podem participar da limpeza das folhas, fazendo parte da equipe que toma de conta da alimentação e limpeza.



Limpeza das Folhas – Feitiço no Céu da Campina em Campina Grande – PB – 02/2004 – Arquivo do Autor.

⁵⁹ ODEMIR RAULINO. O DAIME SORRINDO. HINO 45.



Limpeza das folhas – Feitio na Terra da Luz em Cascavel – CE – 08/2003. Foto: Tarcísio Uchoa. Arquivo do autor.



Crianças limpando folhas em feitio no Trono das Estrelas em Boca do Acre – AC – 06/2006 – Arquivo do autor.

MATEIROS: São aqueles que conhecem melhor a mata e sabem onde procurar e reconhecer o cipó em meio à grande variedade que existe na Amazônia. Essa procura pode durar vários dias. Trazem o cipó para a casa de feitio cortando em pedaços de aproximadamente 30 cm para facilitar a bateção. Nas casas de feitio urbanas, não existe essa função, pois os plantios já são planejados de forma a facilitar a colheita e também porque grande parte do Daime que é consumido nessas igrejas é oriundo da Amazônia.

FEITOR: É o cozinheiro do Daime, por assim dizer. Deve conhecer bem as plantas (o cipó e a folha) para saber relacionar as quantidades envolvidas na montagem da panela

e, posteriormente, retirar os cozimentos nos tempos devidos e cozinhar os diversos tipos de graus de Daime. Muitos daimistas mais antigos afirmam que só se pode fazer Daime se tiver ligação com o Mestre Irineu. Sempre que uma panela de Daime vai sair do fogo, o Feitor bate com um gambito (pedaço de pau usado para verificação do volume dos cozimentos) na borda da panela. Faz isso três vezes (em honra ao sol, a lua e as estrelas) para avisar que deve se retirar uma panela.



Padrinho Alex Polari em feitio no Céu da Campina em fev/2004 – Campina Grande – PB – Foto: Tarcísio Uchôa. Arquivo do autor.



Feitores em junho/2006 – Céu do Mapiá – AM – Foto do autor. O feitor à direita, Paulo Alexandre Cardoso, faleceu em um acidente de barco poucos meses depois dessa foto.

Fazer o Daime, portanto, é um ato coletivo, mas que obedece a todo um sistema que remete ao próprio Mestre Irineu. Como um dos seus contemporâneos afirma: “*só faz Daime, quem tiver ligação com o Mestre, senão faz chá*”⁶⁰. Os feitores são formados somente ao cabo de longo tempo acompanhando, observando e estudando todos os mecanismos; exercitando a memória para não perder de vista um só instante tudo o que acontece dentro da casa de feitio, sob pena de por um momento de distração, queimar uma panela, perder um ponto, etc. É aí que mais se exige atenção do daimista, pois é o

⁶⁰ RAIMUNDO NONATO SOUZA. ENTREVISTA REALIZADA EM 2004.

momento que se está preparando o sacramento que vai ser consumido na igreja por vários meses. Feitores experientes são chamados para dar instrução aos adeptos mais novos nas igrejas que vão se abrindo pelo país e no exterior, repassando oral e performaticamente o conhecimento sobre o preparo.

A seguir, a montagem de uma panela como é feita pela maioria dos feitores:



1ª camada - cipó



2ª camada - folha



3ª camada - cipó



4ª camada - folha



5ª camada - cipó



6ª camada folha



Última camada - cipó



Término da montagem

São acrescentados ao material sessenta litros de água e retirados vinte litros de cozimento que depois são unidos a outros cozimentos. Quando se tem uma certa quantidade desses cozimentos, monta-se outra panela e coloca-se sessenta litros de cozimento (ao invés de água) e daí, finalmente se retira vinte litros de Daime. É um processo que exige muita concentração de um lado e muito preparo do corpo, de outro.

Esse feito realizou-se em julho de 2006, no Pronto Socorro Raimundo Irineu Serra, em Rio Branco e o feitor era o Padrinho Nonato Sousa, assistido pelos seus filhos (Renato, Robson e Raimundo). Foram produzidos mil litros de Daime, durante doze dias de feito, sempre em ritmo intenso de trabalho.

RASPADORES DE CIPÓ: são responsáveis por limpar e raspar o cipó que vai ser batido. É uma atividade que requer cuidado para não se raspar muito e extrair a substância do cipó que se concentra na casca.



Raspação em feito no Trono das Estrelas – Boca do Acre – AC – 06/2006 - Foto do autor.



Raspação em feito no Pronto Socorro Raimundo Irineu Serra – Rio Branco – AC – 07/2006. Foto do autor.

BATEDORES DE CIPÓ: são responsáveis por bater o cipó que vai ser usado no feitio. As bateções são divididas em turnos variáveis que vão de quatro a seis horas. Os batedores postam-se em frente aos tocos de bateção e empunhando marretas de aproximadamente dois quilos vão “batendo” o cipó até transformá-lo numa espécie de bagaço. Nessa, mais do que em qualquer outra atividade ligada ao Santo Daime, o esforço físico é muito grande, além do que todos os batedores obedecem a um ritmo estabelecido por um puxador de bateção e devem bater sempre no mesmo momento, criando a impressão de que estamos ouvindo apenas um som. O daimista acredita que naquele momento está purgando uma parte de seus pecados e à medida que se esforça fisicamente cumpre uma dupla jornada de fazer sofrer o corpo para a recompensa do espírito. Seguindo, portanto, o prescrito em um dos hinos do mestre Irineu que diz “*Havendo força de vontade / nada pra nós é custoso*”.

*“A atitude interior exigida na bateção é a de quem já prescutoou suas impurezas, esquadrinhou os vícios de sua mente, catou cada mau pensamento escondido em seu cérebro. Agora é a hora da firmeza e da perseverança, da renúncia e do sacrifício, para consagrar a transformação, para ultrapassar a parte mais difícil da jornada. Colocamos em cima do toco, para ser surrada, toda a nossa parte negativa sobre a qual meditamos e auto-analisamos durante a raspção. (...) A matéria foi sacrificada em prol de uma transmutação. E a quebra do ego foi realizada não de uma forma metafórica como em outras iniciações, mas por meio das marretas. Ao peso do seu impacto, desfibrou-se o nosso ser cipó, em cima do toco”.*⁶¹

A casa de feitio por ser o local destinado a cozinhar o Daime deve ser o mais higiênico possível. Sua construção obedece a uma série de exigências que vão desde a observação da entrada do vento para a fôrnalha até o arredondamento dos cantos para não juntar sujeira. Os tocos de bateção devem ser de madeira de lei para suportar o peso das batidas das marretas. Recomenda-se que a sala de bateção seja azulejada e nela não se entra calçado. As panelas obedecem também a um padrão; são usadas geralmente as de aço inox de 120 litros.

⁶¹ ALVERGA, Alex Polari. O Guia da Floresta. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 164.



Sala de bateção Pronto Socorro – Rio Branco - Ac – 07/2006 – Foto do autor.



Sala de bateção Trono das Estrelas – Boca do Acre – Ac – 06/2006 – Foto do autor.



Bateção no Céu da Campina – Campina Grande –PB – fev/2004. Foto: Tarcísio Uchoa. Arquivo do autor.



Bateção no Trono das Estrelas – Boca do Acre – AC – em junho/2006. Foto: Arquivo do autor.

PANELEIROS: Depois de macerado (batido) todo o cipó e de montadas as panelas, começa o trabalho de retirada dos cozimentos. De hora em hora (mais ou menos), sai uma panela que de ser retirada pelos paneleiros e levada até a calha para que escorra o Daime. Cada panela pesa em torno de cento e vinte a cento e cinquenta quilos e os movimentos de retirada devem ser sincronizados para não derrubar a panela.



Feitio no Pronto Socorro Raimundo Irineu Serra – Rio Branco – AC – 07/2006. Foto do autor.



Feitio no Pronto Socorro Raimundo Irineu Serra – Rio Branco – AC – 07/2006. Foto do autor.



Feitio no Céu da Campina – Campina Grande – PB em 02/2004. Arquivo do autor.



Feitio no Céu da Campina – Campina Grande – PB em 02/2004. Arquivo do autor.

No momento em que o Daime está escorrendo pela bica, costumam-se cantar hinos específicos de Feitio que geralmente falam dos componentes do Daime: o cipó, a folha, a água e o fogo.

*“Todo esse mistério
Dentro da panela está
Esse é um segredo
Que somente meu Pai dá*

*Essa é a ciência
Maior do que essa não há
Esse é que é o poder
E quem quiser que venha cá*

*O Mestre mandou eu dizer
Que é para todos escutar
Poder maior que o fogo
Eu duvido de que há*

*O Daime que eu mandei descer
É para todos observar
Que ele é folha, cipó e água
Mais o fogo que ali há*

*Toda maravilha
Que borbulha no cipó
É graças ao fogo
Lá do segundo andar*

*Dentro da fomalha
Há um reino subterrâneo
Pedi licença e fui entrando
Até dentro da Mãe Divina*

*A Ela eu agradeço
Toda essa lembrança
Seu carro vai passar de novo
E eu quero estar avante”⁶²*

FOGUISTAS: são responsáveis pelo acendimento e manutenção da fomalha sempre no nível exigido pelo feitor bem como por sua limpeza. Deve ter muita atenção, pois às vezes o feitor pede fogo mais alto ou mais baixo em alguma panela específica. Aí se queimam além de muitas calorias as falhas, as impurezas do adepto, que deve aproveitar cada momento para meditar na sua vida. O fogo tem um papel fundamental no Feitio, como numa forja sagrada aonde se cozinham o alimento dos deuses.

⁶² ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINO 67



Foguistas em feito no Céu do Mapiá – AM – em 06/2006. Foto do autor.

Por fim o Daime é resfriado e posteriormente enlitrado e conservado:



Padrinho Alex Polari em feito no Céu da Campina em fev/2004 – Campina Grande – PB – Foto: Tarcísio Uchôa. Arquivo do autor.

É comum se realizarem trabalhos – geralmente os de cura – na boca da fôrnalha, ocasião em que é permitida a presença das mulheres na casa de feitio.



Trabalho de Cura – Feitio no Céu da Campina – Campina Grande – PB – 02/2004. Foto: Tarcísio. Uchoa. Arquivo do autor



Trabalho de Cura – Feitio no Céu da Campina – Campina Grande – PB – 02/2004. Foto: Tarcísio Uchoa. Arquivo do autor.

Na foto abaixo o menino Athos Gabriel, neto do padrinho Nonato Sousa, representante da quarta geração de daimistas de sua família, dá seus primeiros passos no aprendizado para se tornar feitio de Daime, comprovando assim as afirmações dos daimistas mais antigos que o feitio é um dos espaços incontestes de manifestação do conhecimento e afirmando o Santo Daime como escola espiritual.



O interesse das crianças pelo feito é óbvio. Espaço privilegiado de acontecimentos diversos, elas vão se formando e aprendendo desde cedo o valor que o Santo Daime como sacramento, bebida ritual, possui; ao mesmo tempo em que vão incorporando conceitos a respeito das funções, da divisão do trabalho e, principalmente, da necessidade que é conhecer o processo de fabricação do Daime para compreender melhor a doutrina que ele permeia. As páginas a seguir, que fiz questão de fac-similar para dar melhor ênfase a mais essa propriedade do feito, foram retiradas do diário de uma menina de dez anos e servem para nos mostrar a força que essa ação possui no seio do grupo. Essa foi mais uma surpresa preparada pelo campo, pois este capítulo já estava encerrado quando encontrei por acaso as páginas do diário da minha filha, arrancadas e colocadas dentro de um livro. Espero que elas sirvam para ajudar na compreensão de tudo que estamos tratando e esclareçam um pouco mais sobre esse momento que é a produção não só do chá, mas também de uma série de performances que são responsáveis por uma parcela significativa da transmissão do conhecimento na doutrina do Santo Daime. Percebemos aí uma divisão de gênero diferentemente de uma divisão social do trabalho.



Diário pertencente à Lua Naama Custódio de Oliveira, da igreja Céu da Flor do Cajueiro, localizada em Cascavel – Ceará. Essa mesma menina já começou a receber hinos.

3 – OS HINOS E A CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE COMPREENSÃO DO COTIDIANO: a fundação, a consolidação e a expansão.

*“Agrada-me muito mais a
música de instrumentos e de vozes do
que mil banhos e orações”*

*(Expressão de Shiva contida
no Mahabharata)*

*“Ó justos, exultais em Iahveh,
aos retos convém o louvor.
Celebrai a Iahveh com harpa,
Tocai-lhe a lira de dez cordas;
Cantai-lhe um cântico novo,
Tocai-lhe com arte na hora da ovação!”*

(Salmo 33 – Hino à Providência - Davi)

*“Aqui estou dizendo
Aqui estou cantando
Eu digo para todos
E os hinos estão ensinando”*

(Hino 125 – O Cruzeiro – Mestre Irineu)

Irei analisar o conjunto de hinos que compõe o que os daimistas chamam de Terceiro Testamento por acreditarem que trazem contidos em si revelações tais como o Antigo e o Novo Testamento bíblicos. Assim como os anteriores, esse Terceiro Testamento vinculado aos hinos narra a saga do povo do Daime e apresenta seus códigos, mandamentos, leis, materiais e espirituais, recebidos pelos homens, mas inspirados por Deus para fazer cumprir seus desígnios e transmitir os ensinamentos divinos.

Quase todas as religiões possuem cânticos. Há mesmo uma relação intrínseca entre a música e as manifestações do sagrado. Para a cultura indiana o mantra que provém da sílaba OM é a própria essência da criação do universo, esse é o som original de todas as coisas e repetido continuamente em meditação é capaz de fazer a conexão do homem com a natureza. Afirma-se que a repetição dos nomes sagrados liga o homem ao sagrado e quase todas as deidades indianas são associadas a algum instrumento musical. Os chineses também acreditavam que a música encerrava algo de celeste e primordial. Um imperador chinês verificava se o seu reinado estava em ordem fiscalizando a altura das notas musicais entoadas em cada território. Se havia diferenças graves nessa altura então a ordem do reino estava ameaçada. As religiões de natureza no Brasil não podem ser separadas da música havendo

uma ordem entre os orixás e os tipos de toques que devem ser executados para que cada um seja invocado. Na Hélade, Apolo é o Deus da música que é ligada à capacidade de profetizar o futuro; a própria palavra música vem de “mousiké” ou arte das musas sendo Euterpe a sua musa correspondente, filha de Mnémossine e não é demais lembrar que Orfeu, mesmo sendo um dos deuses menos fortes, podia acalmar tempestades com sua lira. Para os gregos a música era um meio para alcançar a perfeição. A tradição cristã também encontra suas correspondências na música e pelo menos dois dos livros mais famosos do antigo testamento são referências direta a ela; os Cânticos de Salomão e os Salmos de Davi.

Mas algo aconteceu no percurso das religiões do ocidente. Segundo Terrin:

“Nesta “terra desolada” – para usar a expressão de Eliot –, também a música parece entregue a um destino de morte. A “música acabou”. A música está num estado de depauperamento e degradação como o ambiente. (...) O modernismo degradou os símbolos e aviltou a transcendência reduzindo o discurso religioso a discurso ético e atribuindo à música apenas uma função formal e vazia. A racionalidade, o âmbito razióide (ratioides Gebiet) – como o chamaria Musil – ama a música somente como sintaxe e como estrutura gramatical. Para ele a música é mero código e as notas musicais, alteração estrutural de movimentos em vista de um equilíbrio.”⁶³

A música, que antes estabelecia a experiência com os espaços do sagrado, vai aos poucos perdendo essa natureza original, sua ligação com o rito e com o mito e sua elaboração passam a depender mais dos cânones estabelecidos pelas leis de mercado e pela indústria cultural voltada para o consumo do que da própria subjetividade que ela encerra, mesmo que aparentemente elas expressem uma emotividade esta não preenche os vazios deixados pela modernidade e assume um caráter cada vez maior de aparato e sustentáculo do que acredito poder chamar de “espetáculo religioso”. A música religiosa (sagrada) se assimila cada vez mais à música profana e à poluição sonora geral em que se transformou a musicalidade moderna. Os mega-eventos religiosos são prova contumaz disso e a rapidez com que proliferam no mercado fonográfico os grupos musicais de rock-gospel, forró-gospel, sertanejo-gospel, etc., levam a crer que há uma certa discrepância na relação entre a música enquanto fenômeno de catalisação da experiência mística e a música enquanto fenômeno de massificação dessa mesma experiência.

⁶³ TERRIN, Aldo Natale. Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões. São Paulo: Paulus, 2004. p. 209.

O mana da música se perdeu junto com a capacidade de identificação do ser humano com o mito, considerado pela modernidade cada vez mais como falseamento da realidade. O papel do mito, segundo Alleau *“consiste em revelar modelos e em fornecer assim um significado ao Mundo e à existência humana. Por isso o seu papel na constituição do homem é imenso”*⁶⁴. E se mito e rito se articulam na construção da arquitetura do sagrado através daquilo que é extemporâneo e fora da esfera do comum, como o é a própria natureza do mana, então podemos afirmar que a modernidade, através da uniformização da máquina do consumo suga a capacidade do homem de enxergar (e criar) essas propriedades, pois que tudo é comum.

Nesse sentido a história da doutrina do Santo Daime parece ser uma busca desse elo perdido entre a natureza primogênita que a música possui e o estabelecimento de uma modalidade de “dizer” que implica fundamentalmente na construção de símbolos sagrados. O próprio caráter que é dado à música (recebida no contato do mundo material com o astral superior ou mundo espiritual) nessa religião remete à re-elaboração ou (re)significação do conjunto de elementos mitológicos e ritualísticos como procedimento fundante, constituidor e consolidador dos seus arquétipos.

Nas entrevistas realizadas, ao indagar sobre o que é receber um hino encontrei as seguintes respostas, que, a meu ver, apontam para uma caracterização do hino no campo do sagrado. Isso legitima a palavra, posto que se não é obra do ego é mais facilmente compreendido e aceito pelos adeptos de um modo geral.

“É quando o aparelho mediúnico não interfere na percepção do hino que vem totalmente do plano astral para o material sem ajuda racional. É mais fácil explicar por exclusão. Não é uma composição de autoria do aparelho. Ele simplesmente está sintonizado e colhe o hino no astral” (K. C)

“Que não foi obra do ego e sim de uma consciência coletiva, de uma manifestação que vai além da persona e manifesta o incognoscível” (N. D)

“Este é um fenômeno de psicofonia e psicografia, comum a doutrinas espíritas. O hino é recebido “pronto” (de vez ou em partes) pelo

⁶⁴ ALLEAU, René. A Ciência dos símbolos. Contribuição ao estudo dos princípios e dos métodos da simbólica geral. Lisboa: Edições 70, 2001, p 59.

aparelho receptor. Acredita-se que são os Seres Divinos que enviam essas mensagens musicadas, Espíritos Superiores ou o próprio Mestre nos falando” (J. B)

“Significa dizer que o hino surge como que "Psicografado" . Pode vir juntamente com a melodia, ou esta vir antes (mais raro, creio), e pode também surgir inicialmente como texto ou poema” (J. W)

“Significa que não foi inventado pelo ego de seu autor, mas sim criado pelo seu Eu Superior e inspirado por entidades elevadas” (M. B)

Rehen examinando a questão do recebimento dos hinos esclarece que:

“A resposta mais freqüente e imediata sobre as diferenças que distinguem os hinos de outras manifestações musicais é o fato dos primeiros serem descritos como “recebidos” espiritualmente. O que isso significa? De acordo com o discurso nativo, receber um hino é absolutamente diferente de compor uma música, isso porque em uma composição, ainda que possa existir o fator da “inspiração” ou até mesmo da “intuição”, o compositor é sujeito do processo de autoria, estando apto a experimentar, alterar e influenciar a música em todas as suas dimensões: rítmica, harmônica, melódica e poética; sentindo-se de alguma forma o seu proprietário, aquele que “faz”, “cria” e/ou “inventa”. Já para os adeptos do Santo Daime as canções seriam dádivas de seres sobrenaturais que as oferecem para os adeptos – neste caso chamados de “aparelhos” – que apenas as “recebem” para então cantar em conjunto com outros membros do grupo. Como vimos no capítulo 2, Gustavo Pacheco (1999) chamou o processo do recebimento dos hinos do Santo Daime de clariaudiência ou psico-musico-grafia propondo uma variação terminológica para os fenômenos espíritas da clarividência e da psicografia”.⁶⁵

⁶⁵ REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. Recebido e ofertado: A natureza dos hinos na religião do Santo Daime. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UERJ, 2007, p. 104.

Os hinos são a base da Doutrina do Santo Daime. Sua fundação, por assim dizer, remete ao momento em que o Mestre Irineu, ainda em meados da década de dez do século passado, começa a receber os primeiros cantos que iriam fundamentar material e espiritualmente a nova religião.

Nesse momento se dá o encontro mítico entre ele e a Rainha da Floresta, representação de Nossa Senhora da Conceição que de cima da lua nova começa a lhe entregar o conhecimento dos segredos contidos na bebida que ele próprio designará como Daime (num ato rogativo: dai-me amor, dai-me fé, dai-me luz). Em outras aparições, essa deusa universal, como identificou Irineu, lhe ordenará a criação da Doutrina e lhe instruirá no recebimento dos cantos para que através deles se estabeleça o contato entre o mundo material e o mundo espiritual.

Nos primeiros anos de existência da Doutrina, esses cantos não passavam de dez, três do Mestre Irineu e mais sete de três dos seus primeiros seguidores e, após a ingestão da bebida, eram cantados repetidamente por várias horas seguidas até que se atingisse o ponto sensível da *miração*, entendida aqui como êxtase religioso, como o momento mágico em que a divindade se apresenta àquele que busca o conhecimento do sagrado.

Essa repetição que já foi apontada anteriormente no caso indígena, é importante para pensar o ritual do Santo Daime. Ela assume duas funções bem claras: a primeira é a de indutor do transe. Mesmo hoje quando já existe uma quantidade de hinos muito maior, ainda é a repetição que conduz esse processo. A própria constituição do hino e sua inserção no ritual é um indício disso, pois, em geral, cada estrofe é repetida uma vez ou mais e alguns hinos são repetidos uma, duas, até três vezes e, por fim, o fato de que no ritual daimista são cantados vários hinos que se entrelaçam e se completam, como num “crescendo” que vai conduzindo o adepto pouco a pouco ao transe.

Rouget em trabalho sobre as relações entre a música e o transe aponta que:

“Au terme de ces remarques sur le rythme dans la musique de possession, deux observations sont à faire. La première est qu’à l’inverse de ce qui a été constaté de l’instrumentation, laquelle n’offre, a-t-on vu, aucune particularité, la rythmique de cette musique présente deux caractéristiques fréquentes: d’une part des brissures de rythme, de l’autre um acelerando crescendo qui s’observe si souvent qu’on pourrait presque y voir um universel de la musique de possession. La seconde observation est qu’à l’inverse, cette fois encore, de l’instrumentation qui n’a été considérée qu’em elle-même, ou, si l’on préfère, qu’au niveau acoustique, la rythmique

a dû être vue sous le doublé aspect de ce qu'elle est en elle-même, c'est-à-dire en tant que message reçu par la personne em transe ou s'apprêtant à y entrer, et de ce qu'elle est en tant que danse exécutée par celle-ci autrement dit en tant que modalité de sa perception. Car danser une musique c'est bien en effet la percevoir d'une manière particulière. C'est en quelque sorte la réactiver pour son propre compte. C'est réémettre le message sous forme de mouvement et non seulement le recevoir. On voudrait pouvoir dire que c'est << l'agir >> et non seulement le subir. C'est en tout cas substituer à une relation totalement ou en partie passive avec la musique une relation ouvertement active. (...)"⁶⁶

O ritual daimista possui essa característica de ser uma celebração ativa, dada à diversidade de seus aspectos, pois possui ritos de concentração – onde o transe é induzido somente pelo canto e pela meditação – e ritos de festa – onde o transe é induzido pelo canto e pela dança. Difere do xamanismo tradicional indígena (onde o pajé assume a função do ver, do ouvir, do interpretar o mundo do simbólico) e do curandeiro amazônico em geral (a quem também se reserva o conhecimento dos símbolos). O ritual daimista é dinâmico em sua essência e quanto mais participativo, quanto mais todos os presentes estiverem em sintonia com o canto e com a dança, mais as forças invocadas se farão presentes e mais o transe se efetivará. O transe coletivo, mais difícil de ser alcançado, depende justamente e em certa medida do afinamento do adepto com o ritual. Quanto mais estudam os cantos, mais a sua execução se aperfeiçoa; quanto mais são ultrapassadas as barreiras e limites do conhecimento objetivo, criam-se as condições para que as manifestações do sagrado aconteçam e todos os participantes a percebam como tal. Cada “aparelho receptor” – para indicar aqui a capacidade mediúnica do adepto – em harmonia com o conjunto prepara o ambiente para que as entidades

⁶⁶ ROUGET, Gilbert. La musique et la transe: esquisse d'une théorie générale des relations de la musique et de la possession. Paris: Gallimard, 1980, pp 139/140. (A partir dessas observações sobre o ritmo na música de possessão, duas observações são feitas. A primeira é que – inversamente ao que é constatado na instrumentação, o que não oferece nenhuma particularidade – o ritmo dessa música apresenta duas características freqüentes: de um lado as quebras de ritmo, de um outro, um acelerando crescendo que se observa tão freqüentemente que se poderia quase vê-lo como um universal da música de possessão. A segunda observação, dessa vez ao contrário da instrumentação considerada em si mesma, ou se preferirmos no seu nível acústico, o ritmo deve ser visto sob o duplo aspecto do que ele em si mesmo pode nos dizer, tanto quanto mensagem recebida pelo indivíduo em transe ou que se prepara para entrar nele. O ritmo é executado no transe da dança como uma modalidade de percepção. Pois dançar uma música é efetivamente percebê-la de uma maneira particular. É, portanto, recriá-la por sua própria conta. É, ainda, remeter a mensagem sob a forma de movimento e não somente recebê-la. Podemos dizer que é “agir” e não somente submeter-se. É, enfim, substituir uma relação totalmente ou em parte passiva com a música em uma relação abertamente ativa).

e guias possam incorporar ou para que simplesmente o adepto possa receber as informações contidas nos hinos.

Podemos perceber também que a mediunidade do adepto é muito importante para estabelecer as relações entre o mundo ordinário e o mundo extraordinário, compreendendo-os aqui como plano material e espiritual e também que o próprio grau de envolvimento do daimista com a religião interfere positiva ou negativamente nessa relação. Os próprios hinos confirmam isso

*“Os espíritos estão chegando
Pela linha devagar
Se preparem aparelhos
Para ouvir e ensinar”*⁶⁷

*“Agora mesmo no momento estou falando
Com altos Seres da Corte Celestial
Que leva em conta todos planetas celestes
E aqui na Terra considero tudo igual”*

*“Estudemos bem a carne
Para ver o que é que tem
Nela está o Espírito
Vamos estudar também”*⁶⁸

Como é sempre presente a idéia de que todos dentro do salão estão aptos a “ver e ouvir” – pois que todos beberam o Daime – reinando assim uma igualdade entre os adeptos, o nível que o ritual pode desenvolver depende numa certa medida de como a corrente entre os participantes está estruturada. Assim é possível pensar que aqueles que possuem uma mediunidade maior que a dos outros puxem o ritual para cima, podendo individualmente entrar em transe, ou conduzir o grupo a um estado de transe. Segundo ROUGET *“On voit que l’efficacité de la musique varie avec l’âge, plus ou moins vulnérable suivent son âge, son expérience et sa place dans la hiérarchie du culte.”*⁶⁹

Mas é importante lembrar que independente da posição do adepto no ritual o transe individual pode acontecer em qualquer parte do culto, independente do dirigente ou de qualquer hierarquia que submeta ou ordene a maneira pela qual isso pode ocorrer. É verdade que o contrário pode acontecer também e um comandante de trabalho experiente e mediunicamente preparado pode conduzir um ritual de acordo com aquilo que dele se espera:

⁶⁷ ALEX POLARI D EALVERGA – NOVA ANUNCIAÇÃO – HINO 66.

⁶⁸ ALFREDO GREGÓRIO D EMELO – O CRUZEIRINHO – HINO 107 e 148.

⁶⁹ ROUGET, Gilbert. La musique et la transe: esquisse d’une théorie générale des relations de la musique et de la possession. Paris: Gallimard, 1980, p. 115. (Observa-se que a eficácia da música varia com o perfil do adepto mais ou menos vulnerável segundo sua idade, sua experiência e seu lugar na hierarquia do culto).

uma corrente de cura, um trabalho de incorporação, uma sessão de limpeza, um chamado de guias, etc.

A segunda função dessa repetição é o estabelecimento da continuidade oral e o reforço da memória. Isso explica logo em primeira mão o fato de que muitos adeptos mesmo sem saber ler ou escrever vão para a igreja e cantam hinários completos de cor.

Fróes explica que:

“O hino é a concretização da música inspirada pelo Santo Daime, possuindo letra e melodia. São versos rimados principalmente o segundo com o quarto verso de cada estrofe e cada frase melódica corresponde a um verso da estrofe. (...) Ao serem cantados, os versos são repetidos duas vezes como que para facilitar a sua memorização. Esse fato pode estar relacionado com a origem indígena do ritual, uma vez que as “cantigas da ayahuasca” dos índios possuem essa característica repetitiva (mantras), criando o clima psicológico favorável para a comunicação com o astral.”⁷⁰

Algumas dessas pessoas (analfabetos) possuem hinários, como é o caso da dona Maria Brilhante. Eu a conheci quando da realização da última parte da pesquisa de campo no Céu do Mapiá, seu hinário “Estrela Brilhante” é um dos mais extensos da doutrina daimista com duzentos e nove hinos até o dia da nossa entrevista: *“canto meu hinário todo do primeiro ao último sem precisar de caderno.”⁷¹* O caderno é um livro que contém as letras dos hinos e cuja utilização é mais comum nos centros urbanos. Aqui devemos levar em consideração que no Céu do Mapiá, a doutrina é vivida intensamente vinte e quatro horas por dia e na escolinha Cruzeiro do Céu os hinos são ensinados no mesmo tempo em que ensinam. São utilizados para dar as lições que vão formando a conduta das crianças no mesmo tempo em que preparam os(as) cantores(as) e músicos que no futuro estarão no comando dos trabalhos. Trataremos da relação entre a memória e a transmissão e manutenção dos conhecimentos em capítulo oportuno. Por hora lembro que essa característica oral da doutrina do Santo Daime é sentida em todas as partes do mundo, e mais intensamente na sede da igreja no Céu do Mapiá.

Os hinos do Santo Daime possuem pelo menos duas categorias, uma que chamarei de *sentido cotidiano* e outra que denominarei de *sentido ritual*. É mister perceber essa diferença

⁷⁰ FERNANDES, Vera Fróes. História do Povo Juramidam: introdução à cultura do Santo Daime. Manaus: SUFRAMA, 1986, p. 98.

⁷¹ ENTREVISTA REALIZADA PELO AUTOR NO DIA 9 DE JULHO DE 2006, NO CÉU DO MAPIÁ.

porque no primeiro sentido ele remete a um determinado tipo de conhecimento que não é o mesmo, ou pelo menos não possui a mesma força do conhecimento transmitido em decorrência da ingestão da bebida, dentro do ritual.

Para Maria Cristina Peláez

“Durante a experiência ritual, devido às modificações neurofisiológicas, haveria um redimensionamento da música, adquirindo os hinos outras características, somente perceptíveis nos estados incomuns de consciência. Ao dizer de Gebhart-Sayer: “Las canciones se escuchan, se ven, se huelen y se cantan simultáneamente por todos los involucrados” (Gebhart-Sayer, 1986). Nesses estados, os hinos transmitem conteúdos que transcendem suas letras e melodias, não sendo percebidos unicamente pelo ouvido, mas vivenciados em plenitude como sentimentos, emoções e sensações.”⁷²

Bem, aqui então se inicia uma tentativa de compreensão do hino como canalizador e transmissor de determinados elementos que se constituem, por um lado, como a essência de uma religiosidade e por outro como o próprio termo de elaboração permanente dessa mesma religiosidade.

Esse conjunto de hinos, que de aproximadamente dez em 1920 a um número incalculável hoje, pouco mais de oitenta anos depois, pode ser observado sob vários prismas distintos: do histórico ao sócio-antropológico; do lingüístico ao literário; do ético-moral ao apologético; em estudo comparativo com outros hinos de outras religiões ou em consonância com os estudos da teologia ou da ciência da religião.

Creio que minha primeira tarefa é uma arqueologia e uma arqueologia é sempre um retorno ao começo.

No caso dos hinos existem dois começos.

O primeiro remete à utilização da ayahuasca pelos povos ameríndios que milenarmente utilizam as plantas de poder para se comunicar com os espíritos e para procurar respostas para as questões materiais no plano espiritual. Estas plantas são conhecidas por estes povos como “*plantas mestras*” ou “*plantas professoras*”, porque, obviamente, são agentes sociais reconhecidamente eficazes no processo de transmissão do conhecimento, pois a elas o grupo recorre desde tempos imemoriais para responder, afirmar ou negar determinadas

⁷² PELÁEZ, Maria Cristina. No mundo se cura tudo: Interpretações sobre a “Cura Espiritual” no Santo Daime. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – UFSC, 1994, p 39.

situações extremas da vida cotidiana, seja um caso de doença ou uma decisão coletiva que necessita da anuência dos deuses.

Esses povos também se comunicavam e seus descendentes ainda se comunicam com o mundo dos espíritos através de cânticos e estes se revelam como mediadores dessa comunicação, variando caso a caso, na medida da necessidade do xamã em apresentar a solução para um problema coletivo ou a cura para a doença de algum membro do grupo; utilizados assim, nos momentos de tensão, bem como para manter viva e acesa a chama dos conhecimentos dos antepassados e legitimar assim comportamentos do presente e estabelecer a ordem das relações sociais, permeando não só o espaço do religioso, mas todas as outras instâncias da vida social não esquecendo que entre esses grupos não há limite claro entre estas instâncias e todas se entrecruzam e interdependem umas das outras.

“Durante as cerimônias com o yagé o canto tem um papel crucial, este é o meio de orquestrar e estruturar visões culturalmente específicas, para cada um dos participantes da sessão.

O canto expressa a conversa entre os seres do outro mundo e o xamã. Como vimos anteriormente, as palavras do canto são consideradas afirmações verdadeiras a respeito da outra realidade, uma vez que acredita-se que o xamã adquire outro corpo na realidade através do qual pode interagir com os seres que lá habitam”⁷³.

A recuperação desta tradição é importante na medida em que estes são os povos que originalmente consomem ayahuasca até os dias de hoje e estes mesmos cantos os mantêm ligados entre si. Algumas das etnias que utilizam o chá na Amazônia brasileira e com os quais tive contato em Rio Branco repetem os cânticos dos seus antepassados (a maior parte nos dialetos nativos) até hoje, bem como, apresentam novos cânticos, alguns em dialeto e muitos em português, dado o contato dessas tribos com outros grupos sociais. Em Rio Branco participei de um ritual de cura realizado na Comissão Pró-Índio e tive oportunidade de conhecer pajés de etnias diversas como os Ashaninka, os Chaninawa, os Kaxinawá, os Huni kui, entre outros.

⁷³ LUZ, Pedro. O uso ameríndio do caapi. In LABATE, Beatriz Cayubi & ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 48.



Bane dos Kaxinawá entoia um canto enquanto Isaka faz uma aplicação de rapé em trabalho de cura realizado na Comissão Pró-Índio, Rio Branco, Acre, em julho/2006. Arquivo do autor.

O ritual foi conduzido pelo pajé Bané, dos Kaxinawá e durante a cerimônia “bebemos cipó” e “tomamos rapé” noite adentro ao som desses cânticos. Sua força é enorme, e, mesmo os entoados em dialeto nativo nos levavam à modificação do nosso estado de consciência e nos remetiam a uma conexão com a floresta a nossa volta e todo o conhecimento que nela habita, era como se entendêssemos cada palavra pronunciada por eles. Os refrões possuem uma importância muito grande para a explicação desse fato. Keifenheim, referindo-se aos Kaxinawá do lado peruano afirma: *“Tais procedimentos estilísticos de repetição insistente acabam por criar continuidades sonoras que, literalmente, dão o tom, fazendo passar para um segundo plano o significado textual, que aliás já é ausente per se no caso dos versos em língua Yaminawa.”*⁷⁴. Coletei vários desses cânticos em dialeto nativo e outros tantos em português, alguns falando inclusive do Daime e do Mestre Irineu, realizando assim, a meu ver, uma conexão entre a matriz nativa da ayahuasca e seus desdobramentos posteriores.

Do contato do homem branco com esses povos foi inventada outra tradição: a do vegetalista, caboclo amazônico, em grande parte descendente de nordestinos (os da parte brasileira pelo menos), seringueiro por excelência quando a seringa sustentava o mercado

⁷⁴ KEIFENHEIM, Bárbara. Nixi Pae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios kaxinawá no leste do Peru. In LABATE, Beatriz Cayubi & ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 118.

internacional do látex que no contato com os povos da floresta penetrou nos mistérios das “plantas professoras” e iniciou-se na cultura xamânica incorporando elementos das rezas, benditos e invocações cristãs, ou aspectos dos rituais de magia branca ou negra e outras tradições esotéricas aos traços locais, principalmente o uso da ayahuasca, do rapé e de outras ervas utilizadas em rituais de cura. O xamã, ele próprio é, muitas vezes, o indivíduo que passou por um processo de iniciação para se curar de alguma doença e que dentro do desenrolar dessa experiência adquiriu os conhecimentos necessários dos mundos animal, mineral e vegetal e que a partir daí se destaca dos membros de sua comunidade como possuidor de determinados poderes e saberes para penetrar no mundo espiritual e trabalhar como agente divinatório e curativo.

Jaques Mabit, médico francês especialista em naturoterapia e patologia tropical, descrevendo as sessões que participou com curandeiros na Amazônia peruana, afirma que estes se utilizam dos *icaros*, (cânticos rituais) para conduzir as suas reuniões e mediar os efeitos da bebida dentro do ritual aumentando ou diminuindo a força das sensações obtidas dentro da viagem: “*É essencial aqui o uso dos icaros, pois constituem o nó da prática terapêutica*”⁷⁵.

Luis Eduardo Luna, professor da Escola Superior de Economia Sueca de Helsinki referindo-se ao *icaro* afirma:

*“A dimensão sonora parece ter uma especial importância: cada objeto do mundo natural teria uma peculiar vibração que é apreendida como um canto ou icaro, e que de alguma maneira seria sua mais pura essência. Alguns destes cantos facilitam a navegação por espaços espirituais, são os agentes mediante os quais se chamam os espíritos, ou através dos quais o xamã se transforma.”*⁷⁶

É claro que os cantos rituais representam o fio condutor entre a dimensão real e a dimensão espiritual e pode ser traduzido como um catalisador das percepções e impressões dos pacientes bem como uma ferramenta fundamental para que o xamã-curandeiro não se perca no vastíssimo universo dos símbolos que são fornecidos pelas visões obtidas.

⁷⁵ MABIT, Jacques. Produção visionária da ayahuasca no contexto curandereiro da Alta Amazônia Peruana. In LABATE, Beatriz Cayubi & ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 150.

⁷⁶ LUNA, Luis Eduardo. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In LABATE, Beatriz Cayubi & ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 193.

Penso que aqui na fronteira entre as tradições indígenas e vegetalistas e a passagem desse termo de elaboração para a constituição do Santo Daime se aplica à distinção esboçada por Isambert⁷⁷ :

<i>Magie</i>		<i>Religion</i>
←		→
<i>Immanence</i>	/	<i>Transcendance</i>
<i>Manipulation</i>	/	<i>Propitiation</i>
<i>Prive</i>	/	<i>Public</i>

Esse será o segundo começo desta arqueologia. O momento em que Raimundo Irineu Serra, Mestre Irineu como é conhecido por seus seguidores, conhece a ayahuasca e inicia a criação do sistema religioso denominado como Santo Daime. Assim os ritos deixados pelo Mestre Irineu funcionam como mantenedores e/ou restauradores de outro tempo (histórico e mitológico), pois reafirmam através da repetição ritualística e performática os ensinamentos deixados por ele. Esta é a procura de todo daimista dentro da miração, encontrar com o Mestre, o que significa encontrar o “Eu Sou”.

Conforme esclarece Goulart:

“É esse tipo de procedimento que está em jogo quando os daimistas se referem ao momento em que Irineu Serra conheceu a bebida posteriormente denominada Santo Daime. Com efeito, essa história serve de modelo para estes religiosos. Ela é paradigmática. Dela, eles retiram as bases de sua doutrina. É uma “história sagrada”, narrando um tempo inicial, quando aquele que ainda não havia se tornado mestre tem os primeiros contatos com a entidade espiritual que iria instruí-lo nos caminhos da vida mística. São tais contatos que vão fazer de Irineu Serra o “escolhido” para a inauguração de um novo culto em torno da ayahuasca. Na verdade, é mais do que um novo culto, pois é a emergência do culto “legítimo”, “verdadeiro”. Trata-se do mito da transformação do “cipó”⁴ em “Santo Daime”, da fundação de uma realidade totalmente original, “nunca vista antes”; do relato da criação de um ritual religioso.”⁷⁸

⁷⁷ ISAMBERT, François. Rite et efficacité symbolique. Paris: Lês Éditions du CERF, 1979, p. 44.

⁷⁸ GOULART, Sandra Lúcia. A história do encontro do Mestre Irineu com a ayahuasca: mitos fundadores da religião do Santo Daime. São Paulo: Site do NEIP. 2007. P 3.

Esta narrativa pode ser considerada como parte da tradição oral que permeia toda a vida do Mestre Irineu e os primeiros anos da doutrina, visto que só muito tempo depois é que começam a aparecer os documentos escritos sobre ela. Ela é repetida pelos daimistas como forma de explicar a origem da religião e como meio de se ligar ao Mestre e à Rainha da Floresta, pois se o Mestre é o replantador das Santas Doutrinas, essa missão é também a dos seus seguidores.

Vários dos seguidores dos primeiros tempos narram essa história de forma mais ou menos idêntica. O trecho que transcrevemos aqui foi retirado do site do CICLUMIG (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal de Minas Gerais) filiado ao CICLU acreano. É a narrativa do senhor Luis Mendes do Nascimento e é bastante reveladora do momento histórico vivido, da personalidade de Raimundo Irineu Serra e do seu contato com a divindade.

“O Mestre, quando chegou ao Amazonas, não sabia nem ler, nem escrever. Aparentemente, ele aprendeu sozinho. Eu mesmo comprovei muitos livros lidos por ele. Ele era um amante da leitura. Recomendava que a gente lesse muito as boas leituras..

A sua primeira atividade na Amazônia foi a seringa. Trabalhou em diversos seringais. Por essa época chegou uma comissão para delimitar as fronteiras entre o Brasil, Peru e Bolívia. O Mestre me falou muito dessa comissão, um grupo de pessoas sérias, dedicadas. Ele começou a trabalhar com essa comissão, chegando a conquistar uma confiança tão grande que se tornou tesoureiro. Depois voltou ao trabalho de seringa.

Nesse período foi que ele conheceu a ayahuasca, num seringal próximo ao Peru, com um companheiro. Seu nome era Antônio Costa. Ficaram morando juntos. Antônio Costa não era seringueiro. Explorava um negócio de regatão, comprava e vendia borracha. Ele lhe deu a notícia sobre uns caboclos no Peru, que bebiam a ayahuasca. Só que lá, o pessoal que tomava essa bebida tinha um pacto satânico, para trazer fortuna e facilitar a vida de cada um. O Mestre, até então, tinha procurado sempre por Deus, mas Deus tinha dado tão pouco a ele, naquela luta danada para sobreviver. Resolveu experimentar a bebida e foi até lá...

Tomou a bebida e quando os outros começaram a trabalhar, botaram a boca no mundo, chamando o demônio. Ele também começou a chamar. Só que na proporção que ele chamava o demônio, eram cruzeiros que iam aparecendo. Ele se sentiu sufocado de tanta cruz que apareceu. O Mestre começou a analisar: "O diabo tem medo da cruz e na medida que eu chamo por ele, aparecem as cruzeiros. Tem coisa aí..." Ele pediu para ver uma série de coisas. Tudo que ele queria, ele pôde ver. Isso o impressionou bastante. E assim foi a primeira vez... Ele contou a história para o Antônio Costa e este disse que conhecia o material que eles preparavam a bebida.

- Bem aqui perto tem!

Antônio Costa lhe mostrou a folha e o cipó.

- Como é que faz? – perguntou o Mestre.

- A gente esbagaça o cipó, junta com a folha, cozinha e depois toma.

Aí Antônio Costa viajou. O Mestre ficou. Na ansiedade de tomar o Daime, ele resolveu preparar. Fez como Antônio Costa tinha dito. Pegou o cipó, preparou, juntou a folha, e cozinhou. Quando foi tomar, ele teve um receio. E resolveu não tomar sozinho. "Melhor esperar pelo Antônio Costa", pensou.

Quando ele chegou, o Mestre lhe ofereceu a bebida. Os dois tomaram e Antônio Costa ficou na sala e o Mestre lá dentro, no quarto. Quando começaram a mirar, Antônio Costa lhe disse:

- Tem uma senhora conversando comigo e ela me falou que foi sua companheira desde que você saiu do Maranhão. Ela te acompanhou até aqui.

O Mestre não entendeu, porque ele tinha viajado sozinho e perguntou:

- Como é o nome dela?

- Ela está dizendo que se chama Clara. Tu te prepare, pois ela mesma vem conversar contigo.

Terminando o trabalho, ele ficou ansioso para tomar outra vez e encontrar-se com ela. Na próxima vez, depois de tomar o Daime, ele armou a rede de modo que a vista dava acesso para a lua. Parece que estava cheia, ou quase cheia. Era uma noite clara, muito bonita. E quando ele começou a mirar muito, deu vontade de olhar para a lua. Quando olhou, ela veio se aproximando, até ficar bem perto dele, na altura do teto da casa. E ficou parada. Dentro da lua, uma senhora sentada numa poltrona, muito formosa e bela. Era tão visível, que definia tudo, até as sobancelhas, nos mínimos detalhes. Ela falou pra ele:

- Tu tem coragem de me chamar de Satanás?

- Ave Maria, minha senhora, de jeito nenhum!

- Você acha que alguém já viu o que você está vendo agora?

Aí ele vacilou, pensando que estava vendo o que os outros já tinham visto.

- Você está enganado. O que estás vendo ninguém nunca viu. Só tu. Agora me diz: quem você acha que eu sou?

Diante daquela luz, ele disse:

- Vós sois a Deusa Universal!

- Muito bem. Agora você vai se submeter a uma dieta. Para tu poder receber o que eu tenho para te dar.

A dieta era passar oito dias comendo macaxeira insossa e água.

O Mestre se submeteu à dieta e passou oito dias cozinhando e comendo macaxeira insossa.

Ele continuou a trabalhar na seringa. A história do Mestre, no início dos seus trabalhos com o Daime, se centraliza com Antônio Costa. Eles eram tão amigos, que a Rainha, ao repassar o poderio para o Mestre, com a mesma medida passou também para Antônio Costa. Era como se o Mestre fosse governar uma metade do mundo, e ele, a outra metade. Só que Antônio Costa viu que para ele não daria. Ele era comerciante e por isso foi impossível realizar o negócio. Por isso, ele pediu à Rainha (ele também se comunicava com ela) que o que era para ser dele, ela repassasse para o Mestre Irineu.

O Mestre tomou Daime só no primeiro dia da dieta. Quando se passaram três dias, já estava mirando continuamente. Era tanta coisa que chegou a recear. Com sua espingarda, ele dava tiros para o alto, no meio da floresta. Alguns dizem ter sido esta a origem da queima de fogos durante o trabalho. O estampido dos tiros o confortava... Foram muitas provas. Os paus criavam vida. As aparições lhe perturbavam. Ele chegou a ver uma saia de mulher, embora na colocação não houvesse mulher. Chegou a ter contato direto com os animais. Os animais se achegavam bem perto dele. Foi como Cristo no deserto e seus quarenta dias de prova. Para o Mestre já foi mais fácil, pois ele tinha a sua macaxeira. Um dia ele estava na volta de uma estrada de seringa quando o Antônio Costa em casa disse: "Eu vou já experimentar o Irineu pra ver se ele está aprendendo, vou colocar sal na macaxeira dele". Pegou na coité de sal, trouxe só até a boca da panela, mas não colocou. Lá da mata ele viu, viu não, contaram pra ele: "Ó, o Antônio Costa pegou uma pitada de sal pra botar na panela da macaxeira. Não botou não, mas para experimentar se tu está sabendo". Aí quando ele foi chegando em casa, foi achando graça e dizendo:

- Entonces ia botando sal na macaxeira, não botou, mas fez menção de colocar, heim Antônio, como é?

- Mas rapaz, como é que fez para saber? Então já sei que tu tá aprendendo.

Após cumprida a dieta, ela chegou para ele, clara como a luz do dia. Ela disse que estava pronta para atendê-lo no que ele pedisse. Pediu que ela lhe fizesse um dos melhores curadores do mundo. Ela respondeu que ele não poderia ganhar dinheiro com aquilo.

- Minha Mãe, eu não quero ganhar dinheiro.

- Muito bem! Mas você vai ter muito trabalho. Muito trabalho!

Ele pediu que ela associasse tudo que tivesse a ver com a cura, nessa bebida.

- Não é assim que tu estás pedindo? Pois já está feito. E tudo está em tuas mãos.

E entregou para ele. Mas o Mestre sabia que não era o suficiente para ele ser. Não! Ele recebeu e aí foi se fazer. Trabalhar para ir adquirindo. Se aperfeiçoando, recebendo a cada dia os poderes que é preciso ter. Nessa fase, ele falava que ficou cerca de cinco anos.

E muitas vezes ele teve dúvidas. A Rainha passou a lhe aparecer, e diante dela estava tudo certo. Mas quando ela desaparecia, vinha a dúvida. Existe um estágio espiritual que, daqui até lá nesse estágio, vai verdade misturada com mentira. Elas vão se entrelaçando. Quando ultrapassa aquele muro, só tem verdade, mas depois que o Mestre passou por todas as dúvidas é que ele começou realmente a missão.

Durante esses cinco anos, ele começou a ajuntar um grupo. Antônio Costa tomou Daime com o Mestre durante um certo período. Eles chegaram a fundar um centro: Centro de Regeneração e Fé - CRF, em Brasília. Era pouca gente, mas eles chegaram a criar uma associação. Parece que, pouco depois, andaram censurando o Mestre Irineu, até mesmo o Antônio Costa, a respeito das contribuições. O Mestre percebeu que estavam desconfiando dele. Ele se desgostou, abandonando o centro, indo para Sena Madureira e mais tarde para Rio Branco.

Em Rio Branco, ele sentou praça na Polícia Militar. Foi aí que conheceu Germano Guilherme, que também era da polícia. Durante um certo tempo ele foi soldado, com muito destaque, até que foi promovido a cabo. Logo depois, pediu baixa...

Mais tarde, por força dos seus conhecimentos, arranjaram para ele uma colônia, na Vila Ivonete. Parece que o Mestre foi um dos primeiros moradores. E foi lá que ele começou a história. Fundou a primeira sede, em sua própria casa, onde um pequeno grupo se formou: Zé das Neves - que foi praticamente o pioneiro, Germano, Maria Damião, João Pereira e Daniel Pereira (que mais tarde fundou seu próprio centro - a chamada Barquinha), são as raízes principais.

Mas como a cidade começou a inchar, ele sentiu necessidade de se adentar mais na floresta. Na Vila Ivonete ele foi muito perseguido. Chegou a ser preso, mas não ficou atrás das grades, graças ao coronel Fontenele.

Ele passou tudo que tinha que passar. Foi o ex-governador Guiomard Santos que lhe arranhou essa colocação, que se chamava Espalhado, na época, e hoje é o Alto Santo.

O Mestre referia-se a si próprio, às vezes, como sendo uma "árvore sombreira".

Bem no início do seu trabalho com a ayahuasca a Rainha apareceu ao Mestre Irineu.

Ele, nessa época, só sabia uns chamados, assoviado e solfejado. Ela disse:

- Olha, vou te dar uns hinos, tu vai deixar esse negócio de assoviar e solfejar pra aprender a cantar.

- Ah! Faça isso não minha senhora, que eu não canto nada.

- Mas eu te ensino!, afirmou ela.

Quando foi um dia ele estava olhando para a lua e ela disse para ele:

- Agora você vai cantar.

- Mas como eu vou cantar? É muito difícil...

- Você vai aprender, eu te ensino, abra a boca.

- Mas como?...

- Abra a boca, não estou mandando?

Ele abriu a boca e disparou cantando Lua Branca, o primeiro hino, recebido na selva do Peru.

Aí ele começou a receber. Com os três primeiros hinos já dava para cantar a noite inteira, repetindo os hinos.”⁷⁹

Assim se inicia o culto do Santo Daime e aqui se inicia a arqueologia de fato, pois é a partir desse momento que o Mestre e seus seguidores irão começar a receber os hinos que constituem aquilo que os daimistas denominam de “Terceiro Testamento”.

Para efeito didático-metodológico, segui aqui a divisão estabelecida por vários pesquisadores que de forma mais ou menos consensual compõe o quadro histórico desta religião com base na atuação de seus principais líderes e dos acontecimentos que giram em torno deles. Assim é possível visualizar com maior clareza o desenvolvimento da doutrina através de uma periodização que a abarca desde a sua criação até o momento atual, a saber: a fundação, a consolidação e a expansão.

O Mestre Irineu e o hinário do Cruzeiro são considerados como o tronco fundador da doutrina do Santo Daime. GROISMAN, em um estudo sobre o contexto simbólico do Santo Daime, afirma que:

“Segundo a concepção grupal, a doutrina está toda contida no hinário O Cruzeiro, de Raimundo Irineu Serra. Dentro dessa visão, todos os hinos recebidos durante ou após o encerramento deste hinário são um seguimento, e devem responder e confirmar sua mensagem. Assim, O Cruzeiro é considerado um hinário-tronco.”⁸⁰

Clodomir Monteiro Silva, em um dos primeiros estudos sobre o Santo Daime, já articulava o conjunto de hinários todos à matriz deixada por Raimundo Irineu Serra:

“O hinário é a coleção de poemas recebidos pela pessoa e num sentido mais profundo designa simultaneamente um só hinário, “o tronco da missão”, chamado de CRUZEIRO recebido pelo Mestre Irineu. (...) Ainda que moldados, os hinos trazem as marcas de seu autor que não ultrapassam limites impostos pelas “Santas Doutrinas” e expressos nos hinários dos irmãos mais desenvolvidos. Por isso os novos hinários devem, inicialmente, passar todo o CRUZEIRO(63), a

⁷⁹ www.mestreirineu.org.br. Acessado em outubro de 2007.

⁸⁰ GROISMAN, Alberto. Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999, pp 62 /63.

seguir, caso seu autor o deseje, percorrer os hinários circunscritos por um “círculo de projeção”⁸¹

E por fim, MACRAE termina de compor o quadro de caracterização do hinário do Mestre Irineu como a fonte de toda a Doutrina do Santo Daime

“Os hinos são versos musicados simples, considerados como “recebidos” por uma pessoa através de captação divina. Apesar de inicialmente receber chamadas, melodias sem letra que executava assobiando, depois de certo tempo Mestre Irineu começou a receber os hinos que iriam compor seu Hinário do Cruzeiro, considerado a formulação básica da doutrina do Santo Daime. Lá são descritas as mirações de Mestre Irineu, onde estariam presentes “seres divinos” da “corte celestial”, englobando entidades cristãs, indígenas e africanas.”⁸²

É sob esse signo que o Santo Daime vive até 1971, ano do falecimento do Mestre. Esse é o momento de maior facilidade nesta catalogação, pois o número de adeptos ainda é pequeno e a doutrina ainda se encontra restrita ao estado do Acre e, portanto, a quantidade de hinários também não é muito grande. Levando-se em conta a data marco de 1930 como início da sistematização da Doutrina, esse período se constitui como metade do tempo de sua existência. Nesses quarenta anos, o Mestre Irineu normatiza o ritual por completo, define a farda, as preces e orações e estabelece a sua comunidade no Alto Santo, atual bairro Irineu Serra, em Rio Branco.

Fazem parte deste período os seguintes hinários:

O CRUZEIRO – Mestre Irineu

VÓS SOIS BALIZA – Germano Guilherme

O AMOR DIVINO – Antonio Gomes

SEIS DE JANEIRO – João Pereira

O MENSAGEIRO – Maria Damião

MENINO JESUS – João Pedro

O RAMALHO – Raimundo Gomes

⁸¹ SILVA, Clodomir Monteiro da. O PALÁCIO DE JURAMIDAM SANTO DAIME: um ritual de transcendência e despoluição. Recife: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Pernambuco, 1983. p 87.

⁸² MACRAE, Edward. Guiado pela Lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 67.

O ASSESSOR – Francisco Fernando Filho (Tetéu)

A BANDEIRA – Madrinha Peregrina

Esses hinários possuem características complexas. O Cruzeiro, do Mestre Irineu, dá conta da instituição da doutrina e da sua caracterização, relata as suas mirações, estabelece as ligações da nova religião com as matrizes africana, indígena, cristã e esotérica. Trata de temas diversos, mas todos intrinsecamente ligados entre si: o amor ao próximo, a comunhão, o respeito, a justiça, a harmonia, a caridade. Lembra a ligação do Santo Daime com as Santas Doutrinas cristãs e se auto-afirma como re-plantador destas Santas Doutrinas, indo buscar nas figuras e nos símbolos matrizes do cristianismo os fundamentos e os elementos doutrinários constitutivos do Santo Daime, a saber: a Virgem da Conceição, Jesus Cristo, São José, São João, os Reis Magos, o Rei Salomão, a Estrela do Oriente, a Cruz. Nos hinos, mestre Irineu também evoca símbolos e entidades da natureza: o sol, a lua, as estrelas, os pássaros, a floresta, o mar, as águas, o firmamento e os seres com os quais travava contato no seu processo de aprendizado e iniciação: Tuperci, Ripi, Tarumim, Barum, Marum, Equiôr, B.G; e ainda entidades que pertencem ao panteão afro-brasileiro, como: Papai Samuel, Papai Paxá, Sete Estrelas, os reis Titango, Tintuma e Agarrube (representando aqui os três reis magos).

Cada um desses seres e símbolos traz uma mensagem particular e oferece ao participante da doutrina do Santo Daime a possibilidade de relacionar esse ensinamento com a sua vida pessoal e traduzir para o cotidiano as instruções que são repassadas nos cantos. Estão contidos n'O Cruzeiro a humildade, a força, a disciplina, a elevação, a motivação, a firmeza, as virtudes a se conquistarem e seguirem, as verdades essenciais e também as ordens transmitidas do astral superior para que se abandone o mundo da ilusão (traduzido aqui como o mundo material) e a convocação para se viver uma vida pautada pelo espiritual como forma de se alcançar esse mundo após a morte.

Para efeito de melhor compreensão penso que seja interessante a composição de alguns quadros comparativos e sistemáticos que permitam visualizar as entidades e os símbolos contidos n'O Cruzeiro. Esses quadros compõem, por assim dizer, um desenho pormenorizado das mensagens deixadas pelo Mestre Irineu e a partir deles será mais fácil articular essas mensagens com o desenvolvimento posterior da doutrina, com os acontecimentos histórico-sociais e com as mensagens trazidas pelos hinários recebidos depois do falecimento do Mestre.

A primeira observação a ser feita antes mesmo da composição dos quadros é que a matriz da doutrina não é única e já na sua origem exhibe uma quantidade de mitos e

associações tão diversas que fica mais fácil entender por que a linha espiritual desenvolvida por Sebastião Mota Melo denomina-se Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra.

MATRIZ CRISTÃ	ASSOCIAÇÕES NA NATUREZA	REPREENSENTAÇÃO	SENTIDO FIGURADO
N. Senhora da Conceição	Lua, Lua Branca, Rainha da Floresta, Estrela Dalva, Terra, Jardim de Belas Flores, Campinas, Mar Sagrado	Mãe	Conforto, Amor, Intercessão, Professora, Saúde, Esperança, Conformação
Jesus Cristo	Sol, Estrela Brilhante	Filho Pai	Amor, Iluminação, Calor, Poder Universal, Força Superior, Reino da Verdade, Estrada do Amor, Firmeza, Professor, Cruzeiro, Salvação, Cura
São João Batista	Rio de Jordão	Pastor	Justiça, Batismo, Disciplina, Correção, Pregação
São José	Jardim Dourado	Pai Amigo Velho	Mensageiro, Compreensão
Salomão	Estrela do Oriente, Águas Brancas	Conselheiro	Sabedoria, Ciência
Três Reis Magos (Titango, Agarrube, Tintuma)	Estrela do Oriente	Guias	Santa Luz

Quadro I

Esse quadro é uma tentativa de representar o hinário d'O Cruzeiro de uma forma que possamos utilizar as referências nele contidas para pensar sobre as relações contidas entre a matriz cristã e as outras matrizes, bem como compreender melhor os símbolos e signos dos quais Irineu lança mão para fundamentar a doutrina do Santo Daime e, de uma certa forma, consolidá-la como doutrina cristã que absorve elementos de outras linhas. Obviamente que a riqueza dos hinos de Irineu Serra vai muito além de qualquer categorização desse tipo, por

isso alerta que o quadro é apenas uma abertura para que possamos distinguir certos significados que o Mestre incorpora ao discurso contido nos hinos e encontrar correspondências com aquilo que eles representam.

MATRIZ INDÍGENA OU DA UMBANDA	CATEGORIA	HINO DE REFERÊNCIA	PREDICADO
Tuperci	Caboclo das matas	Hino 2	Desconhecimento
Jaci	Nossa Senhora / Lua	Hino 2	Conhecimento
Ripi	Caboclo das matas	Hino 3	Desconhecimento
Tarumim	Mãe D'Água	Hino 4	Chuva / Águas
Papai Paxá	Caboclo	Hino 6	Chamado
Barum / Marum	Caboclos	Hino 6	Chamado
B.G.	O próprio Mestre	Hino 23	Ensinamento
Papai Samuel	Preto Velho	Hino 31	Chamado
Papai Velho / Mamãe Velha	Preto Velho / Preta Velha	Hino 33	Dádiva, Sabedoria
Currupiraguá	Caboclo Índio	Hino 39	Chamado/Centro Livre
Surubina / Soloína	Caboclas	Hinos 54 e 63	Guias

Quadro II

O mesmo podemos afirmar para este quadro, salientando ainda que a compreensão dos elementos cristãos são muito mais visíveis e de mais fácil identificação. Sabemos pelos depoimentos dos contemporâneos do Mestre Irineu que ele não falava muito sobre as entidades indígenas ou de matriz negra contidas no seu hinário. Muitos desses contemporâneos até se esforçam para negar alguma ascendência negra no Santo Daime, mas uma análise mais delicada sobre as raízes maranhenses de Raimundo Irineu nos levará inevitavelmente ao encontro da matriz negra no seu hinário mesmo que essa venha a aparecer com maior clareza somente a partir da liderança de Sebastião Mota, já na década de setenta.

O debate é extenso. Os primeiros estudiosos do Santo Daime costumam falar da influência negra sem, no entanto, esboçar maiores evidências, quando muito apontando a ligação de Irineu com o Tambor de Mina maranhense, enquanto autores mais recentes como Labate e Pacheco⁸³ contestam essa influência a partir de pesquisa realizada na cidade natal de Irineu apontando que o surgimento dessa modalidade de candomblé na região de São Vicente só se inicia a partir da década de trinta, portanto, depois de sua saída de lá.

⁸³ LABATE, Beatriz & PACHECO, Gustavo. Matrizes maranhense do Santo Daime. IN O uso ritual da ayahuasca. Campinas: Mercado de Letras. 2005,

Entretanto a presença de inúmeros negros na formação da doutrina nos leva a pensar que essa influência, mesmo velada, existe, a despeito das afirmações de que o Mestre Irineu tencionasse até um distanciamento dessa tradição para melhor afirmar a nascente doutrina.

PREDICATIVOS DO MUNDO ESPIRITUAL	PREDICATIVOS DO MUNDO MATERIAL
Flor, Formosura, Encantos, Salvação, Eternidade, Resplendor, Estrada, Caminho, Escola, Consolação, Bem, Felicidade, Primor, Verdade, Alegria, Redenção, Dever, Obrigação, Firmeza, União, Respeito, Lealdade, Conhecimento, Esperança, Riqueza Espiritual, Memória Divina, Conforto, Paz, Poder, Perfeição, Obediência, Saúde, Justiça, Humildade, Confiança	Ilusão, Mar de Escuridão, Mal, Fingimento, Fraqueza no Coração, Esmorecimento, Terores, Pensamento à toa, Riqueza Material, Erro, Guerra, Orfandia, Aflição, Sofrimento, Choro, Peia, Morte, Rebeldia, Falsidade, Provação, Correio da Má Notícia, Mentira, Doença, Ruína,

Quadro III

O quadro III servirá como baliza para refletirmos as noções daimistas sobre o mundo material e o mundo espiritual e para melhor compreendermos a conexão intrínseca que o daimista estabelece entre ambos e as relações de causa e efeito que surgem muitas vezes por ocasião de acontecimentos que se desenrolam em um dos planos e estão ligados ao outro, como é o caso das peias, disciplinas, doenças, etc.

Está apresentado também para que percebamos sua marca nos hinários que estarão sendo analisados, desde O Cruzeiro até os mais recentes, e possamos evidenciar que esses predicativos se repetem ao longo do tempo numa espécie de reconstituição constante do hinário do Mestre Irineu e servem de referência para que o adepto possa se situar entre esses planos.

É importante não perdermos de vista que esses planos não podem ser distintos, posto que servem de fronteira um ao outro e inter-relacionam-se promovendo o progresso do adepto na medida em que ele percebe justamente a relação de causa e efeito que nela está contida. Assim, as qualidades de um e de outro plano podem, evidentemente, se cruzar e o seu resultado inferir uma gama de possibilidades ao daimista, desde o seu desenvolvimento espiritual até sua firmeza material. Compreender essa relação significa, antes de mais nada, aceitar a noção de carma que permeia o simbolismo exercido na práxis cotidiana do adepto levando-o à tomada de posições e de decisões sobre assuntos materiais a partir de

estratagemas tomados do mundo espiritual. Exercer os predicativos do mundo espiritual no cotidiano é, seguramente, a garantia de estar transformando os predicativos do mundo material e girando a roda da vida no sentido de materializar os atributos divinos.

QUADRO DE CARACTERIZAÇÃO METAFÓRICA DO SANTO DAIME	
O Santo Daime (a religião) como escola espiritual e material	O Daime (a bebida) como recuperador da memória divina
A laranja como símbolo de um segredo entregue ao Mestre Irineu (o mundo) e que é entregue a todo daimista	O mundo espiritual como um Jardim de belas flores, jardim perfumoso, jardim dourado, flor mimosa, laranjeira carregada
O Daime (a bebida) e o Mestre Irineu como professor desta escola	O sofrimento, a peia, como instrumento de correção material e espiritual
Jesus Cristo e Nossa Senhora como professores desta escola	O Sonho como princípio da miração, como verdade espiritual e material
Os hinos como lições e como forma de se alcançar a miração	A Floresta como berço do ressurgimento das Santas Doutrinas cristãs
O Santo Daime (a religião) como estrada – caminho a ser seguido	O Passarinho como mensageiro das verdades divinas
O Santo Daime (a religião) como escada a ser subida	O Tempo como metáfora do professor que ensina devagar, mas com perfeição
O Mundo como expressão da riqueza que Deus entregou aos homens	A Morte colocada como igual ao Nascimento
Os Astros (sol, lua, estrelas) como representação da iluminação e do conhecimento	O Daime (a bebida) como instrumento de cura para qualquer doença
Os acontecimentos da vida material como reflexo dos acontecimentos da vida espiritual	O correio da má notícia como entrave para a evolução espiritual
O Daimista como jardineiro e campineiro e as preces e carinhos como água para aguar o jardim	O Daime e o Mestre como bons professores cansados da ignorância e da rebeldia dos discípulos-alunos
O Santo Daime (a religião) como uma barca navegando no mar e os Daimistas como navegantes do mar sagrado	O Santo Daime (a religião) como um batalhão, o Daimista como soldado, na guerra do bem contra o mal
A caridade e a humildade como princípios norteadores da vida	O caminho do Santo Daime como o mesmo caminho seguido por Jesus e os profetas
O Tucum como representação da lealdade	A Vida Espírita como Reino da Verdade

Quadro IV

O que denominei aqui de caracterização metafórica são, na verdade, conceitos-chave estabelecidos por Irineu Serra no seu hinário “O Cruzeiro”, e que fazem parte do aprendizado de toda uma vida e só são compreendidos na medida em que vão se completando, como um quebra-cabeças. São conceitos, pois significam a visão de Irineu Serra sobre diversos aspectos da existência e de como eles se relacionam com a Doutrina por ele criada; dizem respeito no mesmo tempo ao esclarecimento das lições deixadas por ele e do objetivo almejado por todo daimista. Por outro lado, funcionam como chaves que o Mestre deixou para que seus discípulos possam ir abrindo as portas do mundo espiritual e penetrando pouco a pouco na cosmologia (re)significada por ele, como pistas deixadas para que o adepto não se perca no caminho e possa, enfim, alcançar a meta estabelecida: a salvação do espírito imortal através do estudo e cumprimento das lições deixadas no mundo material.

Sem querer reduzir aqui o conteúdo dos hinos da doutrina do Santo Daime fazendo classificações que podem parecer indefinidas ou imprecisas diante da variedade temática que eles encerram, creio que para efeito metodológico seria interessante ainda a composição de um outro quadro que permita visualizar o conjunto de hinos a partir da sua intencionalidade e, conseqüentemente, a partir do efeito que se espera obter com este ou aquele conteúdo. O quadro a seguir servirá para ilustrar as diversas modalidades de hinos e é aberto à introdução de novos elementos tendo em vista que os hinos continuam sendo recebidos. Considerando o hino como um guia para a compreensão e entendimento do que está se passando com o adepto, esses elementos conduzem-nos a refletir sobre as situações em que se encontram e os procedimentos que devem ser tomados para o esclarecimento e resolução dessas situações. Alguns hinários podem apresentar predominância de uma dessas características, mas em geral elas se entrecruzam na medida em que o mesmo hino pode apresentar vários elementos ao mesmo tempo. Enumero abaixo algumas características gerais sugeridas pelos hinos.

QUADRO DE INTENCIONALIDADE	
De Louvores	De Conformação
De Pedidos	De Força
De Agradecimentos	De Elevação
De Explicação	De Cura
De Meditação	De Revelação
De Concentração	De Profecias – Revelação
De Conforto	De Confirmação
De Disciplina - De Conduta	Do Apocalipse

Quadro V

Já disse que partindo dos hinos é possível estabelecer uma série de interpretações. Cada hinário, portanto, apesar de possuir características particulares, obviamente, deve possuir as ligações necessárias com essa matriz utilizando-a como modelo para a afirmação daquela e como forma de auto-afirmação. Indagando a um líder espiritual sobre como se dá o estabelecimento da validade do hino, recebi a seguinte resposta: “*O hino não pode conter nada que contrarie a matriz original e deve sim ser um sustentáculo daquela. Mas é claro que a doutrina sendo viva acontece do hino também tratar de acontecimentos novos e imagens mais contemporâneas*”⁸⁴. Aqui há uma pista importante a ser seguida. É uma abertura para a introdução de novos elementos na doutrina e isso é um assunto delicado entre todos os daimistas, pois o Mestre Irineu deixou em vida o ritual todo pronto e todos afirmam que nada deve ser modificado. No entanto, é óbvio que nem tudo permanece como o Mestre deixou. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Os hinos em sua maioria são expressões literárias bastante simples. Só a sua leitura já desperta um certo envolvimento entre o emissor e o receptor. Mas sua função real é dada dentro do contexto ritual, depois da ingestão da bebida. Preparado o canal de recepção mediúnico, o aparelho (indivíduo que ingere o Daime) está pronto para receber as mensagens que estão contidas nos hinos e interpretá-las à luz dos elementos que são fornecidos por essas matrizes que estamos tratando e pelo conhecimento individual e coletivo que cada um possui. O *set e o setting*⁸⁵, respectivamente os caracteres psicológicos do sujeito e o ambiente sócio-cultural que o rodeia, seriam então responsáveis pelo significado que as mirações assumiriam no cotidiano do daimista.

Considerando a veracidade da afirmativa acima é possível compreender com maior clareza a entrada de novos elementos dentro do corpo ritual da doutrina do Santo Daime. Os primeiros quarenta anos de sua existência se deram praticamente sem contato com o restante do país e só a partir da década de setenta é que esse movimento começa a acontecer. A primeira constatação que podemos fazer é que os hinários desse período possuem uma ligação bem clara com o hinário-tronco do Mestre Irineu, afirmando o Império Juramidam e sua

⁸⁴ ENTREVISTA REALIZADA PELO AUTOR COM O PADRINHO ALEX POLARI DE ALVERGA. CAMPINA GRANDE - PB. 2003.

⁸⁵ “Dentro da Antropologia, Dobkin de Rios assinalou que os efeitos de um agente psicodélico estariam condicionados por quatro variáveis: biológicas, psicológicas, sociais e culturais.” E “Mais tarde, Winkelman (1986) referiu-se a três fatores condicionantes da experiência psicodélica: 1) fatores neurofisiológicos, 2) set e 3) setting. O primeiro refere-se ao tipo de agente consumido e sua ação sobre o organismo. O set se refere às características psicológicas do sujeito e às suas atitudes em relação à experiência. O setting refere-se ao entorno social e cultural que organizará a experiência.” Opus cit PELAEZ, Maria Cristina. No mundo se cura tudo. Interpretações sobre a “Cura Espiritual” no Santo Daime. Florianópolis. Dissertação de Mestrado. 1994. p 18.

missão aqui na terra. Nesses hinários está contida também uma parte da história do Daime nesse período e os momentos decisivos pelos quais a doutrina passou até aí.

“Vós Sois Baliza” é o nome do hinário do senhor Germano Guilherme dos Santos e é um dos que compõem o Trabalho dos Mortos. Esse trabalho é realizado duas vezes por ano na quinta-feira santa, no dia de finados e foi deixado pronto pelo próprio mestre Irineu. É um trabalho voltado para os desencarnados, para as almas e é costumeiramente um trabalho muito forte. Germano, migrante do Piauí, foi um dos primeiros seguidores da doutrina e o seu hinário, segundo depoimentos dos seus contemporâneos, era um dos preferidos do Mestre Irineu, talvez isso explique ser ele quem abre o trabalho dos Mortos. Seu hinário pode ser considerado como um cântico de louvor à vida, à Doutrina e às realizações do Mestre. Nele já é possível identificar um elemento novo que não aparece no hinário d’O Cruzeiro. No hino 26, ele se refere a uma entidade chamada Condessa Cires Beija-Mar:

*“Me deram este canto
para nós aqui cantar
este cântico eu recebi
da Condessa Cires Beija-Mar”*

No hinário do senhor Antonio Gomes da Silva, cearense que conviveu com o Mestre Irineu, e que é avô de sua última esposa, são relatadas várias passagens factuais da vida da comunidade, além de ser afirmado o Mestre como o dono da missão que ali se estava desenvolvendo. No hinário “O Amor Divino”, Antonio Gomes faz um balanço dos acontecimentos que vivenciou, inclusive de um período em que o Mestre Irineu havia fechado os trabalhos com o Daime por conta da desunião dos seus discípulos:

*“Meu Príncipe está ofendido
Que todos nós ofendemos
Vós fechou Vossa sessão
A culpa nós é quem temos
.....
A sessão estando fechada
Estamos fora do poder
Estamos dentro do clamor
Para todo mundo ver
.....
Quem quiser estar comigo
Aqui dentro da sessão
Precisa todos saber
Dar valor aos seus irmãos”*

E em outro hino:

*“Tornou a nos reunir
No dia dos Santos Reis*

*Desde o dia primeiro
Do ano quarenta e seis*

*Ele faz outro convite
Para todos seus irmãos
Conseguindo esta harmonia
Para o dia de São João”*

É comum encontrarmos referências históricas nos hinos. Afinal, eles representam a vida de quem recebeu o hinário. No hinário de Antonio Gomes, aparece pela primeira vez uma referência à palavra JURAMIDAM, traduzida depois pelo mestre como sinônimo de si próprio de um lado e como a própria divindade de outro. Palavra composta que segundo alguns autores significa a união do pai com o filho (Jura = Pai / Midam = Filho) passa a ser cada vez mais freqüente nos hinários se afirmando como a designação mais utilizada para se referir ao Mestre: Mestre Império Juramidam, sendo invocado nas preces de abertura e fechamento dos trabalhos.

Perto do falecimento de Antonio Gomes o Mestre Irineu recebeu o hino 74 “Só eu cantei na barra”⁸⁶ que resume a vida e a morte em um só conteúdo espiritual e reafirma o caminho espírita da reencarnação:

*“A morte é muito simples
assim eu vou te dizer
eu comparo a morte
é igualmente ao nascer*

*Depois que desencarna
Firmeza no coração
Se Deus te der licença
Volta a outra encarnação”*

O hinário “Seis de janeiro” do senhor João Pereira, também cearense, é um pedido constante de valimento e socorro, bem como de conforto diante do sofrimento do mundo. Diante das “peias” (entendidas aqui como as provações por que passam todos os adeptos) esse hinário recorre instantaneamente à Virgem da Conceição e afirma Cristo como Príncipe Ancião, uma das “três fontes nobres”, ou ainda um dos “três poderes, três amores, três luzes, três primores e três vidas” refletindo aí a crença na santíssima trindade. No hino 31, anuncia a existência de uma entidade que não consta no hinário d’O Cruzeiro e que ficou caracterizada a

⁸⁶ BOMFIM, Juarez Duarte. O Jardim de Belas Flores. O Hinário O Cruzeiro Universal do Mestre Raimundo Irineu Serra comentado por Juarez Duarte Bomfim. Livro Virtual. Centro de Iluminação Cristã Luz Universal de Minas Gerais (CICLUMIG). <http://www.mestreirineu.org/liberdade.htm>, 2006. p. 126.

partir daí como uma entidade de apuração, de balanço e castigo dos erros e culpas dos adeptos, que dela se valem também para resolver essas mesmas peias:

*“Vou chamar Marachimbé
Quem quiser venha escutar
Vem cá, vem cá, vem cá
Vem cá, vem cá, vem cá*

*Chamei Marachimbé
Para ele vir cá
Traz o corpo e fica firme
Faz lombo pra apanhar*

.....
*Chamei Marachimbé
Para ele vir aqui
Segue em frente e pisa firme
E marca passo pra seguir”*

A partir daí essa entidade ficará definitivamente incorporada aos hinos e aos trabalhos da linha do Santo Daime existindo inclusive um estudo interessante realizado por Okamoto da Silva no qual o autor afirma que

*“Marachimbé integra o panteão das entidades espirituais daimistas como um “justiceiro”, que castiga as transgressões das normas e valores doutrinários, ao mesmo tempo em que “apura” e “ordena” os indivíduos. Marachimbé chega para “apurar”, esse termo, para os daimistas, expressa a limpeza física e psíquica do fiel. Por “apurado”, entende-se também o grau de desenvolvimento espiritual ou, em termos nativos, “a graduação do aparelho”. Variações da palavra trazem significados distintos como, por exemplo, “apuração”, um momento de balanço, de julgamento dos atos praticados, ou ainda “apuro”, que indica dificuldades vivenciadas durante o ritual”.*⁸⁷

O último hinário que compõe o Trabalho dos Mortos é o hinário da dona Maria Marques, também conhecida como Maria Damião. Ela representa muito para a doutrina do Santo Daime, pois foi a primeira mulher a receber hinos, em um tempo que a sociedade brasileira (e a acreana principalmente, em pleno segundo ciclo da borracha) viviam um clima de extremo machismo e preconceito contra a mulher. O seu hinário pode ser considerado “de apuro” ao mesmo tempo em que reflete bem essa condição vivenciada por Maria Damião,

⁸⁷ DA SILVA, Leandro Okamoto. Marachimbé veio foi para apurar. Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia no culto do Santo Daime. São Paulo: Dissertação de Mestrado Ciência das Religiões - PUC, p. 01.

viúva e com sete filhos pequenos, trabalhou na queima de lenha para fazer carvão e morreu de pneumonia aos trinta e dois anos. Ela viveu uma vida dedicada à Doutrina enfrentando muitas dificuldades, as quais estão refletidas no seu hinário. Ela também apresenta uma entidade que não aparece no hinário do Mestre

*“Tu Bejjamin, flor de amor
Da onde vem todos primores*

.....
*Quem nos mandou foi o Criador
Oh, Bejjamin, flor de amor” (Hino 02)*

Sua condição é expressa em vários hinos nos quais ela se apresenta como “pequeninha” se aproximando das crianças (talvez numa referência à passagem bíblica que diz que o que quiser alcançar o reino de Deus deve se fazer pequeno) e daí tirando forças para seguir sua jornada, como expresso nos hinos de seu hinário “O Mensageiro”.

*“Eu sou pequenininho
Mas trago os meus ensinios
Eu canto é bem baixinho
Em roda dos meninos” (Hino 10)*

.....
*“Quando eu era menino
Me chamavam pequenininho
Ai eu me transformei
E mais eu multipliquei” (Hino 38)*

.....
*“Vamos deixar de fraqueza
Abandonemos essa pobreza
Para seguir no bom caminho
É preciso ter firmeza” (Hino 11)*

Seu hinário traduz as passagens que ela teve que suportar e em alguns desses relatos a sua história material é contada para corroborar a sua missão espiritual. Através das dificuldades enfrentadas dentro da própria irmandade e das “peias” físicas pelas quais passou, legou um hinário de disciplina e de grande apuração no qual a missão do adepto da doutrina do Santo Daime é esclarecida e a seriedade do trabalho é afirmada constantemente

*“Agora é tarde
eu já estou escabreado
eu ensino para todos
e só recebo é bordoadas” (Hino 32)*

.....
*“Eu vivo neste mundo
eu não tenho vizinho
pedindo e rogando
a quem me determina*

.....
*Eu vivo nesta irmandade
Como uma irmã desvalida*

*Pedindo e rogando
A Deus por minha vida” (Hino 42)*

.....
*“Meu Deus como a coisa estava
só faltavam me dar pancada
pois agora a disciplina
ela vem e é pesada” (Hino 45)*

Nele o sofrimento é encarado como requisito natural e mesmo necessário para a evolução cármica e isso faz com que seus hinos sejam a justificação desse sofrimento para que o adepto atinja a conformação e ao mesmo tempo encontre forças para seguir a jornada espiritual firme dentro dos propósitos exigidos pelo Daime e pelo Divino.

*“Este é o poder
e quem não quiser seguir
é para ver o corpo delir
é para ver o corpo delir” (Hino 09)*

.....
*“Quem não prestar atenção
vai ver seu corpo balançar
Aqueles que merecer
Vai ver seu corpo estremecer*

.....
*“Eu sou filho da Terra
o meu corpo eu entrego a ela
se a matéria é sofredora
a Terra é a consumidora” (Hino 45)*

O hinário de Maria Damião traz ainda algumas referências aos acontecimentos de seu tempo e a passagens históricas e políticas, bem como faz um chamamento para o respeito à pátria, bem na linha do que pregava o Mestre Irineu.

*“O tempo está desmudando
mudou de governo
novas revoluções
Aqui com os estrangeiros” (Hino 46)*

.....
*“Vamos dar viva a nossa pátria
com amor e com coragem
com o poder do Soberano
a nossa Mãe vai nos guiando” (Hino 48)*

Maria Marques faleceu em 1949, quatro anos após o fim da segunda guerra mundial, período em que a borracha entrava em franca decadência e o Acre vivia ainda em luta constante pela demarcação de seus limites com a Bolívia. Por ser uma região de fronteira, é compreensível essa afirmação da pátria que aparece não só n’O Mensageiro como em outros hinários do Santo Daime. O último hino de Maria Damião é praticamente o aviso da sua

morte e encerra com sabedoria seu hinário e o trabalho de finados, junto com os outros três que foram analisados. Eles provavelmente são os mais próximos da matriz doutrinária, pois seus autores conviveram diretamente com o mestre. Juntos eles constituem um dos trabalhos mais longos e importantes realizados pelos daimistas.

*“A tua casinha está pronta
caminhos abertos
jardim de flores
a ti te oferecem*

*Jesus Cristo Salvador
E a Rainha da Floresta
Se vós ver que eu mereço
Receba, oh, Mãe honesta*

*Nas minhas ouças escutei
Um grande festejo
Os meus irmãos chegando
E meu corpo se liquidando*

*Corrigi o meu pensamento
Pedi perdão a meu Pai
Para eu poder seguir
A minha feliz viagem*

*O Mestre que nos ensina
Vós é a minha Guia
Vós me entrega ao Divino
E à Sempre Virgem Maria” (Hino 49)*

Poucos dias antes da morte de Maria Damião, o Mestre havia recebido um hino (91) que também a anunciava, mostrando a conexão espiritual entre mestre e discípula:

*“Choro muito e lamento
tudo que já se passou
deixo tudo saudosamente
e vou viver no meio das flores”*

O senhor Raimundo Gomes - filho de Antonio Gomes, seguidor incansável do Mestre Irineu - em seu hinário “O Ramalho”, afirma a essência crística do mestre Irineu e expõe à irmandade daimista a sua identidade espiritual e divina que ele próprio já afirmara dentro do hinário d’O Cruzeiro. Esta afirmação polêmica se encontra no hino 42 – Eu agora aqui lhe entrego – que narra o seguinte:

*“Eu agora aqui lhe entrego
Estas novas instruções
Você explande para todos
Que quiser ser meu irmão*

Eu de vós eu recebi

*E com vós eu quero expandir
Para todos que quiser
Acreditar e lhe ouvir
Esta verdade é divina
É de Jesus Cristo redentor
Foi quem veio nos ensinar
A doutrina do salvador*

*Ele veio nos ensinar
E é quem nos dá todo valor
Por que é quem não se liga
As instruções que ele ordenou*

*Eu convido os meus irmãos
Para nós seguir nesta doutrina
Vamos enfrentar com coragem
Os ensinamentos da mãe divina*

*Vós sois príncipe e vós sois rei
E vós pode se declarar
Porque vós é Jesus Cristo
Que baixou para ensinar*

*Isto eu digo é porque vi
Não tenho medo de errar
Que quem vive neste mundo
Não tem segredo a guardar”.*

O próprio Mestre Irineu já havia anunciado em vários hinos a sua origem divina, vejamos alguns:

*“A minha Mãe é a Santa Virgem
Ela é que vem me ensinar
Não posso viver sem ela
Só posso estar onde ela está”*

*“Meu pai foi quem me fez
Eu devo ter amor
Sou filho do meu Pai
Feliz eu devo ser”*

*“Reduzi meu corpo em pó
O meu espírito entre flores
Sou eu, sou eu, sou eu
Filho do rei de Amor*

.....
*Sou eu, eu sempre digo
Eu nasci em Natal”⁸⁸*

Esses são alguns dos hinários mais importantes do período que compreende o início da doutrina do Santo Daime até 1971, ano do falecimento do Mestre Irineu. A partir daí a

⁸⁸ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINOS 16, 26 e 33.

doutrina começa a viver um momento delicado, pois o Mestre não havia deixado um sucessor em família, tendo entregado o comando material da sessão ao senhor Leôncio Gomes da seguinte forma:

“Leôncio, você vai tomar a direção dos trabalhos. Você não vai ser chefe. A chefia é comigo mesmo. Mas fique aí para receber as pessoas, para ensinar a Doutrina e tudo bem. Escute o que estou dizendo, não faça mais do que estou lhe entregando. Porque se alterar alguma coisa, você não vai resistir”.⁸⁹

Parece que ele realmente sabia o que estava falando, pois o senhor Leôncio não demorou muito tempo na direção dos trabalhos, passando a direção para o senhor Francisco Fernandes Filho (Tetéu) que acabou entrando em divergência com outras pessoas da irmandade e criou-se um clima de competição pela chefia do trabalho.

Desde meados da década de 60, havia aparecido na doutrina um homem chamado Sebastião Mota de Melo, que havia procurado o Mestre em busca da cura de uma enfermidade grave, desengano que estava pela medicina oficial e por todos os curandeiros que procurara até então. Sebastião, ele próprio médium espírita que consultava e operava com os espíritos do doutor Bezerra de Menezes e do médico Antonio Jorge, curou-se e trouxe toda sua família para a doutrina constituindo um núcleo bastante forte, recebendo autorização do próprio Mestre Irineu para fazer Daime e realizar trabalhos em sua residência na Colônia 5000. Sebastião Mota, pouco tempo depois de chegar ao Alto Santo, já possuía um hinário extenso e fazia afirmações em seus hinos que despertavam um certo mal-estar entre os seguidores mais antigos do Mestre já que ele era um dos últimos que haviam chegado e despontava como uma liderança espiritual, carismática e também como liderança comunitária.

Sebastião era médium vidente e com o Daime abriu ainda mais a capacidade de penetrar no mundo espiritual e percebeu desde o início a importância crucial para todo daimista de se encontrar dentro desse mundo. Saber quem é, de onde veio, para onde vai, se conhecer através do Daime para poder trabalhar melhor no mundo material. Ele trabalhou muito para se conhecer e também conhecer o astral superior. Ele sabia que o valor do ensinamento espiritual se estabelece é na relação do discípulo com o mundo material, com as ações individuais, com a conduta, com a capacidade que cada um tem de ser espelho para o outro. Ele afirmou tudo que o Mestre Irineu afirmou e por isso confiava em tudo que recebia e era ordenado.

⁸⁹ SILVA, Percília Matos da. REVISTA DO CENTENÁRIO. 1992. p. 9

Percebeu desde cedo também a base fundamental dos ensinamentos da Doutrina assentada nos hinos e isso aparece claramente nas suas palavras simples de caboclo amazônico quando proseava com seus discípulos:

“O hino é uma coisa que deslapa e entra na consciência da pessoa pela intuição, ou por voz, em conformidade com o aparelho receptor, não é? O hino vem. Mas ele não é ele, aquela matéria que tá trazendo aquilo. É o Eu de lá do alto que tá mandando uma mensagem pro eu interno. Se o Eu interno está bem desenvolvido, ele logo recebe. Se não, se ele tá ainda muito emperrado, tá ainda dormindo, não saiu de cima da sepultura, os anjos não vem revelar nada pra ele. É que esse Eu interno não está ouvindo nada. Ainda está morto. Daí é que eu sempre digo: “Quem não acordar agora, danou-se!”⁹⁰

Ou nos hinos que ele próprio recebia:

*“Acorda quem está dormindo
que ninguém pode dormir
que os hinos são sagrados
e é para todos nós ouvir”*

*“Eu te entrego os meus hinos
com amor no coração
agora estás sabendo
quem é Juramidam*

.....
*Os hinos são as correntes
Tu bem vistes em mim
Que sai da minha boca
E transmite em ti”⁹¹*

A partir daí o hinário de Sebastião Mota começa a se desenvolver e ele inicia o processo de afirmação da sua palavra e dos seus ensinamentos seguindo aquela lógica já anunciada de que para ensinar é preciso se conhecer. Se o Mestre Irineu afirmava seu parentesco espiritual com Jesus Cristo, Sebastião também havia encontrado a sua matriz espiritual em São João Batista, o mesmo que pregara no deserto e que havia sido decapitado a pedido da mulher de Putifar. Nas escrituras sagradas, ele aparecia como aquele que estava destinado a anunciar a vinda do Messias, representante da justiça divina e do ideal essênio da vida em comunidade. Dentro de uma doutrina reencarnacionista esse processo de reencontro com a matriz espiritual é importante para que cada daimista possa desenvolver melhor suas

⁹⁰ MELO, Sebastião Mota de. O Evangelho segundo Sebastião Mota. (ORG) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998, p. 75.

⁹¹ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINOS 18 E 25.

qualidades mediúnicas e conseqüentemente aprimorar ainda mais o seu “aparelho receptor”, pois às vezes se recebem mensagens ou instruções que não são compreendidas justamente por falta dessa sintonia. Como afirma o padrinho Alex Polari de Alverga: “É preciso sintonizar o dial do espírito e é importante saber quem você era porque o que você é é o resultado desse processo. É importante saber quem você era quando Cristo esteve encarnado”.⁹²

O padrinho Sebastião descobriu isso e afirmou claramente:

*“Sou eu, sou eu, sou eu
Eu posso afirmar
O Mestre me chamou
Para eu me declarar*

*Vamos todos meus irmãos
Compreender o ABC
Que muitos são os que olham
E poucos são os que vêem*

*A minha Mãe é tão formosa
E mandou eu declarar
Que o Mestre está em mim
E é preciso eu me calar*

*Meus irmãos vou ensinar
Como se lê o ABC
Muitos vão assoletrar
E não sabem compreender*

*Meus irmãos vou lhes dizer
Para todos aprenderem
Que debaixo da minha ordem
É que eu agora quero ver*

*Sou eu, sou eu, sou eu
O Mestre afirmou
Olha o relho na minha mão
Aonde está o chiquerador*

*Meus irmãos venho avisando
Para todos compreender
no dia da audiência
É que vão gostar de ver*

*Agora vou declarar
Como foi que se passou
No Rio de Jordão
O batizado se traçou*

*A minha Mãe é tão formosa
E a do meu Mestre também é*

⁹² ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM CAMPINA GRANDE. CARNAVAL DE 2003.

*Ele é filho de Maria
E eu sou filho de Isabel*

*Meus irmãos já declarei
Não tem mais o que dizer
Quem quiser que o procure
Para poder compreender”⁹³*

Sebastião Mota de Melo anuncia no seu hinário a justiça de São João. Ele observava os sinais dos tempos, o mundo a sua volta e via os acontecimentos se repetirem tais e quais no tempo do Cristo. A desunião, o ego, a mentira, o desamor e pouco a pouco ia chamando aqueles que nele acreditavam para construir um mundo diferente, baseado no ideal de comunidade, sabendo que o mundo da “ilusão” estava fadado à destruição e ao sofrimento e que todo aquele que seguisse esse caminho iria sofrer as punições e os castigos divinos. Nos seus hinos ele dizia essas coisas:

*“Nosso chefe é o nosso Mestre
ele veio nos avisar
que os tempos estão chegados
e não devem demorar”*

*“Eu já te mostrei
Sabes como é
Mas fica duvidando
E só apanha porque quer”*

*“Meu pai e minha Mãe
E meu Mestre Ensinador
Todos que falar do Mestre
Entra no chiqueirador”*

*“A firmeza todos tem
mas ninguém nunca ligou
agora estão no relho
foi meu Mestre quem mandou”⁹⁴*

Mas tudo isso é preciso porque faz parte da história do homem e do próprio processo da reencarnação. Para poder descobrir essas coisas é preciso fazer um esforço para lembrar do que já se passou para não sofrer o mesmo de novo, mas o ser humano tem um véu que cobre estas lembranças e é por isso que o homem continua a sofrer pelos mesmos motivos de antes, das outras vidas. Através do Santo Daime é possível se encontrar essa revelação, despertar a memória divina que há em todos e ver as coisas como elas são realmente. Trataremos dessa “memória divina” em capítulo oportuno.

⁹³ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 28.

⁹⁴ IDEM. HINOS 30, 34, 40 E 42.

Com os constantes desentendimentos e pelo fato de que muitos não reconheciam e nem davam crédito a Sebastião ele resolveu não mais freqüentar o Alto Santo e abrir os trabalhos na sua própria residência na Colônia 5000, levando para lá sua família e mais um grupo numeroso de daimistas que acreditavam na sua missão espiritual de guiar um povo e encontrar o caminho para a vida comunitária em torno do Santo Daime, coisa que o Mestre sempre desejou e não conseguiu em vida presenciar.

Muitos não compreenderam de imediato a separação iniciada por Sebastião, mas nas palavras de dona Percília, contemporânea do Mestre Irineu, fica bem claro o significado de tudo que estava acontecendo:

“Sobre as divisões que houve entre seus discípulos, lembro-me dele dizer: - Eu confio em Deus que a minha Doutrina há de ser reconhecida no mundo inteiro. Você acha que o mundo inteiro ia caber dentro da sede de Dona Peregrina. Eu não digo o mundo inteiro. Se for só os acreanos não cabe. Com a Igreja Católica aconteceu o mesmo. Todo mundo adora a Deus e respeita Jesus Cristo, mas cada um segue o seu caminho. Teve que dividir para poder expandir. Eu não acho que seja errado não. Deus é bom...”⁹⁵

Fato é que Sebastião, por essa época, meados da década de 70, já conhecido como padrinho Sebastião, está plenamente estabelecido na Colônia 5000, nos arredores de Rio Branco, desenvolvendo os trabalhos do Santo Daime e organizando a sua comunidade em torno da religião. Os que com que ele conviveram testemunham que era um visionário, que sentia e pressentia as coisas. A Colônia transformou-se rapidamente num pólo de concentração de daimistas e recebe, nesse período, a visita de muitas pessoas de diversas partes do País e também do restante da América Latina. Jovens oriundos da geração beatnick, empolgados com as experiências alucinógenas do LSD (que fora sintetizado por Albert Hoffman em 1927 e divulgado nos anos 60 e 70 pelo professor americano Timothy Leary), influenciados por leituras diversas como “A Erva do Diabo” de Carlos Castaneda, jovem antropólogo americano que narra nesse e em outros livros suas experiências com as plantas de poder. Também chegaram muitos jovens fugidos das grandes cidades e das ditaduras latinas, empolgados com o ideal comunitário alardeado por Sebastião Mota de Melo, os cabeludos, como ficaram conhecidos, desiludidos com o sistema capitalista em busca do novo.

⁹⁵ IDEM.

Concomitante a isso a economia acreana dá sinais de falência, sustentada que fora durante muitas décadas pela borracha que já não possui o mesmo valor no mercado internacional, e a subsistência em Rio Branco começa a ficar difícil. O padrinho Sebastião sentiu tudo isso e anteviu a construção de um tempo novo, um mundo novo como ele próprio anunciava:

*“...Que até 2014 está completo o Novo Mundo! Agora ninguém sabe o que vai se passar quando isso acontecer. Eu estou sempre esperando. Vai ser num abrir e fechar de olhos! (...) E nem saí porque quis, lá da Cinco Mil. Foi porque me mostraram o mundo todo e mandaram que eu saísse para o centro da mata virgem”.*⁹⁶

Assim, se inicia um novo momento na história da doutrina. Sebastião seria o responsável pela consolidação e pelo início da expansão do Santo Daime para fora dos limites do Acre. O povo de Juramidam inicia aí sua jornada que culminará com a ida para o interior da floresta Amazônica, para o Céu do Mapiá, concretizando o sonho do padrinho Sebastião de erguer uma comunidade espírita, numa verdadeira epopéia messiânica.

Segundo Fróes:

*“O movimento messiânico dirigido pelo padrinho Sebastião foi na verdade um movimento de reorganização social e política, marcado pela afirmação de novos valores. Uma ação empreendida tendo como base a libertação religiosa, pressupõe libertar-se também da opressão econômica e política”.*⁹⁷

Sebastião levantava uma bandeira e isso vem representado nos hinos:

*“O Mestre está ensinando
ninguém procura compreender
ele levanta outra bandeira
com novas estrelas para todos ver”*

*“Levanto esta bandeira
Porque assim meu pai mandou
Todos que olharem para ela
Tem o mesmo valor”*⁹⁸

⁹⁶. MELO, Sebastião Mota de. O Evangelho segundo Sebastião Mota. (ORG) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998, p. 128.

⁹⁷ FERNANDES, Vera Fróes. História do Povo Juramidam; introdução à cultura do Santo Daime. Manaus: SUFRAMA, 1986, p. 140.

⁹⁸ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINOS 51 E 89.

A mudança não foi feita sem muito sofrimento. Transferir uma comunidade inteira para o interior da floresta Amazônica não é tarefa fácil de se realizar.

“Em maio de 1980 iniciou-se o movimento em direção ao seringal Rio do Ouro e no espaço de pouco mais de um ano cerca de 200 pessoas já estavam morando no novo local, ocupando uma área com cerca de treze mil hectares, explorando vinte colocações de seringa e produzindo 15 toneladas de borracha/ano, residindo em 36 casas, possuindo grandes roçados e criação de patos e galinhas.

*Para surpresa de todos, o padrinho anunciou em 1981 que aquele ainda não era o local determinado pelo astral e onde se ergueria a Nova Jerusalém. Concomitantemente surgiram pressões de pessoas interessadas nas terras desbravadas pela comunidade, sendo descoberto um título de propriedade com muitas irregularidades, ainda no início do século e que dava a área como propriedade de um fazendeiro sulista”.*⁹⁹

O movimento de recolocação é iniciado e a comunidade novamente se transfere para outro local deixando para trás tudo que já havia construído, sem receber indenização. Em 1983 a comunidade já está estabelecida no novo local, o Céu do Mapiá, onde permanece até hoje, abrigando cerca de mil e duzentos moradores, mais de cem casas, escola, posto de saúde, armazém, casa de farinha, oficina de motores, casa de artesanato e de ofícios femininos, cozinha comunitária, cooperativa, vários projetos sócio-ambientais, etc. Funciona ainda como um ponto de peregrinação dos daimistas de várias partes do mundo.

Sebastião Mota de Melo apresentou sua verdade espiritual em matéria e logrou construir o que alguns consideravam um sonho e outros tantos um desvario. Suas provas ele deu nos planos espiritual e material deixando dois hinários (“O Justiceiro” e a “Nova Jerusalém”) que juntos possuem 182 hinos e refletem os caminhos que o Santo Daime tomou desde que ele resolveu sair do Alto Santo para seguir sua própria linha de trabalho espiritual. Essas verdades estão presentes na sua apresentação diante da irmandade, no reconhecimento do Império Juramidam como representação da força maior dentro da cosmologia daimista e dialogando sempre diretamente com o Mestre:

⁹⁹ FERNANDES, Vera Fróes. História do Povo Juramidam; introdução à cultura do Santo Daime. Manaus: SUFRAMA, 1986, p.132.

*“Meu Mestre me falou
com amor no coração
é para ser meu filho
e amar os meus irmãos”*

*“Estou aqui
Que o Mestre me mandou
Eu vou citar o nome
O Mestre é Juramidam”*

*“Vou seguindo, eu vou seguindo
vou na mesma embarcação
vou seguir com a Rainha
e o Império Juramidam*

.....
*“O Mestre manda se bailar
aqui neste salão
e trabalhar com firmeza
firmeza no coração”*

*“Aqui dentro desta luz
numa grande miração
eu procurei encontrar
o Mestre Juramidam”¹⁰⁰*

Seus hinos rememoram, às vezes, passagens comuns à vida dos profetas, dos santos, dos apóstolos e conduz a uma narrativa dialógica em que o próprio Sebastião aparece no lugar de discípulo em diálogo com o Mestre, como no hino seguinte que remete à imagem da passagem pelo deserto como mecanismo de identificação com essas deidades e de busca pelo conhecimento dentro da miração; a visão da Iluminaria, comum em hinos da Doutrina, representa o brilho da divindade e do ensinamento que está recebendo, ensinamento que o discípulo está disposto a seguir como é relatado no final do diálogo:

*“Eu estava no deserto
ouvi uma voz me falar
o Mestre está no salão
Ele mandou te chamar*

*Pus os pés no caminho
Sem demora eu fui lá
Quando eu cheguei no salão
Eu avistei a iluminaria*

*O Mestre me falou
Com amor e com carinho
Eu mandei te chamar
Para te ensinar o caminho*

¹⁰⁰ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINOS 1, 2, 10, 18.

*Tu sois uma estrela
E é preciso trabalhar
Que a estrela que não brilha
Ela não pode iluminar*

*Eu estou arrependido
E ao Pai pelo perdão
Dai-me força e dai-me luz
Oh! Virgem da Conceição*

*O Mestre me chamou
Para eu Lhe acompanhar
Quando chegamos em viagem
Ele Veio me perguntar*

*Ele me perguntou
Eu então Lhe respondi
Que eu fazia tudo isso
Era porque eu não sabia*

*O que que eu não sabia
Fazia porque queria
Eu prometo a meu Mestre
Não fazer mais o que eu fazia*

*Agora vou trabalhar
Com amor no coração
Fazer o que o Mestre manda
Eu vou amar os meus irmãos”*

O chamado que Sebastião Mota de Melo recebe ele transmite ao seu povo e convida a todos para participarem daquilo que ele pregava, os valores e ensinamentos que ele aprendera com o Mestre – o amor, a união, a harmonia, a disciplina – e ao mesmo tempo apontava o fim dos que seguem a ordem e a verdade anunciadas por ele e os que não seguem:

*“Eu já te mostrei
Sabes como é
Mas fica duvidando
E só apanha porque quer*

*Eu já te avisei
Vou te avisar
Se contares o que eu te digo
Estejas pronto para apanhar”*

*“O povo estão rebeldes
que não querem acreditar
hoje dão gargalhadas
depois é que vão chorar”¹⁰¹*

¹⁰¹ IDEM. HINOS 8, 34, 38.

*“A força está comigo
porque meu Mestre comigo está
muito que estão zombando
é para depois ir chorar”*

E apresenta sua verdade:

*“A verdade é pura
e comigo está
muitos estão vendo
não querem acreditar”*

*“Eu apresento a minha verdade
conforme eu recebi
a meu Pai e minha Mãe
toda vida obedeci”*

*“A verdade está comigo
quem quiser pode duvidar
que meu Mestre me entregou
para eu disciplinar”*

*“Esta casa é da verdade
e a verdade aqui está
quem não tiver verdade
vai se retirar”*

Síntese da Justiça divina elaborada por ele:

*“A justiça está na terra
para todos observar”*

*“Sou filho e tenho verdade
eu sou o filho de Deus
Tenho minhas armas na mão
Eu sou o Justiceiro”*

*“A justiça de Deus é reta
não deixa passar nada
fazendo as suas continhas
e multiplicando ainda sai errado*

*Examine a consciência
Para ver se esta certo ou não
Que a justiça de Deus é reta
Não aumenta um ‘J’
Se corrijam meus irmãos”¹⁰²*

O convite de Sebastião para seguir na vida espírita e no caminho de verdade e justiça que ele apresenta é reiterado a todo momento:

*“Tu já viste o meu brilho
E já sabes quem eu sou*

¹⁰² IDEM. HINOS 66, 68,74, 77, 98, 90, 119.

*Agora eu te convido
Para irs aonde estou”*

*“Meus irmãos o livro está aberto
é para todos lerem”*

*“Eu chamo os meus irmãos
para tirar do engano*

*Eu chamo os meus irmãos
Com todos eu quero falar”*

*“Eu peço aos meus irmão e minhas irmãs
que deixem de tormenta”*

*“Eu chamo meus irmãos
para justificar”*

Chegando ao final do seu primeiro hinário, Sebastião Mota de Melo anuncia o tempo novo que está por vir, o novo mundo, o novo sistema que João Evangelista anunciava no livro do Apocalipse, a chegada da Nova Jerusalém. É o final de 1978 e o próximo ano vai coincidir justamente com a preparação para que o povo colhido por ele inicie sua peregrinação em busca da terra prometida no interior da floresta fazendo assim um retorno à origem milenar da bebida ayahuasca:

*“Eu peço a meu Pai eu peço
eu peço eu quero perceber
eu participo aos meus irmãos
Nova Jerusalém está perto de nascer”¹⁰³*

Nesse período, Sebastião Mota ainda dará um passo significativo na introdução dos novos elementos na Doutrina, motivo pelo qual ainda hoje é contestado pelos seguidores mais antigos do Mestre Irineu. Como já falamos, Sebastião era um visionário e dentro de suas inúmeras visões uma em particular teve conseqüências irreversíveis que distinguem a sua linhagem espiritual de todas as outras. Ele narrava um sonho que havia tido no qual um anjo o guiava até o meio da floresta e lá lhe mostrava um belo jardim com uma planta diferente das que ele conhecia e o ensinava seu uso ritual. Essa planta que posteriormente foi apresentada a Sebastião por dois jovens recém-chegados à Colônia Cinco Mil (Maurílio Reis e Lúcio Mortimer) era a *Cannabis Sativa*, que ele começou a cultivar, rebatizando-a como Santa Maria e criando uma ritualística própria para sua utilização, com regras, normas, e interditos diversos estabelecendo uma tradução de significados, instituindo uma nova simbologia e

¹⁰³ IDEM. HINOS 22, 124, 129, 131, 134, 153.

(re)significando as características negativas que envolviam o uso da Cannabis, elevando-a ao status de planta de poder.

Lúcio Mortimer recebeu um hino onde narra o sonho do padrinho:

*“Eu vou contar uma bela história
da plantinha que mais tem amor
ela era bem pequenina
padrinho viu e abençoou*

*Ele disse preste atenção
aqui tem uma força divina
Quem souber dar consagração
tem uma mãe que nos ensina*

*Ela cura e alimenta
o amor em nosso coração
O seu perfume nos acalenta
e nos conforta em nossa missão*

*Um anjo veio e foi dizendo
no sonho de nosso padrinho
Com esta planta também se cura
e tem mais luz em seu caminho*

*Com galho verde na sua mão
o anjo veio e fez a profecia
Agora vamos ter união
e mais respeito à Santa Maria”¹⁰⁴*

E o padrinho afirmava que:

*“A verdade de Santa Maria
é preciso respeitar
É andar direitinho
se não todos vão apanhar”¹⁰⁵*

Essa mudança não se deu sem conflito no seio da comunidade e de uma certa forma apressou o passo de Sebastião para o interior da floresta. Mas a certeza de que o uso que fazia era diferente lhe dava convicção para continuar afirmando sua verdade e levantar sua bandeira, a bandeira da Santa Maria, inclusive tendo deposto à polícia de Rio Branco em um inquérito sobre apreensão de *cannabis* na comunidade. Foram liberados todos os envolvidos depois que a defesa provou a idoneidade e boa conduta dos acusados.

Em relação ao uso dessas plantas, o padrinho Sebastião afirmava que:

“Eu conheci muitas: cogumelo, São Pedro, Santa Maria. Todas são linhas muito sérias, tem seus usos espirituais. A Santa Maria é a mais conhecida. Lá fora os chamam de maconha. Mas é por causa dos

¹⁰⁴ LUCIO MORTIMER. INSTRUÇÃO. HINO 30.

¹⁰⁵ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. NOVA JERUSALÉM. HINO 18.

homens que não se respeitam. Nem respeitam a força das ervas, nem respeita-se a si mesmo. Só botam ela no bico para uso de dinheiro, de peia, de confusão e o diabo a quatro! Mas não é para isso! O uso dela é pra um conhecimento, para abrir o lado espiritual. Foi do espiritual que eu recebi. Por isso eu estudei. Foi porque me entregaram; o Daime, as outras plantas sagradas, a própria floresta.”¹⁰⁶

No entanto os acontecimentos subseqüentes que envolvem o não cumprimento da disciplina estabelecida pelo padrinho para seu uso ritual (entre elas o segredo da utilização) aliado ao crescente número de adeptos que chegavam à doutrina, a sua expansão para os centros urbanos e os entraves no processo de legalização do Santo Daime – que passa a ser ligado pejorativamente a *cannabis sativa* – levam a que aos poucos as lideranças do CEFLURIS recuem e passem a desestimular o seu uso nas igrejas sob sua orientação. O daimista da linha do padrinho Sebastião ficou conhecido também pela designação de “*mariano*”, pela devoção a Nossa Senhora ligada ao uso da cannabis que incluía a reza do terço, o silêncio e a concentração para se fazer a “*consagração da Santa Maria*”. É necessário registrar aqui que nem todos os seguidores de Sebastião Mota aderiram ao novo elemento, mas a maioria seguiu os passos do líder e ingressou no batalhão da Santa Maria.

Essa conversão de uma planta proscrita social e juridicamente em uma “erva sagrada” aproxima-se daquilo que Irineu Serra realizou quando re-batizou o chá ayahuasca de Santo Daime conferindo-lhe novo status e re-elaborando os rituais indígenas fazendo o que chamamos de cristianização da ayahuasca.

Não é demais lembrar que o uso da *cannabis sativa* não é recente; em muitas culturas da África e do Oriente, ela é bastante difundida e no Brasil foi amplamente utilizada até 1830, quando ocorre a primeira proibição por uma lei municipal do Rio de Janeiro, entretanto só a partir de 1940 a *cannabis* é proibida por uma lei nacional. Sua ilegalidade internacional é recente e situada historicamente a partir da Convenção de Haia em 1911 e no início dos anos trinta, quando a nascente indústria dos sintéticos americana, preocupada com a expansão do cânhamo (retirado da *cannabis*) como matéria prima para um grande número de produtos – da indústria têxtil à farmacêutica e petroquímica – inicia uma campanha jornalística e no Congresso que culmina com sua proibição a partir de 1936. Sendo assim podemos perceber que motivos econômicos muito mais do que qualquer outra coisa é que levaram a essa decisão

¹⁰⁶ MELO, Sebastião Mota de. O Evangelho segundo Sebastião Mota. (ORG) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998, p. 196.

no país que teve seu primeiro presidente, George Washington, e o redator da primeira constituição, Thomas Jefferson como produtores de *cannabis*.

A suspensão da Santa Maria nos rituais daimistas é refletida também nos hinos que passam, não a negar, mas a afirmar a Santa Maria de outra forma, buscando uma re-aproximação com o ensinamento de Sebastião Mota como segue nos exemplos:

*“Quem não conhece Santa Maria
e faz uso dela todo dia
vive sempre em agonia
mas agora chegou como eu queria”¹⁰⁷*

*“Aqui eu deixei essa planta
Foi para todos respeitar
Mas não quiseram me seguir
Seguiram as falanges do mal*

*Agora ela está suspensa
E a ordem é meu Pai quem dá
Quem não quiser obedecer
Se apronte para apanhar.*

*Eu peço aos meus irmãos
Vamos todos concordar
Que é para ver que ela possa
Aqui nos ajudar*

*Eu digo aos meus irmãos
Todos tratem de se firmar
Que eu segurei até aqui
Mas agora não vou mais segurar*

*Que eu só vou dar cobertura
Aqueles que me obedecer
Quem estiver na zombaria
A peia eu mando descer*

*Que há tempo foi avisado
E ninguém trata de obedecer
Mas quando estiver ardendo
Ai é que eu quero ver*

*Meu pai eu vos agradeço
Por receber e compreender
A vós eu peço meu perdão
E agora um pouco eu hei de fazer”¹⁰⁸*

¹⁰⁷ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 108.

¹⁰⁸ WALDETE MOTA DE MELO. O LIVRINHO DO APOCALIPSE. HINO 32.

Essa suspensão está vigorando no momento para todas as igrejas ligadas ao CEFLURIS, e o padrinho Alfredo e seu irmão padrinho Valdete comandam uma campanha no sentido de desvincular o uso do Santo Daime do da Santa Maria.

Esses hinos, principalmente o último, refletem o movimento que temos tentado atestar de vivacidade da doutrina do Santo Daime e do hino enquanto espaço aberto a (re)elaboração de preceitos, dos conteúdos e sua força na transmissão dos ensinamentos e na formação de novos modelos a serem seguidos pelos adeptos que têm neles a oportunidade de refletir sobre a doutrina e os novos acontecimentos que com frequência vão aparecendo.

No final do ano de mil novecentos e setenta e oito, Sebastião Mota de Melo encerra seu primeiro hinário, “O Justiceiro”. A partir daí se inicia um processo novo na história do Santo Daime que coincide com o recebimento do seu segundo hinário “Nova Jerusalém”. A ida do padrinho e seu povo para o interior da floresta marca, também, o início da expansão do Santo Daime para o restante do país e para o exterior; o que até então tinha ficado concentrado no Acre ganha agora uma proporção diferente. A ordem que Raimundo Irineu Serra recebeu no seu hinário de “expandir a doutrina cristã para o mundo inteiro” começa a ser cumprida por seus discípulos. Rio, São Paulo e Brasília são os primeiros grandes centros a possuírem igrejas. Desse período até hoje, a doutrina do Santo Daime cresceu bastante possuindo filiais em várias partes do mundo, tendo, em muitos países, já conseguido a legalidade e o reconhecimento.

Também se inicia aqui um novo período na própria história dos hinos. Até a década de oitenta, eram todos em português, mas com a expansão começaram a aparecer hinos em outros idiomas (apesar dos hinários matrizes serem todos obrigatoriamente cantados em português) hoje é possível encontrá-los em inglês, espanhol, alemão e até mesmo japonês, como tratamos no capítulo 5.

Esse período marca o surgimento de uma nova liderança na doutrina do Santo Daime – Alfredo Gregório de Melo – o qual será responsável pela expansão para o resto do Brasil e para outros países da América Latina, para o Hemisfério Norte e para a Europa.

O padrinho Alfredo, como é hoje chamado pelos seguidores da linha do CEFLURIS, tem cinquenta e oito anos, desde o início da década de oitenta tem se dividido entre a coordenação geral dos projetos ecológicos no Vale do Juruá e no Céu do Mapiá e a presidência do Conselho Superior Doutrinário da entidade que orienta a organização da instituição e sua relação com as igrejas filiadas no Brasil e no resto do mundo.

Figura carismática como o pai, dono de um extenso hinário chamado “O Cruzeirinho” e de um menor que leva o nome de “Nova Era”, Alfredo Gregório é um homem simples, de

comprovado valor espiritual no mundo ayahuasqueiro. Músico caboclo, toca violão e acordeom, reside hoje no Céu do Mapiá, mas passa boa parte do ano viajando para os pontos e igrejas ligadas ao CEFLURIS. De sua autoria foram publicados em 2007 os livros “Viagens ao Juruá (Journeys to the Juruá)”, edição bilíngüe narrando as primeiras viagens que realizou ao Vale do Juruá para reencontrar seus familiares e “Padrinho Sebastião – Biografia versejada”, ambos em cordel e com ilustrações do próprio autor. Alfredo Gregório é, sem dúvida, um dos maiores responsáveis pela inserção do Santo Daime entre as linhas espirituais caracterizadas como pertencentes à “nova era”. Trabalhador incansável pela divulgação do Santo Daime e por sua legalização; sob seu comando se encontra hoje um grande contingente de adeptos espalhados pelo mundo todo. Se o padrinho Sebastião pode ser considerado o consolidador da doutrina e aquele que inicia sua expansão, o padrinho Alfredo deve ser visto como aquele que levará a cabo a tarefa iniciada pelo pai.

Começou a receber seu primeiro hinário ainda na década de setenta à medida que acompanhava o pai na sua jornada espiritual depois da saída do Alto Santo e, posteriormente em busca da Nova Jerusalém da floresta, organizando as expedições e responsabilizando-se pela administração da Colônia Cinco Mil com o restante da comunidade que ficou em Rio Branco. É nesse período que começa a receber e desenvolver o Trabalho de São Miguel, o qual possui ligações diretas com todo o movimento que a comunidade estava vivenciando naquele momento.

O padrinho Alfredo pode ser considerado a terceira geração de líderes do Santo Daime. Seus hinários são cantados oficialmente pelas igrejas filiadas ao CEFLURIS na noite de São Pedro, no Ano Novo e no dia sete de janeiro, dia de seu aniversário, enquanto que o hinário menor, a “Nova Era”, é executado com maior frequência em várias datas do ano, principalmente nos trabalhos de jovens.

Para seus seguidores, ele traduz a sabedoria do rei Salomão e essa talvez seja a característica principal do seu hinário, sem querer resumi-lo a isto, tendo em vista a enorme quantidade de ensinamentos ali contidos:

*“No cume da perfeição
aonde o Mestre está
na ciência do Rei Salomão
aonde Deus pode habitar”*

*“Eu peço uma ajuda
ao meu rei Salomão
guiái bem os meus passos
deste corpo aqui no chão”*

*“Eu canto firmado
no rei Salomão
que tem a ciência
divina na mão”¹⁰⁹*

Sua ligação com a floresta, herança do padrinho Sebastião, é a mostra da dedicação de toda sua vida à construção do sonho do pai: erguer uma comunidade religiosa no meio da Amazônia e se torna patente ao longo de seus dois hinários onde são constantes as menções aos pássaros, insetos, flores, árvores, perfumes e aos seres que lá habitam comparando a todo instante a floresta com o Éden original:

*“O jardim é a floresta
que o nosso Pai criou
feliz será aquele
que souber dar seu valor”*

*“Da floresta eu recebo
força para trabalhar
da floresta eu tenho tudo
tudo, tudo Deus me dá”*

*“Eu vejo todos animais
cada um compõe seu lugar
que aqui neste jardim
de tudo tem que habitar”*

*“Cantei hoje e canto sempre
este entendimento fino
ouço a voz da natureza
no cantar dos passarinhos*

*No cantar dos passarinhos
e no zunido dos insetos
em tudo está a vida
e em tudo o sol resplandece”¹¹⁰*

Os hinários de Alfredo Gregório são cantos de amor à natureza e demonstram preocupação com a crescente devastação que o homem tem propagado em todas as suas esferas. Mais do que qualquer outro hinário, podemos afirmar mesmo que é um brado de louvor ao sol, à lua, às estrelas, ao mar, ao vento, enfim, a todas as manifestações e fenômenos tão caros à doutrina do Santo Daime e a toda a humanidade. É também um chamado ao homem moderno para que volte os olhos para a divindade e se volte para a espiritualidade. Essa é a mensagem que ele tem espalhado pelo mundo e talvez por isso seus hinos sejam recebidos em vários países como uma convocatória de alistamento nas fileiras da Rainha da Floresta

¹⁰⁹ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 47, 61, 78.

¹¹⁰ IDEM. HINOS 9, 14, 18, 77.

refletindo a universalidade dos ensinamentos contidos no Santo Daime. Se esse é o discurso, a prática não é diferente e, como líder comunitário, ele tem buscado constantemente o convívio harmonioso com o espaço onde vivem e conseguiu obter apoios importantes para as causas que defende, o que já resultou em um número de projetos sociais e ecológicos que buscam a preservação de uma extensa área da floresta que está hoje, legalmente, sob os cuidados da entidade que ele preside.

Uma alteração significativa instituída por Alfredo Gregório foi a mudança do formato da igreja que nos tempos do mestre Irineu era retangular e agora passa a ser em formato de estrela, lembrando a ligação do novo líder da Doutrina com o Rei Salomão, assim é que a maior parte das novas igrejas filiadas ao CEFLURIS já seguem esse formato:



Igreja Matriz da linha do Padrinho Sebastião Mota de Melo, localizada no Céu do Mapiá, no estado do Amazonas. Site: www.santodaime.org. Acessado em outubro de 2007.

Esse era o sonho do padrinho Sebastião que foi concretizado por seu filho, erguer uma catedral e uma comunidade no meio da floresta. Anualmente a igreja matriz recebe adeptos oriundo de várias partes do mundo que enfrentam a dura jornada iniciática através do igarapé Mapiá, de canoa, para se encontrar com as raízes da linha espiritual dirigida por Alfredo Gregório e consagrar o Santo Daime em meio a beleza e pureza da floresta amazônica.

4 – MEMÓRIA SOCIAL E PERFORMANCE NO SANTO DAIME

*“Vou seguindo, vou seguindo
Os passos que Deus me dá
A minha Memória Divina
Eu tenho que apresentar”*

(Hino 104 – Mestre Irineu)

Compreender tudo que diz respeito ao Santo Daime é, antes de tudo, um retorno ao passado, entendido aqui não somente na perspectiva temporal-espacial daquilo que estamos acostumados a designar comumente como “real”, mas, principalmente, como um exercício constante de construção da realidade que passa por um processo de (re)descoberta de elementos que permitem preencher justamente aquelas lacunas que são criadas pelo esquecimento. Nesse sentido o daimista busca em sua caminhada a percepção do “quem fui” para a (re)elaboração do “quem sou”.

*“Eu quero saber de onde venho
eu devo saber aonde estou
porque a hora já está chegando
e até agora eu não sei quem sou*

*Sabendo quem sou eu
Eu posso saber para onde vou
Me libertar da minha ignorância
E tomar uma direção neste mundo sofredor”¹¹¹*

Essa busca pelo preenchimento dos “buracos da memória” não é uma tentativa de lutar contra o inevitável papel que o esquecimento possui na formação da cultura e da própria memória como fundadora do *status quo* que a comunidade apresenta em determinado momento. Constitui-se, no entanto como uma espécie de elo perdido entre aquilo que o daimista compreende e o que não consegue compreender. No seu entendimento de que a doutrina que segue é uma escada espiritual, lembrar significa resolver pendências passadas que são fundamentais para o seu crescimento e desenvolvimento espiritual e conseqüentemente material.

Zunthor esclarece que:

*“Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitando
uma parte do que elas acumularam da experiência, no dia-a-dia. A
seleção drena assim, duplamente, o que ela criva. Ela desconecta,*

¹¹¹ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 15.

*corta o contato imediato que temos com nossa história no momento que a vivemos. Ela nos afasta daí um pouco, permitindo que se crie uma perspectiva (mesmo míope) ao tempo em que se instaura uma espécie de repouso paradoxal. Suspende, do real empírico, o efeito de hic et nunc, se não destaca daí o ego. Mas, também na multiplicidade do que seria urgente talvez registrar na memória coletiva, ela recupera ou determina o que, do vivido, foi, é e tem chances de permanecer funcional”.*¹¹²

É importante não perder de vista que para o daimista a sua associação com outros membros em grau maior ou menor e mesmo de um modo geral com outras pessoas não é um fato isolado na sua trajetória, mas segue a concepção reencarnacionista que tanto pode ser encontrada nos preceitos kardecistas como em várias religiões orientais. Para a doutrina espírita, quando o espírito encarna na matéria, lhe é tirada a possibilidade de lembrar de suas vidas passadas para que isso não interfira no seu comportamento em tal ou qual existência e ele possa co-existir com os quais já teve algum tipo de contato (como pai, mãe, irmão, amigo, inimigo, etc.) nas suas vidas passadas. O esquecimento é importante então para que se cumpra a lei do carma de cada pessoa.

*“Amor eterno para sempre nos uniu
reuniu as nossas almas
assim que a gente se viu
da flor serena Rainha da misericórdia
juntou nossos corações
e começou nossa história*

*Nossa história vem do Jordão
um reencontro nesta reencarnação”.*¹¹³

*“Quando eu me perco nesta ilusão
esqueço Papai que foi quem me criou*

*Espero um dia reter para sempre
A lembrança divina do meu nascimento”.*¹¹⁴

Então aqui se cruzam as memórias individuais construindo a história do grupo e se constituindo enquanto memória coletiva pensada de uma certa forma à luz do conceito de Halbwachs que afirma que:

¹¹² ZUNTHOR, Paul. Tradição e Esquecimento. São Paulo: Hucitec, 1997, p.15.

¹¹³ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 84.

¹¹⁴ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINO 27.

*“Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída”.*¹¹⁵

No entanto é mister lembrar que a utilização de um poderoso enteógeno, como é o Santo Daime, como mediador dessa tentativa de articulação do campo da memória certamente amplia o conceito que estamos tratando, pois produz uma rede de lembranças que é difícil de imaginar em outros grupos sociais. Quebrar a tensão criada pelo esquecimento é condição *sine qua non* para que o daimista se desenvolva espiritualmente, compreendendo aqui esse desenvolvimento como a própria obtenção do conhecimento de si e das coisas a seu redor. A produção de visões (entendida como algo mais do que “ver”) do passado individual e coletivo é importante para colocação do indivíduo na sua posição dentro do grupo e ajudá-lo a compreender as suas “passagens” dentro dos trabalhos espirituais e na sua vida cotidiana, da mesma forma que podem levar ao estabelecimento de uma percepção de grupo sobre algum evento – como é o caso da mudança da comunidade liderada por Sebastião Mota de Melo da cidade para o interior da floresta, fruto das suas visões – e levar a transformações intensas no seio da comunidade.

Segundo Polari:

“Nos seus ensinamentos, o Padrinho vinculava o renascimento a uma outra pesquisa interior que ele denominava lembranças do passado. A miração, da mesma forma que o sonho, traz para nós uma linguagem alegórica e cheia de significados, ambigüidades e interpretações. A tradição enteógena, cujas verdades são testadas durante a experiência visionária, constitui-se em um precioso acervo da memória akashica, a mesma fonte inspiradora de revelações espirituais usada por todos os santos, rishis e profetas do passado. As visões nos obrigam a uma constante elaboração interior, a começar pela abertura de nossas portas de percepção e dos nossos canais mediúnicos. Fazem-nos

¹¹⁵ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990, p 34.

progredir lentamente da consciência dos fenômenos psíquicos até atravessar as fronteiras dos domínios propriamente espirituais”¹¹⁶.

Aqui não se trata obviamente da “madeleine” proustiana, mas de um canal que é aberto através do transe proporcionado pela bebida e completada pela ritualística do trabalho como veremos mais adiante. Em relatos de várias tradições que utilizam ayahuasca e mesmo outros enteógenos, encontraremos a recordação apontada como inauguradora de um novo tempo e de um novo espaço e fundamental para que o indivíduo se situe em ambos e possa estabelecer uma série de relações com o grupo, uma espécie de tomada de consciência que diferencia o adepto do não adepto, assim como, em certos casos, também diferencia o adepto mais antigo dos mais novos. Não se trata aqui da inauguração de um “novo calendário” como aponta Connerton, mas justamente o seu contrário, a busca incessante daquilo que funda a nova ordem e que pode ser encontrado no sonho, na miração, em suma, no transe mediúnico após a ingestão do Santo Daime.

As narrativas são muitas e remetem, geralmente, à condição atual que o adepto vivencia e que é fruto daquilo que já foi lembrado, retirando-se o véu que encobre a memória (o esquecimento) para que a ordem possa ser estabelecida, ou como diria Connerton “(...) *o mundo do inteligível, definido em termos de experiência temporal, é um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação*”.¹¹⁷

Os hinos se apresentam então como o segundo elemento catalisador dessas lembranças, junto com a bebida e com o ritual e assumem o papel de fio condutor da memória criando as condições (não condicionando) para que o indivíduo possa não só lembrar mais rapidamente, como também entender o que foi lembrado e situar as lembranças no plano geral da sua existência, sob pena de não conseguir articular suas memórias e, com isso, criar situações indesejadas, como confusão mental, dúvidas, incertezas, medo, ou até alguma situação envolvendo distúrbios psíquicos que obviamente são amparados pelo próprio ritual, qualificados como emergência espiritual.

O padrinho Sebastião deixou expresso em vários de seus hinos a importância da memória como condição para se alcançar o desenvolvimento espiritual e material bem como o papel fundamental que os hinos ocupam nessa relação:

*“Os hinos são as correntes
tu bem vistes em mim
que sai da minha boca*

¹¹⁶ MELO, Sebastião Mota de. O Evangelho segundo Sebastião Mota. (ORG) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998, p. 32..

¹¹⁷ CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Oeiras: Celta Editora, 1999, p. 7.

e transmite em ti”¹¹⁸

*“Meus irmãos eu vou lembrar
o que ninguém se lembrou
meu Pai e minha Mãe
tanto que recomendou*

.....
*Não sei o que o povo pensa
Que de tudo se esqueceu
Amam mais a ilusão
Do que meu Pai verdadeiro”*

*“Meus irmãos estou aqui
eu vim justificar
é lembrança do passado
e todos têm que se lembrar”¹¹⁹*

A presença dessa memória pode ser relacionada ainda com o recebimento dos hinos, pois um dos requisitos apontados por vários entrevistados para que o hino seja válido é que ele, pelo seu caráter sagrado, não é esquecido. Ao apresentar um hino novo o adepto deve, portanto, cantá-lo de cor, sujeito a, se tal não aconteça, não receber o devido reconhecimento por parte do grupo.

¹¹⁸ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 25.

¹¹⁹ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINOS 81 e 116.

4.1 – A memória social como elemento de coesão do grupo

*“Lembrando estou aqui e vou dizer
e mesmo é coisa de nossa capacidade
que para sermos filhos da Rainha
é preciso darmos prova da verdade”*

(Hino 24 – Padrinho Alfredo Gregório)

Se é verdadeiro afirmar como Halbwacs que a memória coletiva abarca as memórias individuais e que estas necessitam daquelas para se auto completarem diríamos que também a matéria de que estamos tratando estabelece uma ligação bem clara entre a produção do conhecimento (lembranças) individual e a produção do conhecimento histórico grupal. A filiação a uma linha de trabalho espiritual que possui várias ramificações cria um certo sentimento de diferenciação de um lado e de identificação de outro.

Groisman diz que:

“A existência de uma memória divina é um elemento muito importante para a construção da identidade grupal. Nesta memória estaria registrada a coexistência desse mesmo conjunto de espíritos num passado distante. A reunião dessas pessoas em torno do Santo Daime seria na verdade um reencontro. (...) O resgate da memória divina representa não só uma oportunidade para o conhecimento da divindade interior, mas também um meio de marcar o pertencimento a uma irmandade antiga, que ora estaria se reencontrando”.¹²⁰

O Santo Daime possui aproximadamente cem anos de fundação, mas seus adeptos remetem suas memórias há tempos muito mais longínquos, há milhares de anos para ser mais claro. Por outro lado, como podem ser distinguidas pelo menos duas linhas bem definidas em seu seio, o compartilhamento da memória se estabelece de forma múltipla abrangendo as várias partes que compõem o todo histórico e criando certas (des)continuidades que só podem ser percebidas quando se esclarecem essas minúcias.

Nesse sentido a linha de trabalho espiritual fundada por Sebastião Mota de Melo assume um papel fundamental na história do Santo Daime, pois é ele que faz a ponte entre a

¹²⁰ GROISMAN, Alberto. Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999, p. 51.

origem da Doutrina com o Mestre Irineu e o momento atual que vivem os adeptos do Santo Daime espalhados pelo mundo, muitos dos quais se ligam ao Mestre através do padrinho.

Polari, discípulo do padrinho Sebastião por muitos anos, nos conta como ele via esse estado de compartilhamento da memória:

*“Sebastião Mota nos ensinava a acreditar nas sincronicidades que eram criadas no estado de consciência expandida. E também nas visões que, inexplicavelmente, se insinuavam na nossa mente e que só podíamos compreender como vestígios de outras encarnações. Essas imagens, lembranças, visões e sonhos, seriam as pistas acessíveis ao viajante. (...) Há uma sutil diferença entre a mente que projeta suas próprias quimeras e a que seguramente recebe emissões de verdade. (...) Com toda simplicidade, Sebastião Mota nos ensinava que essas visões de tipo especial, que ele denominava lembranças do passado, criavam em nós um sentimento de identificação com essas experiências arquetípicas, o que muito nos auxilia para encontrarmos a nossa identidade espiritual”.*¹²¹

A memória tem que possuir algo de crença para se efetivar. Assim é que o Mestre Irineu lembrou de sua ligação com Jesus, o padrinho Sebastião lembrou de sua ligação com São João, o padrinho Alfredo lembrou de sua ligação com o rei Salomão, o padrinho Alex lembrou de sua ligação com o rei Davi, para citar apenas esses, e os adeptos atuais se esforçam por rememorar também essa ligação. Encontrar com esses homens (só o padrinho Alfredo e o padrinho Alex estão vivos) dentro da miração é rememorar também os seres e as situações aos quais eles estão ligados e, indo-se mais além, se encontrar dentro dessa relação para estabelecer aquilo que se é no presente, se conhecer para poder compreender o que se está passando.

A filiação de todos esses homens está expressa nos seus hinários e cada um deles, num processo de rememoração do passado, imprime nos hinos características das suas passadas reencarnações: a justiça de São João; a sabedoria de Salomão; a força de Davi.

*“A minha mãe é tão formosa
e a do meu Mestre também é
Ele é filho de Maria
E eu sou filho de Isabel”*¹²²

¹²¹ MELO, Sebastião Mota de. O Evangelho segundo Sebastião Mota. (ORG) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998, p. 33.

¹²² SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 28.

*“No meu reconhecimento
dou louvor a São João
dele eu tenho verdade
saber do Rei Salomão”¹²³*

*“Eu sou eu sou daqui
da tribo de Judá
venho me achar
na casa de Davi”¹²⁴*

Halbwachs distingue a memória individual da coletiva imprimindo a esta um status maior pelo fato de que:

“Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias”¹²⁵.

Assim é no processo de aprendizagem instituído pelo ato de cantar os hinos que o adepto invoca não somente as suas lembranças, mas aquilo que lhe é dado lembrar a partir das lembranças dos outros, chegando ao ponto mesmo, de, através do transe mediúnico, afirmar lembranças que “não são suas” diretamente, no sentido de que não as viveu nessa existência e também de lembrar fatos e eventos que dizem respeito à constituição do grupo enquanto tal. Durante todo o tempo, estamos refletindo sobre um aspecto da matéria mnemônica que num estado simples de consciência se diferencia muito claramente do que estamos falando. Os enteógenos são considerados como chaves para abrir as portas da percepção e através delas penetrar em estados modificados da consciência os quais permitem estabelecer experiências visionárias distintas daquelas que ordinariamente invocamos no nosso cotidiano.

Essa chave é dada a todos os adeptos que num determinado momento ingerem o Santo Daime, dentro de condições similares, e acessam conhecimentos que dizem respeito à individualidade de cada um como também àquilo que os liga enquanto membros de um mesmo grupo e praticantes de um mesmo ritual fazendo com que cresça também aquela crença de um passado comum nessa ou em outra vida, no plano material ou no plano espiritual. O fato de que os trabalhos são realizados em dias e horários fixos para todos os adeptos em todas as partes do mundo (com alguma variação) permite ainda que afirmemos

¹²³ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 29.

¹²⁴ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINO 21.

¹²⁵ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990, p 25.

que se cria uma vibração não-automática entre eles levando em muitos casos a visões coletivas dentro de uma mesma sessão, ou em locais distintos; lembranças estas que remetem à origem do grupo e fortalecem a ordem social vigente.

Não é minha intenção explicar cientificamente estados modificados da consciência que sob determinadas ópticas não são nem mesmo aceitos pela psicologia tradicional, mas convém lembrar que Freud já apontava para uma memória genética herdada biologicamente, ao que queremos acrescentar uma memória cultural arquetípica que pode vir à tona no interior destes estados modificados através da ingestão do chá. Esse é, por exemplo, o processo através do qual um Xamã se torna o que é, da mesma forma que um adepto do Santo Daime recebe um hino. Essas visões rememoradas que em alguns casos são tratadas como patologias, doença, loucura, esquizofrenia, são compreendidas aqui como a passagem de um mundo ordinário para um mundo extraordinário.

Como afirma Laing, adepto da psicologia transpessoal:

*“O que Freud e Jung denominaram “o inconsciente” é apenas aquilo de que nós, em nossa alienação historicamente condicionada, não temos consciência. Não se trata de algo necessário ou essencialmente inconsciente. (...) A tarefa adequada do médico (psicoterapeuta, analista) deve ser, em casos selecionados, retirar a pessoa deste mundo e introduzi-la no outro, guiá-la nele; e trazê-la de volta. Entramos no outro mundo ao quebrarmos uma carapaça, ao passarmos por uma porta, por meio de uma separação: as cortinas se abrem ou são levantadas, um véu é retirado. Não é a mesma coisa que um sonho. É algo “real” de uma maneira distinta da do sonho, da imaginação, da percepção ou da fantasia. Sete véus: sete selos, sete céus”.*¹²⁶

Sentido que bem pode ser encontrado nos dois hinos que se seguem:

*“A loucura é um estudo
de prestar bem atenção
Com ele temos a chave
De curar com nossas mãos”*

*“Entre a morte e a loucura
está o Cristo verdadeiro*

¹²⁶ LAING, R. D. A relação entre a experiência transcendental, a religião e a psicose. IN GROF, Stanislav & GROF, Christina (Orgs.). Emergência Espiritual: crise e transformação espiritual. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 75/76.

*é preciso ter certeza
para andar bem pelo meio*¹²⁷

Esclarecemos essas questões para que não pareçam abstratas demais e sem bases concretas certas afirmações contidas no nosso texto e também para elucidar melhor essas mesmas questões aos olhos daqueles que não têm contato direto com experiências mítico-religiosas da natureza das que estão sendo refletidas aqui. Em muitos escritos jornalísticos e/ou acadêmicos, os adeptos de religiões como o Santo Daime ainda são tratados como fanáticos ou alucinados e aqui temos tentado enxergar os fenômenos que cercam essas religiões sob um prisma diferente, não sem uma certa dificuldade, prática e terminológica.

Importa, no entanto, que pensemos que a memória social possui um papel fundamental na manutenção da ordem social, principalmente quando pensamos a expansão do Santo Daime para outras regiões fora da sua região de origem e para outros países onde a invocação de elementos nativos pode parecer incongruente. As personagens cristãs citadas nos hinários talvez sejam de absorção mais fácil do que as entidades indígenas ou de matriz afro-brasileiras e isso poderia levar a uma dispersão dos parâmetros fundantes da ordem estabelecida. Também não se conseguiria estabelecer padrões que ajudassem os adeptos a solidificar o seu sentimento de pertença a este grupo.

Connerton aclara que

“No que diz respeito, em particular, à memória social, constatamos que as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente. É uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do passado divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões”.¹²⁸

A constituição dos hinários e o seu reconhecimento como universais para os membros do Santo Daime (inclusive o fato de serem cantados em português mesmo fora do Brasil) têm permitido que o substrato do conhecimento que é transmitido permaneça até certo ponto intocado, ao mesmo tempo em que reconhecemos claramente as alterações e modificações que já foram realizadas no seu *corpus*, sem que, no entanto, tenha havido uma transformação radical nos preceitos, normas e mecanismos de permanência dentro do grupo.

¹²⁷ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINOS 20 e 103.

¹²⁸ CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Oeiras: Celta Editora, 1999, p. 3.

Começamos a compreender a importância do conjunto dos hinários como elemento instituidor e regulador dessa memória que perpassa as concepções dos adeptos a respeito de uma variegada gama de assuntos que vão desde temas doutrinários, morais, regras de conduta, até aspectos mais simples (não menos importantes) do seu cotidiano. Aliás, é corrente essa afirmação entre os daimistas e praticamente todos que entrevistei colocaram que nos hinós está contido tudo que o adepto precisa para “conhecer e compreender” e que a prática do que neles está prescrito leva à perfeição material e espiritual, fim último da prática religiosa.

O conhecimento maior dos hinários leva a uma melhor prática religiosa e cotidiana, o que por sua vez exige uma dedicação e um envolvimento cada vez mais profundo e ao desencadeamento do sentimento de pertença, bem como a sua permanência ao longo do tempo, pois a manutenção dessas características depende em parte do maior ou menor grau de convivência dos membros do grupo. Nas comunidades da floresta (em Rio Branco e no Céu do Mapiá) isso gera um círculo de relações que se aprofundam mais ainda com o estabelecimento de laços familiares formando por vezes clãs dentro do próprio grupo (os Mota, os Gregório, os Corrente, os Carneiro, os Gomes).

Aos poucos parece que vai havendo uma desarticulação dessas relações à medida que as comunidades crescem e interesses diversos penetram nesses grupos. Os laços cotidianos vão se diluindo e o que permeia e mantém a ordem social vigente é a prática do ritual que continua sendo comum a todos. Por outro lado, nas comunidades urbanas que tentam se estabelecer em meio à desordem e ao caos citadino a busca dessa prática é o que move muitas vezes os adeptos a se organizarem enquanto grupo e a articularem relações de maior proximidade e mais duradouras reunindo-se para os ensaios, nas orações, nos mutirões, nos feitos, nas atividades extras para arrecadação de fundos para a igreja e no próprio acúmulo das funções (burocráticas ou não) que fazem parte da vida institucional e cotidiana do grupo.

Quando um membro se afasta por algum motivo dessas atividades é comum que os seus companheiros procurem-no e tentem resgatá-lo para a igreja, principalmente se o afastamento é causado por uma “queda no mundo da ilusão” como é comumente tratado o mundo das drogas ou das coisas que contrariam os preceitos ensinados pela doutrina.

Convém ressaltar também que os hinários de alguma forma podem ser vistos como biografias daqueles que os receberam e narram não só a vida pessoal do autor como perpassam a história do grupo ao qual ele está ligado. Assim, é possível identificar no hinário do Mestre Irineu, do padrinho Sebastião, do padrinho Alfredo, dos Finados, que são os hinários oficiais mais cantados, além da história de vida dessas pessoas, o tempo e espaço em que viveram e que cantados permanentemente fortalecem a memória do grupo enquanto pertencentes a eles.

Nos hinários não-oficiais, por assim dizer, que são cantados apenas em determinadas igrejas, chamados hinários da casa, isso também acontece em menor escala, rememorando a trajetória do grupo local e fazendo a ponte dos seus adeptos com os seus antecessores e situando o grupo, temporal e espacialmente, em relação à doutrina de um modo geral. É o que acontece claramente no hinário do padrinho Paulo Roberto, psicólogo carioca, casado com uma das filhas do padrinho Sebastião e que em seus hinários (Luz na Escuridão e Nova Aliança) traduz aspectos mais próximos a sua realidade e traz à tona mensagens que falam do Rio de Janeiro e dos elementos formadores da igreja que dirige, o Céu do Mar. Particular e universal se entrelaçam para compor um quadro que é ao mesmo tempo o retrato dos grupos locais e da rede que é possível tecer com a matriz doutrinária.

Os hinos recebidos podem ser ofertados¹²⁹. Apesar desse ato ser mais recente e dizer respeito principalmente à linha de Sebastião Mota Melo, creio que ele faz parte dos elementos que ajudam a contar a história dos grupos e serve numa certa medida para conectar os indivíduos e favorecer a aproximação e sentimento de pertença ao grupo. Notem que o oferecimento de hinos não é um jogo de interesses, mas segundo vários entrevistados, vem, como o próprio hino, do astral.

É o que confirma Rehen

*“(...)a categoria daimista que distingue o recebimento de um hino e uma composição musical está baseada na relação do sujeito com seu próprio pensamento, concluindo que no Santo Daime o sentimento é valorizado de forma especial. Já no caso específico da oferta, a falta de datas para a sua troca e de pessoas definidas para tal tarefa, possibilita a vivência da dádiva como espontânea, colaborando com o lugar de destaque ocupado pelas emoções nesta visão de mundo, onde a espontaneidade tem profunda relação com o sentimento e com o sagrado, opondo-se a uma idéia de coerção social ou resultado de uma vontade consciente do indivíduo”.*¹³⁰

¹²⁹ A esse respeito ver a dissertação de mestrado intitulada “RECEBIDO E OFERTADO: A natureza dos hinos na religião do Santo Daime”, de Lucas Kastrup Fonseca Rehen. Nela o autor analisa a partir do conceito de Dádiva o recebimento e oferta dos hinos e como através desses mecanismos se criam relações interpessoais, de poder, de amizade, etc., entre os envolvidos e respectivamente entre os grupos aos quais pertencem.

¹³⁰ REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. Recebido e ofertado: A natureza dos hinos na religião do Santo Daime. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – UFSC, 2007, p 181.

4.2 – A performance como elemento regulador do lugar

*“Eu vim para dizer
eu não vim para negar
eu peço aos meus irmãos
que se componham em seu lugar”*

(Hino 92 – Sebastião Mota de Melo)

De antemão esclarecemos que dada a variabilidade de formas que atingiu o conceito de performance (na política, na economia, no cotidiano), principalmente por sua utilização nos estudos sobre teatro e artes afins, chegando a se distinguir e assumir um caráter de arte mesmo – a performance, o performer – como sinônimo de atuação, tivemos certa dificuldade em assimilar a natureza do conceito quando (re)elaborado para o uso antropológico e que muitas das dúvidas conceituais só se dissiparam quando, no campo, conseguimos subtrair aquilo que necessitávamos do conceito para aplicá-lo à análise das práticas rituais contidas no Santo Daime.

Nesse sentido queremos salientar a contribuição de Paul Zunthor para o esclarecimento do conceito como será utilizado aqui, bem como as constatações de François Isambert na análise da eficácia simbólica do rito e ainda as sugestões contidas do texto de Paul Connerton analisando as práticas corporais.

Zunthor afirma que *“performance implica competência. Mas o que é aqui a competência? À primeira vista, aparece como savoir-faire. Na performance, eu diria que ela é o saber-ser”*¹³¹. Esse saber-ser, mais complexo e amplo que o saber-fazer, exprime muito mais que uma prática mecânica de determinados movimentos ou ações e remete mesmo a uma “conduta” que é intrínseca ao indivíduo – ou grupos de indivíduos – e diz respeito a *“uma ordem de valores encarnada num corpo vivo”*.¹³²

Essa primeira explicação nos servirá de base para pensarmos sobre a natureza das atividades envolvidas na ritualística do Santo Daime, compreendendo aqui que muito dessa natureza também está presente no cotidiano dos adeptos e que, dessa forma, distinguimos, de pronto a performance da encenação, ou do simulacro, propriamente ditos, para relacioná-lo a um conjunto de ações que permeiam as relações entre os adeptos fora do ritual e que se efetivam aí, inserindo-se com maior força e visibilidade nas ações rituais.

¹³¹ ZUNTHOR, Paul. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.35.

¹³² IDEM. p 36.

Apontando os traços da performance enunciados por Hymes, Zunthor apresenta um pequeno resumo no qual diz que ela é: reconhecimento; emergência; conduta e, por fim, que, enquanto meio de comunicação de determinado conhecimento ela imprime a sua marca nesse enunciado. Convém lembrar que ele está tratando nesse texto da relação entre performance, recepção e leitura e que aqui, mais do que um texto literário, debruçamo-nos sobre um objeto no qual o corpo tem ainda mais importância para a sua realização. Aliás, não seria exagero afirmar que no Santo Daime a performance regula em larga escala a posição e o lugar dos objetos, dos ritos, dos adeptos, enfim, que toda a produção ritualística está voltada para a concretização da performance.

A noção de performance prevê a existência de um corpo. Refletir sobre o corpo é mergulhar profundo no que há de mais misterioso e abissal da nossa essência e é, para mim, um exercício constante de desconstrução e reconstrução, não só do corpo enquanto categoria analítica, mas daquilo que ele realmente é e significa: *o corpo*. Todos sabem tudo e nada sobre o corpo. Cada um dirá uma montanha de conceitos e muitos tentarão enquadrá-lo e encarcerá-lo em alguma zona escura da teoria.

Carne, sangue, músculos, ossos, órgãos, matéria em movimento, energia em movimento, micro-universos nascendo e se extinguindo em partículas infinitesimais do tempo que nós nem sequer imaginamos como contar. Produto da lapidação desde tempos (i)memoriais, gerado entre feras, dilúvios, vulcões, terremotos, hecatombes naturais e planejadas. Queimado e carbonizado muitas vezes pelos deuses mais diversos, punido pela sua ira e renascido tantas vezes das cinzas. Despido, livre em uns tempos; vigiado, açoitado, castigado em tantos outros. Encarnado sempre. O corpo diz de si próprio muito mais do que o que nós conseguimos perceber no imediatismo vulgar e comprometido do olhar e do pensamento já devidamente enformados pelas relações exteriores.

O corpo em Hesíodo. O corpo na Idade-Média. O corpo feminino. O corpo estereotipado. O corpo na Modernidade. O corpo mitificado. O corpo em transe. E nem entramos no campo da adjetivação. O corpo é fragmento.

No contexto do Santo Daime, há uma exigência muito grande do corpo (chamado comumente de “matéria”), pois seus rituais acontecem em longos períodos de duração podendo alcançar facilmente doze horas de dança, nos trabalhos de hinários. O trabalho, portanto, é pensado como uma batalha material e espiritual (reprodução da vida cotidiana do adepto também pensada da mesma forma); o daimista é o protótipo do guerreiro, sua farda representa a armadura, seu maracá a espada, um grupo de daimistas um batalhão, a ação que se espera deles: lutar contra o mal.

Os hinos fazem o chamado para que a performance seja realizada:

*“Somos todos perfilados
na bandeira agaloada*

*Somos todos oficiais
do castelo principal”¹³³*

*“O Mestre levanta o braço
no meio dos seus irmãos
procurando um general
para comandar seu batalhão*

*O meu exército tem força
Tem força e tem poder”*

*“Peguei na minha espada
foi para guerrear”¹³⁴*

*“Toquei a minha corneta
já é a última chamada
se perfilarem comandantes
para vencer a jornada”*

Afirmando que no corpo está a condição para a realização espiritual perfeita:

*“Sara corpos velhos,
judiados dos judeus
sou eu quem estou aqui,
quem está dizendo sou eu*

*Recebe corpo humano,
que vem da graça da Deus
destes grandes sofrimentos,
a recompensa do Céu”*

*“Estudemos bem a carne,
para ver o que se tem
nela está o espírito,
vamos estudar também*

*No nosso ser divino
é aonde está o dom
Sê a carne mais perfeita
o espírito sempre é bom*

*No corpo esta verdade
o pai depositou
Conhecendo a caridade,
eu sou, eu sou, eu sou”¹³⁵*

¹³³ MARIA MARQUES. O MENSAGEIRO. HINO 34.

¹³⁴ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINOS 13 e 59.

¹³⁵ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 99, 147 e 148.

O mesmo corpo que dá os sinais da sua fragilidade diante do sagrado, afirma a crença na imperfeição da matéria perante o espírito (distinguindo mesmo espaços bem definidos: a matéria pertence à terra o espírito ao divino, ao mesmo tempo em que se coloca como instrumento para (mediante o esforço, a penitência, a disciplina, o sofrimento) se alcançar essa perfeição. Isso exige do daimista uma relação de conhecimento pleno do seu corpo e de preparo para as longas jornadas de trabalho material e espiritual que a ele se impõe nos rituais, lembrando obviamente que tudo isso é uma metáfora da própria vida do adepto.

*“Senti meu corpo estremecer
minhas carnes se liquidando
do mundo eu fui me esquecendo
só de Deus fui me lembrando”¹³⁶*

*“Este é o poder
e quem não quiser seguir
É para ver o corpo delir
é para ver o corpo delir”*

*“Quem não prestar atenção
vai ver seu corpo balançar
aqueles que merecer
vai ver seu corpo estremecer*

*Todos vão se corrigir
e vejam aonde vai doer
Que eu não posso ter pena
de quem procura merecer”*

*“Eu sou filho da Terra
o meu corpo eu entrego a ela
se a matéria é sofredora
a Terra é a consumidora”.¹³⁷*

Para esse corpo a terra é a metáfora da “mãe” (e das várias características que podem ser assumidas por ela) e assume ainda uma clara identificação com o enunciado bíblico “és pó e ao pó voltarás”. O mestre Irineu perto de seu falecimento afirmava para todos não se preocuparem que ele finalmente havia encontrado a cura de todos os seus males e que era um remédio que todos podiam encontrar em qualquer lugar. Seus discípulos se surpreenderam, pois pouco tempo depois o mestre faleceu, deixando no seu último hino a mensagem que, então, pôde ser compreendida:

*“Pisei na terra fria
nele eu senti calor
ela é quem me dá o pão
a minha Mãe que nos criou*

¹³⁶ JOÃO PEDRO. MENINO JESUS. HINO 24.

¹³⁷ MARIA MARQUES. O MENSAGEIRO. HINO 09, 41 e 45.

*A minha Mãe que nos criou
e me dá todos ensinios
A matéria eu entrego a Ela
e o meu espírito ao divino*”¹³⁸

Para Zunthor a performance também diz respeito à oralidade e a gestualística, e ainda, através do corpo se liga a um espaço. O corpo não extingue a performance em si, antes, necessita mesmo desse espaço (seja cenográfico, no caso da encenação realizada por um ator, seja do espaço preparado para receber uma celebração ritual) para a sua realização. Como ação comunicativa “*a performance é então um momento da recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente percebido*”¹³⁹.

O lugar – pensado enquanto espaço físico ou não –, bem como o desempenho do adepto para a sua inserção e/ou permanência nele estão vinculados em grande parte ao conhecimento que cada um possui acerca das possibilidades existentes de ação dentro e fora dos trabalhos, em suma, da conduta que cada um assume em relação aos diversos aspectos da sua prática individual e coletiva. Digo possibilidades, pois, por mais que se espere que as ações sejam mais ou menos constantes e similares, nunca são iguais. O fato de que nessa religião o consumo de um enteógeno poderoso pode levar a uma certa imprevisibilidade do que vai acontecer reforça a idéia de que a performance age como elemento regulador, e, portanto, fundamental para o desenvolvimento do ritual e para que a transmissão do conhecimento se efetive, confirmando a assertativa de Zunthor de que “*a forma se percebe em performance, mas a cada performance ela se transmuda*”.¹⁴⁰

Podemos perceber nas igrejas mais antigas que já há uma certa acomodação e que a maioria dos membros se posiciona no início dos trabalhos num determinado local, apesar de a arrumação do salão ser responsabilidade do fiscal que organiza as filas, acende e troca as velas à medida que vão apagando e atende algum adepto que esteja passando por dificuldade. Essa posição já é previamente determinada pelo fato de que homens e mulheres, crianças, jovens, adultos – solteiros e casados - postam-se em locais diferentes no salão. Reproduzimos aqui um esboço desse posicionamento diferenciado pelo formato da igreja, lembrando que o formato de estrela é o que estamos analisando.

A esse respeito vale lembrar que essa mudança marca claramente um desdobramento do trabalho do Mestre Irineu. O padrinho Alfredo, responsável por essa mudança, não considera que isso seja uma alteração propriamente dita. Segundo ele, que afirma em seu hino

¹³⁸ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 132.

¹³⁹ ZUNTHOR, Paul. Tradição e Esquecimento. São Paulo: Hucitec, 1997, p.59.

¹⁴⁰ IDEM. p 39.

18, do hinário “Nova Era”: “*Seguir realmente a Doutrina / e não alterar nem um til*”, o trabalho do mestre continua intacto e considerando a doutrina viva é natural que outras características se incorporem a este trabalho mantendo para isso o indispensável respeito pelos ensinamentos do Mestre. A Nova Era traz essa possibilidade.

A disposição dos adeptos dentro do salão é convencionada de acordo com o sexo, a idade, a situação civil – casado(a) ou solteiro(a) – e ainda uma última categoria, a natividade, pois os visitantes também ocupam lugar específico posicionando-se, geralmente no lado dos jovens. Essa ordem dentro do salão remete de certa forma ao próprio círculo de relações fora dele, pois os jovens se relacionam mais comumente com os da sua idade, assim como os homens e mulheres que já contraíram matrimônio possuem seu círculo próprio. Vejam, não se trata de uma regra, proibição ou mesmo de uma recomendação explícita que faça parte do corpo doutrinário, mas obviamente que existem e fazem parte de uma divisão implícita na própria constituição da performance. As funções exercidas dentro do trabalho também são formas de estabelecimento do lugar: o despachante do Santo Daime; o fiscal do salão; o fiscal do terreiro; os músicos, etc.

Nos feitiços as tarefas também são distribuídas mais ou menos de acordo com essa divisão que se funda, segundo alguns adeptos mais antigos, na própria natureza das plantas que compõem a bebida. O cipó Jagube carrega a energia masculina, logo o seu trato é exclusivo dos homens, enquanto a folha Rainha é manuseada principalmente pelas mulheres. As mulheres menstruadas não podem participar diretamente do feitiço e o lugar de homens e mulheres é tão bem definido que raramente têm contato entre si durante o preparo da bebida. Algumas igrejas mais urbanas já não são tão rigorosas quanto a essas questões e se tornam mais permissivas, sendo alvo de críticas por aqueles que supostamente detêm o poder sobre a tradição. Algumas igrejas introduziram o uso de máquinas para moer o cipó no lugar da bateção tradicional e as folhas são lavadas pelos próprios homens, para ganhar tempo.

Lembro que num feitiço em Campina Grande, em 2004, teve de ser feita uma pequena modificação na estrada que dava acesso à cozinha para que as mulheres não transitassem por perto da casa de feitiço. Estas só estiveram junto com os homens na hora de beberem o Daime ou nos momentos em que se cantaram hinários na boca da fôrnalha. Essas regras foram prescritas oralmente pelos fundadores da doutrina (afirmando as terem recebido diretamente do plano espiritual, o que, portanto, lhes confere um valor ainda maior) e continuam a ser observadas na maioria das igrejas, pois acredita-se que de seu seguimento depende a própria força do Daime que está sendo produzido e o grau que se deseja obter pode ser prejudicado pela desobediência.

Isambert explica que:

*“La performativité comme «institution» a une signification dans la mesure où on prend ce terme dans le sens actif d’action d’instituer. Il ne s’agit pas en effet seulement de constater le «nous» comme coexistence mais de le constituer en communauté. Cette communauté a pour principe de consistance non seulement un vague sentiment de nous, mais des règles précises de déroulement de la célébration ne dépendant pas de l’arbitraire de chaque locuteur. Ces règles sont assumées en commun dans l’énonciation du «nous».*¹⁴¹

Assumir ou não essas regras, ou assumi-las em maior ou menor escala significa por sua vez estabelecer redes de significados capazes de fortalecer as relações entre as diversas partes que compõem a doutrina como um todo além de definirem claramente o lugar de cada função e a maneira como cada uma delas deve ser desempenhada, além de funcionar como critério de avaliação daqueles que estão empenhados em realizá-las.

Mas o lugar do qual estamos falando é efetivamente reconhecido de acordo com a performance de cada adepto no desenvolver as atividades as quais sejam de sua responsabilidade, de acordo com as várias funções que podem ser assumidas: a direção do trabalho, a fiscalização, o despacho, a música, além do bailado e do canto, que são responsabilidade de todos. Bailar e cantar todo o hinário ou desempenhar corretamente as suas funções no trabalho é sinônimo de uma performance bem sucedida e dá ao adepto um certo *status quo*. Não se trata evidentemente de um prêmio, pois, para o daimista, pertencer ao Daime já é um sinal de escolha e merecimento. Trata-se, pois, do reconhecimento de que o adepto porventura está aprendendo aquilo que é ensinado e colocando em prática nas performances cotidianas, formando o círculo que leva a compreensão da performance como mecanismo de transmissão do conhecimento, agente do conhecimento ele próprio e responsável, juntamente com os hinos, pelo estabelecimento de uma certa conduta das práticas sociais.

*“Cuidar da sua obrigação
para não vir se envergonhar”*¹⁴²

¹⁴¹ ISAMBERT, François. Rite et efficacité symbolique. Paris : Lês Éditions du CERF, 1979, p 103. (A performatividade (performance) como instituição tem um significado na medida em que se toma o termo no sentido ativo da ação de instituir. Não se trata, com efeito, somente de constatar o “nós” como coexistência, mas de constituí-lo coletivamente. Essa coletividade tem por princípio de consistência não apenas um vago sentimento de “nós”, mas as regras precisas no desenrolar da celebração não dependem do arbítrio de cada locutor. Essas regras são assumidas em comum na enunciação do “nós”).

¹⁴² SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 74.

“Se compor em seu lugar”, significa então agir corretamente e desempenhar essas práticas de acordo com o que é prescrito nos hinos e isso se refletirá nas ações do adepto dentro do salão e vice-versa.

O fato de nos trabalhos dos dias 15 e 30 de cada mês (totalizando 24 por ano), chamados de concentração, ser cantada a mesma seqüência de hinos, a saber: a Oração do padrinho Sebastião; os hinos de concentração e o Cruzeirinho do mestre Irineu; serem lidas as mesmas preces e realizadas as mesmas práticas resulta um reforço na instrução da performance ao mesmo em tempo que mantém viva a ligação dos novos adeptos com os fundadores da Doutrina e com os ensinamentos que eles propagaram. Mesmo no restante do calendário oficial de trabalhos do CEFLURIS, o daimista conhece antecipadamente o que vai ser cantado e bailado e dependendo do grau de envolvimento com o ritual dele participa mais ativamente. É importante lembrar que, mesmo existindo uma “equipe” que puxa o trabalho, qualquer adepto em qualquer posição nele faz parte de uma corrente e disso depende mesmo a “força” do trabalho.

Esse controle mantido pelo ritual é eficaz e a lei que regulamenta a utilização da ayahuasca no Brasil se refere somente ao seu uso ritual, tendo em vista que não há formas de perceber a reação em indivíduos que se reúnem fora dele correndo-se o risco de haver um descontrole imposto pela ausência da ação ritual. Isto realizado se impõe a coesão social; o seu contrário leva à dispersão; à anomia.

*“Ces circonstances s’ajoutent à ce que l’on pourrait appeler les conditions intrinsèques, pour Donner six conditions essentielles: procédure fixée, exécution correcte, exécution integrale, intentions correspondant à l’acte énoncé, agents et circonstances appropriés, prolongement des comportements requis. Ces conditions internes ou circonstanciées ne son pás sans rappeler celles qui président à l’efficacité de l’acte magique”.*¹⁴³

Essas condições citadas por Isambert passam necessariamente pelo elemento performativo, somente ele é capaz de costurar as relações nascidas da prática ritual e fazer com que a ingestão da bebida não seja um ato comum, banal, mas seja realizada dentro de um

¹⁴³ ISAMBERT, François. Rite et efficacité symbolique. Paris: Lês Éditions du CERF, 1979, p 90. (Essas circunstâncias se unem às condições denominadas de intrínsecas dando seis condições essenciais: procedimento fixado, execução correta, execução integral, intenções correspondentes ao ato enunciado, agentes e circunstâncias apropriadas, prolongando o comportamento exigido. Tais condições internas ou circunstanciais são aquelas que presidem a eficácia do ato mágico).

sistema religioso capaz de dar conta das inúmeras possibilidades de reações (químicas, físicas, psicológicas) e de manter vinculados indivíduos diversos que se reúnem para participar do ritual. E mais do que isso fazer valer sua força de expressividade mesmo fora do ritual, pois, conforme Connerton, “*o efeito dos ritos não está limitado à cerimônia ritual. (...) Os ritos tem a capacidade de conferir valor e sentido à vida daqueles que os executam*”.¹⁴⁴

¹⁴⁴ CONNERTON, Paul. Como as sociedades recordam. Oeiras: Celta Editora, 1999, p. 51.

4.3 – Memória social como restauradora de outro tempo

*“Sou do tempo e estou no tempo
este tempo me faz ver
lembranças de outro tempo
que me faz compreender”*

(Hino 66 – padrinho Alfredo Gregório)

É voz corrente entre os daimistas de várias partes que “o tempo está chegando” ou que “o tempo já chegou”. Os hinos afirmam que o tempo está “desmudando” e aconselham que se preparem para o que está por vir e o padrinho Sebastião anunciava em suas preleções: *“Que até 2014 está completo o novo mundo! Agora, ninguém sabe o que vai se passar quando isso acontecer. Eu estou sempre esperando. Vai ser num abrir e fechar de olhos”*.¹⁴⁵

Essa afirmação aponta um certo teor escatológico, no qual Sebastião se apoiou para justificar as suas visões desse “novo sistema, novo mundo” e levar sua comunidade para o interior da floresta amazônica, numa verdadeira saga que envolve a constituição de mitos, heróis e a construção de uma cidadela isolada e fundada na tentativa de (re)criação da Nova Jerusalém bíblica.

Elíade explica que *“a Jerusalém celeste foi criada por Deus ao mesmo tempo que o paraíso, portanto in aeternum. A cidade de Jerusalém não era senão a reprodução aproximativa do modelo transcendente: podia ser maculada pelo homem, mas seu modelo era incorruptível, porque não estava implicado no tempo”*¹⁴⁶.

Por si só a ação de Sebastião Mota já demonstraria uma concepção de tempo que é erguida sobre um retorno. Portanto, o tempo que está chegando está, na realidade voltando. O tempo que se anuncia é de retorno da divindade para o acerto de contas final e para inaugurar um novo tempo. Sebastião Mota vai além de outros líderes religiosos que prometem salvação futura, ou um céu para quando se morrer, o que ele afirma é que o daimista deve estar preparado (preparo esse entendido como a prática do bem, das boas ações e o seguir corretamente a doutrina) a toda hora, a todo instante para receber a divindade e estabelecer na terra o reino de Deus. Mais do que a construção material de uma igreja ou de um lugar, o soerguimento de um templo espiritual em cada indivíduo como uma solução para que a

¹⁴⁵ MELO, Sebastião Mota de. O Evangelho segundo Sebastião Mota. (ORG) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998, p. 128.

¹⁴⁶ ELÍADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p 57.

divindade se manifeste. Como no hino 24 de Alfredo Gregório: *“O templo sendo cada um / o Mestre continua ensinando”*.

O tempo – para o daimista – não se traduz unicamente pelo “tempo vivido”, mas em grande parte pelo que ele consegue lembrar e conectar dentro do espaço de suas visões e relacionar com a sua “biografia total” pensando aqui na crença que tem de já ter vivido outras vidas. A memória é fundamental então para que ele componha o tempo atual e possa solucionar problemas no presente articulando esses eventos com acontecimentos do passado.

O mestre Irineu já anunciava no seu hinário:

*“Chamo o tempo, eu chamo o tempo
para ele vir me ensinar
aprender com perfeição
para poder ensinar”*¹⁴⁷

Diferenciando o tempo profano do tempo sagrado, Eliade, apoiando-se em Durkheim, aponta para a qualidade deste último como descontínuo e reversível e para a capacidade do homem religioso transitar entre esses dois tempos articulando aí suas tensões e fazendo valer o tempo sagrado como aquele que realmente pode suscitar a compreensão da existência como um todo. Para o daimista isso se transforma numa verdadeira batalha interior: conciliar (ou antes, optar por) uma visão de tempo no qual se entra em choque constante com o tempo do calendário, e mais ainda quando pensamos a irreversibilidade do tempo moderno que cada vez mais é instantâneo e fluído. Conciliar as exigências da vida material com a vida espiritual é uma luta entre esses dois tempos, o que explica em grande parte a tentativa de Sebastião Mota de Melo inaugurar junto com um “novo espaço” também um “novo tempo”, longe da lógica do urbano e da sociedade capitalista de produção, o retorno a “comunidades” como resposta à dificuldade de se encaixar nesse modelo, visto que sua fé cristã de que “um servo não pode servir a dois senhores” levaria inevitavelmente a um rompimento das antigas relações e|ou causaria uma pane na visão de mundo tradicional do adepto – o que muitas vezes acontece – ou, por outro lado, o levaria à compreensão de qual o tempo realmente é real.

Assim explica Eliade:

“O homem religioso vive em duas espécies de Tempo, das quais a mais importante, o Tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos. Esse comportamento em relação ao Tempo basta para

¹⁴⁷ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 71.

*distinguir o homem religioso do homem não religioso. O primeiro recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, chamamos de “presente histórico”; esforça-se por voltar a unir-se a um Tempo sagrado que, de certo ponto de vista, pode ser equiparado à ‘Eternidade’”.*¹⁴⁸

Os hinos traduzem esse tempo como “tempo da apuração”, “tempo de Juramidam”, “tempo de se acordar”, “tempo de se humilhar”, “tempo de pedir perdão”, “tempo de união”, “tempo de seguir”, “tempo de executar”, “tempo do ajusta” e o daimista se esforça para adequar sua vida a essa nova concepção, fazendo, muitas vezes, mudanças radicais no modo de ser, de viver, pela percepção de que “o mundo velho de ilusão” está perto do fim e a inauguração desse novo tempo já é real, faltando apenas que se estenda para toda a humanidade e que todos compreendam a mensagem que já foi anunciada há dois mil anos por Jesus Cristo e que agora vem sendo replantada pela doutrina do Santo Daime. Para ele também o tempo urge e cada vez mais fica visível que esse tempo já chegou – diante das catástrofes, naturais ou não, da onda de violência, das guerras, da fome, da miséria que assolam o mundo todo e que o daimista enxerga como aqueles sinais que são profetizados no antigo testamento, mas, principalmente, no último livro da bíblia, escrito por João Evangelista – o Livro do Apocalipse. Isso explica em parte também a atitude de muitos adeptos se afastarem do círculo antigo de amizades, abandonarem determinadas práticas sociais, chegando até a se mudar para o interior da floresta, como fizeram muitos seguidores de Sebastião Mota oriundos das grandes cidades, atualmente residentes no Céu do Mapiá, que ainda hoje representa uma espécie de Meca para a qual se dirigem daimistas de várias partes do mundo, seja apenas para conhecer ou mesmo para morar. Quando estive lá realizando a pesquisa de campo, travei contato com pessoas de diversas partes do Brasil e de outros países.

O padrinho Sebastião esclarece esse movimento universal do tempo no seu hinário, afirmando aquela circularidade de que fala Elíade e sugerindo ainda que muitos não a compreendem, distinguindo talvez o homem religioso do não-religioso de um lado, mas também e, principalmente, o daimista que segue os preceitos da doutrina e o que não segue:

*“A roda está girando
e o tempo vai se passando
é o tempo da apuração
mas ninguém não está ligando”*¹⁴⁹

¹⁴⁸ ELÍADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p 64.

¹⁴⁹ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 49.

E o padrinho Waldete Gregório, filho de Sebastião, cujo hinário chama-se “O livrinho do Apocalipse” afirma:

*“Pode ser dois mil
não sei quando é
sei que vai pegar
como pegou
no tempo de Noé”¹⁵⁰*

O hino seguinte faz parte do hinário “Visões do Apocalipse” e foi recebido pelo filho do padrinho Valdete, Agarrube, portanto a terceira geração da linha inaugurada por Sebastião Mota e que continua anunciando os tempos vindouros como parte de um balanço geral, de um acerto de contas ao passo que se espera também que seja um tempo de redenção e justiça para aqueles que seguem a doutrina. Transcrevo-o na íntegra pela importância das imagens que são evocadas, relacionando as cenas do Apocalipse de São João com as entidades da umbanda e do candomblé fazendo valer aqui o sincretismo fundante do Santo Daime.

*“Eu estava na beira do mar
Quando vi sete ondas passar*

*Firmei o meu pensamento
Era a Rainha Iemanjá*

*Ogum da Beira Mar
Com sua lança prateada*

*Defendi os seus cavaleiros
Rei Ogum da Beira Mar*

*Que a besta fera não me enxergue
E nem possa me acompanhar*

*Mas para o final dos tempos
Ela vem saindo do fundo do mar*

*Esta visão de apocalipse
Eu vi em uma miração*

*Mas eu peço a São Jorge guerreiro
No deserto aonde ele está*

*Dominar este dragão
Para poder nos salvar*

*Os exus e as pombas giras
Estão vagando na escuridão*

*Pra receber a santa luz
Se iluminar e ter o seu perdão*

¹⁵⁰ WALDETE GREGÓRIO DE MELO. O LIVRINHO DO APOCALIPSE. HINO 09.

*Também peço a são Miguel arcanjo
Protegei a nossa igreja*

*Mas para o final dos tempos
Ela vai subindo pro céu*¹⁵¹

É possível perceber uma coerência seqüencial entre essas três gerações que vai muito mais além do que uma coerência de “enunciados textuais”, mas que perpassa toda a história de vida dos adeptos do Santo Daime ligados a Sebastião Mota que vivenciaram a experiência comunitária inaugurada em 1983 no Céu do Mapiá e tentam de alguma forma mantê-la viva, bem como manter ligados todos os pontos e igrejas (todos os daimistas) que se filiam a essa linha de pensamento, pois as mensagens são universais e falam do tempo que chega para todos notando que, para o daimista que já está envolvido mais diretamente com as mensagens e mesmo com os preceitos doutrinários, ela possui um valor especial, pois se espera que a sua crença nesses enunciados o conduza de alguma forma a um determinado tipo de comportamento prescrito pela doutrina. Dessa forma afirma-se aqui o poder do hino como sintetizador dos ensinamentos e catalisador da memória social que faz com que os adeptos de várias partes do mundo vivenciem experiências similares.

Halbwacs admite que “*a memória coletiva avança, no passado até certo limite, mais ou menos longínquo aliás, segundo se trate deste ou daquele tempo. Para além desse limite ela não atinge mais os acontecimentos e as pessoas numa apreensão direta*”.¹⁵²

O hino, dentro do contexto da miração, se propõe a ir além desse limite do qual Halbwacs fala e a traduzir o passado arquetípico, mais, imemorial dos indivíduos e do grupo em questão. No hino “A Palavra” (lembrando que “no princípio era o verbo”), Alfredo Gregório anuncia o valor dos hinos e assim define o tempo:

*“Que nos deu este aviso aqui na terra
E todos cuidem que o tempo é chegado*

*Este tempo que eu falo é a Doutrina
Que há tempo já se vem anunciando*

.....
*Se arrependam, se arrependam
Ouçam bem o que os hinos estão dizendo*

*A palavra está dita na Doutrina
O Mestre disse e está acontecendo*¹⁵³

¹⁵¹ AGARRUBE. VISÕES DO APOCALIPSE. HINO 08.

¹⁵² HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990, p 109.

¹⁵³ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 29.

5 – SANTO DAIME: o professor dos professores

*“A Virgem Mãe é soberana
foi Ela quem me ensinou
Ela me mandou pra cá
Para ser um professor”*

(Mestre Irineu – Hino 125)

*“O Daime é o Daime
o professor dos professores
é o divino Pai eterno
e seu filho Redentor”*

(Alfredo Gregório – Hino 86)

É comum no mundo dos enteógenos que eles sejam considerados como “plantas mestras” ou “plantas professoras”. No entanto, no Santo Daime essa característica se desdobra em uma infinidade de tentáculos que abarcam boa parte da produção visionária e conseqüentemente uma parcela significativa da produção de hinos. Neles estão presentes também tudo aquilo que diz respeito a uma pedagogia espiritual e material, que, longe de ser simplesmente retórica, regula toda a vida do daimista colocando-o na posição de estudante/aluno da escola espiritual cujo professor é o Santo Daime.

Essa tradição remonta tanto as práticas indígenas no interior da floresta como os sucessivos desdobramentos do uso da ayahuasca pelos vegetelistas e curandeiros de um modo geral.

No mito fundador da doutrina do Santo Daime, essa relação já está presente. Quando Raimundo Irineu Serra se coloca diante da divindade e afirma não saber cantar, é avisado de que será “ensinado” e não é de admirar que por todo o resto de sua vida, quase sessenta anos dedicados ao estudo da Doutrina, ele tenha sido instruído e que isso apareça com clareza no seu hinário.

Mas Irineu não era um aluno comum e estava predestinado a ser o transmissor desses ensinamentos conquistando o lugar de professor, cuja carta de ABC se compõe de cento e trinta e dois hinos e chama-se o “Cruzeiro”. Aí o mestre Irineu ensina preceitos espirituais, dogmas doutrinários, dietas, normas de conduta, e tudo aquilo que o daimista precisa saber para penetrar nos mistérios da bebida sagrada batizada por ele de Daime. Revela ainda segredos sobre o céu, a terra, o mar e sobre os seres que habitam nesses planos, chegando por fim a deixar esclarecimentos sobre sua própria vida e morte.

Todos os outros hinários que foram aparecendo depois do “Cruzeiro” são desdobramentos dos ensinamentos do Mestre. Muitos dos adeptos mais antigos afirmam que, se só existisse o hinário do Mestre, a doutrina estaria completa assim mesmo. Referenciar e se apoiar no “Cruzeiro” é, inclusive, fundamental para que qualquer outro hinário seja reconhecido como partícipe da doutrina, pois qualquer contradição encontrada é um sinal de não veracidade. Portanto, os hinários que sucederam o Mestre são complementos, atualizações, verbetes da mesma enciclopédia e traduzem a expansão e a vivacidade da doutrina.

A pedagogia do Santo Daime, como tudo o mais que diz respeito a sua cosmologia, é fundada em uma “educação espiritual”, por assim dizer, que ensina em português e reúne os conhecimentos tradicionais das culturas indígenas da Amazônia com a tradição Afro-Brasileira e a tradição Cristã, adicionada mais recentemente às culturas do Oriente.

As lições contidas no ABC daimista, para assim designarmos os hinários que as compõem, orientam a busca pela salvação eterna, mediada pela crença na reencarnação. Como a condição humana é de imperfeição, essa educação espiritual busca a correção dos defeitos que nos impedem de alcançar essa salvação. O padrinho Alfredo anuncia essa educação como mister fundamental para o discípulo que deseja seguir no Santo Daime:

*“Só se segue nessa linha
deixando a ilusão
saindo da ignorância
e tendo educação”¹⁵⁴*

Mas a correção leva, antes, ao conhecimento de si, ao auto conhecimento que é fundamental para que o daimista atinja esse progresso, essa “escada”, como muitos adeptos afirmam. Para tanto é preciso seguir à risca as lições do livro e isso assume pelo menos duas posturas distintas e que se complementam: uma dentro do trabalho espiritual propriamente dito e outra na vida cotidiana do adepto. Aquilo que acontece com o daimista na igreja, suas passagens, suas provas, são reflexos da condição que ele apresenta cotidianamente e vice-versa.

De início é difícil compreender essa concepção, mesmo porque quando o adepto chega à Doutrina traz consigo já todos os preceitos de sua educação anterior, que muitas vezes não se adequam ao que ele precisa aprender agora, principalmente quando pensamos que a educação moderna, fundada no modelo científico, exige do aluno que ele seja questionador, que duvide, etc., e, ao chegar ao Santo Daime, encontra uma educação que prevê a crença

¹⁵⁴ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 160.

inconteste naquilo que se está ensinando e que, ao contrário do sistema anterior, quanto mais essa crença for verdadeira, mais valor possuem as verdades anunciadas e mais depressa o aluno irá compreendê-las. O bom aluno dessa escola, portanto, é aquele que estuda os hinos para cantá-los corretamente e medita sobre eles dentro do trabalho espiritual, buscando aí a sua compreensão e coloca em prática as instruções e ensinamentos dados por eles, dentro e fora da igreja, espiritual e materialmente.

Os contemporâneos do mestre Irineu já anunciavam a fundação desta escola e seu fundamento básico:

*“A Escola está criada
para quem quiser aprender
Obedecendo ao nosso Mestre
e ao seu divino Poder”¹⁵⁵*

*“Vamos todos por uma escola
com a carta de A.B.C
Aqui o chefe sou eu
e todos tem que obedecer”¹⁵⁶*

*“Meus irmãos vou ensinar
como se lê o A.B.C
Muitos vão assoletrar
e não sabem compreender”¹⁵⁷*

E o padrinho Valdete Mota, mais recentemente, traduz em um de seus hinos essa relação complexa:

*“Para se estudar
Nesta escola do Senhor
É preciso ter amor
E prestar bem atenção*

*No que ensina
O Professor quando dá aula
No que Ele passa na lousa
E o dever que se faz em casa*

*Todo aluno
Sabe que é obrigação
De ir para escola
É para aprender as lições*

*Que o seu Mestre
Passa em cada matéria
Meus irmãos, a coisa é séria
Vamos estudar com atenção*

¹⁵⁵ ANTONIO GOMES. O AMOR DIVINO. HINO 10.

¹⁵⁶ MARIA MARQUES. O MENSAGEIRO. HINO 15.

¹⁵⁷ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 28.

*Que nesta escola
O estudo é espiritual
Vamos prestar atenção
Para poder ter nosso grau*

*Desenvolvendo
Todas as suas faculdades
Nesta escola espiritual*

*Não adianta
Querer chegar aqui formado
Pode as lições deste livro
Você não ter estudado*

*Por isto eu digo vamos estudar com atenção
Para poder se formar*

*Estou nesta escola
Vou estudar meu livrinho
Escutar meu Professor
Para aprender bem as lições*

*Que ele passa em cada aula que nos dá
Aqui dentro da sessão*

*Que o Professor
Desta escola é meu Jesus
Que foi quem morreu na cruz
Para vir nos ensinar*

*E todo aquele
Que deseja aprender
É começar do A.B.C.
Para poder se diplomar.”¹⁵⁸*

Esse hino expressa com clareza a condição do adepto como aluno e ainda as condições para que seu estudo seja válido. Há mesmo uma crítica àqueles que chegam e trazem seus diplomas, conhecimentos anteriores e que talvez esperem com isso atingir mais rapidamente o conhecimento.

*“Está aberta a decisão desta escala
Que muitos falam e não conseguem galgar
Estou aqui a começar do A.B.C
Que para ser nas ações tem que provar”¹⁵⁹*

Numa Doutrina fundada por analfabetos e semi-alfabetizados isso seria impossível, pois o que está posto para todos em pé de igualdade é a possibilidade de aprender mediante o seguimento das instruções dadas nos hinos cuja base é a oralidade.

¹⁵⁸ WALDETE MOTA DE MELO. O LIVRINHO DO APOCALIPSE. HINO 16.

¹⁵⁹ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 32.

Quando começaram a chegar as primeiras levas de adeptos do sul do país, jovens antropólogos, psicólogos, terapeutas, pessoas com formação diversa, o padrinho Sebastião costumava dizer: “mais tarde na Estrela, quando a gente beber o Daime é que a gente vai se conhecer”. A ciência para ele, caboclo, seringueiro, fabricante de canoas, nascido e criado no meio da floresta Amazônica, era algo distante e, muitas vezes, incompreensível como ele próprio esclarece em um de seus hinos:

*“Esta história que está havendo
para mim ela está nula
é igualmente a viagem
dos homens que foram a lua”¹⁶⁰*

No que é seguido por seu filho Waldete:

*“Os homens da Terra
com sua ciência
querem com isso
me tapear”¹⁶¹*

O Santo Daime, considerando aqui seu teor de revelação, não possui um livro fundador como as outras religiões reveladas; porém, apresenta, através dos diversos hinários que o compõem, algumas das mesmas categorias, leis, códigos, mandamentos que são encontrados nos textos sagrados da bíblia, do corão, dos vedas, etc., e funcionam como suporte e guia para o adepto, ao mesmo tempo em que refletem ainda a própria história do grupo.

O conhecimento dos hinos torna-se então condição *sine qua non* para que o daimista se encontre dentro do grupo e alcance progresso espiritual. Dessa forma ele pode ir, aos poucos, montando o grande quebra-cabeças da sua existência, realizando o encontro consigo e com os outros membros do grupo, se adequando e se acomodando. Essa é uma via de mão dupla, quanto mais se penetra no mistério dos hinos, mais eles vão revelando ao adepto aspectos de sua própria vida, dando orientações e instruções, que, na medida em que vão sendo seguidas levam-no cada vez mais ao estudo e à tentativa de compreender outros aspectos, pois, como costumam dizer os próprios daimistas, o hino sempre apresenta algo novo para o adepto toda vez que é cantado sob o efeito do chá.

Através da compreensão dos hinos, o daimista busca completar no quadro de sua memória aquilo que ele esqueceu das suas outras vidas e que é importante para o seu entendimento do presente. Esse deve ser um movimento constante de sintonização e de

¹⁶⁰ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 126.

¹⁶¹ WALDETE MOTA MELO. O LIVRINHO DO APOCALIPSE. HINO 09.

interdependência: se conhecer para se aperfeiçoar; aperfeiçoar-se para poder se conhecer melhor.

As lições que são repassadas vão sendo (re)significadas à medida que o adepto vai se aprofundando no estudo da doutrina; no estudo individual e coletivo, pois, como já vimos, a eficácia do trabalho coletivo depende muito de como cada adepto se apresenta dentro do salão. Isso não é simplesmente uma metáfora, a maneira como cada um chega ao trabalho (seu comportamento, sua conduta, seu relacionamento com os outros) influencia na composição da corrente espiritual que se pretende formar. O Mestre Irineu já alertava:

*“É o Reino da Verdade
é a Estrada do Amor
É todos prestar atenção
os ensinamentos do professor*

*Os ensinamentos do professor
é quem nos traz belas lições
para todos se unir
e respeitar os seus irmãos”¹⁶²*

O Santo Daime entendido aqui como o professor dessa escola é o veículo fundamental para a inauguração de um modelo pedagógico, que, além de ensinar com amor, é vigilante, é disciplinador e, de uma certa forma, punitivo, visto que o não cumprimento dos deveres de casa pode levar às “peias” dentro do trabalho. O Mestre Irineu refletia claramente uma escola quando afirmava:

*“O Divino Pai Eterno
Soberano Onipotente
Quero que Vós me dê forças
Para ensinar esta gente*

*A Sempre Virgem Maria
É na terra é no astral
Aqueles que estão rebeldes
precisam disciplinar*

*Eu ensino é com amor
É com firmeza e lealdade
Mas quando vêm falar comigo
Sempre trazem a falsidade*

*Isto é deles não é meu
Faço por não compreender
Depois eles saem dizendo
Que o Mestre não tem saber.”¹⁶³*

Como anuncia Alfredo Gregório mais recentemente:

¹⁶² RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 118.

¹⁶³ IDEM. HINO 73.

*“Palmatória já chegou
Não se pode dizer não
Que está na mão do professor
Que nos ensina a união”¹⁶⁴*

Nos hinários que foram surgindo depois do Mestre Irineu, essa relação vai sendo refletida e reforçada mostrando a força do Daime como instrumento de educação material e espiritual, como guia na vida do daimista, para que ele possa penetrar em um espaço e tempo diferentes e através da compreensão e do seguimento dessas lições chegar à formatura. Os hinos a seguir refletem essa condição:

*“Eu vou vibrar sob o efeito do que é bom
Não mais vigora em mim a semente do mal
Vou estudar na escola de São João
Rei Salomão meu professor Atual”¹⁶⁵*

*“Venha os professores / que puder ensinar
Bem ensinar as lições / Pro aluno estudar.”¹⁶⁶*

*“O Daime é meu professor
ele está de olho, ele está de olho
Ele está de olho
na minha mudança.”¹⁶⁷*

*“Eu vivo neste mundo
eu tenho um professor
É quem me dá saúde
e me ensina a ter amor*

*Este professor
é o Santo Daime
Que mostra o caminho
a todo sofredor”¹⁶⁸*

Pode-se dizer que é nessa interação que vai se constituindo a escola do professor Raimundo Irineu Serra, estabelecendo metas individuais e coletivas de aprendizado para as quais é necessário que cada passo seja dado de uma vez e que os alunos sejam aplicados e sigam as instruções recebidas sem questionamento, como afirma o hino:

*“Para estar neste Poder
não é só cantar hinário
tem que cumprir os ensinamentos
que são ditos nestes hinos”¹⁶⁹*

¹⁶⁴ ALFREDO GREGORIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 140.

¹⁶⁵ ODEMIR RAULINO. QUADRO AZUL. HINO 4.

¹⁶⁶ IDEM. HINO 10.

¹⁶⁷ ODEMIR RAULINO. DAIME SORRINDO. HINO 63.

¹⁶⁸ ISABEL BARSÉ. CÂNTICO DO BEIJA-FLOR. HINO 30.

¹⁶⁹ LÚCIO MORTIMER. INSTRUÇÃO. HINO 12.

O salão, ou igreja do Santo Daime, é a sala de aula onde os adeptos / alunos devem apresentar o resultado de seus estudos e isso se verifica através das várias passagens que o daimista tem de suportar ao tomar o Daime: cantar, bailar, tocar, se compor e mostrar naquele momento a sua capacidade, no mesmo tempo em que estará recebendo novamente vários outros ensinamentos. É no trabalho espiritual que o daimista põe em prova os esforços materiais que empreendeu, ou, se não o fez, se prontifica a receber as disciplinas e penas pelo não cumprimento das instruções recebidas, pois também é quesito dessa escola “*sofrer com paciência e viver sem reclamar*”. O não cumprimento desses ensinamentos tem suas penalidades. O próprio Mestre Irineu, em vida ainda, através de um de seus hinos, demonstra que nem sempre seus alunos foram obedientes aos seus ensinamentos:

*“Aqui tem um professor
que vai deixar de ensinar
Que ele ensina e ninguém faz caso
E só lêem de diante para trás*

*Só lêem de diante para trás
mas ele não ensina assim
Ele ensina é direitinho
mas ninguém não faz assim*

*Se ensina e ninguém faz caso
ninguém trata de aprender
Depois não se admirem
de tudo que aparecer”*¹⁷⁰

Odemir Raulino vai mais longe quando afirma:

*“No tempo pergunto a São João
Resposta espiritual
Quem não respeitar essa luz
Se apronte para entrar no pau”*¹⁷¹

Isto posto, tentaremos esclarecer que tipo de ensinamentos podem ser encontrados nos hinos e como eles são transmitidos, lembrando de antemão que qualquer tentativa nesse sentido será sempre incompleta na medida em que estão sempre aparecendo novos hinos e que, tal como a doutrina é viva, seus ensinamentos também o são. No entanto acredito ser possível identificar vários desses ensinamentos, normas, condutas previstas nos hinos e através de que matrizes espirituais elas se manifestam.

Nesse sentido é importantíssimo ressaltar a função musical para esse aprendizado, pois, numa doutrina onde são raros os momentos discursivos puros, por assim dizer, na qual a

¹⁷⁰ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 81.

¹⁷¹ ODEMIR RAULINO. DAIME SORRINDO. HINO 46.

manifestação do sagrado se dá quase que exclusivamente através da música, do canto dos hinos, não é de admirar que para o bom andamento dos trabalhos seja fundamental que todos, independente de suas funções dentro do trabalho, conheçam os hinos, saibam cantá-los e colaborem para uma boa execução do ritual, sob pena do trabalho não “subir”, como muitos afirmam. Odemir Raulino, músico da doutrina avalia que:

“Se não fazemos direito, nossa música sai com uma má qualidade que não dá prazer, não nos alimenta. Por outro lado, quando acertamos, a festa sai maravilhosa, perfeita. Um coral totalmente por igual, dentro da força do Daime, quando se manifesta, leva o trabalho ao nível máximo e gozamos de uma festa que nos maravilha. Porque acertamos bem a música, acertamos bem o cantar. Fazemos isso com muita perfeição e sentimos Deus, porque a perfeição é que nos faz encontrar Deus. Tudo aquilo que é mal feito em termos espirituais e não tem a perfeição, no meu ponto de entender, não é visto por Deus. Já presenciei alguns trabalhos que a perfeição, ao tomar conta e vestir todos os que ali se encontravam, fez acontecer coisas maravilhosas. Milagres.”¹⁷²

Ou como o padrinho Alfredo Gregório afirma em um de seus hinos:

*“Isto eu digo aqui a todos
digo em consideração
só receberei trabalho
se estiver com perfeição”.*¹⁷³

É óbvio que a musicalidade é um dos primeiros canais de transmissão do conhecimento no Santo Daime. Tão verdade é essa assertativa que podemos dizer que se criou uma verdadeira escola de música cabocla, nascida no meio da floresta e expandida para o mundo, com características marcantes na execução dos hinos. À simplicidade melódica dos hinos se alia a força de sua execução sob o efeito do Daime.

Apesar de não ser um trabalho sobre musicalidade especificamente (o que, creio, seja um campo vastíssimo de pesquisa), gostaria de tecer algumas considerações a respeito, principalmente pelo fato de que também sou aluno dessa escola de música e por ser através da música que se efetiva o conhecimento.

¹⁷² ODEMIR RAULINO DA SILVA. Boletim Eletrônico : IDA CEFLURIS - Data de Publicação Eletrônica : 1/5/2008 16:48:0 - Edição : 108.

¹⁷³ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 136.

*“O sinal fiz você receber
é uma nota da orquestra do astral
esta nota vem esclarecer
ela toca o alerta geral”*.¹⁷⁴

Já enunciamos anteriormente, citando Rouget, que a eficácia da música varia conforme a qualidade do adepto e as palavras de Odemir Raulino, citado acima, confirmam essa afirmação. Rouget faz observações importantes sobre a variabilidade do transe a partir do tipo de música, – vocal ou instrumental – e, ainda, a partir do tipo de instrumento utilizado – distinguindo instrumentos harmônicos dos percussivos. Ele afirma que:

“D’autres, comme lê tambour, peuvent avoir l’une ou l’autre suivant l’emploi qu’on en fait. Dans les régions de langues à tons, par le jeu du langage tambouriné lê tambour peut en effet faire fonction d’instrument mélodique et se substituer au chant. Indépendamment de ce cas particulier, il est susceptible d’être joué de manière si expressive que le tambourinage peut devenir, comme dans lê ndöp, mélodie de timbre, d’accent et d’intensité.

*Cela dit, si l’on considère l’ensemble des musiques de possession, il ne semble pas qu’il y ait un instrument ou un type d’instrument mélodique qui prévale sur les autres. Lê violon est de nos jours l’instrument préféré du tarentulisme, mais dans des temps plus anciens son rôle pouvait être tenu par toute une variété d’instruments parmi lesquels musettes, chalumeaux, trompettes, bombardes et autres instruments “à air, auxquels a parfois succédé, maintenant, l’accordeon.”*¹⁷⁵

No Santo Daime, o violão – às vezes junto com o acordeom – é quem, na maioria dos casos introduz a melodia do hino e tem um papel de maior destaque no trabalho. São acompanhados por outros instrumentos, como flautas, violinos, guitarras, baixos, tambores, maracás, etc. Mas, geralmente, só começam a ser executados a partir de uma certa altura do

¹⁷⁴ JOAQUIM CARVALHO. CABOCLO GUERREIRO. HINO 23.

¹⁷⁵ ROUGET, Gilbert. La musique et la transe: esquisse d’une théorie générale des relations de la musique et de la possession. Paris: Gallimard, 1980, p 120. (Outros, como o tambor podem ter um outro emprego. Em regiões de línguas à-tons – em que o significado das palavras depende da ênfase de certas sílabas – pelo jogo de linguagem batucado o tambor pode com efeito, ter a função de instrumento melódico e substituir o canto. Independente desse caso particular ele é suscetível de ser tocado de uma maneira tão expressiva que o batuque pode tornar-se, como no caso ndöp, melodia, timbre e entonação. Isso dito, se consideramos – o conjunto de músicas de possessão, não parece que haja um instrumento ou um tipo de instrumento melódico que prevaleça aos outros. O violão é, em nossos dias, o instrumento preferido do tarentulismo, mas em períodos anteriores seu papel podia ser tomado por toda uma variedade de instrumentos entre os quais a flauta, a gaita, o trompete, o bombardino e outros instrumentos a ar aos quais sucedeu o acordeom).

trabalho, que durante uma parte fica regido apenas pelo toque dos maracás e pelo canto. No entanto, nas Giras, os tambores ganham mais destaque, sendo responsáveis por chamar as entidades através de toques específicos, estabelecendo assim o transe e a incorporação. Alguns hinos e, mesmo alguns trabalhos, são realizados apenas com o canto, sem instrumentos, como é o caso da missa para as almas e de alguns trabalhos de cura.

O ritmo e a melodia também possuem um papel fundamental para estabelecer a natureza do hino. Através desses elementos, é possível distinguir momentos de maior vibração, de pungência, de formalidade e até de alegria e tristeza. Nesse sentido vale notar que o trabalho, à medida que se sucedem os hinos, vai crescendo até chegar a miração, ou mesmo a incorporação.

Apesar de cada hino possuir um ritmo próprio, dentro de um hinário é comum se ouvir adeptos relatando que *“em certa altura o ritmo caiu”*; *“que determinada parte do trabalho foi mais pra baixo”*; ou por outro lado que *“em hino tal foi levado às alturas”*; etc. Creio que essas rupturas podem levar a momentos de maior ou menor intensidade do transe, contudo, parece-me, pelo fato de que cada hinário é um conjunto articulado de hinos e que esses possuem uma seqüência de recebimento, formando uma “escada”, é justamente no *“acelerando crescendo”* que se dá a passagem de um estado de consciência para outro e onde o conhecimento é percebido com maior clareza.

Nesse sentido há recomendações específicas para que o ritmo nos trabalhos de cura bem como nos trabalhos para as almas (que são realizados sentados e sem instrumentos), seja mais compassado, e que nos hinários (que são realizados com bailado) o ritmo seja mais acelerado tendo em vista o próprio fim que se pretende.

Para encerrar lembro aqui que os hinários recebem um complemento de suma importância, o bailado, no qual os adeptos dançam às vezes por doze horas seguidas, com um pequeno intervalo no meio. É claro que o bailado unido à música, ao canto e à ingestão da bebida leva o adepto mais facilmente a atingir o transe. Nas palavras de ROUGET:

“La danse apparaît ainsi comme doublement plus importante que la musique, d’abord parce qu’elle est l’affaire des possédés eux-mêmes, ensuite parce que c’est en vue de la danse que se fait la musique, ou tout au moins une grande partie de la musique.”¹⁷⁶

¹⁷⁶ IDEM. p 170. (A dança aparece assim como duplamente mais importante que a música, antes porque ela é a característica específica dos possuídos; em seguida porque é a partir da dança que se faz a música ou pelo menos grande parte dela).

A procura do aperfeiçoamento da combinação desse conjunto de elementos faz parte da prática cotidiana dos adeptos, que realizam ensaios com os músicos, com as puxadoras (cantoras), não simplesmente para a realização de uma coreografia, mas para que na medida em que cada um desses movimentos torna-se parte intrínseca das concepções do grupo, o afinamento de cada um deles entre si possa facilitar o trabalho espiritual e fazer com que ele possa fluir melhor, pois, é notório, quando algo não está de acordo no conjunto se reflete imediatamente na música, no canto e no bailado. É através da perfeição da execução do trabalho que se chega mais rápido ao fim desejado: a miração, o transe.

Gê Marques, dirigente da igreja Reino do Sol, em São Paulo, referência tanto nos estudos da Umbanda, das linhas do Oriente, como nos estudos terapêuticos possui um hino exemplificador dessa natureza musical e da relação intrínseca entre música, cantos, instrumental e bailado. Transcrevo-o para que não se perca o fio condutor da interpretação:

*“Agora escutem meus irmãos
os instrumentos vão tocar
firma o passo na cadência
o meu passo é o maracá
a defesa do soldado
é saber se concentrar*

*O tambor é o pulmão
e a flauta minha voz
O canto mais afinado
está no coração de nós
O instrumento que é seu corpo
está desatando os nós*

*A energia vai rolar
deixa ela se mover
Cala a mente, não espera
seja Deus no próprio ser
O silêncio dos desejos
é que vão te convencer*

*O bailado é uma seqüência
que começa em você
Amoleça tuas defesas
para a Deus tu conhecer
Arredonde o movimento
e deixa o outro te envolver*

*A melodia divinal
está sempre dentro da gente
Ela vive em sete casas
todas as casas da serpente
Que ao fazer sua caminhada / está ligando a corrente”¹⁷⁷*

¹⁷⁷ GÊ MARQUES. REINADO DO SOL. HINO 13.

Música, instrumentos harmônicos e de percussão, canto e bailado constituem-se, pois, como elementos performativos que facilitam ao adepto a percepção do conhecimento e ao grupo a coesão e o ajustamento dos de cada um dentro da corrente, permitindo, individual e coletivamente, uma melhor decodificação dos símbolos evocados.

5.1 – Quem, o que e como se ensina no Santo Daime

*“Conforme na sua história
Duas raças encontrar
Transformar numa semente
Na mata ir semear*

*Nós povo de Aruanda
povo de Juramidam
Unidos num só terreiro
sob a estrela de Belém”*

Maria Alice – Hino

Penso que a primeira observação a fazer diz respeito à própria constituição da doutrina do Santo Daime e sobre seu “*ecletismo evolutivo*”, pensando aqui que esclarecendo sobre as matrizes fundadoras da doutrina perceberemos mais claramente a intenção deste capítulo. Groisman afirma que:

“Os daimistas denominam o modelo de espiritualismo que praticam de ecletismo evolutivo, com base na tradição oral herdada de Irineu Serra. Nos depoimentos que colhi, não consegui esclarecer a origem ou o conteúdo sistematizado dessa linha do pensamento espírita. Penso que a associação de Irineu Serra com o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, entidade espiritualista com sede em São Paulo, tenha sido a motivação básica para que ele adotasse esse modelo. Ecletismo, nesse caso, é muito mais um conjunto de valores do que uma escola de pensamento. Esse conjunto de valores tem como base essencial a aceitação de tradições espirituais diversas na busca espiritual com o Daime.”¹⁷⁸

Esse modelo permitiu que desde os primeiros tempos, a doutrina do Santo Daime pudesse receber influências de várias matizes, entre elas, a indígena, a africana e a cristã e, se em alguns casos existe uma separação dessas linhas espirituais, na maioria das igrejas elas se mesclam e, no que diz respeito aos hinos – fonte de todo ensinamento para o daimista –, elas estão presentes sem nenhuma distinção, acrescidos ainda de elementos de outras tradições – as religiões orientais, por exemplo – que se introduziram mais recentemente.

¹⁷⁸ GROISMAN, Alberto. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999, p. 45/46.

Pelas afirmações acima podemos distinguir de pronto, três troncos de ensinamentos que, unidos pelo Santo Daime, apresentam, através dos hinos e das próprias linhas de trabalho características próprias capazes de distingui-las umas das outras. Digo isso para esclarecer que esta distinção está sendo feita como parâmetro de análise, pois na cosmologia daimista elas aparecem quase sempre juntas. Poderíamos então afirmar que se sobrepõem sem uma ordem hierárquica as tradições citadas, trazendo cada uma, caracteres particulares, como podemos ver a seguir:

Irineu Serra apresenta claramente a ligação com as deidades do cristianismo desde o mito fundador da doutrina e o recebimento desta da Rainha da Floresta, identificada por ele como Nossa Senhora; traz referências ao Antigo e ao Novo Testamento; reproduz o culto a Maria e aos santos (festejando-os nas mesmas datas do calendário católico), e aos ensinamentos cristalizados no “Amar a Deus sobre todas as coisas”. Entra aqui, obviamente, a noção de pecado e a assimilação dos rituais cristãos do batismo e do casamento, sendo essas celebrações um dos poucos momentos onde se lêem trechos da bíblia nos rituais do Santo Daime. As preces católicas – Pai Nosso, Ave-Maria, Credo, Salve Rainha, Terço – fazem parte da abertura e do fechamento dos rituais daimistas, acompanhadas da gestualística do “Pelo Sinal da Santa Cruz” e do “Pai, Filho e Espírito Santo”. A Cruz, que no Santo Daime possui dois braços um menor do que outro – representando a segunda vinda do Cristo – e que é denominada Cruzeiro, e outros símbolos como a Estrela de Salomão fazem parte de seus elementos constituintes. Por fim, o próprio ato de beber o Daime é considerado para o daimista como uma espécie de Comunhão, na qual ao invés do corpo de Cristo – a hóstia – é absorvido o sangue de Cristo – o Daime.

*“Aqui estou dizendo
para todos me ouvir
Sou o pão maravilhoso
que me transformei em vinho”¹⁷⁹*

*“Eu tomo Daime e considero este vinho
o mesmo vinho que Jesus deu pra tomar
Aos seus apóstolos disse em minha memória
que é para sempre essa luz nunca faltar”¹⁸⁰*

*“O Cristo está em nós
testemunho em nossa carne
Seu evangelho é a arma
seu Sangue é o Daime”¹⁸¹*

¹⁷⁹ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 32.

¹⁸⁰ WALDETE GREGÓRIO DE MELO. O LIVRINHO DO APOCALIPSE. HINO 14.

¹⁸¹ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINO 40.

Esses sinais vão aparecendo e se sucedendo na medida em que a doutrina vai se constituindo, afirmando a presença e momentos cruciais da vida de personagens que aparecem na Bíblia, sempre de conformidade com os relatos que aparecem nela, como exemplificamos a seguir:

Jesus Cristo:

*“Sofreu na cruz
foi preso e foi amarrado
quem o matou foram os judeus
na Judéia foram todos perdoados”¹⁸²*

*“Jesus filho de Maria
desde a hora que nasceu
começou seu sofrimento
até o dia que morreu”¹⁸³*

*“Levaram ele para a frente
sem ter dó sem ter amor
procurando os seus discípulos
e todos se afugentou”¹⁸⁴*

*“Quando os judeus forma encontrar com Jesus
os seus discípulos fugiram pra não ver”¹⁸⁵*

São João Batista:

*“São João era menino
só vivia nas campinas
pastorando as suas ovelhas
pregando as Santas Doutrinas”¹⁸⁶*

*“É a voz do deserto
é o pregador
no rio de Jordão
batizou os pecadores”¹⁸⁷*

*“Eu vivo neste mundo
lembrando o que foi passado
São João tiraram-lhe a cabeça
e meu Jesus foi crucificado”¹⁸⁸*

Virgem Maria:

*“A Minha Mãe é a Santa Virgem
ela é quem vem me ensinar”*

¹⁸² RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 11.

¹⁸³ IDEM. HINO 47.

¹⁸⁴ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 101.

¹⁸⁵ IDEM. HINO 103.

¹⁸⁶ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 66.

¹⁸⁷ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 128.

¹⁸⁸ IDEM. HINO 129.

*“A Virgem Mãe me deu
o lugar de professor”*

*“A Virgem Mãe mandou
para mim esta lição
me lembrar de Jesus Cristo
e esquecer a ilusão”*

*“Cantei hoje eu cantei hoje
cantei hoje com alegria
porque tenho uma esperança
de ver a Virgem Maria”¹⁸⁹*

São José:

*“Patriarca São José
vós esposo de Maria
Que o Divino Pai lhe deu
para vossa companhia”¹⁹⁰*

*O gosto é de cada um
quem tem boca diz o que quer
Eu amo ao meu Jesus
e o Patriarca São José”¹⁹¹*

*“Meu São José
quando chegou a Belém
não encontrou a ninguém
que pudesse lhe abrigar”¹⁹²*

*“Viva a Virgem Maria
e o patriarca São José
hoje é o seu dia
vamos fazer o que ele quer”¹⁹³*

Os Reis magos e a Estrela do Oriente:

*“Santa Estrela que me guia
Vós me dê a Santa Luz
os três Reis do Oriente
que visitaram Jesus”¹⁹⁴*

*“A Estrela do Oriente
os três Reis acompanhou
é o meu Mestre Império
foi ele que me entregou”¹⁹⁵*

¹⁸⁹ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO HINOS 16; 28; 29 e 32.

¹⁹⁰ IDEM. O CRUZEIRO. HINO 36.

¹⁹¹ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 129.

¹⁹² PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 69.

¹⁹³ ALEX POLARI. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINO 32.

¹⁹⁴ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 56.

¹⁹⁵ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 137.

*“Vou seguindo e vou pedindo
para todos inocentes
peço força nos trabalhos
aos três Reis do Oriente”¹⁹⁶*

A família de Jesus:

*“No rio de Jordão
ambos tiveram em pé
um é filho de Maria
e o outro é filho de Isabel*

.....
*Dando viva ao Pai Eterno
e viva a Senhora Santana”¹⁹⁷*

*“Meu senhor São João
Meu senhor São José
Senhor São Zacarias
Senhora Santa Isabel”¹⁹⁸*

*“Eu canto lembrando
O meu São José
A Família Sagrada
De Nazaré”¹⁹⁹*

Todas essas referências fazem parte da afirmação do Santo Daime como doutrina Cristã e refletem não só uma posição espiritual, como também a busca pelos ensinamentos contidos na história de cada um desses seres – o amor de Jesus; a justiça de São João; o conforto maternal de Maria; a conformação paternal de José; a guia dos Reis Magos. Penetrar nestes ensinamentos e os relacionar com a história pessoal é a função de cada adepto, sintonizar-se com a energia cósmica que cada um destes seres emana e afirmar nos hinos e nas ações tudo que por eles foi afirmado. Perceber-se como parte integrante de uma imensa família universal e descobrir seu lugar dentro dela.

Estes são alguns poucos exemplos de uma imensa quantidade de hinos que relatam episódios da vida dos personagens bíblicos que aparecem no Novo Testamento, mas são comuns também referências aos que aparecem no Antigo Testamento, desde o mito original da criação a outros acontecimentos de relevância para o cristianismo, como seguem:

*“Eu nasci neste mundo
estou passando a provação
para eu reconhecer
que sou filho de Eva e Adão”²⁰⁰*

¹⁹⁶ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 23.

¹⁹⁷ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 66.

¹⁹⁸ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 32.

¹⁹⁹ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 78.

²⁰⁰ IDEM. HINO 68.

*“Quando eu vejo a chuva caindo
eu me lembro do dilúvio de Noé”²⁰¹*

*“Eu bem venho avisando
mas levam como quer
e não estão lembrados
do dilúvio de Noé”²⁰²*

*“No cume da perfeição
aonde o Mestre está
na ciência do Rei Salomão
aonde Deus pode habitar”²⁰³*

*“O Rei Davi estava pastorando
chegou o tempo de guerrear
o Rei Davi juntou as suas tropas
e pôs-se logo a comandar”²⁰⁴*

*“As tábuas de Moisés
que o meu Pai entregou
não ligaram importância
não consagraram o amor”²⁰⁵*

As menções bíblicas servem para recontar a história do povo de Deus no mesmo tempo em que afirmam a história do povo de Juramidam como parte integrante da “família de Nazaré”. Mas não se trata simplesmente de um sentimento de “pertença”; como tal, esse sentimento envolve os adeptos profundamente colocando-os na categoria de “escolhidos”, como muitos afirmam: *“não fui eu que encontrei o Daime, mas o Daime que me encontrou”*. Fazer parte desse povo significa passar as passagens que o povo de Deus passou, significa sofrer no exílio da Babilônia, ser perseguido, maltratado e arcar com a responsabilidade de suportar o peso da cruz como Cristo suportou. Por outro lado, significa também receber as benesses que Deus tem para dar e alcançar a Nova Jerusalém que é prometida nas escrituras sagradas. Esses eventos são comumente relacionados pelos daimistas com as perseguições sofridas pela justiça nacional e estrangeira que volta e meia estabelecem restrições ao consumo do Chá; a ida do padrinho Sebastião para a floresta, para o Rio do Ouro, sua retirada forçada de lá para o Mapiá e as pressões políticas, midiáticas, policiais, além das prisões que os membros do Santo Daime sofreram ao longo dos anos.

Esse sentimento gera também no adepto a responsabilidade de uma conduta exemplar, de uma vida íntegra, de obediência aos mandamentos recebidos por Moisés no Sinai e

²⁰¹ IDEM. 92

²⁰² SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 106.

²⁰³ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINO 47.

²⁰⁴ ISABEL BARSÉ. CÂNTICO DO BEIJA-FLOR. HINO 11.

²⁰⁵ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINO 81.

repassados para toda a humanidade. A diferença entre o “povo do Daime” e os cristãos em geral é, em primeiro lugar, a consagração do chá, que, tal como oferece a possibilidade de “ver belezas, primores”, também, e principalmente, deve ser um veículo de correção material e espiritual, sob pena de castigos, peias e sofrimentos; e, segundo, a relação intrínseca com as outras linhas contidas na Doutrina.

Descobrir-se como parte integrante dessa família é aceitar incondicionalmente esse corpo normativo instituído pelo Mestre Irineu, mas, para os adeptos, recebido do astral, das mãos da Virgem Maria. Claro que sempre há resistência. Como alunos de uma escola espiritual, sempre aparecerão os indisciplinados, os rebeldes, os descontentes, os zombadores. É função do professor Santo Daime mostrar o caminho e ensinar aos quiserem aprender.

Os hinários mais recentes trazem referências a outras personagens cristãs também mais recentes, como os apóstolos e santos do catolicismo, que da mesma forma cristalizam o “amar a Deus sob todas as coisas” e através das lições de vida que deram no seu tempo reafirmam a palavra de Jesus.

É o caso de São Pedro, São Paulo, Santa Madalena, Santa Terezinha, Santa Bárbara, Santa Luzia, Santa Rita, São Jorge, Santo Antonio, São Francisco, Santa Clara, São João Crisóstomo, os Padres do Deserto (Santo Antão, São Macário e o Abade Poemem) e até personagens bem recentes do catolicismo popular tem seu lugar nesse vasto panteão como é o caso de Frei Damião.

*“Santa Bárbara virgem
virgem imperial
Vós levanta estas cortinas
para eu poder trabalhar”*

*“São Pedro é a pedra da igreja
que Jesus Cristo lhe confiou
lhe confiou transmitindo esse destino
mesmo depois que ele lhe negou”*

*“Santo Ignácio de Loyola
Santa Teresa D’Ávila
São Francisco de Assis
Meu Santo Antonio de Pádua”*

*“Santo Antão e são Macário
e o Abade Poemem
são seres extraordinários
da Nova Jerusalém”*

*“São João Crisóstomo
foi uma luz na antiguidade
nos primeiros passos do cristianismo
faz parte da sagrada constelação*

*dos santos mártires
que morreram por Jesus Cristo”*

*“São Francisco de Assis lá no Céu
veio a terra para restaurar
a igreja de Jesus no mundo
que estava a desmoronar”²⁰⁶*

*“São Jorge está aqui
São Jorge aqui está
Em seu cavalo branco
guerreiro melhor não há”*

*“Firmado em Deus e na virgem Maria
e em todos os santos
e em Santa Luzia”*

*“Santa Terezinha me disse
não se esqueça dos pequeninhos*

.....
*Santa Madalena me disse
cumpra bem a minha missão”²⁰⁷*

*“Meus irmãos estou aqui
eu estou prestando atenção
vendo tudo acontecer
o que disse frei Damião”²⁰⁸*

No geral é possível encontrar alusões a diversos personagens cristãos com os quais a pessoa que recebeu o hino possui alguma relação de devoção e fé mais particular. O que podemos constatar, no entanto, é que, a partir do momento em que é cantado nas igrejas e passa a ser aceito como hino da doutrina do Santo Daime, valida o ensinamento que foi trazido num momento específico, tornando-o geral e válido para todos os que em determinado momento entram em contato com ele. Sendo assim cada um desses personagens vai aos poucos sendo incorporado ao panteão de seres cultuados pelos daimistas. Alguns desses ganham trabalhos específicos como é o caso de São Francisco, Santa Madalena, São Pedro, que têm seus dias do calendário cristão comemorados também no Santo Daime.

O que se nota é uma amalgamação dos elementos constitutivos do cristianismo, mais uma certa tradução da tradição que, no estabelecimento desses vínculos, auto-afirma a doutrina do Santo Daime como partícipe da doutrina cristã mais geral e confirma o povo de Juramidam como parte do povo de Deus anunciado pelos profetas, apóstolos, santos, mártires, consolidando, de certa forma, uma posição privilegiada a esta religião. Rememorar, pois, a

²⁰⁶ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINOS 18, 42, 91, 137, 138.

²⁰⁷ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINOS 53, 121 e 125.

²⁰⁸ RITA GREGÓRIO. LUA BRANCA. HINO 21.

vida e a história desses personagens contribui para que seus ensinamentos se propaguem e para que os adeptos encontrem neles reforço para a fé e para, através dos exemplos já vividos, consolidar a própria crença e o esforço para assemelhar-se a eles em conduta. As vidas desses personagens acaba se tornando parâmetro e referência para que o daimista, através de um processo de identificação, rememore sua própria história de vida e assim adquira autoconhecimento e conhecimento do grupo ao qual pertence, reforçando naturalmente aquele sentimento de “pertença” que já citamos.

São comumente citados os anjos e arcanjos: São Miguel, São Rafael e São Gabriel, que, apesar de mencionados em diversos hinos, são invocados em dois trabalhos específicos, a Mesa Branca e o Trabalho de São Miguel, nos quais são realizados atendimentos espirituais, desobsessões, e se pretende estabelecer um estudo voltado para o desenvolvimento mediúnico do adepto. Estes trabalhos não são realizados em todas as igrejas e dependem da aprovação e autorização do Conselho Doutrinário da igreja matriz no Céu do Mapiá, supervisionado pelo padrinho Alfredo Gregório de Melo.

*“São Rafael chegou do céu
é Arcanjo do Senhor
vinde a mim, vinde a mim
com vosso sagrado amor”*

*“Falange de São Miguel
Falange de Rafael
Falange de Gabriel
Todos se juntando
bem detrás do sol”*

*“Os anjos do céu
eu aqui estou chamando
Miguel, Gabriel
os seres deste comando”*

*“Eternamente eu quero agradecer
meu Pai vós não me deixas esquecer
aqui venho saudar São Gabriel
e a todos Anjos e Arcanjos lá do céu”*

*“Da terra ao astral
os inimigos atacar
na espada de São Miguel
todos vão se transformar”*

*“Com o poder do céu
da terra e também do mar
Ordeno a São Miguel / a força Deus é quem dá”²⁰⁹*

²⁰⁹ HINOS DO CADERNO DE MESA BRANCA E DE SÃO MIGUEL RECEBIDOS POR PESSOAS DIVERSAS.

Apesar de não ser algo aceito por todos os pesquisadores e mesmo pelos daimistas em geral, há uma corrente de estudos que encontra uma ligação lingüística entre a palavra Daime (Da), Juramidam (Dam) e a serpente sagrada do Daomé (Dã) notando aí já na origem da doutrina uma manifestação dessa tradição, lembrando que Irineu Serra era filho de escravos. É possível encontrar já nos hinos do Mestre Irineu e dos seus contemporâneos referências a deidades da Umbanda, mas é a partir da linha inaugurada por Sebastião Mota de Melo que essa ligação se faz mais presente, a partir da década de oitenta. É criado o trabalho de Gira, no qual são invocados para baixar no terreiro, além dos Orixás, os Caboclos, os Erês, os Pretos Velhos, o Povo da Rua, Ciganos. Nos hinos as referências a estes seres são muitas, sendo muito presentes a Rainha Iemanjá, Ogum Beira-Mar, Ogum das Matas, Oxossi, Iansã, Nanã, entre outros. Nos trabalhos com o Santo Daime também é comum ocorrerem defumações nas quais são cantados pontos iguais aos da Umbanda. Na verdade muitos dos pontos que são cantados nas Giras possuem essa mesma origem. Essa linha de trabalho é comumente denominada de Umbandaime, numa referência a união das duas vertentes. A própria introdução da palavra umbanda nos hinos é uma constatação óbvia dessa ligação, existindo hinários dedicados especialmente ao estudo dessa linha, como é o caso do Rosário, da dona Maria Alice, que possui hinos para os orixás.

Algumas menções no hinário do Mestre Irineu podem ser referências a pretos velhos e a outras entidades da Umbanda, apesar dos seus seguidores mais diretos e que continuam até hoje realizando os trabalhos na sede do Alto Santo, em Rio Branco, afirmarem categoricamente que o Mestre não permitia atuações e incorporações nos seus trabalhos.

*“Quando Papai Paxá
Barum, Marum mais eu”²¹⁰*

Dona Percília Matos, zeladora do hinário do Mestre Irineu, esclarece um pouco sobre esse hinos:

“O Papai Paxá é uma entidade. Tem muitos deles. Tem caboclo, tem índio, tem outros de outras linhas, mas tudo linha do bem, só para fazer o bem. Qualquer um desses que chamar pode fazer uma cura.”²¹¹

Mas é bem verdade que é Sebastião Mota de Melo que inaugura uma linha propriamente dita de trabalhos do Santo Daime vinculados diretamente com a umbanda o que é continuado e reforçado pelo seu filho Alfredo Gregório, nos trabalhos de Mesa Branca, São Miguel e nas Giras.

²¹⁰ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 6.

²¹¹ MAIA NETO. Florestan J. Contos da Lua Branca. Rio Branco: Fundação Elias Mansur, 2003, p. 24.

O padrinho Sebastião, como era chamado pelos seus seguidores, travou uma grande batalha espiritual com um ser que se autodenominava “o Maioral das Trevas” ou “Tranca-Rua”, cujo aparelho era um feiticeiro chamado Ceará, que apareceu na Colônia Cinco Mil em fins da década de 1970 e se intitulava o “maior macumbeiro do mundo”. O fim dessa batalha astral se dá de forma trágica com a morte do macumbeiro e a doutrinação da entidade como narra Alfredo Gregório em entrevista a Alex Polari:

“Esse foi o momento decisivo da doutrinação. Estávamos com um trabalho aberto lá no quarto do papai, que estava acamado. Ai de repente ele se sentou e aquela cara cinzenta de doente deu lugar a um rosto bonito, resplandecente mesmo, como se ele estivesse bonzinho. Ai baixou nele Ogum Beira-Mar dizendo que estava ali como um mensageiro para resolver uma questão. A questão era que o senhor Rei Tranca-Rua – ele fez questão de frisar o título, acrescentando ainda que ele merecia todo o nosso respeito – queria dizer umas palavras e pedia que o aparelho fosse levado até a sala. Ai ele se transfigurou de novo num ser aleijado. Quando a gente cantava algum hino, ele chorava, pedia perdão em relação às leis. (...) Disse assim: “De hoje por diante, o Tranca é a favor de Deus e dessa doutrina. Podem contar comigo. Quando algum pensamento à-toa passar pela mente de vocês, lembrem do Tranca, podem me chamar que eu estarei aqui para ajudar. Mas eu digo a vocês: comigo do lado é bom andar direito.”²¹²

A entidade ainda exigiu que se fizesse uma casinha para ele nem que fosse do tamanho de uma caixa de fósforo e daí nasceu a casa da Estrela, lugar onde se realizam trabalhos de cura e outros mais específicos.

Mas é só em meados da década de oitenta que a umbanda entraria de vez nos rituais do Santo Daime. Com a fundação das primeiras igrejas no sudeste do País, o padrinho Sebastião começou a visitar os novos afilhados da doutrina, principalmente no Céu do Mar (igreja dirigida pelo psicólogo Paulo Roberto, casado com uma de suas filhas) e no Céu da Montanha (dirigida por Alex Polari). Nessa igreja o padrinho conhece a médiun Maria Alice e por seu intermédio a mãe de santo Baixinha, que depois ingressaria nas fileiras do Santo Daime e seria uma das principais responsáveis por essa aproximação com a Umbanda. Segundo Marques:

²¹² ALVERGA, Alex Polari de. O Guia da Floresta. Rio de Janeiro: Record, 1992, p 130 / 131.

“Deu-se início a época em que, junto com a Baixinha, Alex Polari abriu uma sucessão de trabalhos de banca, incluindo giras, que ele mesmo classifica de memoráveis. Neste período vários membros do grupo da Baixinha já eram fardados e participantes da igreja Céu da Montanha; alguns vieram morar em sua comunidade, como foi em seguida o caso de Maria Alice. Em pouco tempo a Baixinha se fardaria. Entrelaçavam-se dois grupos que, embora vindos de religiões distintas, compartilhavam a cultura underground que caracterizava a juventude da época.”²¹³

Ainda segundo este autor, algum tempo depois Maria Alice iria morar no Céu do Mapiá, iniciando nessa comunidade, a pedido do padrinho Sebastião, os primeiros trabalhos de Gira, que seriam reforçados e abertos para todos depois das primeiras visitas da própria mãe de santo Baixinha.

Concomitante a tudo isso o padrinho Alfredo começa a receber o Trabalho de São Miguel, no qual, além das chamadas dos arcanjos e dos hinos de cura, abre-se espaço para essas outras linhas, podendo ser direcionado para a invocação da falange de Emmanuel, dos orixás, dos caboclos, pretos-velhos, erês, do povo da rua, etc., cada qual contendo hinos próprios e ainda inúmeros pontos advindos da Umbanda.

Alfredo Gregório, ao lado de outras lideranças começam a receber hinos que refletem explicitamente essa ligação:

*“Agradecendo ao Pai Eterno
E a Rainha Yemanjá
Agradecendo a todos seres
da corrente Ogum Beira-Mar”*

*“Salve o sol e salve a lua
salve a terra e salve o mar
salve a linha de Umbanda
da Rainha Yemanjá”²¹⁴*

*“Viva o rei Ogum
ele veio anunciar
que as linhas estão abertas
que é pra nós se aliar”*

*“Eia vem aqui no meio
vem aqui com o relho*

²¹³ ALVES JUNIOR, Antonio Marques. Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião – PUC, 2007, p 185.

²¹⁴ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINOS 131 E 147.

*eia eu vou chegar
Viva São Miguel que veio
veio abrir a banca lá dos Orixás*²¹⁵

*“O perfume que vem nos perfumar
vem dos caboclos que vem se apresentar
Que tem a bênção de Papai Oxalá
Oi Sarava Oxalá Babá*”²¹⁶

Paulo Roberto, dirigente da igreja Céu do Mar, no Rio de Janeiro, recebeu um hino, que a meu ver abrange boa parte do panteão umbandista incorporado ao Santo Daime.

*Lá vem, lá vem, lá vem
Lá vem a Rainha Iemanjá
Ela vem cavalgando nas ondas
Com suas princesas e Ogum Beira-Mar (REFRÃO)*

*Presença tão divina
Presença de meu Pai Ogum
Eu peço aos caboclos das matas
Que nos dê a força de sermos só um*

*Presença tão divina
Presença de Mamãe Oxum
Ela canta na cachoeira
No alto das matas de meu Pai Ogum*

*Presença tão divina
Presença de Mamãe Iansã
Os seus raios trovejam nos ares
Vencendo demanda pra Juramidam*

*Presença tão divina
Presença de Vovó Cambinda
Eu peço ao povo da África
Vossa proteção aqui em baixo e lá em cima*

*Presença tão divina
Presença de Ogum Megê
Eu peço a Cosme e Damião
Pureza das crianças pra mim e você*

*Presença tão divina
Presença de Compadre Exu
Eu peço ao Seu Tranca das matas
Que guarde as porteiras de norte a sul*

*Dou viva a todos os santos
Dou viva a todos Orixás
Eu dou viva a todos os povos
Que vivem na luz de meu Pai Oxalá*²¹⁷

²¹⁵ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINOS 53 e 107.

²¹⁶ GÊ MARQUES. REINADO DO SOL. HINO 41.

²¹⁷ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 122.

O trabalho de São Miguel acabou por se tornar um amplo guarda-chuvas, capaz de abrigar diversas linhas espirituais que aos poucos foram se manifestando dentro da linha original do Santo Daime, e, se no início houve resistências a essas junções, principalmente pelos resquícios das experiências malfadadas com o macumbeiro Ceará, creio poder afirmar que o tempo mostrou a sua necessidade para a resolução de demandas cada vez maiores entre os adeptos, não só na igreja matriz, mas nas filiais espalhadas pelo mundo, que necessitavam de estudos mediúnicos para avançar nos estudos com o Santo Daime.

Além da Umbanda, foi de fundamental importância para essa corrente de estudos a introdução de conceitos Kardecistas, já amplamente utilizados desde o tempo do Mestre Irineu, via sua participação no Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. O padrinho Sebastião, como já falamos, trabalhou vários anos na banca espírita e acabou por fortalecer no Santo Daime a presença de aspectos relacionados à mediunidade, à incorporação, à doutrinação de espíritos sofredores, e, mesmo, à inclusão de várias preces espíritas no ritual de Mesa Branca, já presidido pelo padrinho Alfredo.

Vale a pena lembrar aqui que a década de 1930 é um marco histórico comum a essas três vertentes: o Espiritismo, a Umbanda e o Santo Daime e que a formação dos estados do Norte, tendo se dado principalmente a partir das levas de migrantes de várias partes do país, foi um terreno fértil para a propagação dessas linhas e para o posterior contato que acabou acontecendo entre elas.

Os contemporâneos do Mestre Irineu dizem que nos raros momentos em que ele falava dentro de um trabalho, o fazia em Tupi-Guarani, pois seu encontro com a Ayahuasca se dá justamente entre os grupos indígenas; é deles, portanto, que Irineu recebe os primeiros ensinamentos e o próprio chá. A presença do sol, da lua, das estrelas, nos hinos, advém dessa ligação com o animismo desses grupos, aparecendo, também, em menor intensidade, referências a entidades indígenas. Essa ligação torna-se ainda mais forte quando Sebastião Mota de Melo guia seu povo para o meio da floresta, como ele próprio dizia “quanto mais índio melhor”.

Referindo-se a um dos primeiros hinos do Mestre Irineu:

*“Tuperci não me conheces
tu não sabes me apreciar
Tu não sabes me compreender
a minha flor cor de Jaci”²¹⁸*

Dona Percília Matos afirma que:

²¹⁸ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 2.

“Na cultura indígena eles têm Jaci como Nossa Senhora. Não sei ao certo qual a linhagem exata, mas é indígena. O Mestre aglutina tudo, e quando a coisa se prende ao caboclo... Eu cheguei a ouvir o Mestre dizer: A Rainha gosta tanto de caboclo, vocês nem sabem como a Rainha gosta de caboclo. Eu acho que é por aí assim né? Uma ligação aí, que termina dando numa só Nossa Senhora.”²¹⁹

E referindo-se a outro hino afirma:

“O Currupipiraguá é outro caboclo, e não é Currupipiraguá, com “g”, é Currupipiraguá, com “q”. É um caboclo índio, é um caboclo finíssimo ele.”²²⁰

O animismo indígena, na falta de melhor palavra para designar as doutrinas dessas religiões, refletido no culto aos corpos celestes e às forças da natureza foi absorvido de tal forma no Santo Daime que o Mestre Irineu, ao receber um hino dessa natureza, o introduziu na abertura dos trabalhos onde se canta seu hinário. Uma saudação ao sol, à lua e às estrelas que, ao mesmo tempo, faz a ligação com as divindades cristãs e se tornou símbolo dessa doutrina; este hino quando cantado no início dos trabalhos, é sempre repetido três vezes, em pé, em sinal de respeito e reverência:

*“Sol, Lua, Estrela
A Terra o Vento e o Mar
É a Luz do Firmamento
É só quem eu devo amar*

*É só quem eu devo amar
Trago sempre na lembrança
É Deus que está no Céu
Aonde está minha esperança*

*A Virgem Mãe mandou
Para mim esta lição
Me lembrar de Jesus Cristo
E esquecer a ilusão*

*Trilhar este caminho
Toda hora e todo dia
O Divino está no Céu
Jesus filho de Maria”²²¹*

²¹⁹ MAIA NETO. Florestan J. Contos da Lua Branca. Rio Branco: Fundação Elias Mansur, 2003, p. 22.

²²⁰ IDEM. p. 33.

²²¹ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 29.

Ainda como influência da tradição indígena podemos citar a utilização do maracá nos trabalhos do Santo Daime, cuja importância central no acompanhamento dos hinos vai ao ponto de que é considerado como a espada do soldado daimista. Foi adaptado no Santo Daime, onde é feito de lata, com esferas de metal dentro, produzindo um efeito sonoro mais volumoso que os tradicionais maracás ou chocalhos indígenas, apesar de que esses também são utilizados.

Creio poder afirmar que o maracá também intermedia os processos de transe e incorporação, como no candomblé e na umbanda. É um instrumento de poder espiritual, é pessoal e raros são os adeptos que emprestam o seu maracá a alguém, lembrando que entre os rituais indígenas apenas os pajés tocam os maracás que são considerados como veículos das vozes dos espíritos através da música, representando, às vezes, a própria manifestação de alguma entidade espiritual ao mundo dos vivos.

Os membros mais antigos do Santo Daime afirmam que o Mestre Irineu orientava que se tocasse o maracá com as duas mãos, batendo com a lata na palma de uma das mãos. Interessante notar que esse ensinamento vem sendo repassado e o maracá aparece então afirmado dentro dos próprios hinos, como nos casos a seguir:

*“Balança o Maracá
Balança o Maracá
Balança o Maracá
que meu Pai já vai chegar”²²²*

*“O Maracá não se toca de qualquer jeito
O Mestre ensinou que tem que ser com as duas mãos
É no bailado, compassado, ritmado
Pra ficar bem igualado a batida do coração”²²³*

*“Eu te entrego esta força
E tu deixa cair da mão
Vou martelar meu maracá
Até tu levantar do chão”²²⁴*

Esta é uma oportunidade a mais para afirmarmos a capacidade do hino como conhecimento em si, como veículo da transmissão desse conhecimento e como catalisador fundamental para que esse conhecimento se perpetue invocando com frequência intertextualidades entre eles como forma de afirmação das matrizes fundamentais do ensinamento e da importância da continuidade e manutenção dos preceitos estabelecidos pelo Mestre Irineu, sob pena de que sua negação interfira na própria existência da doutrina.

²²² ZERIVAN DE OLIVEIRA. GRATIDÃO ETERNA. HINO 9.

²²³ FERNANDO GUANABARA. O CAMINHO DA VERDADE. HINO 2.

²²⁴ GLAUCO VILLAS BOAS. CHAVEIRINHO. HINO 14.

5.2 – O Oriente veio pro Ocidente

*“Seguir realmente a doutrina
E não alterar nem um til
a Justiça é reta e justa
e a matéria vive por um fio”*

(Alfredo Gregório – Hino 18)

*“Dou viva ao Santo Daime
E a Linha Oriental
Viva o Senhor Shiva
Salve o Reino de Cristal”*

(Alex Polari – Hino 95)

Como pensar a introdução de tantos elementos à doutrina do Santo Daime, principalmente a partir do ingresso de Sebastião Mota de Melo, sem imaginar que ela tenha se modificado até quase se perder nesse emaranhado de novas combinações?

Esta é uma resposta difícil e que talvez seja melhor compreendida à luz de uma de suas primeiras matrizes, já tratada aqui, que é o “ecletismo evolutivo”. Essa matriz foi compreendida e encarnada mesmo, eu diria, desde o início, por Sebastião Mota, olho curioso das coisas do espírito e da matéria, capaz de, segundo seus familiares e amigos próximos, antever os tempos vindouros, as situações, os perigos, tendo alertado em vida para muitos acontecimentos que depois realmente ocorreram com o seu povo, com a sua comunidade e com o Santo Daime.

Seguindo o trilha do Mestre Irineu como bom discípulo, recebeu dele, em vida, autorização para fazer Daime em sua casa e abrir alguns trabalhos, visto que nem sempre era possível que ele e seu grupo se deslocasse da Colônia Cinco Mil, onde moravam, até a sede do Mestre no Alto Santo. Essa relação de discípulo e mestre é confirmada por muitos contemporâneos dos dois, os quais afirmavam que, apesar de o Mestre Irineu nunca ter demonstrado predileção por ninguém, a verdade é que o padrinho Sebastião se encontrou com ele espiritualmente e daí nasceu uma bonita amizade, o que acabou causando ciúmes por parte dos seguidores mais antigos do Mestre. O padrinho afirmava:

“Isso eu digo sem medo de errar. É que na estrada que o meu Mestre anda, eu também estou andando. É por isso que eu recebi hinos na música do Mestre. ‘Porque tudo que é Dele, é meu. E o que é dele, eu posso usar.’ Eu só não quero usar aquilo que os outros estão usando.

Porque pode me derribar! Quero provar a todos o que o Mestre disse e levantar nova bandeira com novas estrelas para todo mundo ver!”²²⁵

O padrinho realmente levantou sua bandeira, levando seu povo para o meio da floresta e iniciando o processo de expansão do Santo Daime para o resto do mundo. Nesse processo de expansão, a criação do CEFLURIS – Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, possui um papel fundamental. Essa linha de trabalho espiritual foi responsável em grande parte pela pesquisa, organização, compilação, do vasto material que compunha a doutrina até então e pelo seu registro escrito, coisa que já era desejo do Mestre Irineu e que foi feita pelo padrinho Sebastião, seus filhos e discípulos mais próximos, principalmente os recém-chegados adeptos que fundaram as primeiras igrejas no sudeste do país e que contribuíram imensamente para que hoje tenhamos acesso a informações preciosas do início da Doutrina O CEFLURIS elaborou, inclusive, um livreto denominado Livro de Normas de Ritual, no qual, ainda no prefácio, é esclarecido que:

“O ritual de uma doutrina viva é um guia, um mapa simbólico que nos ajuda a percorrer com maior facilidade os intrincados caminhos do conhecimento espiritual. Uma vez fossilizado, tanto o ritual quanto a doutrina podem se tornar um entrave, uma autêntica camisa de força para os seus participantes. Por isso mesmo é que devemos evitar os extremos tanto de ignorarmos as prescrições tão sábias da tradição como a fossilizarmos a ponto de ficarmos presos a fórmulas ocas e exteriores.

Nesse sentido deve haver sempre um zelo e um respeito em relação àquilo que foi prescrito pelos mestres, sem que isso impeça a tradição de manter o conteúdo de sua mensagem atual e útil para as diferentes necessidades de cada época.”²²⁶

Sempre existirão, é claro, os que consideram a tradição um invólucro invisível capaz de manter determinadas manifestações culturais, religiosas, ou sejam quais forem, da forma como eram no princípio dos tempos. Conhecemos, no entanto, a realidade palpável das coisas, principalmente das culturas orais e sabemos que essa condição, se observada, fará com que elas desapareçam na poeira do tempo, ou acabem sendo lembradas como parte do folclore de alguma época distante, apresentadas nos dias cívicos, com caráter passadista e de valor

²²⁵ MELO, Sebastião Mota de. O Evangelho segundo Sebastião Mota. (ORG) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998, p. 127.

²²⁶ LIVRO DE NORMAS DE RITUAL. CEFLURIS.

questionável, modificando-se, muitas vezes, pelos interesses de grupos que se apregoam sempre como “mantenedores da tradição” ou pelos impulsos midiáticos de apropriação.

O Santo Daime é uma cultura oral e, como tal, assumiu esta ou aquela feição de acordo com a necessidade dos que a compunham, tendo recebido influências diversas ao longo do tempo e à medida que saía do seu *locus* de origem e se espalhava pelo resto do país e do mundo, assumindo aqui e ali características próprias, sempre fundadas e relacionadas com as matrizes originais.

Indagado sobre essas questões, na minha visita ao Céu do Mapiá, Alfredo Gregório de Melo afirmou o seguinte: *“Papai não modificou nada do trabalho do Mestre, mas recebeu seu próprio trabalho”*. É o que podemos afirmar no momento em relação aos trabalhos recebidos pelo padrinho Alfredo.

A partir daqui, fica mais fácil compreender a introdução de menções às deidades e aos ensinamentos advindos das linhas orientais e as combinações que resultaram em trabalhos próprios. O padrinho Sebastião, na época da chegada dos “hippies e mochileiros”, ainda na década de setenta, gostava de ouvir as leituras que eles faziam, principalmente dos livros do guru oriental Osho, com quem o padrinho mantinha uma identificação perceptível por causa das longas barbas brancas de ambos e por um fato inusitado, o padrinho Sebastião, faleceu no dia de São Sebastião (20-01-1990), na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo dia que o Osho também morreu.

Nos hinos as referências ao Oriente e sua proximidade com o Santo Daime tornam-se cada vez maiores e não é de estranhar que existam vários pontos de Daime no Japão, alguns com hinários já recebidos no idioma Nipônico, dos quais tratarei em capítulo específico. No entanto é interessante pensar desde logo que essas referências não são uma mera resposta à chegada do Daime nesses países, uma forma de conquistar mais adeptos ou simplesmente de fazer com que esses também se sintam ligados ao Santo Daime. Esta é uma doutrina da floresta e como tal é apresentada em qualquer parte do mundo. A meu ver é, justamente a universalidade dos seus ensinamentos que faz com que ela seja compreendida em qualquer idioma e devemos não perder de vista que os hinos são cantados em português em qualquer igreja de qualquer parte do mundo.

Antes mesmo de que o Daime chegasse ao Oriente, o Oriente já havia chegado ao Daime. É possível encontrar algumas referências no hinário do Mestre Irineu, sem querer aqui afirmar nenhuma intencionalidade do Mestre, mas lá já encontramos menções aos três reis do Oriente e à Estrela do Oriente e em um de seus hinos ele antecipa, de certa forma, a expansão do Santo Daime para o resto do mundo:

*“Das virtudes em que cheguei
canto ensino vem comigo
O poder que Deus me dá
para este mundo eu doutrinar*

*Doutrinar o mundo inteiro
para todos aprender”²²⁷*

E nos hinários mais recentes vamos encontrar bem mais explícitas essas referências trazendo para o *corpus* da Doutrina uma terminologia diferente, e, como no caso das primeiras alusões a Umbanda e ao seu panteão, não sem críticas por muitos que vêem nisso uma negação da originalidade do Santo Daime. Nos hinos que se seguem damos uma pequena amostra:

*“Eu Sou Buda, Eu Sou Krishna, Eu Sou Cristo
A minha glória completa ninguém viu
Eu reino em esferas invisíveis
Mas sou o Daime que você bebeu”*

*“Oxalá, Shiva, Juramidam
Nesta noite vão se reunir
Para firmar esta aliança
Eterna para os tempos que hão de vir*

*Eu sinto o perfume desta flor
Jesus Cristo é meu Mestre Imperador
O Oriente veio pro Ocidente
E foi nele que tudo se encontrou*

*Eu saúdo os Budas e Orixás
E à glória deles todos dou louvor
No Himalaia, nos Andes, na Floresta
Se escuta o rufar de mil tambor*

*Oxalá, Shiva, Juramidam
São João foi quem me revelou
E o Mestre no final dos tempos
No Santo Daime todos três unificou”*

*“Meu Islam e meu Javé
Recebi a vossa luz
Eu reúno Israel,
Maomé e meu Jesus”²²⁸*

*“Viva a linha sagrada de Umbanda
Viva Shiva e a linha Oriental
Viva o Mestre Império Juramidam
Viva Cristo Imperador Universal”²²⁹*

²²⁷ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 78.

²²⁸ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINOS 35, 120 e 138.

²²⁹ ZERIVAN DE OLIVEIRA. GRATIDÃO ETERNA. HINO 13.

*“A Dança de Krishna
tem o poder da primavera
Pétalas de flores
fecundando a Nova Era
Salve a união de todos
na Escola da Rainha
O oriente e o Ocidente
trabalhando em uma só linha”²³⁰*

O que podemos constatar na verdade é que há uma constante re-elaboração e uma re-significação contínua através, principalmente, dos hinos, posto que o ritual em si possui um grau de permanência mais sólido e mais difícil de ser quebrado. Então no corpo dos hinários é onde há uma permissividade maior para que essa resignificação aconteça, tendo em vista a afirmação já feita nesse capítulo de que qualquer elemento encontrado nos hinos que contradiga as concepções originais ou vá de encontro aos dogmas e preceitos estabelecidos por Raimundo Irineu Serra no hinário tronco “O Cruzeiro”, fará com que sejam desabonados e naturalmente não serão cantados em nenhuma igreja.

É costume que quando um adepto receba um hino, antes de apresentá-lo dentro de um trabalho, o faça ao dirigente ou pessoa de experiência comprovada nos assuntos doutrinários, para que este possa ajudar no esclarecimento sobre a real natureza do hino recebido, e possa dar autorização para que seja cantado em trabalho.

Obviamente que nem todos os hinos são cantados em todas as igrejas e a maioria não é cantada com frequência, visto que os rituais oficiais já estabelecem que hinos devem ser cantados. Entretanto, cada igreja possui os hinários da casa e costumam estabelecer uma data, fora do calendário geral, para que sejam executados. Isso ajuda também a fortalecer os laços entre os membros de uma mesma igreja e faz com os ensinamentos sejam reafirmados na linguagem e com as características mais particulares daquele centro.

No momento em que a expansão para o oriente mais se faz notar, Paulo Roberto, dirigente da igreja Céu do Mar e responsável pela abertura de um ponto de Daime no Japão, recebe o seguinte hino:

*“Do outro lado da terra
me encontrei com a Rainha Oriental
Mais uma linda Princesa
de pureza divinal*

*Sabiam da minha missão
das Santas Doutrinas eu replantar
Me deram a vossa permissão
para eu poder trabalhar”²³¹*

²³⁰ GÊ MARQUES. REINADO DO SOL. HINO 68.

²³¹ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 111.

Existem igrejas mais recentes onde a inserção de elementos das tradições orientais é muito mais presente. É o caso do centro Beija Flor de Lótus, em São Paulo, dirigido por Chandra Lacombe e que pratica uma “linha unificada” dando, no entanto, mais ênfase aos mantras, músicas hindus, posturas meditativas entre outras práticas.

É o caso também do Caminho do Coração, também em São Paulo, linha inaugurada por Janderson, que mescla, além de atividades terapêuticas diversas, várias atividades que podem ser colocadas na perspectiva do orientalismo, como afirma Labate: “*as influências de origem supostamente oriental podem ser observadas nos seguintes aspectos: (1) sob efeito do daime, realização simultânea de meditações, respiração e exercícios de ioga; (2) presença forte do Mestre Espiritual Osho (ex-Rajneesh)*”.²³²

Os novos centros onde a prática desse sincretismo mais recente acontece são situados no contexto da Nova Era, que traz em seu bojo a busca por um conhecimento universal da espiritualidade e um entendimento maior entre as várias práticas religiosas existentes.

²³² LABATE, Beatriz Caiuby. A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Campinas: SP, Mercado de Letras, 2004, p. 361.

5.3 – Centro livre x Disciplina

*“Só não posso é obrigar
que isto não é possível
Pois se eu digo para todos
que aqui o centro é livre”*

(Antonio Gomes – Hino 8)

Para entender a natureza do que trataremos aqui é importante o conhecimento do Decreto de Serviço do Mestre Irineu, que é lido obrigatoriamente em todos os trabalhos de Concentração e é um dos poucos preceitos doutrinários estabelecidos por Irineu Serra. Esse decreto é lido em todas as igrejas, nas que são ligadas diretamente ao Alto Santo e também nas que são ligadas ao CEFLURIS, que utiliza uma versão adaptada do decreto original. O ano do Decreto é 1970 e ele continua sendo recitado com essa data ainda hoje, mostrando de uma certa forma a inalterabilidade das normas lá estabelecidas.

Decreto de Serviço da doutrina do Santo Daime

Ditado por Raimundo Irineu Serra e escrito por Percília Matos da Silva

Centro de irradiação Mental Luz Divina – Decreto de Serviço para o ano de 1970

O Presidente do centro de Irradiação Mental Luz Divina, senhor Raimundo Irineu Serra, usando de suas atribuições legais, decreta:

1- Estado maior, ficam definitivamente obrigados os membros desta casa a manter o acatamento e a paz da mesma, normalizando assim, a sinceridade e o respeito com seu próximo. Não se pode negar que, em qualquer carreira, arte ou profissão que se escolha na vida, só chegará ao ponto culminante se á mesma entregar-se de corpo e alma. Esta é a regra que exerce a Ciência Divina.

2- Todos pais de família devem criar dentro do próprio lar um centro de paz e harmonia, esposo e esposa devem tratar-se com dignidade e respeito, incluindo as pétalas desse amor, no mais firme propósito do futuro e da felicidade.

Todos pais de família devem ser um professor exemplar para os seus filhos, dentro do seu próprio lar, nunca devem pronunciar palavras que possam prejudicar o conceito da criança, ensinar aos seus filhos quais são os direitos de um cidadão brasileiro, tratar bem ao seu próximo, desde o mais graduado até o mais humilde, ensinar quais são os direitos religiosos, que deve respeitar a Deus sobre todas as coisas, rezar todos os dias para afastar os males, a doenças e as dificuldades, etc.

3- Dentro do estado maior, não pode haver intrigas, ódio, desentendimento, por mais insignificantes que sejam. Todos que tomam esta Santa Bebida não devem só procurar ver belezas e primores e sim corrigir seus defeitos, formando assim, o aperfeiçoamento da sua própria personalidade, para poder ingressar neste batalhão e seguir nesta linha. Se assim fizerem, poderão dizer "sou irmão".

Dentro desta igualdade todos terão o mesmo direito, e em casos de doenças será expressamente designada uma comissão em benefício do irmão necessitado.

4- Nos dias de Trabalho: todos que vierem à procura de recursos físicos, morais e espirituais devem trazer consigo sempre uma mente sadia, cheia de esperanças, implorando ao infinito e eterno Espírito do Bem e a Virgem Soberana Mãe criadora que seja concretizados os seus desejos de acordo com seu merecimento.

Para iniciar nossa meditação: Depois da distribuição do daime, todo irmão colocando-se em seus receptivos lugares, com exceção das senhoras que tem crianças, as mesmas deverão primeiramente agasalhar seu filhos.

Continuando nossa meditação: Ao chegar a hora do intervalo, ao efetuar-se a primeira chamada, todos deverão colocar-se em forma, tanto o batalhão masculino quanto o feminino, pois todos tem a mesma obrigação. A verdade é que o Centro é livre, mas quem toma conta deve dar conta. Ninguém vive sem obrigação e quem tem obrigação tem sempre um dever a cumprir.

A disciplina-meta não pode ser aprendida em livros, tudo depende do nosso próprio eu, só a experiência nos traz realização. O poder da existência Divina nos mostra igualmente o contato da nossa evolução individual no plano terrestre em relação ao plano superior. Além disso é nos dado saber que existem em nossa mente atrações superiores e inferiores. O Conhecimento elementar nos leva a mudança completa de todos os nossos valores, dos hábitos e compreensão mútua, relativamente com os exames da nossa própria consciência. Existem em nossa mente um conjunto de atrações superiores e inferiores, esta atração, posta em pratica diariamente trará um desenvolvimento capaz de produzir os resultados mais altruísticos, isto dependendo da nossa consciência, se praticarmos o bem, o bem nos conduzirá e se praticarmos o mal, é claro, só podemos ser derrotados. Se assim fizermos estaremos marchando para o caminho da perfeição e em busca de novas realizações.

Ficará assim declarado, doravante o irmão ou irmã que, por força de incompreensão, não cumprir fielmente com os deveres acima citados, resolvendo enveredar pelos caminhos contrários, pela primeira falta, será chamado a um conselho, pela segunda falta, será suspenso por trinta dias e, se continuar, será eliminado definitivamente.

Assinado: Raimundo Irineu Serra.²³³

Como podemos ver, o conceito de Centro Livre é estabelecido ainda em vida pelo Mestre Irineu e reflete em parte o postulado bíblico que afirma: “Tudo é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica.”²³⁴ No decreto são postos em oposição direta o Centro Livre e a Disciplina, compreendida, esta, como as obrigações materiais e espirituais que o daimista tem para consigo mesmo e para com a doutrina, como relata dona Percília: “O nosso Centro é livre mesmo, liberado para quem quiser entrar, para quem quiser seguir. Teve até um tempo que o nosso centro teve o nome de – Centro Livre -, até que depois mudaram, mas o nome era – Centro Livre – mesmo.”²³⁵ Esse é um dos grandes desafios do seguidor da doutrina daimista: transitar entre a liberdade do centro e a disciplina que, por outro lado lhe é imposta.

Como já falamos, é nos hinos que Raimundo Irineu Serra aprimora os códigos de conduta do Santo Daime e dá as instruções sobre o comportamento e a postura do adepto

²³³ www.mestreirineu.org. Acessado em outubro de 2007.

²³⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM. CORÍNTIOS. CAP. 10. VERS.23. São Paulo: PAULLUS, 1998, p 2005.

²³⁵ MAIA NETO. Florestan J. Contos da Lua Branca. Rio Branco: Fundação Elias Mansur, 2003, p. 33.

dentro e fora do salão. Fica a critério de cada um seguir o que está dito ou não, lembrando que a não obediência à disciplina estabelecida, leva, no melhor dos casos, àquelas imputações descritas ao final do decreto. No entanto, é corrente entre os daimistas que o próprio Daime, como bom professor, se encarrega da instrução e da correção.

No hinário “O Cruzeiro”, aparece uma referência à liberdade do centro e o seu complemento imediato: “*Centro livre, centro livre / é preciso ter amor.*”²³⁶ Daí somos levados à condição oposta - a disciplina -, também explicitada pelo Mestre no seu hinário:

*“Vou chamar os meus irmãos
quem quiser venha escutar
se ficar firme apanha
se correr vai sofrer mais*

*Minha Mãe minha Rainha
com amor ninguém não quis
Apanhar para obedecer
na estrada para seguir*

*Mestre bom ninguém não quis
não souberam aproveitar
Apanhar para obedecer
para poder acreditar*

*Fica assim a disciplina
quem quiser pode correr
Se eu falar do meu irmão
estou sujeito a morrer.”*²³⁷

E os seus contemporâneos reafirmam a todo o momento a necessidade da disciplina e as implicações da desobediência:

*“A disciplina já chegou
Há tempo eu venho dizendo
Ninguém ligou importância
e o chicote está comendo”*

*“Estamos dentro da luz
todos tem que acreditar
Que ele tem a disciplina
e pode disciplinar.”*²³⁸

*“A ordem está severa
para aqueles que freqüentam
aqueles que não dão crença
desocupa os assentos”*

²³⁶ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 39.

²³⁷ IDEM. O CRUZEIRO. HINO 55.

²³⁸ ANTONIO GOMES. O AMOR DIVINO. HINOS 2 E 19.

*“E todos tomem pra si
e todos vão se olhar
Que a disciplina está séria
se não todos vão apanhar”²³⁹ 28*

Mas essa disciplina, longe de ser simplesmente sinônimo de obrigação e obediência cega a preceitos caducos de velhos mestres e ameaça de punição para neófitos, vai muito mais além no imaginário daimista. Sem dúvida, ela é objeto de procura por todo adepto, pois, através dela, é mais fácil compreender os significados contidos nos hinos e na ritualística do Santo Daime. Se o Daime forma uma escola, essa escola é fundada num modelo militar, pois seus alunos são considerados soldados, que usam uma farda e empunham armas na luta contra o mal, comandados pelo General do Império Juramidam, Mestre Raimundo Irineu Serra.

Quem não segue dentro dessa disciplina não pode ser considerado um bom soldado, não está perfilado ao lado de seu comandante e, obviamente, pensando em termos práticos, isso significa ficar para trás no aprendizado. O que é interessante notar é que a disciplina não é encarada como algo negativo – pois o centro é sempre livre – mas como condição para o aprendizado e para estar dentro das fileiras desse batalhão.

Groisman afirma que:

“Se, de um lado, é preciso respeitar as regras rituais para tomar o Daime, de outro, é preciso estar preparado para recebê-lo interiormente. Isto significa que, quando não está preparada espiritualmente, a pessoa está vulnerável e pode ingressar num complexo de dificuldades no ritual ou na vida. Esta situação é chamada peia. No ritual, é identificada com as dificuldades enfrentadas, como o vômito e a diarréia ou a dificuldade de controlar certos aspectos da experiência, como o bailado e o cantar dos hinos. O vômito e a diarréia são, na cultura daimista, a limpeza corporal e espiritual ou a expulsão dos maus fluidos que a pessoa acumula e que o Daime vai buscar e eliminar. No plano das relações interpessoais, a peia é um evento ou processo em que predominam sensações de caos ou desequilíbrio. A pessoa tem dificuldade ou não consegue cumprir com suas obrigações ou tarefas cotidianas com sucesso.”²⁴⁰

²³⁹ MARIA MARQUES. O MENSAGEIRO. HINOS 24 E 28.

²⁴⁰ GROISMAN, Alberto. Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999, p. 99.

Okamoto Silva²⁴¹ distingue vários tipos de peias pelas quais o adepto pode passar, entre elas: por não se preparar para o trabalho (seguindo as dietas recomendadas, principalmente a sexual); por desatenção; pelos maus pensamentos; pela falta de firmeza; por rebeldia, entre muitas outras. Pensamos então que há uma relação bem definida e clara entre a indisciplina e a peia, no sentido de que esta visa corrigir os efeitos nocivos daquela, confirmando, assim, que a peia, apesar de possuir um certo aspecto negativo, carrega em si uma carga muito maior de positividade, pois é através dela que o adepto consegue visualizar seus defeitos e assim tentar corrigi-los. Nesse sentido Okamoto defende que no recebimento da peia existe uma dimensão social e uma dimensão individual, que reafirma a existência da noção de certo e errado e ajudando o adepto a distinguir entre ambas aquilo que é de mais valia para si e/ou para o grupo.

É mister lembrar que qualquer membro do grupo está sujeito à aplicação da peia bastando para tal que sua conduta não esteja de acordo com as regras estabelecidas, como afirma o padrinho Sebastião:

*“A disciplina que vós tendes
é para os merecedores
que aborrecem os seus irmãos
e não sabem o que é o amor”³⁵*

*“É preciso apanhar
apanhar para obedecer
que culto sem castigo
ninguém sabe o que vai fazer”²⁴² 45*

Por fim é importante, mais uma vez enfatizar que a disciplina é considerada – tal como as peias pela indisciplina – um fator benéfico, tendo em vista que o daimista tem aí uma chance ímpar de se curar de qualquer empecilho para seu progresso espiritual, bastando para tanto não incorrer novamente no quesito pelo qual está sendo disciplinado. Muito mais do que oposição, a disciplina assume então um caráter complementar e indissociável do centro livre, fazendo parte de uma mesma frequência.

Paulo Roberto, do Céu do Mar, recebeu um hino interessante que menciona o centro livre numa dimensão mais ampla da que estamos tratando aqui:

*“Se o centro é livre
não é só aqui no Brasil
a partir do ano dois mil
a liberdade é mundial”²⁴³*

²⁴¹ OKAMOTO SILVA, Leandro. Marachimbé chegou foi para apurar. Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia, no culto do Santo Daime. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciência das Religiões - PUC, 2004.

²⁴² SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINOS 35 E 45.

²⁴³ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 142.

Esse hino é ofertado ao senhor Francisco Corrente, pessoa de grande representatividade na expansão da doutrina e que no ano dois mil, em uma viagem para a Espanha (onde a legislação ainda não permitia o consumo da ayahuasca), foi preso, juntamente com Fernando Ribeiro, portando dez litros da bebida. Sob a acusação de tráfico internacional e formação de quadrilha, passaram cinquenta e quatro dias em uma prisão destinada a traficantes de drogas. Um enorme movimento pela liberdade dos dois foi empreendido no Brasil e em vários outros países levando vários deles a rever a legislação vigente e em alguns casos à modificação das leis proibitivas. Apesar de muitos países ainda coibirem a utilização do Santo Daime a semente da discussão foi lançada e por toda a Europa, América do Sul, além de países como EUA, Canadá, Japão, iniciou-se um movimento pela legalização que já deu frutos positivos em várias partes, como é o caso dos Estados Unidos, da Holanda e da própria Espanha.

Os hinos trazem mensagens universais que falam do amor e do respeito ao próximo, da humildade, da caridade e de vários outros atributos que são considerados de suma importância para o progresso espiritual do daimista. Além disso, regulam sua performance dentro do trabalho ritualístico e apontam caminhos a serem seguidos no cotidiano.

Vejamos alguns exemplos de como os hinos interferem diretamente na performance do adepto dentro do trabalho, a começar pelo estabelecimento da dieta para participação nos trabalhos e que é expressa no hinário do Mestre Irineu:

*“A sexta-feira santa
guardemos com obediência
três antes e três depois
para afastar toda doença”²⁴⁴*

Aqui observamos que o interdito antes dos trabalhos não é simplesmente um preceito moral, como muitos afirmam, mas exerce uma função prática relacionada à cura das doenças ou, mesmo, a sua prevenção. As outras religiões que usam ayahuasca, a saber, a União do Vegetal e a Barquinha, bem como as tradições indígenas da bacia amazônica onde é freqüente o consumo do chá, também possuem normas semelhantes.

Nos hinos também é comum acontecerem os chamados para se ficar de pé:

*“Te levanta, te levanta
levanta quem está sentado
para receber o mensageiro
dentro do jardim dourado”²⁴⁵*

²⁴⁴ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 104.

²⁴⁵ IDEM. HINO 95.

*“Estejam em pé firme
firmado em seu lugar
que Deus foi quem nos fez
e ele é quem tem para nos dar”*

*“O lado que eu mais procurava
foi aonde enfraqueceu
pois eu estou em pé firme
estou vendo esmorecer”²⁴⁶*

*“Em pé firme na floresta
recebendo a Santa Luz
Sou humilde, sou humilde
sou humilde de Jesus”*

*“Te levanta, te levanta
e veja quem está mandando
se é o Mestre e a Rainha
com o Divino Soberano”²⁴⁷*

*“Estejam em pé firme
que vem das ondas do mar
Caboclo afirma o ponto
para as princesas bailar”²⁴⁸*

E convocatórias para o perfilamento o qual exige também que o adepto fique em pé:

*“Somos todos perfilados
na bandeira agaloada
escute a voz que vai sair
que somos todos numerados”²⁴⁹*

*“Vamos todos receber
vamos todos escutar
Caboclo levanta o ponto
para todos se perfilar”²⁵⁰*

*“Estou aqui perfilada
dentro aqui deste salão
Louvando a São João
e ao meu são Sebastião”²⁵¹*

*“Perfila, te apruma, te firma
em honra ao gloriosíssimo São Miguel
Para servir ao valoroso guardião
Príncipe dos exércitos do Céu”²⁵²*

²⁴⁶ MARIA MARQUES. O MENSAGEIRO. HINOS 29 e 47.

²⁴⁷ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. O CRUZEIRINHO. HINOS 99 e 101.

²⁴⁸ GECILA TEIXEIRA SOUSA. O CLARÃO. HINO 96.

²⁴⁹ MARIA MARQUES. O MENSAGEIRO. HINO 34.

²⁵⁰ GECILA TEIXEIRA SOUSA. O CLARÃO. HINO 96.

²⁵¹ REGINA PEREIRA. O SEGREDO I. HINO

²⁵² PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 131.

Esses são momentos de prova dentro do ritual, nos quais é exigido do daimista postura, firmeza, para “*não tombar*”; são momentos tensos onde a performance do adepto é testada e onde se pode verificar com maior clareza aqueles eventos que já tratamos: a conduta e o preparo de cada um para participar do trabalho. Perfilar-se assume uma dimensão muito mais ampla do que simplesmente ficar de pé, antes, reveste-se de solenidade como numa apresentação de armas, onde os soldados devem comparecer diante de seu comandante, numa espécie de prestação de contas do daimista com a divindade. Alguns desses hinos são repetidos várias vezes e às vezes não se permite o acompanhamento de instrumentos musicais. Perfilar-se é se compor e isso significa estar sempre preparado e não somente na situação exemplificada pelo hino. Se tal não ocorre na vida pessoal do adepto é provável que na hora em que o mesmo é exigido dentro do trabalho ele também não o consiga, pois, nesses casos, a relação de causa e efeito é seguramente cobrada ao adepto, tanto que é muito comum se ouvirem afirmativas do tipo “*sei porque estou apanhando*”.

No trabalho de São Miguel, o perfilamento é acompanhado de uma gestualística específica, uma espécie de mudra²⁵³ no qual os membros que estão ao redor da mesa devem executar um movimento com as mãos: levanta-se a mão esquerda espalmada e os dedos indicador, médio e polegar da mão direita.

O perfilamento assume, então, não só uma dimensão física – ficar de pé – mas uma dimensão espiritual que remete o indivíduo a um exame da sua vida cotidiana, na família, na sociedade, das suas ações dentro do grupo, pois o que acontece dentro do trabalho é uma imagem daquilo que acontece do lado de fora. Por outro lado, não é possível resumir o perfilamento unicamente a esta dimensão física (por exemplo: um adepto bebe, ou briga com a esposa, ou algo do tipo, logo não conseguirá se perfilar). Em se tratando da espiritualidade, muitas coisas podem acontecer sem ter uma ligação tão direta, e quando falamos da relação de causa e efeito queremos lembrar que estamos tratando de uma relação complexa (que pode remeter, por exemplo, aos atos praticados em uma vida passada). É importante, porém, não esquecer que no imaginário daimista não cumprir com as exigências do trabalho – materiais e espirituais – é “*pedir para apanhar*”.

Para finalizar este capítulo gostaria de apresentar um dos ensinamentos do Mestre Irineu mais caro para o daimista, no mesmo em tempo que é talvez o seu maior desafio na doutrina. Representado nos hinos desde o tempo em que Irineu era vivo, reflete a dificuldade

²⁵³ A palavra sagrada "MUDRA" significa "SELO" em sânscrito. A energia divina que desce para sustentar a vida é qualificada pelos nossos chakras. O poder do coração, da cabeça e da mão. O coração traz a energia, a cabeça decide o que fazer e como fazer com ela e as mãos moldam e direcionam esta energia para o local de ação.

de se viver em comunidade, e, em última instância, de ser irmão. O Mestre Irineu denominou essa, que pode ser considerada uma enorme falta de disciplina, como “*correio da má notícia*” e anunciava no hinário d’O Cruzeiro: “*Se eu falar do meu irmão / estou sujeito a morrer*”²⁵⁴ e expressava o seu desejo em um dia conseguir ver sua comunidade livre desse mal. Seus sucessores também se depararam com os entraves proporcionados pelas intrigas nas irmandades que constituíam e pedem nos hinos para que o daimista se corrija desse defeito. Nos hinos a seguir, fica expresso que esse foi e é um problema real com o qual os daimistas se deparam constantemente:

*“Dou licença e dou pancada
aqui eu faço a minha justiça
precisamos acabar
com o correio da má notícia”*

*“É pedindo e rogando
que podemos alcançar
não é falar um do outro
querendo caluniar”*

*“Eu peço aos meus irmãos
para cada um cuidar de si
deixar a vida dos outros
que o Mestre não ensina assim”*

*“Minhas palavras
elas não tem lidas
a morte do corpo
é a ponta da língua”²⁵⁵*

*“Estou fazendo o que ele disse
se cumprindo a sua justiça
e as doenças vão se transformando
no correio da má notícia”²⁵⁶*

*“Descobri que o demônio
mora na ponta da língua
prometi que me calava
pra não mais morrer a língua”²⁵⁷*

“Ouvir muito e falar pouco”, esse foi um dos maiores ensinamentos de Raimundo Irineu Serra para seus seguidores.

²⁵⁴ RAIMUNDO IRINEU SERRA. O CRUZEIRO. HINO 55.

²⁵⁵ SEBASTIÃO MOTA DE MELO. O JUSTICEIRO. HINOS 93, 106, E 151.

²⁵⁶ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. NOVA ERA. HINO 10.

²⁵⁷ ALEX POLARI DE ALVERGA. NOVA ANUNCIAÇÃO. HINO 97.

5.4 – Um parêntesis (hinos vivenciados pelos daimistas)

Este capítulo se incorporou ao trabalho para tentar dar conta da interpretação de alguns hinos que estabelecem ligações com matrizes não muito constantes na terminologia geral dos hinários, que não são muito conhecidos, mas que são representativos da capacidade do Santo Daime em absorver elementos diversos, mesmo de outras tradições mais distantes, mostrando, a meu ver, a força da produção imagética e simbólica que a “miração” pode remeter. Também para refletir sobre alguns aspectos mais imediatos da ligação dos hinos com realidades vivenciadas atualmente pelos daimistas.

O primeiro desses hinos é do dirigente do Céu do Mar, no Rio de Janeiro, e estabelece uma relação entre as entidades já incorporadas ao panteão daimista, advindas da umbanda, com novas entidades assimiladas após a implantação dos primeiros pontos em terras americanas:

*“Eu dou viva ao grande deserto
eu dou viva ao povo que habitou
Mescalero, Apache, Comanche
guerreiros do deserto
Salve o povo Navajo*

*Eu vi Ogum em seu cavalo branco
cavalgando no deserto
Com uns índios americanos
Ogum, Oxossi, Cheyene, Cherokee
As falanges de caboclo
Mais bonitas que eu já vi”²⁵⁸*

O Santo Daime, representado institucionalmente pelo CEFLURIS, tem buscado, ao mesmo tempo, a mobilização internacional para a legalização do consumo ritual da ayahuasca em várias partes do mundo e também uma aproximação com outras linhas de trabalho espiritual, principalmente aquelas que utilizam em seus rituais algum elemento psicoativo, alguma planta de poder. Nesse sentido já firmou acordos com os Bouiti, do Gabão, povo que consome uma raiz chamada de Iboga e com a Igreja Nativa Americana, que utiliza o cacto Peyote em suas cerimônias; ambos surtem efeitos semelhantes (guardadas as devidas proporções) aos do Santo Daime e são utilizados ritualmente em seus locais de origem. Membros dessas tradições já visitaram o Céu do Mapiá, participando de trabalhos com o Santo Daime e apresentando os rituais que praticam nas suas religiões.

O segundo é um exemplo, não raro, da complexidade do recebimento de hinos no Santo Daime e uma oposição clara à noção de composição. Recolhi este hino, por ocasião da

²⁵⁸ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 107.

pesquisa de campo no Céu do Mapiá, em julho de 2006, da própria pessoa que o recebeu e esse fato merece ser relatado. Desde que eu chegara ao Mapiá, um amigo, sabedor do meu interesse pelos hinos, me dizia que eu tinha que encontrar dona Marina, italiana, radicada na comunidade há mais de vinte anos, pois ela tinha um hino que eu certamente iria gostar. Tentei várias vezes conversar com ela e sempre acontecia algo que me impedia de encontrá-la, até que no dia que vim embora – já havíamos até colocado as bolsas na canoa – subimos até a casa da dona Regina Pereira, que havia cedido a casa do filho para nos hospedarmos, para nos despedirmos dela. Estávamos na varanda da casa, quando entra a dona Marina, meio apressada, pois havia vindo buscar algo com dona Regina. Quando ela entrou para a cozinha, perguntei a dona Regina se ela podia solicitar da amiga que cantasse o hino para eu gravar. Diante da solicitação da amiga, Dona Marina me olhou de cima abaixo, me levou para dentro da casa e lá cantou o hino a seguir:

*“Rei Lampião, Rei Lampião
Sou do cangaço, sou do sertão
eu vim aqui dei minha vida
hoje procuro a salvação*

*Lutei pela justiça
foi com as armas da escuridão
Hoje recebo no Santo Daime
de são João o meu perdão*

*Cortaram minha cabeça
depois de morto que solidão
Do sangue das minhas veias
hoje nasceu uma canção*

*Meu são João, meu são João
vós me batize com seu amor
Que é na vida e não é na morte
que se consagra a união*

*Rei Salomão meus companheiros
que ainda estão na escuridão
Receba eles com sua misericórdia
e lhes conceda a salvação”²⁵⁹*

E ao final disse que havia recebido esse hino uma noite descendo da casa do falecido Manoel Corrente, piauiense que nos tempos de menino chegou a topiar com o bando de Lampião numa certa feita. Explicou ainda que essa entidade, o Rei Lampião, baixava e baixava brabo com sua falange no terreiro da madrinha Baixinha em Lumiar, no Rio de

²⁵⁹ MARINA DEL MAR. REI LAMPIÃO. GRAVADO EM 10/07/2006 NO CÉU DO MAPIÁ PELO AUTOR.

Janeiro. Despedi-me com a sensação que o campo é realmente um fenômeno fantástico e inusitado, mesmo na saída, ainda me reservou esta surpresa.

Na canoa empreendendo a viagem de volta, meditava sobre a riqueza dessa religião e a sua aptidão para amalgamar elementos tão diversos: uma italiana, radicada no meio da floresta amazônica, recebe um hino que fala de uma entidade de descendência nordestina e que baixa num terreiro no Rio de Janeiro.

O próximo hino também foi recebido por Paulo Roberto, do Céu do Mar, e é um retrato do Rio de Janeiro:

*“Sinto pena Papai
Sinto pena Mamãe
Destas dores
Que estão a clamar*

*Desta gente sofrida
E estas balas perdidas
Do sangue
Que derrama sem parar*

*As bombas assassinas
Terror que não termina
Em vez disso
Só faz aumentar*

*Até quando Papai
Até quando Mamãe
Vale de lágrimas
Está para transbordar*

*Sinto pena
Dos pobres nas ruas
Nas noites de chuva
E das crianças sem lar*

*Sinto pena
Do povo com fome
Desespero dos homens
Que buscam sem achar*

*Enquanto isso
Mentes doentes
Massacram inocentes
Dizendo que vão lhe salvar*

*Piedade Papai
Misericórdia Mamãe
Vale de lágrimas
Está para transbordar*

*Sinto pena
Da vida dos velhos
Precisam remédios
E não tem como comprar*

*Sinto pena
Das crianças sadias
Se tornam vadias
Não tem onde estudar*

*Elas queriam
Ser boas estudantes
Agora são traficantes
Dizendo é morrer ou matar*

*Lhes dê coragem Papai
Lhes de conforto Mamãe
Para um dia
Poderem se libertar*

*Lhes dê coragem Papai
Lhes de conforto Mamãe
Vale de lágrimas
Está virando mar”²⁶⁰*

Aqui se reflete sobre a dura realidade vivenciada nos principais centros urbanos brasileiros e apresenta-se, a meu ver, a capacidade do Santo Daime de, atualizar-se através dos hinos, mostrando que, dentro daquilo que temos tentado apresentar como uma universalidade dos seus elementos, é possível verificar que esses mesmos hinos se prestam a trazer informações sobre realidades particulares, o que não invalida o poder da mensagem enquanto veículo de comunicação entre adeptos de vários lugares ou épocas.

É sabido que o próprio Mestre Irineu e seus contemporâneos receberam hinos que dizem respeito a situações específicas, mas traduzem ensinamentos coletivos, comprovando a possibilidade de determinados hinos constituírem um arcabouço histórico extremamente rico, capaz de refletir sobre eventos acontecidos no seio das comunidades daimistas, como esses eventos estão relacionados entre e si e, ainda, o que dizem ao grupo como um todo. Essa dimensão do hino (que não pode absolutamente reduzi-lo a um poema de época) pode ser encontrada em vários outros hinários e comprova, antes, a adaptabilidade da doutrina daimista em receber influências diversas sem que seu corpo original seja esfacelado, justamente pelo fato de que os rituais propriamente ditos não se modificaram o bastante para que isso acontecesse. O hino representa então o espaço ideal para onde podem confluir tanto os ensinamentos espirituais como as passagens materiais da comunidade, visto que, como já

²⁶⁰ PAULO ROBERTO. LUZ NA ESCURIDÃO. HINO 147.

afirmamos várias vezes, os daimistas não fazem distinção entre esses dois espaços, como afirma o padrinho Alfredo: “*Deste lado e do outro / a verdade é uma só*”²⁶¹; encerrando nessa máxima o amplo panteão daimista bem como toda a gama de conhecimentos e informações que estão contidas nos hinos e que a mantêm viva e atual aonde quer que ela vá.

No Ceará um exemplo que está na base da constituição de uma das igrejas, o Céu da Flor do Cajueiro (grupo que frequento), servirá para que encerremos esse tópico. A igreja antes se chamava Céu da Terra da Luz, mas em 2005 começam a ocorrer uma série de transformações intensas nesse grupo, o que culmina com o afastamento espontâneo do seu fundador, Hugo Sousa. Em 2007 num momento crítico de questionamento da estrutura, viés doutrinário, comando dos trabalhos, e mesmo do nome da igreja, um adepto recebe um hino o qual faz afirmações que levam a irmandade a compreender melhor as mudanças ocorridas e soluciona mesmo a questão relativa ao nome da igreja, que a partir de então passa a se chamar Céu da Flor do Cajueiro:

*“Fez o dito no astral
e na terra a provar
o encanto das matas
e as estrelas a brilhar*

*No jardim da Virgem Mãe
Da terra nasceu a luz
Devemos agradecer
Novo tempo que reluz*

*A reunião e na oração
Do nosso Pai verdadeiro
Para firmar Novo Seguimento
Viva a Flor do Cajueiro*”²⁶²

O “Novo Seguimento” pode ser pensado aqui de várias formas. A primeira é claro, o seu sentido original, os novos acontecimentos que estavam se processando no seio do grupo; a segunda relaciona-se a uma afirmação também do novo comando do trabalho, cujo dirigente possui um hinário denominado Novo Seguimento. Assim vai se fechando o círculo da história e amalgamando material e espiritualmente picuinhas, intrigas e o grupo vai se estabilizando. Algum tempo depois o dirigente da igreja recebe um hino que pode ser considerado na esteira do primeiro e que se denomina Novo Seguimento:

*“Meu Mestre me chamou
Mandou me perfilar
Meu Mestre aqui estou
Vós pode me ordenar*

²⁶¹ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. NOVA ERA. HINO 4.

²⁶² FABIANO SANTOS. HINO FLOR DO CAJUEIRO.

*Meu Mestre me ordenou
Não sai do teu lugar
Segura o teu ponto
Ai aonde está*

*Meu Mestre aqui estou
Pronto pra batalhar
Na batalha do amor
Eu vou lhe acompanhar*

*Eu peço ao meu Padrinho
Firmeza pra seguir
Seguindo vossas ordens
Minha missão cumprir*

*Esse é o novo tempo
Que agora está chegando
É o Novo Seguimento
Que o Mestre está mandando*

*É o Novo Seguimento
Que agora já chegou
Com a bênção de Papai
Mais uma flor brotou*

*O Beija-Flor divino
Trouxe esta instrução
Que já chegou o dia
Da transformação*

*Meu Mestre eu agradeço
Esta transformação
É o Novo Seguimento
Trazendo a União”²⁶³*

Este hino é uma espécie de balanço da situação vivida até então e coaduna-se com o que estamos tentando explicitar: o hino é um dos principais veículos de transmissão do conhecimento na doutrina do Santo Daime e, por seu caráter de recebimento ser sagrado, sua mensagem é mais facilmente aceitável para o adepto do que a opinião trazida pelo discurso tradicional. Aqui a instrução é transmitida não pelo adepto em questão, mas pelo “aparelho receptor” que merece ser ouvido graças a sua condição mediúnica e ao fato de que o hino é, na verdade, recebido do astral e como tal deve ser tratado.

²⁶³ ZERIVAN DE OLIVEIRA. O NOVO SEGUIMENTO. HINO 07.

5.5 – Os hinos em outros idiomas.

Essa temática seria motivo para outra tese e com certeza já existem subsídios suficientes para que tal aconteça. Aqui aproveito o espaço apenas para registrar o que, sem dúvida, em breve será discutido em outros trabalhos.

O Santo Daime ensina em português e, em qualquer país onde está estabelecido é nesse idioma que os hinos são cantados. Mas em uma doutrina tão eclética, tão sincrética e que pretende ser a soma de tudo sem perder suas características originais e sem correr o risco de se modificar a ponto de se transformar em outra coisa, não é de admirar que nos outros países não tardasse a aparecer também os hinos em idiomas nativos.

O Santo Daime está estabelecido legalmente nos Estados Unidos, Holanda e Espanha e, em diversos países onde a legislação não é clara sobre o assunto existem igrejas do Santo Daime, na Europa há pelo menos vinte anos. Há pontos (pequenos grupos que se reúnem para consagrar o Daime) na Bélgica, na Alemanha, Itália, Portugal, Dinamarca, França, País de Gales, Suíça, Irlanda, Japão, Israel, México, Canadá, Argentina, Chile, Uruguai, Bolívia, Venezuela, para citar apenas os que institucionalmente possuem alguma ligação com o CEFLURIS.

Em todos esses países segue-se tanto o calendário oficial de trabalhos da instituição como também as normas de ritual que são estabelecidas para os trabalhos. Os hinários oficiais são cantados em português, mas vários adeptos do exterior já possuem seus próprios hinários, recebidos no idioma de cada país, como os exemplos que recolhi:

*“The light that shines inside me
Is shining in the astral
This strength inside my heart
Comes from the celestial power*

*It’s shining in the heights
In the forest and in the sea
This lighth is the holy lighth
That I received in order to work*

*Forever, forever
forever I will sing
For the Queen of the forest
and the Queen of the sea”²⁶⁴*

Adrian é inglês, músico profissional e possui dois hinários o “Little book of the eternal heart” e o “The sanctuary” e já recebeu hinos em português e em inglês, é casado com Noriko,

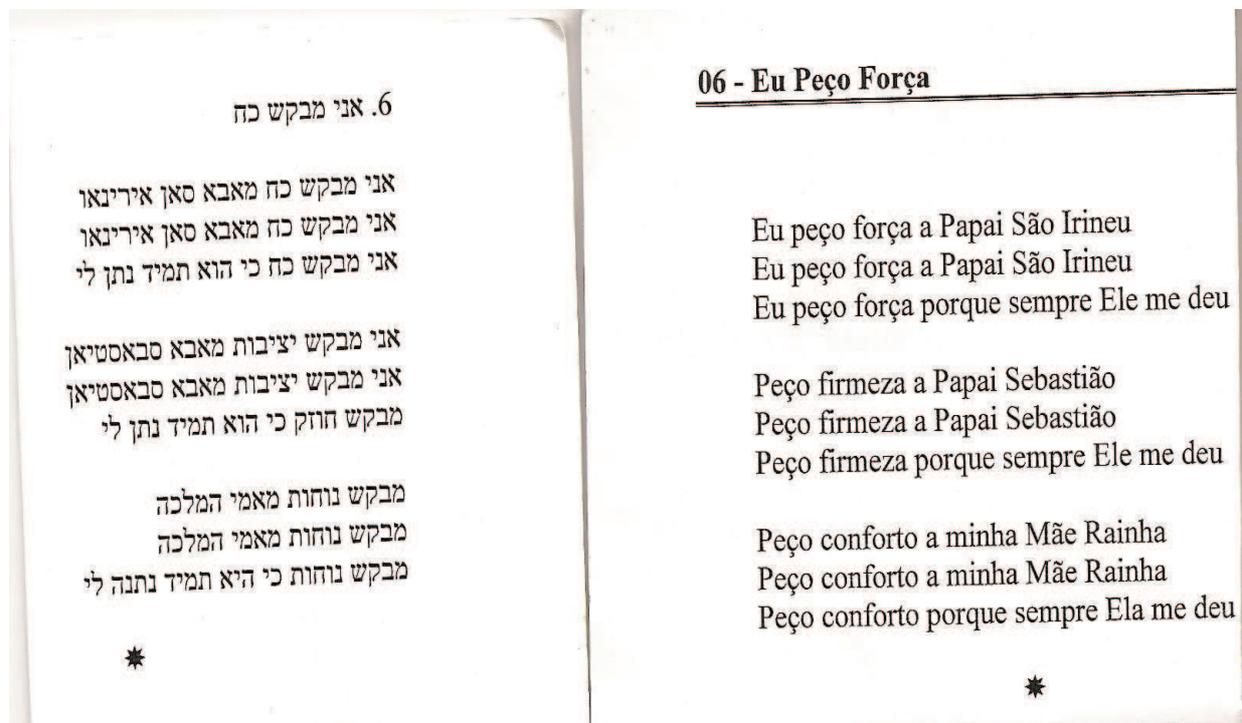
²⁶⁴ ADRIAN FREEDMAN. LITTLE BOOK OF THE ETERNAL HEART. HINO 7.

que conheceu o Santo Daime no Japão, e moram atualmente na Inglaterra. São fardados do Santo Daime há bastante tempo e já visitaram o Brasil – o Céu do Mapiá principalmente – várias vezes. Durante um feitiço realizado em Canoa Quebrada, em março de 2008, eles cantaram vários hinos, tanto em inglês como em português, e, no trabalho realizado em Pipa, Rio Grande do Norte, Noriko apresentou hinos traduzidos para o idioma nipônico.

Mesmo no Brasil há casos de pessoas que recebem hinos em outros idiomas, como é o caso de Gê Marques, dirigente da igreja Reino do Sol, em São Paulo:

*“Por la Madre, la Madre Del Cielo
Miro los Andes, plano em los Aires
Volando sur el Reino de Plata
Pido a tus ojos de no me olvidares”²⁶⁵*

Essa nova caracterização mostra o poder de atualização do Santo Daime a despeito da opinião daqueles que prefeririam ver a ayahuasca restrita ao perímetro da floresta amazônica. Num mundo onde as fronteiras religiosas sempre estiveram envolvidas em disputas armadas e conflitos sangrentos, vamos encontrar em pleno Israel (clandestina, é claro) uma igreja denominada Céu do Rio Jordão, da qual apresento a tradução de um hino de Waldete Gregório:



Cópia cedida gentilmente por T. O. adepto de israel que devido as restrições encontradas no seu país para o consumo do Santo Daime solicitou que não fosse identificado.

²⁶⁵ GE MARQUES. REINADO DO SOL. HINO 74.

Para os daimistas isso tudo só vem comprovar aquilo que já está expresso no hinário de Rita Gregório de Melo:

*“Já foi dito e lembrado
e todos prestem atenção
o começo da história
vem do Rio de Jordão”*²⁶⁶

A partir de Sebastião Mota de Melo, a doutrinação do mundo inteiro prevista no hinário de Raimundo Irineu Serra se inicia e, ao mesmo tempo em que se espalha para o mundo, também o traz para dentro da doutrina. No Céu do Mapiá, quando estava realizando a pesquisa de campo, encontrei adeptos de pelo menos quinze nacionalidades diferentes. Isso tem transformado a pequena comunidade no interior da floresta em um centro cosmopolita de irradiação da doutrina.

Ou como canta Alfredo Gregório de Melo:

*“A doutrina é verdadeira
o Santo Daimé em tudo se soma
o Mestre é o de Nazaré
e o mistério é da Amazônia.”*²⁶⁷

²⁶⁶ RITA GREGÓRIO DE MELO. LUA BRANCA. HINO 25.

²⁶⁷ ALFREDO GREGÓRIO DE MELO. NOVA ERA. HINO 7.

CONCLUSÃO

*“É se acordar com tempo
E sair da ilusão
Saber quem está ensinando
É o Velho Juramidam”*

(Sebastião Mota de Melo – hino 107)

*“Sol, Lua, Estrela
A Terra, o Vento e o Mar
A Floresta e seus mistérios
Para todos estudar”*

(Alfredo Gregório de Melo – hino 60)

Gostaria de conseguir aqui fazer o que me propus na introdução deste trabalho: costurar e arrematar as considerações feitas ao longo dessas páginas. Agora tampouco creio que deva me estender demasiado, tendo em vista que a hipótese central desta tese de que *“os hinos são a síntese do conhecimento na doutrina do Santo Daime no mesmo tempo em que são também o próprio veículo de transmissão desse conhecimento”* foi apresentada e discutida ao longo de todos os capítulos.

Espero de antemão que aquilo que discuti a título de preâmbulo sobre o fazer acadêmico e a minha relação de pesquisador-nativo com o objeto tenha servido para esclarecer minha posição no processo (nem sempre fácil) de escrita e também como resposta a pergunta que me foi feita ainda na seleção para o doutorado sobre a real possibilidade de que isso desse certo. O caminho não foi percorrido sem inúmeras dificuldades, pessoais e metodológicas e, algumas vezes, nem conseguia distinguir direito umas das outras.

Por ser um trabalho sobre os hinos, transitei por várias linhas espirituais internas ao próprio Santo Daime, da sede do Mestre Irineu até os dias de hoje, mas me prendi muito mais à linha espiritual inaugurada por Sebastião Mota de Melo e comandada atualmente por seu filho Alfredo Gregório de Melo, o CEFLURIS – Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra. Poderia enumerar vários motivos para isso, porém destaco aqui o fato de que nessa linha se agrupa a maioria das igrejas de Daime em todo o mundo e que ela é, justamente, a que recebe maiores influências de outras tradições espirituais.

Em primeiro lugar, tentei reconstituir a trajetória do Santo Daime apontando suas principais características e elementos formadores. Fiz isso a partir dos diversos trabalhos já escritos sobre o assunto, mas, principalmente, através da análise dos próprios hinos que

constituem os períodos mais importantes: a fundação, a consolidação e a expansão. Nesse momento tentei compreendê-los como narrativa histórica no sentido primeiro dado pela sua oralidade: o hino conta uma história e essa é, ao mesmo tempo, a história de quem o recebeu, a história do grupo local no qual o adepto está inserido e remete ordinariamente à história global da doutrina do Santo Daime, efetivando ligações com o mestre fundador, Raimundo Irineu Serra, outros líderes importantes, suas origens e procurando manter a atualidade dessas relações com a matriz do Céu do Mapiá.

Distinguindo o recebimento do hino da composição de uma canção, espero ter aclarado o teor se sacralização que esses cantos contêm. Destaquei o duplo papel que eles assumem quando cantados e escutados cotidianamente e quando isso é realizado sob o efeito do chá, dentro do ritual, criando um círculo que traduz ensinamentos à luz da bebida sagrada para que estes sejam efetivados na vida social do adepto; cumprindo no dia-a-dia com as instruções recebidas, o adepto vai galgando degraus do conhecimento, pois é somente através do seguimento dos ensinamentos que ele é capaz de progredir material e espiritualmente. Isso posto, gera uma cadeia infinita que regula desde condutas sociais até comportamentos íntimos, daí podemos afirmar que o hino estabelece um sistema de compreensão da realidade.

Assim se forma a concepção do Santo Daime como escola espiritual que ensina através da miração, do sonho, do aumento da percepção, da peia. Visto como escola ou mesmo como professor, é criada toda uma sistemática de ensino à qual o adepto deve se adequar tendo em vista que ela difere sumariamente da educação tradicional, escolar, ou mesmo social da qual ele vem.

Esse modelo pedagógico se funda num conceito-chave denominado “ecletismo evolutivo”, que permite a esta escola espiritual beber em fontes tão diversas que perpassam a tradição cristã, indígena, espírita, isso ainda na sua fundação, passando pela absorção de caracteres da umbanda a partir da década de setenta e das religiões orientais, mais recentemente. O “ecletismo evolutivo” pode ser encarado mesmo como uma chave para compreendermos o caráter sincrético que o Santo Daime assume desde as suas origens até hoje.

Nesse processo de aprendizagem, os hinos podem ser vistos como elementos centrais. Podemos afirmar que no hinário do fundador da doutrina “O Cruzeiro” está contida toda a cosmologia, toda a normatização e todos os fundamentos da escola daimista criada por Raimundo Irineu Serra, e que, se só existisse esse hinário, a Doutrina seria completa mesmo assim. No entanto o recebimento de hinos não é uma prerrogativa única do Mestre Irineu e inúmeros seguidores também receberam hinos. Todos esses hinos se referenciam no hinário-

tronco, sob pena, inclusive, de não serem validados e trazem em seu bojo a afirmação dos ensinamentos originais sob novas formas musicais e poéticas.

Aqui destacamos o lugar dos hinos como espaços privilegiados onde as transformações ocorridas na doutrina podem ser mais facilmente sentidas, tendo em vista que a ritualística do Santo Daime (sem querer negar aqui que mesmo no âmbito do ritual ocorreram transformações como mostramos ao longo do trabalho), de uma certa forma, permaneceu fiel, na maior parte de suas características, à matriz deixada por Irineu Serra.

Pode-se dizer que se, de um lado, podemos perceber nos hinos os novos elementos introduzidos pouco a pouco na doutrina, de outro percebemos que eles se mantêm fiéis e em momento algum negam a raiz d'O Cruzeiro, pois, como já atestamos, essa é uma condição primordial para que eles sejam aceitos e considerados como parte do *corpus* doutrinário.

Vemos o hino então como a matéria-prima de todo o conhecimento contido na doutrina e o fato de que o Santo Daime não possui uma liturgia discursiva muito extensa, salvo algumas preces e mais raramente uma preleção de alguma liderança, é ele que conduz – aliado obviamente à força enteogênica e psicoativa da bebida sacramental, amparada pelo ritual – através da sua potente musicalidade ao transe místico.

Neste sentido o hino pode ser visto como um guia no meio das visões e *insights* que o daimista terá sob o efeito da bebida. Sem o hino corre-se o risco de que o adepto se perca num universo demasiado vário para a limitada compreensão humana, talvez por isso mesmo entre vários grupos indígenas que utilizam a ayahuasca somente o pajé ou xamã tem a capacidade de compreender essas visões e, portanto, ele é o mais qualificado para ingerir a bebida e procurar solucionar as questões referentes aos membros da tribo. O Santo Daime dá a possibilidade através dos hinos e de sua ritualística de que cada pessoa seja o seu próprio xamã.

A música é responsável por grande parte dos processos que induzem ao transe. Seguramente a sua disposição nos trabalhos, o ritmo, a harmonia, a melodia, os instrumentos diversos que acompanham os hinos formam o conjunto que circunda e ampara a ritualização do ato de beber o Daime. O que difere essa religião de outras tradições que utilizam a ayahuasca em seus rituais é que o adepto no trabalho do Santo Daime participa de forma ativa e não como mero espectador, a sua participação na execução dos hinos, cantando, tocando, bailando, influencia na qualidade do trabalho.

Para que o adepto passe de ano nessa escola, para usar uma comparação com o nosso sistema escolar, é necessário que ele desenvolva a sua “*memória divina*”, aqui tratada como memória social. Seguramente através da memória, o daimista relativiza os ensinamentos

contidos nos hinos e mesmo as passagens as quais tem transpor dentro do trabalho espiritual. As mensagens recebidas nem sempre podem ser encaradas “*a priori*”, por isso é preciso que o adepto recorra à memória para compreender o que está sendo transmitido, que tanto pode ter relação com algum acontecimento específico de sua vida, quanto pode ser remetido a eventos de vidas passadas, tendo em vista a crença reencarnacionista presente no Santo Daime. Podem dizer respeito ainda a episódios ocorridos com outras pessoas que de alguma forma estão ligadas àquele adepto em particular que está recebendo a mensagem.

Essa memória de alguma forma liga os adeptos e os faz reconhecerem-se como membros do mesmo grupo, o que é facilmente atestável pelas inúmeras afirmativas que os adeptos fazem no sentido de que “*se estamos aqui é porque já nos encontramos antes*”. Para eles, essa é mesmo uma condição “*sine qua non*” para o progresso espiritual e para a compreensão do mundo material. Levemos em conta que o daimista considera a existência e a interligação desses dois universos e que no plano material é dever do adepto “*sintonizar o aparelho*” para buscar recompor a sua trajetória nos planos espirituais e aí encontrar respostas para as situações que vive no presente e ainda descobrir as ligações existentes entre sua pessoa e os outros membros do grupo.

Quanto mais os adeptos conseguem exercer esse predicativo e desenvolver a sua memória divina, mais o grupo tenderá a se tornar coeso e unido, pois não se tratará mais de uma sociedade baseada em leis terrestres e estatutos escritos, mas uma comunidade baseada no reencontro material de seres espirituais. Essa coesão é tanto mais forte quanto mais forte forem as lembranças coletivas.

É restaurado então o tempo real que o daimista persegue, diferente do tempo gregoriano, mais duradouro, pois não esbarra nos limites da matéria. Esse tempo é anunciado nos hinos como o tempo do Império do Senhor Juramidam, no qual Jura, o grande Pai, vem colher os Midam, seus filhos. Juramidam representado ao mesmo tempo como o mestre Irineu e como Divindade criadora.

O outro elemento balizador das relações de aprendizagem é a performance. Através dela, o Santo Daime chegou aos nossos dias guardando profunda identificação com o ritual elaborado por Irineu Serra. Através da repetição consciente das estrofes dos hinos, de hinos inteiros, mas, principalmente através da repetição de toda gestualística ligada ao ritual, é possível que o daimista reviva a criação ao mesmo tempo em que recria periodicamente a doutrina da qual faz parte. A performance se efetiva como a grande aliada dos hinos, da memória e do chá no estabelecimento do lugar que cada membro exerce na constituição do *corpus* doutrinário.

Nos trabalhos, de um modo geral, é estabelecida a performance, mas, sobretudo, nos feitiços – onde cada movimento é executado segundo modelos muito antigos que remetem sempre ao Mestre Irineu. O seguimento da performance, interfere diretamente no resultado final, ou seja, o grau que se espera conseguir no Daime que está sendo produzido e no objetivo maior que é que esse Daime esteja ligado ao Mestre sob pena de que se assim não ocorrer o objetivo do feitiço não foi conseguido. Fazer o Daime então é o momento de resgatar cuidadosamente o percurso iniciático que um dia Irineu Serra realizou orientado pela Rainha da Floresta. Não se trata de uma simples relação de força ou poder – fazer um Daime mais forte ou mais poderoso – mas de se conseguir, através da cocção das plantas Jagube e Rainha, o *re-ligare*, que é o objetivo final da religião.

Essas performances tendem a se estender à vida cotidiana, especialmente no relacionamento do adepto com seus pares, fortalecendo externamente os laços que já os ligam internamente, trazendo à tona sentimentos comuns que são aprimorados nos ensaios dos hinos, nos mutirões da igreja e mesmo nos eventos sociais nos quais se reúnem.

Os ensinamentos trazidos pelos hinos são variegados e apontam para um vasto campo. Seria impossível retratar tudo que neles está contido. Creio que os apontamentos que fiz, a partir da sincrética constituição do Santo Daime, podem esclarecer e quiçá caracterizar alguns desses ensinamentos. Nada que passe de um roteiro, pois a quantidade de hinos existentes é imensa e o que podemos dizer de pronto é que neles se cristalizam os ensinamentos cristãos resumidos no “amar a Deus sobre todas as coisas” e se sintetizam os conceitos de harmonia, amor, verdade e justiça afirmados pelos hinos como indicativos básicos para o bem viver.

Podemos destacar também nos hinos normas de conduta e comportamento, posturas cotidianas, enfim, as performances. Mais uma vez afirmo, toda a doutrina do Santo Daime se encontra nos hinos então lá aparecem os mais diversos ensinamentos, desde princípios morais e éticos até prédicas ecológicas. Como Doutrina que nasce na floresta, há um forte chamado para a busca de uma vida em harmonia com a natureza.

Bastante presentes, também estão os preceitos espíritas de caridade e os símbolos e representações das entidades da Umbanda, incorporados muito fortemente aos hinos a partir da linha inaugurada por Sebastião Mota de Melo.

Resta inferir que no espaço dos hinos é onde mais podemos constatar a idéia de uma doutrina viva e em processo constante de formação, atualizada local e globalmente pelos inúmeros hinos recebidos até em outros idiomas e que expressam a possibilidade de um fazer permanente, longe de fórmulas engessadas ou de um culto determinista. A liberdade aliada à

disciplina. Várias tradições presentes numa só e a perspectiva de que cada um construa o caminho que vai levá-lo ao divino.

Por fim, não é demais afirmar o Santo Daime como Doutrina religiosa brasileira, cabocla de nascimento, que ensina em português e que cada vez mais se espalha pelo mundo e conquista adeptos nos mais distantes países, replantando a doutrina cristã através de uma música e um ritual simples, aliados ao sacramento herdado dos povos da floresta, provando que este é um conhecimento universal, capaz de tocar a todos sem distinção.

No momento em que estamos fechando esse trabalho, uma notícia que só vem comprovar todas as afirmativas feitas ao longo desta tese. O ministro da cultura Gilberto Gil encaminhou ao IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional um pedido de reconhecimento do uso do chá ayahuasca em rituais religiosos como patrimônio imaterial da cultura brasileira.

Penso ter dado conta da minha proposta, porém vejo a doutrina do Santo Daime como um campo aberto à exploração. A poética, a linguagem, a música, a economia, o crescimento em outros países são apenas alguns aspectos sobre os quais quase não existem pesquisas e que merecem nossa atenção.

BIBLIOGRAFIA

ALLEAU, René. **A Ciência dos símbolos: contribuição ao estudo dos princípios e dos métodos da simbólica geral**. Lisboa: Edições 70, 2001.

ALVERGA, Alex Polari de. **O Guia da Floresta**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. **O Livro das Mirações**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ALVES JÚNIOR, Antonio Marques. **Tambores para a Rainha da Floresta: a inserção da Umbanda no Santo Daime**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, PUC, 2007.

ARAÚJO, Jussara Rezende. **Comunicação e exclusão: a leitura dos xamãs**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

ARAÚJO, Wladimir Sena. **Navegando nas ondas do Daime: história, cosmologia e ritual da Barquinha**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

ARRUDA, Carolina. **Centro Livre: ecletismo cultural no Santo Daime**. São Paulo: All Print Editora, 2006.

ARRUDA, João. **Padre Cícero: religião, política e sociedade**. Fortaleza: INESP, 2002.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: EDUSP/Pioneira 1972. v2.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOMFIM, Juarez Duarte. **O Jardim de Belas Flores. O Hinário O Cruzeiro Universal do Mestre Raimundo Irineu Serra comentado por Juarez Duarte Bomfim**. Livro Virtual. Centro de Iluminação Cristã Luz Universal de Minas Gerais (CICLUMIG). <http://www.mestreirineu.org/liberdade.htm>, 2006.

CARIOCA, Jairo da Silva. **Doutrina do Santo Daime - A Filosofia do Século**. Disponível em <http://www.mestreirineu.org>. Acesso em outubro de 2007.

CASCUDO, Câmara. **Tradição, ciências do povo. Pesquisas na cultura popular do Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Cantadores**. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC. 1961, 3ª Ed.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Cultrix,

CASTANEDA, Carlos. **A Erva do diabo**. Rio de Janeiro: Record-Nova Era, 1998.

CEFLURIS. **Santo Daime. Normas de Ritual**. 1997.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. (Org) José Reginaldo S. Gonçalves Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DA SILVA, Leandro Okamoto. **Marachimbé veio foi para apurar. Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia no culto do Santo Daime**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciência das Religiões, PUC/SP, 2007.

DOCUMENTOS DO XIII ENCONTRO DOS POVOS DE JURAMIDAM REALIZADO EM MAUÁ EM MAIO DE 2005.

DURKHEIM, Émile. **As Regras Elementares do Método Sociológico**. São Paulo: Nacional, 1984.

_____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Antropologia social da religião**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

FRÓES, Vera. **Santo Daime, Cultura Amazônica - História do povo Juramidam**. Manaus: SUFRAMA, 1986.

GEERTZ, Clifford. **O SABER LOCAL: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A Interpretação das Culturas**. Petrópolis: Vozes: 1989.

GOULART, Sandra. **As raízes culturais do Santo Daime**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo: 1996.

_____. **“Contrastes e Continuidades em uma Tradição Religiosa Amazônica: os casos do Santo Daime, da Barquinha e UDV”**, In: LABATE, Beatriz e GOULART, Sandra (orgs). *O Uso Ritual das Plantas de Poder*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

_____. **“A história do encontro do Mestre Irineu com a ayahuasca: mitos fundadores da religião do Santo Daime”**. São Paulo: Site do NEIP, 2007.

GROF, Stanislav & GROF, Christina (Orgs.). **Emergência Espiritual: crise e transformação espiritual**. São Paulo: Cultrix, 1989.

GROISMAN, Alberto. **‘Eu venho da Floresta’: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime**. Florianópolis: UFSC, 1991.

- HABERMAS, Jürgen. **Textos Escolhidos**. Os Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais 1990.
- ISAMBERT, François. **Rite et efficacité symbolique**. Paris: Lês Éditions du CERF, 1979.
- JOHNSON, Willard. **Do Xamanismo à Ciência: uma história da meditação**. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- KEIFENHEIM, Bárbara. **Nixi Pae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios Kaxinawá no leste do Peru**. In LABATE, Beatriz Cayubi & SENA ARAÚJO, Wladimir. *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- LA ROCQUE COUTO, Fernando de. **Santos e Xamãs**. Brasília: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UNB, 1989.
- LABATE, Beatriz. “**A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras**”, In: LABATE, Beatriz e SENA ARAÚJO, Wladimir (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. **A Reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- _____. & GOULART, Sandra Maria. **O Uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- _____. & PACHECO, Gustavo. “**Matrizes maranhenses do Santo Daime**.”, In: LABATE, Beatriz e SENA ARAÚJO, Wladimir (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2ª ed., 2004.
- LANGDON, Ester Jean. **A tradição narrativa e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia**. In: LABATE, Beatriz e SENA ARAÚJO, Wladimir (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LIMA, Fca. das Chagas T. de. **O Santo Daime: uma seita em ascensão**. Fortaleza: Monografia de Graduação em Ciências Sociais, UFC, 1985.
- LIVRO TRADICIONAL DA CRUZ DE CARAVACA. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- LUNA, Luis Eduardo. **Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural**. In LABATE, Beatriz Cayubi & SENA ARAÚJO, Wladimir. *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

- LUZ, Pedro. **O uso ameríndio do caapi**. In LABATE, Beatriz Cayubi & SENA ARAÚJO, Wladimir. *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MABIT, Jacques. **Produção visionária da ayahuasca no contexto curanderil da Alta Amazônia Peruana**. In LABATE, Beatriz Cayubi & SENA ARAÚJO, Wladimir. *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MACRAE, Edward. **Guiado pela lua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- MAIA NETO, Florestan J. **Contos da Lua Branca**. Rio Branco: Fundação Elias Mansur, 2003.
- MELO, Sebastião Mota de. **O Evangelho Segundo Sebastião Mota**. (Org) ALVERGA, Alex Polari de. Rio de Janeiro: Impresso pela Folha Carioca para Cefluris Editorial, 1998.
- MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. **Ciência ‘abutre com asas de triste realidade’**. São Paulo: LSIDNAL – Centro de Psicanálise - Ano VIII, nº 72, 1995.
- _____. **Sobre a Neutralidade das Ciências**. Fortaleza: Rev. De Ciências Sociais, vol IX, Nº 1 e 2, pág 15-40, 1978.
- _____. **Jürgen Habermas: Hermenêutica e Epistemologia das Ciências do Homem**. Rio de Janeiro: Rev. Tempo Brasileiro, 138: 89/108, jul-set., 1999.
- _____. **Notas de aula: Novas Perspectivas em Ciências Humanas**. Fortaleza: Cópia do Autor, 2004.
- MORTIMER, Lúcio. **Bença, Padrinho**. São Paulo: Céu de Maria, 2000.
- _____. **Nosso Senhor Aparecido na Floresta**. São Paulo: Céu de Maria, 2001.
- MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. Rio de Janeiro: Cátedra / INL, 1976. 3ª ed.
- NASCIMENTO, Saturnino Brito do. **No Brilho da Lua Branca**. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005.
- ODEMIR RAULINO DA SILVA. Boletim Eletrônico: IDA-CEFLURIS - Data de Publicação Eletrônica : 1/5/2008 16:48:0 - Edição:108. www.idacefluris.org.
- OKAMOTO SILVA, Leandro. **Marachimbé chegou foi para apurar. Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia, no culto do Santo Daime**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciência das Religiões. PUC/SP, 2004.
- PELÁEZ, Maria Cristina. **No mundo se cura tudo: Interpretações sobre a “Cura Espiritual” no Santo Daime**. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFSC, 1994.
- POIRIER, Jean. **História da Etnologia**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- PORDEUS JR, Ismael. **A Magia do Trabalho: macumba cearense e festa de possessão**. Fortaleza: SECULT, 1993.

-
- Uma casa Luso-Afro-Brasileira com certeza: emigrações e metamorfoses da Umbanda em Portugal.** São Paulo: Terceira Margem, 2000.
- POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica.** São Paulo: Cultrix, 1973.
- RAMA, Ángel. **Transculturación na narrativa Latino-americana.** Rio de Janeiro: Cadernos de Opinião, 1975.
- REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. **Recebido e ofertado: A natureza dos hinos na religião do Santo Daime.** Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UERJ, 2007 .
- REVISTA DO CENTENÁRIO. Rio de Janeiro: Ed. Beija Flor, 1992
- RIBEIRO, Fernando. **Os Incas, as Plantas de Poder e um tribunal espanhol.** Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- RICCER, Paul. **O Processo Metafórico como Cognição, Imaginação e Sentimento.** In: SACKS, Sheldon (org.). **Da Metáfora.** São Paulo: Educ/Pontes, 1992.
- ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a literatura popular no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1976.
- ROUGET, Gilbert. **La musique et la transe: esquisse d'une théorie générale dès relations de la musique et de la possession.** Paris: Gallimard, 1980.
- SILVA, Clodomir Monteiro da. **O PALÁCIO DE JURAMIDAM SANTO DAIME: um ritual de transcendência e despoluição.** Recife: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pernambuco, 1983.
- SILVA, Jeane Ramos da. **A natureza e os símbolos sagrados no Santo Daime: o Cruzeiro e a Virgem da Conceição.** Fortaleza: Monografia de Graduação em Ciências Sociais, UFC, 2001.
- TAUSSIG. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões.** São Paulo: Paulus, 2004.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos de Sociologia Compreensiva.** Brasília: UNB, 1991.
- WERNER, Dennis. **Uma introdução às culturas humanas: Comida, sexo, magia e outros assuntos antropológicos.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- ZUNTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento.** São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

HINÁRIOS CONSULTADOS

A BANDEIRA – Madrinha Peregrina Serra

INSTRUÇÃO – Lúcio Mortimer

CABOCLO GUERREIRO – Vários

CADERNO DE MESA BRANCA – Vários

CÂNTICO DO BEIJA-FLOR – Isabel Barsé

CHAVEIRINHO – Glauco Villas-Boas

CRUZEIRINHO e NOVA ERA – Alfredo Gregório de Melo

DAIME SORRINDO e QUADRO AZUL – Odemir Raulino

GRATIDÃO ETERNA e NOVO SEGUIMENTO – Zerivan de Oliveira

LITTLE BOOK OF THE ETERNAL HEART - Adrian Freedman

LUA BRANCA – Rita Gregório de Melo

LUZ NA ESCURIDÃO – Paulo Roberto Sousa

MENINO JESUS – João Pedro

NOVA ANUNCIAÇÃO – Alex Polari de Alverga

O AMOR DIVINO – Antonio Gomes

O ASSESSOR – Francisco Fernando Filho (Tetú)

O CAMINHO DA VERDADE – Fernando Guanabara

O CLARÃO – Gecila Teixeira Sousa

O CRUZEIRO – Mestre Irineu

O JUSTICEIRO e NOVA JERUSALÉM – Sebastião Mota de Melo

O LIVRINHO DO APOCALIPSE – Waldete Gregório de Melo

O MENSAGEIRO – Maria Marques

O PEREGRINO e ACONTECEU – Raimundo Nonato Souza

O RAMALHO – Raimundo Gomes

O SEGREDO I – Regina Pereira

REINADO DO SOL – Gê Marques

SEIS DE JANEIRO – João Pereira

VISÕES DO APOCALIPSE – Agarrube Nascimento Melo

VÓS SOIS BALIZA – Germano Guilherme